

# REVISTA

== DO ==

## INSTITUTO GEOGRAPHICO E HISTORICO DA BAHIA

Fundado em 1894, reconhecido de utilidade publica pela Lei n. 110 de 13 de Agosto de 1895

---

*Maxima sunt documenta equidem res temporis acti  
In praesens, validusque inveniens stimulus.*

**1920 -- (1.º E 2.º SEMESTRES)**

ANNO XXVII

N. 46



BAHIA  
IMPrensa OFFICIAL DO ESTADO  
Rua da Misericordia, n. 1

—  
1920



# O BRAZIL RELIGIOSO

Trabalho do Revm. Padre Fernando Pinto de Macedo, S. J.

(Vide «Revista do Instituto», n. 45)

## Ordem de S. Domingos



S. Domingos de Gusmão, nascido em Hespanha, no anno de 1170, de nobres progenitores, applicou toda a alma á conversão dos herejes Albigenses, disseminados pela Europa, cujos erros faziam grande estrago, principalmente no Languedoc.

Sob a inspiração da S. S. Virgem, inventou ou propagou em 1206 a devoção do santo rosario, recebida depois pela Igreja universal. Já neste mesmo anno de 1206, deu o santo Fundador principio á Ordem das Irmãs Dominicanas, assentando-lhes um convento em N. Senhora de Prouille, Ordem que foi depois, no seculo XIV, reformada por Santa Catharina de Sena.

No anno de 1215 levantou o espirital edificio da Ordem dos Frades Prégadores, termo com que, ao approval-a, a honrou Innocencio III. Confirmou-a, a 22 de Dezembro de 1216, o Papa Honorio III. Penetrou a alma do santo as eternas moradas a 5 de Agosto de 1221.

O brazão da Ordem traz inscripta a divisa *Veritas liberabit vos*, como "Ordem, diz o dominico Frei Luiz de Souza, que era vinda ao mundo a prégar verdades, a publicar desenganos". Introduziu-se a Ordem de S. Domingos em Portugal no anno de 1217 por meio de Frei Sueiro Gomes, portuguez, escolhido pelo santo Patriarcha, entre os seus primeiros discipulos, para propagador della em



Hespanha. Fez o Padre seu assento na ermida da Senhora das Neves, construida em sitio aspero e fragoso da serra de Montejunto, em distancia de duas leguas da villa de Alemquer. Edificaram os dominicanos visinho á ermida um convento, inaugurado na primavera de 1218. (*Historia de S. Domingos* por Frei Luiz de Souza, Vol. I, L. 1.<sup>o</sup> cap. 12).

A Ordem de S. Domingos, contada entre as tres primeiras Ordens Mendicantes—a franciscana, a dominicana e a carmelita, ás quaes juntou Pio IV a agostiniana, não enviou definitivamente os seus filhos ao Brazil antes do ultimo quartel do seculo XIX. Accesos em zelo da salvação das almas intentaram seus alumnos mais de uma vez a entrada no Brazil em tempos remotos; mas a sua vinda foi sempre suspensa ou impedida.

Ignacio Accioli (*Memorias Historicas da Provincia da Bahia*, T. IV, pag. 222) relata as diligencias baldadamente empregadas para isso. Referindo-se aos dominicanos diz: “Pretenderam estes tambem fundar nesta cidade um hospicio, em o qual pudessem recolher-se os seus missionarios, que aqui aportassem da India, exigindo egualmente lhes fosse permittido o divagarem pelo sertão, no mesmo exercicio, mas, ordenando a carta regia de 14 de Abril de 1701 que o governador informasse ácerca de tal exigencia, não teve effeito pela opposição feita pelo mesmo governador, soffrendo pelo tempo adiante egual sorte identica tentativa dos padres Frei José de Santa Anna e Frei José de Santa Maria do seminario de N. Senhora dos Anjos de Setubal, comquanto por despacho de 29 de Outubro de 1749 obtivessem licença para edificarem em Sergipe um recolhimento para donzellas e viúvas nobres, cujas despesas se offereceu fazer D. Catharina Borges Maria, e pas-sassem a exercer o officio de missionarios em todo o arcebispado”.

A historia aponta os nomes de quatro bispos dominicanos, mandados da metropole pelo Vigario de Christo, propostos pelos reis de Portugal a reger as Igrejas do Pará, Pernambuco, Marianna e Rio de Janeiro.

O primeiro Bispo do Rio foi o dominico Frei Manoel Pereira, apresentado por D. Pedro II e confirmado por Innocencio XII a 10 de Novembro de 1676. Renunciou em 1680, antes de tomar posse. O terceiro Bispo de Belém do Pará foi Frei Miguel de Bulhões, sob o pontificado de



Bento XIV. Veio tomar posse da sua diocese a 9 de Fevereiro de 1749 e renunciou o cargo em 1759. Regressou a Portugal, em 1760, em a nau, por nome Nossa Senhora da Arrabida, em que vinham embarcados cento e seis jesuitas lançados do Maranhão, "para buscar, diz o Sr. Lucio de Azevedo, a remuneração, em diocese mais rica, dos excellentes serviços prestados na demorada campanha contra os missionarios". (Os Jesuitas no Gram-Pará, pag. 307).

O quarto Bispo de Marianna foi Frei Domingos de Pontevel. Fez a sua entrada solemne na diocese a 25 de Fevereiro de 1780, e nella passou a melhor vida em opinião de santo, a 16 de Junho de 1795. A diocese de Pernambuco foi governada, de 1825 a 1829, por D. Frei Thomaz de Noronha, Bispo antes de Cochim. Renunciou o bispado e voltou para Portugal.

O dominicano Frei Gaspar da Ascensão veio na armada, que partiu de Lisbôa em 1624 para restaurar a Bahia do poder dos Hollandezes, sendo confessor de D. Affonso de Noronha. Prégou na Sé da Bahia um *Sermam na primeira Missa que se disse quando se derão as primeiras graças publicas, entrada a Cidade pela victoria alcançada dos Olandezes a 5 de Mayo de 1625*. Publicou-se em Lisbôa pelos annos de 1625.

A entrada persistentemente intentada pelos dominicanos durante quatro seculos no Brazil sem resultado, effectuou-se por fim nos ultimos decennios do seculo XIX.

Por este tempo o illustre Bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, enviou um jovem estudante daquella diocese, por nome Vicente de Mello, para o Collegio Pio Latino Americano de Roma, a preparar-se ahi para o sacerdocio. Alistou-se elle na Ordem de S. Domingos pela profissão religiosa, no anno de 1874. Foi o seu principal anhelos, ao envergar a airosa libré e ao armar-se da insignia do santo rosario, santificar-se a si mesmo e introduzir além disso em sua amada patria a Ordem, que abraçara. Veio um simples fradinho brasileiro a ser o instrumento nas mãos da Providencia, para aplanar a entrada no Brazil á Ordem dos Prégadores.

A instancias de Frei Vicente de Mello impetrou D. Pedro de Lacerda dos superiores dominicanos, em 1877, uma fundação dessa Ordem na sua diocese. Julgaram os Padres da Provincia de Tolosa (França), que não deviam



deixar passar uma tão grande occasião para o serviço de Deus, e assim veio ao Rio de Janeiro o Padre Frei Damião Signerin, acompanhado de Frei Bento Sans, em Janeiro de 1878, incumbido de combinar com o preclaro Bispo do Rio um projecto de fundação. Não era, porém, pela cidade do Rio que a Providencia destinára franquear aos dominicanos a entrada no Brazil; e assim, apesar de toda a prudencia, com que se houve, não pôde o Padre Signerin vir a um accordo com sua Exa. Revma. Dispondo-se para voltar a França, nas vespervas de se embarcar ganhou o germen da febre amarella, que o victimou dentro de tres dias. O outro seu companheiro, o Padre Bento Sans, restituiu-se á patria. Os Padres da Congregação da Missão agasalharam e trataram os primeiros missionarios dominicanos com inexcedivel caridade. O saudoso Padre Affonso Gavroy, quando Reitor do seminario de S. José do Rio, assistiu aos ultimos momentos de Frei Damião e recebeu seu derradeiro alento. Veio elle tambem a fallecer na cidade da Bahia, com geral sentimento, a 6 de Setembro de 1919. Nascêra na Belgica a 11 de Maio de 1843.

E' auctor do que deixamos escripto o Revdo. Padre Estevão-Maria-Gallais, Provincial dos Frades Prégadores, o qual empregou sete mezes continuos, desde Junho de 1892 a Janeiro de 1893, na sua visita canonica aos conventos dominicanos no Brazil, da qual fez uma *Relação* apresentada e offerecida ao Revmo. Padre Mestre Geral da Ordem, Frei André Fruhwirth, a qual veio á luz do mundo em Marselha, no anno de 1893.

E' da lavra da mesma auctorizada penna o opusculo *Uma Catechese entre os Indios do Araguaya, Brazil*, cujo texto francez converteu em linguagem o Sr. Octaviano Esselin. A outra fonte de informação, aonde fomos tomar a verdade dos factos, que entramos a relatar, é o folheto *Salvemos Nossos Indios*, publicado em Uberaba, no anno de 1905, pelo Revdo. Frei Jacintho Lacomme, prestimoso membro da Ordem dos Prégadores.

Vamos agora falar da segunda phase, mais bem succedida, da entrada desta sagrada religião no Brazil.

As empresas apostolicas para trazer os infieis ao christianismo são muito proprias do instituto da Ordem dominicana, e eram muito do agrado do seu santo Fundador. Anciava a Provincia de Tolosa supprir esta lacuna, que clareava no rol das suas empresas de zelo. Pelos annos



de 1880 offereceu-se-lhe occasião de o executar. Por esse tempo fôra nomeado Bispo de Goyaz o illustre lazarista D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão. Lembrou-se, nessa conjunctura, de ter convivido com os Padres Signerín e Bento Sans, dominicanos, quando satisfaziam o officio de lentes no seminario de S. José do Rio. Ende-reçou-se pois á Provincia de Tolosa, a que elles pertenciam, para obter uma fundação desses missionarios em sua vasta diocese, que entendia estar desprovida de ministros sagrados. Entrou-se em negociações. O digno Prelado offerecia-se a fornecer-lhes vivenda e a suppril-os quanto á sustentação sob a garantia de, durante seis ou sete mezes, do anno, correrem prégando o territorio da sua diocese. Aceitados estes concertos no Capitulo Provincial de Tolosa, no anno de 1882, partiram esse mesmo anno tres padres e tres irmãos de Uberaba, capital do Triangulo Mineiro, posta até ali sob a jurisdicção dos bispos titulares de Sant'Anna de Goyaz. Levantaram ali uma igreja a S. Domingos em estylo ogival.

Constituido na cidade de Uberaba o convento de S. Domingos, onde podiam instruir-se os moços na doutrina da fé e confirmar-se na pratica da virtude, pensou o Sr. D. Claudio em completar a sua obra, obtendo irmans, que acudissem a cultivar as meninas. Alcançou com effeito, por meio dos superiores da Ordem, que as Irmans Terceiras dominicanas residentes na diocese de Rodez viessem estar naquella cidade, onde inauguraram a 15 de Junho de 1885 um collegio para crianças do sexo feminino, decorado com o nome de Nossa Senhora das Dôres. Foram transportados no anno de 1885 para o cemiterio de Uberaba, por diligências dos religiosos os restos mortaes do Padre Signerín, que até aquella data jaziam inhumados no cemiterio do Rio.

A capital de Goyaz acolhia tambem festivamente, no anno de 1883, uma phalange de missionarios dominicanos, que fixaram a sua residencia regular numa casa pegada á igreja da Senhora do Rosario, convertida hoje em igreja conventual. Por occasião da visita canonica do Padre Gallais compunha-se a communidade dominicana de sete religiosos, cinco sacerdotes e dois irmãos leigos.

No mez de Setembro de 1889 chegavam á cidade de Goyaz oito Irmans terceiras dominicanas, de que o Sr. Bispo D. Claudio quiz prover a sua cidade episcopal,



as quaes instituiram ali o Collegio de Sant'Anna. Por meados de 1913 tomaram á sua conta a direcção interna do hospital S. Pedro de Alcantara, de Goyaz, as Madres dominicanas Reginalda, Angelica, Melania, Leontina e Vicentina, informava o *Estado de Goyaz*.

No cemiterio annexo á igreja do Rosario repousa, desde o anno de 1886, o padre Frei José Artigue, que pereceu afogado nas aguas do rio do Peixe, affluente do Araguaya, entoando a invocação *Sancta Maria* da ladinha lauretana. De um modo semelhante pereceu, no anno de 1888, perto do ribeirão de Taquary, affluente assim mesmo do Araguaya, Frei Guilherme. Mas, deixados estes successos pesados, sigamos dizendo que na cidade de Leopoldina, á borda do mesmo Araguaya, estabeleceram as Irmans dominicanas a escola parochial, que sustentam com credito de excellentes mestras. Da mesma sorte na cidade goyana por nome Formosa, poucas leguas distante do planalto central do Brazil, assentou a Ordem de S. Domingos, a 2 de Janeiro de 1905, uma residencia, á qual deu por titular São Jacintho. As Irmans egualmente, já no exercicio episcopal do Senhor D. Eduardo Duarte Silva, abriram naquella cidade um collegio para meninas.

Restava ao N. de Goyaz uma região immensa, encerrada entre as duas arterias fluviaes do Tocantins e do Araguaya, estendida por sertões habitados por indios selvagens na margem esquerda do rio, em terras cuyabanas, goyanas e paraenses, e de christãos á margem direita até ás fronteiras dos Estados de Minas, Bahia, Piauhy e Maranhão. Para ali foram os dominicanos no anno de 1886, sob o governo do Senhor D. Claudio, erigir uma residencia sob a invocação de Santa Rosa de Lima, em Porto Nacional, que tem assento sobre as ribeiras do Tocantins, 160 leguas ao N. da capital de Goyaz. Auctorizadas pelo Sr. D. Eduardo partiram tambem para ali as Irmans Dominicanas a estabelecer o Collegio do S. Coração de Jesus, que faculta ensino gratuito ás meninas. Estas mesmas Irmans, animadas pela protecção generosa, que lhes dispensam os missionarios Redemptoristas encarregados daquellas freguezias, e pelo bom acolhimento do povo da cidade central da Bella Vista, dirigiram-se para lá com a tenção de abrir naquelle ponto o Collegio de Santa Catharina de Sena, que vae accrescendo sempre. Além



destas, as Religiosas Dominicanas da Instrucção dirigem o collegio de S. Domingos em Poços de Caldas, Minas. Porto Nacional, sobre o Tocantins, é actualmente séde do bispado do mesmo nome, tendo sido constituido seu primeiro bispo o religioso dominico Frei Vicente Moreira, natural de Goyaz, filho da cidade do Rio Verde, onde nasceu no anno de 1885, celebrado por distincto orador. Nada menos de dezaseis freguezias ao Norte de Goyaz, foram entregues aos padres dominicanos de Goyaz, Porto Nacional e Formosa, por contracto visado pela S. Congregação Romana.

Os dominicanos pastoréam nesta região as parochias Formosa, Santa Rosa, Sitio d'Abbadia, S. José do Tocantins, Trahyras e Alta Mir. Estas estações missionarias podem considerar-se outros tantos marcos milliaros da civilização, que, marginando os grandes rios Tocantins e Amazonas, ligam por via fluvial os Estados centraes do Brazil: Minas, Piahy, Matto Grosso, com os Estados do Norte: Pará e Maranhão, podendo assim darem-se mutuamente as mãos as missões dos dominicanos e as dos salesianos, juntando-se o zelo e o trabalho de uns com o dos outros para o intento commum da evangelização.



*Missão do Araguaya*—O Sr. D. Claudio, durante o seu governo applicou todos os seus cuidados a franquear pela catechese o caminho da conversão dos Indios, que demoram nas ribanceiras do Araguaya; ficou, porém, a empresa apenas começada quando, em 1889, foi transferido para a Sé de Porto Alegre. O Senhor D. Eduardo Duarte, promovido em bispo da Sé de Goyaz em 1891, tomou sobre si a obrigação de levar adiante a mesma empresa man-

dando para ali missionarios de bôa experiencia, que transfundissem naquella gentildade a doutrina de Jesus Christo. As supplicas, que fez chegar ao Provincial de Tolosa, para que viessem dominicanos cultivar aquella seara, foram attendidas, sendo definitivamente acceita e fundada a missão do Araguaya, antes de expirar o anno 1896.

Quiz o Sr. D. Eduardo ir assignalar em pessoa a zona em que, volvidos mezes, se iniciou a obra da catechese. Perlustrou em visita pastoral o rio Araguaya, por



fim do anno de 1895 e entrada do de 1896, na extensão de cento e noventa e seis leguas. Conviveu com os indios carajás e cayapós ribeirinhos, penetrando até ao arraial christão de Santa Maria, na margem direita do rio. Originou-se esse povoado do antigo aldeamento indigena fundado, passa já de cincoenta annos, pelo zeloso missionario capuchinho Frei Francisco, appellidado *o pae dos pobres*, fallecido ha uns trinta e seis annos. No dia 8 de Dezembro de 1896, consagrado á Conceição Immaculada de Maria, offerecia Frei Gil de Villanova o incruento sacrificio sobre uma ribeira deserta desse grande rio, que tambem foi santificada com a celebração desse augusto mysterio feita por seu denodado companheiro Frei Angelo Darganharatz, que já foi receber o premio das suas fadigas. A forqueta ou o pontal formado pelo Araguaya e pelo riacho Najá, tres ou quatro leguas distante de Santa Maria, posto já em terras paraenses, foi o local escolhido por aquelles dois grandes apostolos para servir de base dos trabalhos apostolicos e de principal nucleo da ingente, difficilima e patriotica obra de catechese dos indios cayapós. No anno seguinte foi este centro de civilização mudado, por conveniencia local, para a sobranceira margem do sitio, que hoje se nomeia Conceição do Araguaya, cerca de vinte leguas longe de Najá. No anno de 1897 caía victimado da febre, que lhe minava a existencia, dirigindo-se para Belém do Pará, Frei Gil de Villanova, o primeiro fundador da catechese dos indios das margens do Araguaya. Em 1898 recebeu a missão um novo reforço de operarios com a successiva vinda do Padre Guilherme Vigneau, do Irmão Luiz Casemayou e do Irmão João Gourlin.

A data de 6 de Fevereiro de 1913 hade ficar memoravel nos fastos do povo de Conceição do Araguaya, situado á margem esquerda desse rio. Foi nesse dia que, depois de sagrado pelo Exmo. Arcebispo na Bahia e de remontar o rio S. Francisco, ia tomar ali posse da Prelazia de Conceição do Araguaya D. Frei Domingos Carrerot, da ordem dominicana. Os proprios indios chegaram a comprehender que se acabava de dar um acontecimento sensacional e auspicioso a seu respeito, e tributam agora crescida veneração e obediencia ao *Papae Grande*, que fôra até antes Frei Dominginho, e é actualmente D. Frei Domingos.



Os dominicanos continuam hoje em dia a conversão dos indios carajás, javahés, chavantes, tarpipés, cherentes, carahós e apainagés. Projectam estes benemeritos religiosos para maior facilidade da catechese dos indios, que habitam as margens do Araguaya, mandar construir um navio—egreja, um templo fluctuante que sulque as aguas daquella caudalosa veia, navegaveis sem estorvo no percurso de duzentas leguas, levando aos carajás perdidos por aquellas longinquas paragens, juntamente com a pessoa dos missionarios, os necessarios meios de sacramentos e doutrina postos ao seu alcance. Teremos depois occasião de ver, quando tratarmos dos **Padres da Congregação do Espírito Santo**, que elles conseguiram traduzir em facto este projecto.

Cabe, porém, a D. Antonio de Macedo Costa, o grande Arcebispo da Bahia, a prioridade do pensamento de se fabricar um navio com o nome de *Christoforo* para tão alto destino. Aquelles zelosos missionarios, construindo e pondo no mar o *Christoforo*, executaram a grandiosa idéa expendida já antes por D. Antonio quando, em 1884, sacou á luz no Rio de Janeiro, a importante obra "A Amazonia".

Labutam tambem os Dominicanos no campo da imprensa dedicando ao serviço da Igreja as suas bem aparadas pennas. Servindo-lhes de guia o Revmo. Frei Jacintho Lacomme, redigiram desde 1897 até 1911 o conceituado semanario *Correio Catholico*. No anno de 1898 iniciaram, na cidade de Uberaba, a publicação da apreciada e attractiva revista mensal o *Mensageiro do Rosario*.

Coroemos quanto fica exposto com a breve relação da morte de um prestimoso alumno desta benemerita Ordem.

No dia 13 de Outubro de 1915 adormecia no Senhor na cidade de Uberaba, Minas, Frei Raymundo Maria Anfossi. Entrado da doença havia mezes, veio a fallecer momentos depois de ter celebrado o sacrificio da Missa. Foi elle quem edificou o vasto predio do Collegio de Nossa Senhora das Dôres, dirigido e mantido pelas Irmãs dominicanas; elle quem mais contribuiu para a construcção da bella igreja de S. Domingos, principal santuario da devoção do santo rosario, no Brazil. Esta devoção achou em Frei Raymundo um propagador incansavel.

Esse estrenuo missionario contava 57 annos de idade,



41 de vida religiosa e 32 de lides apostolicas, em sua patria adoptiva, quando sua alma quebrou os laços da vida terrena.

## ORDEM TERCEIRA DE S. DOMINGOS



S. Domingos, de passagem pela Lombardia, instituiu para os simples fieis a *Milicia de Christo*, para a qual ordenou regras. Foi-lhe depois trocado o nome em *Irmãos e Irmans da Penitencia*. Esta Ordem Terceira estabeleceu-se na Bahia a 30 de Outubro de 1723. Para o Rio de Janeiro só veio mais tarde, a 30 de Agosto de 1831. Foi esta a occasião, que se offereceu, para ella se installar entre nós.

Em 1722 achava-se na Bahia, chegado da India, o missionario dominicano portuguez Frei Gabriel Baptista. A sua presença despertou entre varios Terceiros da ordem dominicana da Bahia o desejo de estabelecer nesta cidade uma Ordem Terceira e, por diligencias daquelle padre, obtiveram do Prior Provincial dos Padres Prégadores de Portugal, Frei Antonio do Sacramento, a almejada licença. A provisão, em que vinha designado o dicto padre como director, foi solemnemente lida a 30 de Outubro no mosteiro de S. Bento com a comparencia do Vice-rei, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, e da melhor sociedade bahiana. A eleição de prior, a que se procedeu, recaiu no Desembargador Affonso Rodrigues Bernardo Sampaio. Trasladou-se a Ordem Terceira do mosteiro de S. Bento para o hospicio da Palma, onde pouco se demorou. Pela protecção do Vice-rei, que tinha tomado o habito, conseguiram os irmãos obter um chão no Terreiro de Jesus, onde Vasco Fernandes lançou a primeira pedra a 18 de Dezembro de 1731. A obra do templo foi crescendo com tanta brevidade que, começada no sobredito dia, já no anno seguinte se acabou. A 24 de Novembro de 1732 disse nelle a primeira missa o padre director, Frei Lourenço Justiniano Ribeiro, tendo sido no dia precedente collocada a imagem de S. Domingos, esculpturada por um religioso converso agostiniano.

O irmão Manoel Antunes de Lima, segundo prior que



teve a Ordem, assignalou-se em a propagar nos mais remotos logares do sertão.

Empenharam-se os irmãos em engrandecer a igreja com a assistencia do S. S. Sacramento. Estava a Ordem Terceira dominicana em todo seu brilho e perfeição. Levantaram-se, porém, discordias e dissensões entre os irmãos e os seus directores regulares, sem poder haver nisto remedio, depois de ter-se recorrido ao Provincial, em Lisbôa, e ao Geral da Ordem, em Roma. A queixa foi levada á presença do Soberano Pontifice Bento XIV. Este, pela Carta Apostolica dada em Santa Maria-Maior aos 25 dias do mez de Maio de 1742, eximiu a Ordem da jurisdicção dos regulares, sujeitando-a á dos Arcebispos da Bahia. Permittiu além disso ao prior e aos demais mesarios que pudessem eleger para seu director a um sacerdote secular, irmão professo, conservando em inteiro vigor a todos os irmãos o gozo de todas as graças já concedidas, e que para o futuro se houvessem de conceder aos Terceiros dominicanos. As Letras Apostolicas, traduzidas pelo Padre Antonio Alves, da Companhia de Jesus, cujo teor e substancia demos, acham-se expostas na sacristia da igreja de S. Domingos.

O director espiritual da Ordem Terceira dominicana é o Revmo. Sr. Conego Appio Pereira da Silva, e o seu digno prior o acatado Sr. João Coelho de Lima Vianna. Tomou a Ordem Terceira por armas do seu brazão uma cruz florida de quatro flores de liz nos quatro remates, a qual chamam flôrdelisada, usada pelos freires de Aviz ou de Calatrava, e que anda nas divisas da Ordem dominicana.

## SOCIEDADE SALESIANA



*Da mihi animas cœtera tolle* é o dictame, que D. Bosco deixou por documento, no seu escudo, aos filhos da sua disciplina, e que elles procuram seguir em toda a parte aonde os leva o exercicio do seu sagrado ministerio.

Nenhuma outra penna mais bem aparada se nos pode deparar para referir e avaliar dignamente as empresas, em que se empenhou esta Congregação, fundada ainda



em nossos dias e já onerada de gloriosos trophéos, como e esclarecida e bem exercitada de um dos seus membros. A ella deixamos o cargo de pôr em memoria os feitos illustres, com que se ennobrece sua sagrada religião, e o de pugnar pela justiça da sua causa, que é ao mesmo tempo a causa de Deus. Tudo, até ao minimo pormenor, manará da mesma auctorizada fonte, a qual não precisa de se engrossar com novos contingentes extranhos para reflectir a verdade.

O Padre João Bosco, nascido em Castelnuovo d'Asti, Provincia do Piemonte, Italia, em 15 de Agosto de 1815, fundou, intervindo a approvação do Summo Pontifice Pio IX, a Congregação Salesiana, em 1864, cujo programma abrange a educação da infancia e mocidade, a pobre e a abandonada principalmente, e outras varias instituições de zelo pela gloria de Deus e proveito do proximo, assignalando-se de todas a evangelização dos indios e selvagens.

Denominam-se os membros desta Congregação *Salesianos*, por haver seu fundador, distinguido com as honras de Veneravel por decreto do Summo Pontifice Pio X, a 24 de Julho de 1907, proposto a seus filhos, como protector especial da sua obra, a S. Francisco de Sales, para delle tomarem exemplo de mansidão e suavidade.

Numera a Congregação de D. Bosco actualmente perto de 5.000 Salesianos entre sacerdotes, acolytos e irmãos leigos, espalhados por 360 casas, collegios, orfanatos, granjas, asylos agricolas, seminarios, missões, etc.

Estabeleceu tambem a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, as quaes promovem, em prol da infancia e juventude, as mesmas obras de preservação e zelo, que são proprias dos Salesianos. Montam a mais de 4.000 repartidas por 368 casas em todo o mundo.

Conscio do grande valor social da arregimentação de forças vivas no meio do seculo entre os elementos das varias camadas sociaes, lançou D. Bosco, desde 1872, os alicerces á grande obra da Pia União dos Cooperadores Salesianos.

Esta Associação, que reveste a forma de uma ordem terceira, é constituída por catholicos de um e outro sexo, os quaes pela oração, pela esmola e pela propaganda trabalham por beneficiar, no seio da Sociedade em que vivem, as varias obras sociaes da Congregação. Conta, ao pre-



sente, mais de 300.000 associados ordenados em uma jerarchia especial, constituida por Decuriões, Zeladoras e Directores diocesanos, que concorrem a duas assembléas geraes convocadas durante o anno, cujo orgão official é o *Boletim Salesiano*, vulgarizado em oito linguas, entre as quaes figura a portugueza com 48.000 exemplares, espalhados, especialmente no Brazil, gratuitamente. Os Coope-radores Salesianos reuniram-se, desde 1894, em sete congressos internacionaes, o primeiro dos quaes se celebrou em Bolonha (Italia), e o ultimo, em Outubro de 1915, na cidade de São Paulo, ao qual adheriram trinta e sete Senhores Arcebispos e Bispos, abrilhantado com a presença de sete Senhores Bispos.

\* \* \*

D. Bosco não foi sómente uma grande figura, que se ergue e destaca na tela immortal da historia do seculo passado por um espirito eminentemente organizador e de eximia caridade, imprimindo fundos e indeleveis traços ás fundações, que nos deixou; impoz-se além disso á admiração dos sabios e sociologos pela nova escola pedagogica, que fundou, conhecida pelo nome de *Systema Preventivo*. Cabe-lhe exclusivamente a gloria de ter sido o reformador dos criterios educativos, que estavam então em voga, fundados sobre o systema repressivo, lançando as bases a uma nova orientação pedagogica, cujos magnificos resultados estão sendo comprovados e garantidos pela experiencia.

Do estudo comparativo dos varios methodos pedagogicos empregados resalta a superioridade deste systema. Consiste elle em tornar conhecidas as prescripções e regulamentos, pelos quaes se rege uma instituição, e em olhar depois a que os alumnos estejam sempre sob as vistas do superior e dos assistentes, em que os superiores lhes falem como paes bondosos, encaminhando-os continuamente, corrigindo-os amigavelmente, com o que se vêem obrigados suavemente ao cumprimento do dever. Estriba-se este systema na razão, na religião e na madureza, excluindo desta maneira os castigos rigorosos, e até, quanto possivel, os ligeiros.

O opusculo "*Systema Preventivo*", que D. Bosco tirou á luz, diffundido profusamente a principio na Italia e vulgarizado logo depois na Europa e pelas duas Ameri-



cas, attrahiu a attenção dos pedagogos mais celebres, dos psychologos e antropologistas. Dentre muitos destes citaremos apenas a Cesar Lombroso e a Forster, os quaes são accordes em affirmar que D. Bosco conquistou um dos distinctos logares que puderam ser disputados pelos raros talentos, que idearam, experimentaram e aperfeiçoaram um systema racional de educação, correcção e reabilitação. Forster chega a dizer: "Para os principios e resultados do grande pedagogo catholico, D. Bosco, convergiram os olhares dos pedagogos de todas as escolas".

Entre os diversos fructos praticos, que provieram deste systema, queremos especializar dois, que constituem duas instituições characteristics da obra Salesiana:

1. *O Oratorio Festivo*—que se propõe reunir nos dias festivos os meninos pobres e abandonados, empregando como attractivos não só as maneiras brandas e suaves, mas ainda as diversões, brinquedos, theatrinhos, sports, bandas de musica, cinemas, leituras; facultando-lhes ensino moral e religioso, com opportunas palestras, conferencias e exercicios de piedade, e filiando-os a associações.

2. *A Associação dos Ex-alumnos*—obra de preservação da mocidade educada nos collegios salesianos, continuadora da sua formação moral, civica e religiosa começada nos internatos, empregando como poderoso estímulo para os attrahir a suave e sympathica lembrança dos seus antigos mestres, a quem se sentem unidos pelos vinculos da gratidão. Esta Associação vigora nos estabelecimentos salesianos, representa-a o órgão official a *Federazione*, havendo celebrado o seu primeiro Congresso em Turim, no anno de 1914, concorrido por mais de 600 delegados.

*Expansão apostolica*—A Congregação Salesiana propagou-se rapidamente em todo o mundo. No anno de 1872 enviava D. Bosco os primeiros missionarios salesianos á America, conduzidos pelo então Padre Cagliero, eleito ao depois Bispo Titular de Magida, Vigario Apostolico da Patagonia e successivamente Arcebispo, Delegado Apostolico na America Central e por fim Cardeal, criado a 26 de Outubro de 1915. (\*) Esta primeira expedição compunha-se de doze Salesianos; uma segunda dirigia-se para

---

(\*)—D. João Cagliero nasceu em Castelnuovo d'Asti aos 11 de Janeiro de 1838. Entrou no Instituto Salesiano a 3 de Novembro de 1851.



a Argentina no anno de 1876. Em Novembro de 1877 partiu outra, mais numerosa ainda, composta de quarenta salesianos, incluindo neste numero seis Irmãos de Maria Auxiliadora assignadas á villa Colon, arrabalde de Montevideo.

Desde que principiaram, em 1872, as expedições missionarias de Salesianos até agora, contam-se 37 missões, que se dirigiram para os diversos Estados das duas Americas, prefazendo um total complexivo de 1504 sujeitos, conforme os dados estatisticos fornecidos no anno de 1915.

Chegaram os primeiros Salesianos ao Brazil a 14 de Julho de 1883, por diligencias de D. Pedro Maria de Lacerda, Bispo então do Rio de Janeiro, que pessoalmente os requisitára a D. Bosco, em Roma, offerecendo-lhes para primeiro alojamento a casa de uma antiga chacara da sua propriedade particular, em Nictheroy. Dahi, após longos incidentes trabalhosos, luctando muitas vezes com provocações de toda a casta, conseguiram estender-se pelos Estados de S. Paulo, Rio, Capital Federal, Minas Geraes, Rio Grande, Matto Grosso, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Maranhão, em numero total de 255 congregados.

E' de notar que vinte e cinco por cento dos actuaes membros, de que se compõe a Congregação no Brazil, são de origem brasileira, mostrando assim essa elevada porcentagem do elemento nacional a grande facilidade de adaptação do novel Instituto, o qual, sem quebra alguma do espirito de disciplina, antes com summa vantagem para o rigoroso cumprimento do seu programma, se amoldou ao ambiente local, completando o quadro do seu pessoal e revigorando a efficacia do seu zelo com a valiosa cooperação nacional.

A Congregação Salesiana espalhada no Brazil acha-se repartida em duas Provincias, sob o nome de Inspectorias :

1.º *A Inspectoria Maria Auxiliadora*, fundada em 1883 e canonicamente approvada por decreto da Séde Apostolica expedido a 20 de Janeiro de 1902, com jurisdicção sobre os Estados postos ao mar, além do de Minas Geraes. Foram-lhe annexadas, pelos annos de 1915, as missões da Prefeitura Apostolica do Rio Negro. Esta Inspectoria foi criada por D. Luiz Lassagna, Bispo Titular de Tripoli, nascido em Montemagno (Italia) a 3 de Março de 1850, e fallecido a 6 de Novembro de 1895, na horrivel catastrophe em Juiz de Fóra (Minas), o qual foi o seu pri-



meiro Inspector. De 1895 a 1907 assumiu o governo della o Padre Carlos Peretto, e, daquella data em diante, é seu actual Inspector o Revmo. Padre Pedro Rota.

2.º *A Inspectoria de Santo Affonso Maria de Ligorio*, fundada, em 1896, pelo mesmo Revmo. D. Luiz Lasagna e approvada canonicamente por decreto da Santa Sé, a 20 de Janeiro de 1902. Tem jurisdicção sobre o Estado de Matto Grosso, ficando-lhe tambem annexada a Prelazia Apostolica do Registro do Araguaya, a 25 de Maio de 1914. Conta por seu primeiro Inspector ao mesmo D. Luiz Lasagna, e, desde o anno de 1895 até aos nossos dias, ao Revmo. D. Antonio Malan, elevado á dignidade episcopal a 25 de Maio de 1914, sendo-lhe a sagração conferida pelo Exmo. Nuncio Apostolico no Brazil, D. José Aversa, a 20 de Agosto do mesmo anno. Exerce actualmente esse cargo o Reverendo Padre Massa, incumbido até agora da parochia de Santa Thérèza de Jesus do Rio.

## INSPECTORIA DE MARIA AUXILIADORA

As fundações desta circumscripção Salesiana são por ordem chronologica as seguintes:

1.º Collegio de Artes e Officios de Santa Rosa, em Nictheroy (Estado do Rio), fundado em 1883 pelo Reverendo Padre Miguel Borghino. E' séde de um gymnasio, que logrou as regalias federaes até á epoca da desofficialização do ensino, frequentado annualmente por uma media de 320 alumnos; de officinas profficionaes com 95 aprendizes distribuidos por oito officinas, de um oratorio festivo concorrido por 210 alumnos.

A matricula do Collegio accusa 12.758 alumnos; sendo destes 2.214 completamente gratuitos, mantidos e educados a expensas do Collegio, o que dá uma media de 24 1/2 de alumnos gratuitos.

Na corôa de um outeiro levanta-se o monumento commemorativo do descobrimento do Brazil, inaugurado a 8 de Dezembro de 1900: acha-se muito adiantada já a construcção do Santuario de Maria Auxiliadora, esplendido monumento artistico.

2.º Lyceu de Artes e Officios do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, fundado, em 1886, pelo Padre Lourenço Giordani incumbindo-se os Salesianos de executar a generosa iniciativa da Commissão Diocesana,



organizadora da construcção do referido Lyceu, constituída por membros benemeritos das Conferencias de S. Vicente da mesma cidade. Neste estabelecimento acham-se funcionando :

- a) um curso elementar interno ;
- b) escolas profissionaes em 17 officinas, com um numero total de 430 alumnos internos ;
- c) aulas nocturnas gratuitas para operarios, regulando a media por 300 alumnos, e um oratorio festivo, cuja matricula passa de 1.200 alumnos ;
- d) um centro da Associação de Ex-alumnos de D. Bosco, contando 400 socios, desdobrada nas secções catechese, literaria, theatral, musical e philantropica ;
- e) uma associação patriotica, italiana, contando 380 associados.

Ministra-se ali instrucção a mais de 1.600 alumnos.

Visinho ao Lyceu acha-se o Santuario do Sagrado Coração de Jesus, aggregado á Basilica de S. Pedro e S. Paulo de Roma. As sagradas communhões, que ali se distribuem, são para cima de 300.000.

Têm ali a sua séde as seguintes associações religiosas : A Guarda de Honra do S. Coração de Jesus, com 3.800 associados ; A Confraria Vicentina ; A Archiconfraria de Maria Auxiliadora.

A matricula geral do Lyceu attinge 18.894 alumnos, 4.211 dos quaes gratuitos, offerecendo portanto a porcentagem de vinte e dois e meio por cento.

3.º O Gymnasio *S. Joaquim*, em Lorena, Estado de São Paulo, fundado em 1890, por D. Luiz Lasagna, com os generosos donativos do Exmo. Sr. Conde Moreira Lima, dotado de um internato com uma media de 150 alumnos, de um externato com uma matricula media de 120, e de um oratorio festivo com 200 alumnos. A matricula geral sobe a 2.900 alumnos, dos quaes 980 gratuitos, o que dá uma porcentagem de mais de 30 por cento. Alcançou as regalias da equiparação official e logra actualmente o privilegio das bancas examinadoras. Fica-lhe visinha ao lado para os actos do culto a igreja de S. Benedicto, onde as sagradas communhões tomadas annualmente passam de 38.000.

4.º A Escola Agricola *Coronel José Vicente*, em Lorena, Estado de São Paulo, fundada em 1890, tendo junto



o noviciado e estudantado da Congregação; a matricula total perfaz 467 alumnos, dos quaes 381 gratuitos.

5.º Lyceu de Artes e Officios do S. Coração de Jesus, no Recife, Estado de Pernambuco, fundado em 1894. A media annual é de 290 alumnos.

Décora-o um Oratorio Festivo frequentado por 100 alumnos, em media, e uma florescente Associação de Ex-alumnos. Progride ali a construcção de um vasto Santuario consagrado ao S. Coração de Jesus.

6.º A Casa Succursal de Ponte Nova, fundada em 1895, com obrigação de cura de almas, annexa á Escola Normal Salesiana.

7.º As Escolas *D. Bosco*, em Cachoeira, Estado de Minas, fundadas por D. Lasagna, em 1896, aonde funcionou até 1904 um gymnasio equiparado, achando-se nellas installada actualmente a Escola Agricola Theorico-Pratica, frequentada annualmente por 160 alumnos, que fabricam os seus extensos campos de demonstração. E' esta Escola Agricola a mais antiga do Estado, sendo considerada a de maior importancia pelos optimos resultados obtidos. A sua matricula geral recenséa o numero de 3.274 alumnos, sendo destes 979 gratuitos.

8.º Lyceu de Artes e Officios *Maria Auxiliadora*, em Campinas, Estado de São Paulo, fundado por D. Lasagna, em 1897, com aulas gymnasiaes, commerciaes e elementares. Conta actualmente 328 alumnos internos, subindo a matricula geral a 2.124 alumnos, entre os quaes 657 gratuitos.

9.º Lyceu Salesiano do *Salvador*, na Bahia, capital deste Estado, fundado em 1900, instrue 195 alumnos, sendo 80 gratuitos e os restantes sustentados a pensão reduzida. Floresce nelle o Oratorio Festivo, que conta 240 alumnos matriculados, com a frequencia media de 130. Representa na imprensa esta Associação "A Tribuna".

10. Escola Agricola de Jaboatam (Pernambuco), fundada em 1900. Um Santuario dedicado a Maria Auxiliadora, sagrado em Dezembro de 1915, é ponto de concurso de frequentes romarias.

11. Escola Agricola *S. José*, na Thebaida, Estado de Sergipe, instituida em 1901.

12. Lyceu de Artes e Officios *Leão XIII*, no Rio Grande do Sul, Estado do mesmo nome, fundado em 1901, ministrando ensino em grandes officinas e escolas pro-



fissionaes, concorridas por uma media de 160 alumnos externos.

13. Collegio Orfanologico *São Joaquim*, em Colonia, Pernambuco, encarregado á Congregação Salesiana desde 1902.

14. Collegio *Maria Auxiliadora*, em Bagé, Estado do Rio Grande do Sul, fundado em 1904, em que abriu os cursos gymnasial e elementar, frequentados annualmente por 220 alumnos, possuindo Oratorio Festivo, ao qual concorrem geralmente 789 alumnos internos, dos quaes 96 gratuitos.

15. Oratorio Festivo *São Geraldo*, em Barbacena, Estado de Minas.

16. Externato *São Luiz*, em Araras, Estado de São Paulo, tendo igreja annexa fundada em 1904.

17. Residencia Salesiana *D. Bosco*, no Rio de Janeiro, séde da Procuradoria Geral dos Salesianos e da Associação dos Ex-alumnos de D. Bosco, do Collegio de Nictheroy, e Centro da Pia União dos Cooperadores Salesianos, no Brazil.

18. Externato *São João*, em Campinas, Estado de São Paulo, aberto em 1910, com a frequência media de 350 alumnos. E' séde da Associação dos Ex-alumnos de D. Bosco daquela cidade, e sustenta aulas nocturnas gratuitas. Fica-lhe annexa uma capella muito concorrida.

19. Collegio *São Manoel*, em Lavrinhas, Estado de São Paulo, estabelecido em 1914, com perto de 100 collegiaes, todos gratuitos.

20. No Bom Retiro, São Paulo, projectou-se a construção, em terreno doado pela Municipalidade, de um grande externato, com aulas gratuitas e escolas profissionaes e parochia annexa, consagrada a Maria Auxiliadora. Lançou-se a primeira pedra em Novembro de 1915, achando-se presentes as principaes auctoridades ecclesiasticas e civís do Estado e da cidade.

21. O Collegio *São José*, de Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, fundado em 1896, com internato e externato, cedido por motivo de administração aos Padres Franciscanos em 1908.

22. O Collegio de Batataes, Estado de S. Paulo, fundado em 1905 e cedido pelo mesmo motivo apontado ao Senhor Bispo de Ribeirão Preto em 1908.

23. Collegio *Maria Auxiliadora*, em Aracaju, capital



do Estado de Sergipe, começado em 1910, frequentado por 60 alumnos. Possui um Oratorio Festivo com a frequencia media de 200 alumnos.

*Prefeitura Apostolica do Rio Negro, (Amazonas)*— Foi esta Prefeitura criada por decreto da Sé Apostolica, em 1910, e collocada sob a direcção dos Salesianos no anno de 1915. Seu actual Superior é o Reverendo Padre Lourenço Giordani.

As noticias, que passamos a dar, foram colhidas no *Boletim Salesiano* de Julho e Agosto de 1916.

“O rio Uaupés, vulgarmente chamado Caiary, é o maior dos affluentes que passam pela circumscripção da Prefeitura Apostolica do Rio Negro. Foi explorado por antigos missionarios carmelitas, cujos vestigios se apagaram. Em 1784 o Coronel Manoel da Gama Lobo d’Almador percorreu-o até ao rio Tiquié, e descobriu a sua communicação com o rio Japurá. Mais tarde outros exploradores lhe signalaram o curso, sendo o ultimo destes o Dr. Theodoro Koch, entre os annos de 1903-1905, o qual vivia junto de S. Felipe, excursionando pelo rio Caiary e pelo Issana.

Desde que foram extinctas as missões dos Carmelitas, não consta de outros missionarios, que tenham evangelizado aquellas paragens, até o anno 1832, em que se memora o nome do missionario brasileiro Padre José dos Santos Innocentes.

De 1851 a 1854 andou por ali um missionario capuchinho, o Padre Gregorio M. de Benevagienna, italiano de nação. Este zeloso missionario chegou a assentar reduções cultivadas por elle na doutrina e lei de Deus, mas, tendo de retirar-se, ficaram esses centros de doutrina abandonados até ao anno de 1888, em que para ali voltaram os padres franciscanos: Samuel Mancini, Venancio Zilocchi, Matheus Camioni, Illuminado e Estanislão, quasi todos italianos, sob a guardiania de Frei Jesualdo Marchetti, nome muito conhecido em Manãos. Volvidos apenas oito annos, tiveram tambem elles de retirar-se, deixando aquellas missões desassistidas de novo. Isto explica o apparecimento em varios sitios de ruinas de igrejas desmoronadas e de povoações extinctas, ao passo que nos animos dos indios vivem ainda dissimuladas algumas centelhas de espirito religioso”.

Venhamos agora a tempos mais chegados a nós. A



Prefeitura Apostolica do Rio Negro confiada aos Salesianos, de fresca data, só foi visitada até aos seus limites com a Venezuela e a Colombia pelo Reverendo Padre João Balzola, desde Maio a Dezembro de 1915, tendo já seguido para ali a primeira expedição de seis missionarios, a cuja frente está o Padre Lourenço Giordani, que deve fixar a primeira residencia em São Gabriel. (\*) São os seguintes os nomes dos seis Salesianos, que a compõem: Padres Lourenço Giordani e João Balzola, irmãos leigos João Baptista Zanella, Antonio Machado, Raymundo Marti e Miguel Blanco. Abrange a Missão todo o territorio lavado pelo Rio Negro e por seus affluentes, numa área approximada de mais de 250.000 kilometros quadradados, ficando limitada ao N. pela Colombia e Venezuela, ao S. pelos affluentes do Japurá, ao Oriente pelo Rio Branco e pelo Urubina, ao Occidente pela Colombia. Divagam por aquellas regiões barbaras e indomesticas tribus, sem computar a multidão de seringueiros boçaes, explorados ignominiosamente, em cujo proveito exercerá seu salutar influxo a denunciação do Evangelho, produzindo incontestaveis vantagens tanto materiaes quanto moraes. A posição, que occupa em territorio confinante com as visinhas Republicas, cujos habitantes em frequentes incursões irrompem no terreno brasileiro, deturpando a lingua e alterando radicalmente os costumes nacionaes, imprime a esta Missão um character eminentemente sympathico aos poderes publicos do Estado, que a podem considerar como um importante elemento e factor, que neutraliza a desnacionalização das populações mais remotas do nosso immenso Brazil.

## INSPECTORIA DE SANTO AFFONSO MARIA DE LIGORIO

### MISSÃO SALESIANA DE MATTO GROSSO

Os Salesianos vieram para Matto Grosso, em 1894, chamados pelo Exmo. Dr. Manoel Murtinho, Presidente a esse tempo do Estado, governando a primeira expedição o Exmo. D. Luiz Lasagna, secretariado pelo Padre An-

(\*)—O Padre Lourenço Giordani falleceu, em S. Gabriel, a 6 de Dezembro de 1919.



tonio Malan, hoje em dia Dignissimo Bispo e Prelado da quella Missão.

Assentaram residencia em Cuyabá, e, tendo inaugurado o Collegio de São Gonçalo, tomaram a direcção e a administração da colonia indigena estadual *Thereza Christina*, estabelecida entre os indios Coroados-Boróros, de São Lourenço.

Constrangidos ao depois a fazer entrega da Colonia, pelo facto de terem sido dispensados os seus serviços pelo então Presidente, Coronel Antonio Cesario de Figueiredo, propuzeram-se utilizar os seus esforços em favor dos indios, avançando para o Norte do Estado. Subiram o Paranatinga e puzeram-se em relação com as tribus dos Bacahirys e dos Cajabys.

Solicitados e requeridos, porém, pelo Dr. Ramalho, Inspector nessa conjunctura do serviço dos Telegraphos do Estado, em nome do Ministerio da Viação, para se encarregarem de conter as correrias e depredações dos Boróros, que multiplicavam proezas tragicas e impediam as communicações telegraphicas, ameaçando tolher a mais futura via de communicação do Estado, accederam ao convite official, e, deferindo ás instancias do Governo, com a renuncia e desistencia dos seus projectos a respeito do Norte, onde os capitalistas lhes haviam penhorado o seu prestimoso apoio e as mattas lhes abonavam a sua uberdade em ordem ao provimento das futuras colonias, penetraram adiante no rumo do oriente sertanejo do Estado, em cata da tribu rebellada dos Boróros.

A tantos dias do mez de Dezembro de 1901 partiu de Cuyabá em direitura aos rios Barreiro e Garças, afluentes do Araguaya, uma pacifica expedição de quatorze pessoas, a fim de assentar estações civilizadoras no coração da tribu dos Boróros, oitenta leguas longe da capital. Deram occasião a este gesto de philantropia esses mesmos indios, pouco antes perseguidos, maltratados até por aquelles mesmos que mais deviam praticar a tolerancia, suscitando-se um estado anormal de represalias em toda a larga zona ligada pela linha telegraphica de Goyaz até muito proximo de Cuyabá. Por espaço de cerca de dois annos trabalharam indefessamente os missionarios, acampados no safaro sertão, protegidos das intemperies por umas miseraveis barraças de lona, sem terem a confortal-os a mais tenue



sombra de boa esperança, pois que os índios se iam internando cada vez mais, maldizendo da aproximação dos civilizados. Manifestaram-se por fim, ao principio, de noite, encobertos pelo capim, depois aos poucos, em magotes tolhidos de medo e receio. Foram-se assim aproximando paulatinamente da colonia do Sagrado Coração de Jesus do rio Barreiro, tornada hoje em verdadeiro centro de civilização a respeito de uma parte da tribu dos Boróros.

Não é possível nestas reduzidas linhas declarar a somma de privações, sacrificios e contingencias, a que se offereceram, tendo de derribar as mattas virgens da localidade, fazer sementeiras com que acudir á subsistencia dos índios, achar expedientes para dissipar as suspeitas do animo dos selvagens: trabalhos que só o zelo faz bons de levar.

Deposta finalmente toda a desconfiança e congraçados já os Boróros com os que antes odiavam de morte, foram demandando o aldeamento em numero cada vez mais crescido, concorrendo em seguida aos centenares, avidos da benefica luz da civilização, dispensada á custa de muitos trabalhos e sacrificios.

Assim veio a acontecer que o viandante, que desde o meio do anno de 1915 em diante, se detivesse na Colonia do Rio Barreiro, teria occasião de admirar o bello espectáculo, que lhe offerecem á vista 245 boróros distribuidos por familias, em ranchos separados, obedientes, sujeitos, trabalhadores e industriosos, já carrilados no caminho da civilização, occupando-se em officinas de carpintaria, serralheria, sapoaria, cortume, etc. Não se cifrou a isto a trabalho dos directores da Colonia; para o ponto da moralidade é que fizeram convergir o melhor dos seus esforços, persuadidos das difficuldades immensas, que esta materia offerece.

Separadas as crianças menores em duas grandes agremiações, iniciamos, com a possível regularidade, as aulas elementares de primeiras letras acompanhadas do ensino da historia patria, da arithmetica, etc., para as crianças do sexo masculino; as meninas, além dessas disciplinas, affazem-se ao serviço da costura e a outros misteres e prendas proprias do seu sexo. Em fins do Dezembro de 1905 cursaram na Colonia as aulas com regularidade 38 meninos e 36 meninas, todos uniformizados; moços intelligentes,



de uma dedicação a toda a prova, segregados da vida nómade e selvagem, que levavam havia apenas dois annos antes.

Emquanto os homens feitos se dirigem em filas, doces e activos para o cultivo das roças de mandioca, feijão, milho, canna, para o plantio de arvores fructíferas e dos cafezaes, animados pelo exemplo dos dirigentes; os filhos procuram a escola, desmentindo a inercia passada e mostrando os prodigios, que nelles operou a civilização.

Ao estabelecimento deste primeiro nucleo indigena accresceram difficuldades, que foi mister superar, as quaes, porém, se puderião chamar uns preludios das que se atravessaram depois na fundação de um segundo, muito mais promettedor, a dez leguas de distancia, ás margens do rio Garças, affluente, como aquelle do Araguaya, onde o relator desta memoria se achou ha tres mezes (\*), tendo tido a satisfacção de deixar tudo bem ordenado: sementeira de cereaes, plantação de videiras, etc., abrigados já 160 indios, com as respectivas familias, e admittidos 14 meninos com 16 meninas boróros a cursar as aulas elementares, da forma adoptada na Colonia do Barreiro.

Experimentando de perto tal resultado o Sr. Dr. Elias Machado, chefe daquelle districto telegraphico, dirigia aos Salesianos as mais encarecidas phrases de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados pelos boróros naquella região á Fazenda Nacional, na conservação das linhas telegraphicas. Pode hoje o negociante e o militar affoitamente discorrer por todo aquelle sertão sem receio algum dos outr'ora tão temidos boróros, que frustaram mais de quatorze tentativas officiaes de catechese, no regimen passado e primeiros tempos do vigente, assim domesticados e compassivos agora, que são os camaradas preferidos pelos missionarios nas viagens que, por mais arriscadas, maior confiança e dedicação exigem.

As fundações sustentadas pelos Salesianos neste Estado, são as seguintes:

1.º Lyceu São Gonçalo, fundado em 1894, abrangendo

---

(\*)—Cumpre-nos declarar, para não despir pessoa alguma da gloria que lhe compete, que a redacção desta lucida e valiosa exposição é devida ao muito digno membro desta Sociedade, o Revmo. Padre Pedro Massa, incumbido da Inspectoria de Santo Affonso Maria de Ligorio, a cuja fineza confessamos dever as maiores obrigações.



internato, externato, Oratorio Festivo e parochia, contando uma matricula annual de 250 alumnos.

2.º Collegio Santa Thereza, estabelecido em Corumbá, em 1899, dotado dessas mesmas instituições, cuja matricula é de 240 alumnos.

## ALDEIAMENTO E ESCOLAS DOS INDIOS BORÓROS

*Nucleo Colonial de Barreiro*, fundado em 1901, distante setenta e cinco leguas de Cuyabá, habitado por familias de indios Boróros, da tribu dos Coroados, e visitado annualmente por mais de 50 ranchos de indios. Sustenta aulas elementares com programma official, escolas profissionaes e officinas de carpinteria, ferreiro, sapateiro, cortume e pedreiro: aulas de canto, gymnastica e musica instrumental.

Lá ficaram os meninos em numero de trinta e cinco applicados á aprendizagem dessas artes, transitando para o Lyceu de Artes e Officios de Cuyabá tres aprendizes, que com o tempo se poderão vir a aperfeiçoar e a criar, no espaço de tres a quatro annos, mestres habilitados a instruir os seus conterraneos.

Entre os objectos de instrucção, que para lá transportamos, figuram 30 instrumentos para a banda, por haver-mos notado a grande inclinação, que têm os boróros para a musica. Deparamos nesta colonia as roças bem cultivadas, quer as da propriedade da colonia, quer as do dominio particular dos indios.

*Nucleo Colonial do Rio das Garças*, fundado em 1904, afastado 85 leguas de Cuyabá, posto nas mesmas condições do primeiro, estando em laboração mais alguns teares.

*Nucleo Colonial do Sangradouro*, estabelecido em 1908, 50 leguas distante de Cuyabá. Os terrenos da extincta fazenda do Sangradouro, servidos por estação telegraphica e postos em contacto directo com os civilizados, são, divididos em lotes, entregues com direitos de propriedade definitiva aos chefes de familia e aos recém-casados da tribu. São pois destinados a estabelecer a approximação dos selviculas, a constituil-os senhores naturaes das suas terras, relacionando-os com os civilizados da capital e os possuidores das fazendas limitrophes.



*Escola Agricola de Caxipó da Ponte*, fundada em 1906, uma legua longe de Cuyabá, destinada ao ensino dos modernos processos da agricultura racional, concorrida já por muitos moços boróros.

*Escola Agricola Industrial de Palmeiras*, a 10 leguas de Cuyabá, applicada a receber os indios adultos mais activos e ingenhosos dos varios nucleos para a aprendizagem de artes manuaes e industriaes.

No *Lyceu de Artes e Officios de Cuyabá* e no *Instituto Feminino das Irmãs de Maria Auxiliadora* acham-se respectivamente matriculados, como internos, meninos e meninas da mesma tribu, dos quaes se espera que, depois de um tirocinio mais longo ou de um curso mais completo de estudos, venham a ser mestres e professores nas aulas e officinas dos varios nucleos. Para exemplificar, distingue-se dentre os outros o jovem boróro Romão Bacuriquirepa d'Almeida, na officina de marceneiro, e Thiago Aipobureu Marques nas aulas de 2.º gráo e ultimamente nas de 3.º, os quaes se vão assignalando de todos os seus numerosos cidadãos e conterraneos.

São estes os nucleos coloniaes e as escolas, em que se encontra centralizada e criada uma parte da tribu dos indios boróros.

E' de notar, porém, que a acção civilizadora da Missão, alcança tambem a outra porção da tribu, que vagueia ainda errante pelas brenhas. Consoante o relatorio apresentado pelo Revmo Padre Malan ao Exmo. Ministro da Agricultura, centenares de indios recorrem annualmente aos dois nucleos de Barreiro e Rio das Garças e, recentemente, ao de Sangradouro. Agasalham-se durante alguns dias com os missionarios, os quaes lhes offerecem todos os bons officios, instruem-nos, dão-lhes sementes e alfaias agricolas e, desta maneira, por um influxo civilizador, se bem que bastante restricto e passageiro, começam-se já a experimentar as beneficas influencias deste primeiro contacto dos missionarios e dos nossos neophitos com as novas turmas indigenas, que se virão mais tarde a congregar em futuros nucleos coloniaes.

## APPENDICE AS MISSÕES DE MATTO GROSSO

Tendo-se movido intensa campanha, nos annos de 1912 e 1913, contra as Missões Catholicas, em geral, e as dos Salesianos de Matto Grosso, em particular, vamos,



como é obrigação do officio, que fazemos, de historiador imparcial, apresentar documentos e allegações altamente significativas e honrosas, que mostram as beneficas e indubitaveis benemerencias daquellas missões alvejadas dum modo especial, rebatendo assim as asserções gratuitas e as flagrantes injustiças, com que aleivosa e systematicamente são impugnadas por seus detractores.

Aos dados historicos e estatisticos, que vimos compilando, poderíamos accrescentar, como complemento e appendice, muitas declarações categoricas e insuspeitas de homens eminentes, que puderam presencialmente avaliar o quanto progrediram aquellas longinquas regiões confiadas ao zelo dos Missionarios Salesianos.

Passando em silencio as referencias encomiasticas, baseadas em dados estatisticos officiaes exarados nas mensagens presidenciaes de 1899, 1901, 1903, 1907, 1910, 1914, dos Srs. Drs. Manoel Murtinho, Antonio Cesario Corrêa da Costa, Pedro Celestino Corrêa da Costa, Generoso Paes Leme de Souza Ponce e Joaquim Augusto da Costa Marques, consecutivos Presidentes do Estado de Matto Grosso, vamos apresentar duas allegações apenas do Senhor Coronel Candido Mariano Rondon, muito competente Director Geral do Serviço de Protecção aos Indios, que são isentas de qualquer suspeição de parcialidade, que as desvalorize.

Bastariam estas duas, destacadas dentre as muitissimas, que enriquecem os archivros da Missão, para fazer a critica imparcial, serena e arrazoada da campanha movida contra essa Missão. Eil-as na sua propria graphia:

Visitando pela primeira vez, na qualidade de director geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação de Trabalhadores Nacionaes, a Colonia Immaculada, de direcção dos Revmos. Padres Salesianos de Matto Grosso, levo a melhor impressão do estado em que a encontrei, e mantenho as esperanças de vel-a desenvolver rapidamente, de modo a poderem os indios boróros, que a constituem, se incorporarem, dentro de poucas gerações, á nossa sociedade, com proveito geral da Humanidade. Nessas condições, além dos conselhos verbaes, que emitti á sua digna Directoria, no sentido de approximar a sua direcção tanto quanto seja possivel do plano geral consignado nas instruções organisadas pela Directoria Geral, deixo aqui expressas as minhas congratulações á digna Inspectoria Geral da Missão Salesiana Matto-grossense, com os sinceros



votos que faço pela verdadeira prosperidade da Colonia e felicidade completa dos nossos irmãos fetichistas.

Colonia Immaculada, á margem do ribeirão Iracy, 5 de Julho de 1911.

*Candido M. Rondon*, director geral do Serviço de Protecção aos Indios e Localisação de Trabalhadores Nacionaes.

\* \* \*

Pela segunda vez, tive o intimo prazer de visitar este Estabelecimento de Ensino, dirigido pelos Revmos. padres Salesianos, dignos e benemeritos missionarios catechistas destacados nas plagas matto-grossenses no serviço da civilisação. Como justa homenagem á sua obra na catechisação da tribu dos boróros, aqui deixo consignados o meu applauso e os sinceros votos que faço pelo continuo progredir da Missão, na alevantada missão da civilisação dos indios americanos. Além de tão importante serviço pela civilisação, prestam os mesmos Revmos. padres outro não menos grandioso, qual seja o da educação e instrucção da mocidade matto-grossense.

Ave Missão Salesiana! Cuyabá, 19 de Gutemberg de 57—123 (31 de Agosto de 1911).

*Candido M. Rondon.*

A respeito das outras Colonias Salesianas expressou o mesmo Senhor os mesmos sentimentos e com o mesmo entusiasmo. Os testemunhos dos Srs. Coronel Antonio Cesario de Figueiredo, antigo Presidente de Matto Grosso, Augusto José de Seixas, Chefe do 1.º Districto Telegraphico neste Estado, Pedro de Magalhães, na *Tribuna de Corumbá* de 8 de Outubro de 1912, são accordes em justificar o processo de educação seguido ali pelos Salesianos e em tecer os mais rasgados elogios á acção por elles desenvolvida nas Colonias, que sustentam em Matto Grosso. Para forrar espaço, poupamo-nos o trabalho da transcrição desses auctorizados documentos. Já o Sr. José F. da Rocha Pombo consignou na sua *Historia do Brazil*, (Vol. III, Parte IV, pag. 423) o seu parecer, que interpreta o sentir commum da actualidade. “Uma associação, diz elle, que está prestando grandes serviços presentemente no ensino é a dos Salesianos. Não se limitam estes a criar e manter estabelecimentos de instrucção nos centros populosos:



começam a estender os seus esforços para o interior e até a missionar mesmo no sertão. Ultimamente invadem postos afastados de zonas povoadas, e vão levando a doutrinação e o ensino a paragens longinhas do Oeste, como está acontecendo sobretudo em Matto Grosso, onde penetram, pouco a pouco, e tenazmente, no dominio de populações selvagens. Incontestavelmente, si enveredam por ahi, ha de caber a esses legionarios de D. Bosco o papel que tiveram os Jesuitas nos primeiros tempos do povoamento”.

### PRELAZIA APOSTOLICA DO REGISTRO DO ARAGUAYA

Em 25 de Maio de 1914, o Santo Padre Pio X criava a nova Prelazia do Registro do Araguaya, entregando-a a D. Antonio Malan, eleito e consagrado Bispo Titular de Amiso. Esta Prelazia é limitada, ao Norte, pelo Estado do Pará, ao Oriente pelo Rio Araguaya, ao Occidente pelo Rio Xingú, traçando-se uma vertical até Coxim, ao Sul por uma linha horizontal, tirada de Coxim até á Serra dos Caiapós. Calcula-se uma área de mais de 300.000 kilometros quadrados, povoada por mais de 150.000 indios e 12.000 civilizados. D. Malan já visitou tres tribus do Araguaya, em uma longa excursão de penetração, e fundou a nova casa Salesiana do Registro do Araguaya, que é a séde da nova Prelazia. De ahi hão de derivar as influencias civilizadoras da Fé a toda a immensa região da Prelazia.

*Serviços Scientificos e Literarios.*—A missão salesiana em Matto Grosso fundou:

1.º O Observatorio Metereologico *D. Bosco*, em Cuyabá;

2.º O Observatorio Metereologico *Santa Cruz*, em Araguaya;

3.º O Observatorio Metereologico de Corumbá. Estes tres observatorios têm prestado relevantes serviços á sciencia e estão em correspondencia quotidiana com varios observatorios do nosso continente.

4.º Por intermedio da Missão Salesiana fundou-se um observatorio metereologico em S. Luiz de Caceres e, dentro em breve, funcionará outro em Coxim. Publicou ha tempos:

5.º Elementos de grammatica Boróro, dos quaes sairá brevemente uma edição melhorada;



6.º O dictionario Boróro, ambos premiados na Exposição Nacional de 1908. Publica actualmente:

7.º A revista *Matto Grosso*, periodico mensal de ciencias, letras e artes;

8.º O *Boletim Mensal* das observações metereologicas dos observatorios.

A Missão encarregou-se dos recenseamentos dos indios dos varios nucleos coloniaes e de mais 1072 do Alto de São Lourenço. Em 1910 o Padre A. Tonelli, salesiano formado em Letras e Sciencias Physicas e Chemicas, perlustrou em viagem de exploração os varios nucleos coloniaes e, internando-se pelo sertão dentro, investigou as tabas dos boróros, colligindo farto material scientifico. Intenta elle agora a publicação de um importantissimo trabalho de colaboração no *Folk-lore* brasileiro e de um detido estudo sobre a mineralogia e flora daquellas regiões.

### FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

No anno de 1892 foram conduzidas por D. Lasagna do Uruguay para o Brazil as Filhas de Maria Auxiliadora.

Estiveram divididas em duas Inspectorias: a de Matto Grosso e a do Brazil em geral sob o nome de Inspectoria de Santa Catharina. Por decreto de 1915 foram estas duas Inspectorias fundidas numa só estabelecida na cidade de São Paulo.

Foram inspectoras desde essa epoca até aos nossos dias as seguintes Irmãs: Thereza Rinaldi, desde 1879 até 1894, em que pereceu na luctuosa catastrophe de Juiz de Fóra; Anna Maser, desde 1894 até 1907; Emilia Borgna (oriental) desde 1907 até 1915; Thereza Giussani de 1915 até ao presente. Conta a Inspectoria 192 Irmãs, das quaes vinte e duas por cento são brasileiras.

Acham-se distribuidas da seguinte forma por 24 casas:

1) Araras—Estado de São Paulo—Internato, Externato e Oratorio Festivo.

2) Batataes—Estado de São Paulo—Internato, Externato e Oratorio Festivo.

3) Batataes—Santa Casa.

4) Cachoeira do Campo (Minas Geraes) Externato e Oratorio Festivo.

5) Guaratinguetá—(Estado S. Paulo) Internato, Externato e Oratorio Festivo.



- 6) Guaratinguetá—(Estado de S. Paulo) Santa Casa.
- 7) Lorena—(Estado de S. Paulo) Externato e Oratorio Festivo.
- 8) Lorena—(Estado de S. Paulo) Santa Casa.
- 9) Nictheroy—(Estado do Rio) Oratorio Festivo.
- 10) Nictheroy—(Estado do Rio) Externato e Oratorio Festivo.
- 11) Ouro Preto—(Minas) Santa Casa.
- 12) Ponte Nova—(Minas) Escola Normal equipada, Internato e Externato.
- 13) Ponte Nova—(Minas) Santa Casa.
- 14) Ribeirão Preto—(S. Paulo) Externato e Santa Casa.
- 15) São Paulo—Internato e Externato, Pensionato e Oratorio Festivo.
- 16) São Paulo—Ypiranga—Orfanato.
- 17) Barreiro—(Matto Grosso) Missão indigena.
- 18) Rio das Garças—(Matto Grosso) Missão indigena.
- 19) Sangradouro (Matto Grosso) Missão indigena.
- 20) Coxipó da Ponte—(Matto Grosso) Externato.
- 21) Ladario—(Matto Grosso) Externato e Oratorio Festivo.
- 22) Corumbá—(Matto Grosso) Externato e Oratorio Festivo.
- 23) Cuyabá—(Matto Grosso) Externato e Oratorio Festivo.
- 24) Registro do Araguaya (Matto Grosso) Externato e Oratorio Festivo.

As Irmãs contam com uma matricula total, até á presente data, de 13.270 alumnas, das quaes 1.254 gratuitas.

## ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUMNOS DE D. BOSCO

Esta Associação conta os seguintes Centros:

- 1.º Rio de Janeiro—com órgão mensal “O Mensageiro”.
- 2.º São Paulo—com órgão mensal “O Monitor”.
- 3.º Campinas (Estado S. Paulo) com órgão mensal “O Arauto”.
- 4.º Lorena (São Paulo)—com órgão mensal “O Gremio”.
- 5.º Bahia—com órgão mensal “A Tribuna”.



- 6.º Recife (Pernambuco)
- 7.º Bagé (Rio Grande do Sul)
- 8.º Cuyabá (Matto Grosso)

Estes Centros acham-se unidos por uma federação brasileira, com séde em São Paulo.

### ASSISTENCIA AOS EMIGRANTES

Os Salesianos, em obediencia aos desejos da Santa Sé e de seu Fundador, procuraram amparar sempre, do melhor modo que lhes foi possível, as grandes levas immigraticias, especialmente a italiana. Para este fim ligaram-se á grande federação internacional "Italica Gens", cujo programma é amparar os italianos residentes no Brazil. Esta federação conta com os seguintes Centros: Rio de Janeiro, São Paulo, Lorena, Bagé e Campinas.

### PIA UNIÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS

Esta Associação conta 17.500 associados e assignantes do Boletim Salesiano, agrupados sob 278 Zeladores, com um Centro Geral, na Capital da Republica.

### Ordem de São Basilio Magno



O fundador da Ordem dos Padres Basilianos foi S. Basilio, Patriarcha dos monges do Oriente, pelos annos de 357. Acolheu-se para a Provincia do Ponto, aonde passou cinco ou seis annos servindo a Deus em ajuntamento com alguns religiosos, aos quaes deu a Regra, que deviam observar. Estabeleceu na Ordem o voto de castidade. Rufino introduziu-a no Occidente, aonde teve continuadores até ao seculo XI. No seculo XV, o Cardeal Bessarion, grego de origem e membro desta tão seguida Ordem, fez um transumpto da Regra de São Basilio disposto em vinte e tres artigos. Adoptou a sacra liturgia em lingua grega.

Os religiosos de S. Basilio encarregaram-se das leprosarias ou enfermarias de S. Lazaro, destinadas aos atacados de lepra.



Occupa o centro do brazão da Ordem Basiliiana uma columna de fogo ou chammejante; remata-o o monogramma do nome de Christo. Tomou por divisa as palavras: *Semper Deo Gloria*—Gloria sempre a Deus. A Ordem no Occidente tem seu assento no mosteiro de São Salvador, em Messina, Sicilia.

Ha quatro congregações do rito grego constituidas por 38 conventos com 390 religiosos e quinze do rito rutheno contando 219 religiosos, perfazendo um total de 609 religiosos. Tambem existem mosteiros de religiosas correspondentes aos mosteiros de religiosos.

Cada congregação é governada por um Superior Geral independente, ao qual assiste o direito de usar dos distinctivos: mitra, anel, cruz peitoral e baculo. A cada simples religioso, pelo facto de se achar fóra do mosteiro, competem desde logo as prerogativas de vigario.

Cada triennio celebram aquellas congregações capitulo para a eleição ou confirmação do Superior Geral. Da Congregação Basiliiana Salvatoriana é actualmente Superior Geral o Archimandrita Revmo. Padre Gabriel Naba. A casa matriz da Ordem conta quatro padres assistentes, e cada congregação tem na curia romana um procurador geral para cuidar das dependencias de cada uma dellas.

O Collegio Pontificio, situado na Via del Babuino, 149, Roma, do rito grego oriental é patrocinado e mantido pelo Soberano Pontifice. Dirigem e leccionam os seus alumnos os sabios monges benedictinos, que observam ali o rito oriental.

Em vista da corrente immigratoria de povos orientaes, que procuram as terras do Brazil, tomou a Sé Apostolica o expediente de enviar para aqui missionarios do rito grego, que tomem sobre si o cuidado de instituir e confirmar na fé esses catholicos andantes. O primeiro destes chegou ao Rio de Janeiro no anno de 1886, ha uns trinta annos; seguiu-se-lhe o segundo ha dezoito annos, e o terceiro ha dois apenas.

Em toda a extensão do Brazil ha só quatro padres da Congregação Basiliiana da Syria, a saber: dois no Rio o Revdo. Padre Altimios Accaoui, matriculado naquelle Arcebispado, a 8 de Janeiro de 1907, bem como o Padre Basilio Bacha, que veio a cegar; na cidade de S. Paulo o Revdo. Padre Maximus Saliba, e na da Bahia o Revdo.



Padre Clemente Khoriaty. Não ha portanto communitade desta Congregação na Bahia.

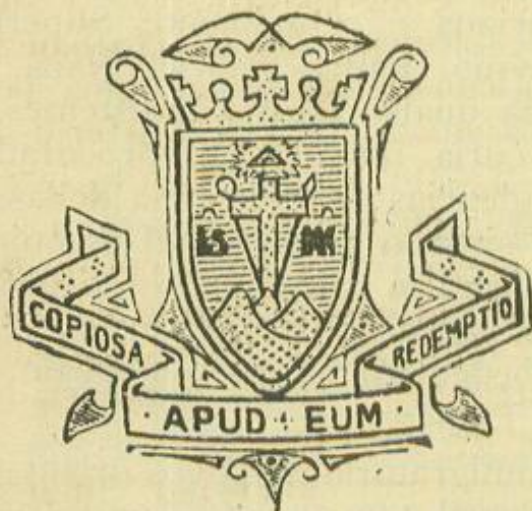
Assistem nos Estados do Paraná, Curityba e Santa Catharina vinte e seis Padres Basilianos Ruthenos, os quaes publicam em Prudentopolis, Estado do Paraná, a revista mensal "Missionario".

Todos estes Congregados estão reconhecidos e approvados pela Santa Sé Apostolica em ordem a exercerem legitimamente os sagrados ministerios.

No anno de 1913 tomou ordens de missa em Curityba o diacono João Karasymowijez. A 21 de Novembro de 1916 estabelecia-se no Arcebispado do Rio o Curato Maronita, tendo por vigario o Padre Jorge Chehade.

E' o que se nos offerece dizer nesta occasião.

## CONGREGAÇÃO DO SANTISSIMO REDEMPTOR



Santo Affonso Maria de Liguorio, Bispo de Santa Agada dos Godos, no antigo reino de Napoles, nascido a 27 de Setembro de 1696 e fallecido ao 1.º de Agosto de 1787, auctor da *Theologia Moral*, que obteve a approvação da Igreja, fundou, em 1732, na ermida de Santa Maria, em Scala, a Congregação do Santissimo Redemptor, cujo instituto é formar pré-

gadores para instruirem os camponezes e illetrados. Approvou esta Congregação o Papa Bento XIV, em 1749. Foi o santo Fundador beatificado pelo Pontifice Pio VII, em 1816, canonizado por Gregorio XVI, em 1839, e declarado Doutor da Igreja pelo Santo Padre Pio IX.

O brazão dos Redemptoristas, como se vê na cabeceira do capitulo, consta de uma cruz com a lança e a esponja, fincada sobre um de tres monticulos, tendo a cada lado os monogrammas dos nomes de Jesus e de Maria. Ao pé do brazão está a letra: *Copiosa apud Eum redemptio*—é copiosa junto d'Elle a redempção.

"Se os Dominicanos prestam aqui tão relevantes ser-



viços, além os Redemptoristas também agem na Vinha do Senhor. Peçamos aos Santos Protectores das Ordens Religiosas que encaminhem o Brazil pela estrada alvinitente das virtudes publicas e privadas, que a tornem uma nação respeitada e feliz". Foram estes votos formulados pelo saudoso Padre Julio Maria, distincto ornamento desta pres-timosa Congregação, na *Memoria sobre a Religião*, que entrou no Livro do Centenario.

Conta-se que ao pôr um dia Santo Affonso os olhos em uma nau, que se estava aprestando para ir á cidade de Nova Orleans, na America do Norte, dissera virado para os presentes: "Tempo virá em que os nossos Padres terão ali uma casa". A verdade do successo verificou, meio seculo depois, a da prophesia. O primeiro convento dos Redemptoristas inaugurou-se no anno de 1839, em que Santo Affonso era glorificado pela Igreja com as supremas honras dos altares, na cidade de Pittsburg, Estado de Pennsylvania.

A Provincia Bavara desta Congregação deve a sua origem ao apostolado de São Clemente Maria Hofbauer, redemptorista, apóstolo de Vienna. Nasceu em uma pequena cidade de Austria, no anno de 1751. Transferiu-se a Roma, continuando lá os seus estudos e bebendo as luzes da sciencia sagrada na sua mais pura fonte.

Em 1784, guiado pela mão da Providencia, entrou na Congregação Redemptorista e, constando ao santo Fundador da sua sufficiencia avantajada numa florente idade, illustrado pela luz divina, reduziu-lhe o tempo do noviciado e conferiu-lhe as sagradas ordens em 1786.

Não sendo possivel ao santo introduzir por então a sua Congregação em Austria, acceitou a proposta do Nuncio Apostolico na Polonia, que pedia um congregado, que se encarregasse da pastoreação dos allemães em Varsovia, enviando para ali ao Padre Clemente Maria, acompanhado de um outro confrade. Pagou-se Deus dos trabalhos do seu fiel servo, e, dando por finda a sua missão sobre a terra, chamou-o para si a 15 de Março de 1820. A Santidade do Papa Leão XIII beatificou-o no anno de 1888, e o Summo Pontifice Pio X inscreveu seu nome no dia 20 de Maio de 1909, no catalogo dos santos.

Refere-se aos Redemptoristas Pedro Diniz na sua já louvada obra *Das Ordens Religiosas em Portugal*, nestes termos: "Os Redemptoristas, da Ordem fundada pelo dou-



tissimo Santo Affonso de Ligorio, foram os ultimos religiosos, que entraram neste reino. Vieram depois de 1828, e tomaram posse do hospicio de S. João Nepomuceno, que os Carmelitas allemães, então pouquissimos, lhes cederam.

Os Redemptoristas eram tambem allemães, e falavam a lingua latina com grande perfeição. Os primeiros, que aqui chegaram, foram tres padres e dois leigos; vieram depois mais quatro por differentes vezes. Tiveram sete ou oito noviços, que enviaram para a Allemanha”.

Mais de uma vez, durante o Imperio, tentaram os Redemptoristas a entrada no Brazil.

O grande bispo D. Viçoso pediu, como fica mencionado, aos Superiores da Congregação missionarios redemptoristas para ficarem na sua diocese, sem resultado algum.

Depois que, proclamada a Republica, alcançou a Igreja a sua completa independencia, cuidou o Episcopado brasileiro em chamar de outros paizes Ordens e Congregações religiosas a fim de reanimar a vida religiosa no Brazil, que estava caída e desmaiada.

Dentre as Congregações, que accederam ao convite do Episcopado, foi uma a Congregação do Santissimo Redemptor.

Já em 1893 vieram da Hollanda alguns padres redemptoristas para a diocese de Marianna.

Abriram uma residencia na cidade de Juiz de Fôra e outras, mais tarde, em Bello Horizonte, no Rio e em Curvello, como referiremos adiante.

No anno seguinte de 1894 dirigiram-se os Srs. Bispos de S. Paulo e de Goyaz ao Superior Geral da Congregação dos Redemptoristas e obtiveram alguns religiosos para as suas dioceses, no designio de fundarem casas em Aparecida e em Campinas de Goyaz. Tocou á Baviera então a vez de fornecer os religiosos.

Ao commemorarem-se vinte e cinco annos ou o jubileu de prata da installação das residencias dos religiosos Redemptoristas no Brazil, publicava, a 8 de Setembro de 1919, o Revmo. Padre João Baptista, Vice-Provincial dos Padres Redemptoristas, em São Paulo, uma polyanthéa, para servir de lembrança ao povo brasileiro e aos seus numerosos amigos e bemfeitores dos resultados colhidos no progresso de vinte e cinco annos.

Nesta fonte tiveram origem as noticias, que entramos



a dar sobre a Vice-Provincia bavaro-brazileira, que pela éra de 1894 se implantou no Brazil.

\* \* \*

D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho governou por largos annos a vastissima diocese de S. Paulo.

Este preclaro Antistete benzêra em 1888 a igreja de N. Senhora da Aparecida no seu celebre santuario, e erigiu, em 1893, o curato da Aparecida, desmembrando-a da parochia de Guaratinguetá. Concebeu elle o projecto de chamar para a Aparecida uma congregação religiosa, que se incumbisse dos multiplos e pesados trabalhos da administração espiritual do santuario.

Quando, em 1894, foi a Roma por vontade e commissão sua o então Bispo auxiliar da diocese, o Exmo. Sr. Cardeal Arcebispo D. Joaquim Arcoverde, levou encommendado que obtivesse alguns padres filiados a alguma congregação para virem estacionar na Aparecida.

Dirigiu-se sua Excia. á casa dos Redemptoristas. Era Superior Geral nesse tempo o Revmo. Padre Mathias Raus, o qual accedeu ao convite, incumbindo ao Superior Provincial dos Redemptoristas da Baviera de aprontar o numero necessario de padres e irmãos destinados a intender na fundação de uma communitade no Santuario Episcopal da Aparecida e outra em Campinas, no Estado de Goyaz, donde recebêra por essa occasião identico pedido.

Surprehendeu agradavelmente a D. Lino a grata noticia da vinda dos padres, mas não teve o gosto de assistir á chegada delles. A 6 de Agosto de 1894 benzia e lançava a primeira pedra ao edificio do grande collegio, que se acha por concluir, e aos 19 do mesmo mez entregava na Aparecida o espirito a Deus.

D. Joaquim Arcoverde, desde esse ponto Bispo effectivo da diocese de S. Paulo, apressou-se em voltar para a sua cidade episcopal, sendo objecto dos seus cuidados a installação da communitade redemptorista na Aparecida.

A 24 de Setembro de 1894 partiam de Gars, onde se acha installada a casa matriz da Provincia, os padres e irmãos destinados ás fundações da Aparecida e de Goyaz. Emprehenderam a jornada debaixo da conducta do Padre Gebardo Wigermann. Embarcavam em Bordéos a 5 de Outubro, em companhia do Senhor Bispo de Goyaz,



D. Eduardo Duarte da Silva. Tomavam porto no Rio de Janeiro a 21 do mesmo mez, e, no dia 29, achava-se já na Aparecida a pequena communitade destinada a adiantar entre multiplos embarços, sem esmorecimento, a grande empresa da gloria de Deus.

Primeiro superior ali foi o Revdo. Padre Lourenço Gahr, a quem foram dados por companheiros e subditos o Padre José Wendl e os irmãos Êstanislão, Rafael e Simão, aos quaes se veio ajuntar depois o Padre Valentin Riedl, que adoecêra na vespera de partir, e que, passado um anno, veio para o Brazil com um novo reforço de padres e irmãos.

Chegados á Aparecida, encontraram um gasalhado provido e concertado de todo o necessario para a recente communitade. Occupava então o cargo de thesoureiro do Santuario o Commendador João Maria de Oliveira Cesar, o qual se collocou ao lado do Senhor Bispo para aperceber quanto era necessario para a recepção dos novos hospedes.

O Padre José Wendl foi, a 22 de Janeiro de 1895, constituido vigario da Aparecida, em substituição de Mgr. Claro Monteiro do Amaral, continuando no exercicio desse cargo até fins desse anno, em que foi assignado á casa de Goyaz. Para a Aparecida veio de lá o Revdo. Padre Gebardo Wigermann apontado para exercer o officio de vigario, de superior da casa da Aparecida e de visitador das restantes casas.

Desde que os padres redemptoristas se incumbiram, a 22 de Janeiro de 1895, da direcção espiritual do Santuario da Aparecida, cuidaram logo em ordenar muitas cousas em beneficio espiritual dos fieis. Estabeleceu-se logo ali o ensino do catecismo distribuido em dous centros, o masculino e o feminino. Póde-se dizer seguramente que ali florescem todas as obras de piedade recommendadas pela Igreja: o Apostolado da Oração, a communhão geral das primeiras sextas-feiras, as Conferencias de S. Vicente de Paulo, a Pia União das Filhas de Maria, o Circulo Catholico São José, e, de data mais recente, a Liga Catholica—Jesus, Maria, José.

Desenvolveram tambem ali desde o principio os Redemptoristas a sua actividade no exercicio das santas missões, tão proprio do instituto e profissão da Congregação do S. S. Redemptor. A 8 de Setembro de 1904, na occorrença do quinquagesimo anniversario da definição do



dogma da Immaculada Conceição, foi solemnemente coroada pelo Sr. D. José de Camargo Barros, Bispo diocesano de S. Paulo, em nome e por commissão do Cabido da Basilica de S. Pedro, com a presença do Nuncio de Sua Santidade, depois Exmo. Cardeal Julio Tonti, a imagem de Nossa Senhora da Aparecida, a qual consta ter sido encontrada, pelos annos de 1719, nas ribeiras do Parahyba, pelos pescadores Domingos Garcia, José Alves e Felipe Pedroso.

Foi esta a primeira cerimonia de coroação canonica, a que se procedeu em terra brazileira, á qual se seguiram depois no anno de 1919 as da imagem de Nossa Senhora do Carmo, na cidade do Recife, feita a 21 de Setembro pelo Exmo. Sr. Arcebispo de Olinda e Recife D. Sebastião Leme da Silveira Cintra, e da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, feita na cidade de Cuyabá, capital de Matto Grosso, ao 1.º de Dezembro, pelo Exmo. Nuncio de Sua Santidade.

Da coroação de Nossa Senhora da Aparecida teceu uma erudita memoria Mgr. José Marcondes Homem de Mello, que actualmente governa, com titulo de Arcebispo, a archidiocese de S. Carlos do Pinhal, a qual tirou á luz publica na cidade de S. Paulo, no anno de 1905, com esta epigraphie: *Coroação de Nossa Senhora Aparecida a 8 de Setembro de 1904. Narrativa Illustrada.*

Os Padres Redemptoristas desde o anno 1898, quatro annos apenas depois de chegados, tomaram á sua conta alguns meninos, que mostravam ter vocação ecclesiastica e religiosa, os quaes, criados domesticamente no estudo, prestassem no futuro, para os apostolos dos seus naturaes. Tiveram por primeiro director e mestre ao Revdo. Padre Valentim Riedl. No dia 2 de Agosto de 1902, consagrado a solemnizar a memoria do Santo Fundador da Congregação, inaugurou o Revdo. Padre Gebardo o Collegio de Santo Affonso, onde se recolhessem os aspirantes á vida religiosa nesta Congregação.

A 10 de Novembro de 1900 inaugurava-se o prelo da typographia do Santuario da Aparecida, adquirido com o beneplacito do Prelado de S. Paulo, D. Antonio de Alvarenga, pela publicação do primeiro numero do periodico conhecido pelo nome de *Santuario da Aparecida*, que se impõe a missão de espalhar e aquilatar a devoção á Virgem da Aparecida pela proclamação das maravilhas, que no santuario se operam.



Entre os muitos Redemptoristas, que nesta residencia consummaram uma vida edificante, merecem particular lembrança dois, que se avantajaram sobre os outros.

No mez de Março de 1904 ia colher o fructo dos seus trabalhos, nas eternas moradas, o Padre Francisco Dambacher, chamado o grande missionario. O clero amava-o, os superiores distinguiam-no, e todo o povo, onde quer que chegava, corria após elle. O bom Padre Chico, como geralmente era chamado, nasceu em 1872 no Wurtemberg, emittiu sua profissão em 1894, veio para o Brazil em 1897, sendo então ordenado em sacerdote por D. Francisco do Rego Maia, Bispo de Nictheroy.

No anno de 1905 soltava-se das prisões terrenas a alma do Padre Lourenço Gahr, que foi o primeiro superior da casa da Aparecida. Nascido na Baviera em 1829, abraçou a Congregação em 1855 e tomou ordens sacerdotaes em 1860. Já avantajado em annos, offereceu-se com ardor juvenil, para vir com os primeiros redemptoristas bavaros para o Brazil, onde nos primeiros annos da assistencia delles aqui prestou grandes serviços como superior da Aparecida e de Campinas de Goyaz.

Pertencem á Vice-Provincia Bavaro-brazileira, que tem sua casa central na Aparecida, os conventos de Campinas de Goyaz, o Santuario do Padre Eterno em Barro Preto, o convento da Penha e o noviciado do Bom Jesus dos Perdões.

Demos uma rapida vista a cada uma destas residencias.

*Campinas de Goyaz.*—Do numero dos padres, que constituíram a comunidade da Aparecida, se destacaram os padres e irmãos assignados á fundação de Goyaz, proseguindo para ali a jornada. Eram elles o Padre Gebardo Wiggermann, assignado superior da casa, que se fundasse, os Padres João Spaet, Miguel Siebler, Lourenço Hubbauer, e os Irmãos Norberto, Udalrico, Gebardo e Floriano. De Bordéos até ao Brazil vieram na companhia do Exmo. D. Eduardo Duarte da Silva, Bispo ao tempo de Goyaz, que tambem lhes serviu de guia durante um bom trecho da jornada por terra.

Vencida em trem a extensão, que medeia entre S. Paulo e Uberaba, restava transpor a cavallo o caminho, que vae de Uberaba até Campinas, distancia de 80 leguas.



Emquanto o Senhor Bispo se detinha, visitando as parochias e administrando o santo chrisma, os Redemptoristas guiados por Mgr. Francisco Ignacio de Souza seguiam directamente para Campinas. Mgr. Ignacio de Souza era então o vigario de Campinas e auxiliou efficazmente os padres não só durante a viagem, mas ainda nos primeiros tempos da sua estada em Campinas. Tornou-se, além disso, seu bemfeitor, doando-lhes os terrenos, que lá possuia.

Aos 12 de Dezembro de 1894, sob uma chuva torrencial, davam os padres entrada em Campinas, que naquelle tempo não passava de uma freguezia pouco importante, e que mais tarde cresceu á preeminencia de villa, subindo depois á categoria de cidade.

Sendo a primeira vivenda, em que os Redemptoristas se alojaram, um reles tugurio, cuidaram logo em construir uma casa dedicada para os exercicios em que se occupam, para a qual se mudou a communidade em Novembro de 1895. A matriz de Campinas, que ameaçava ruina, foi, depois de demolida, transformada em espaçoso templo.

Pelo tempo adiante foi tambem reconstruida a igreja de Barro Preto e levantadas casas de habitação e igrejas nas povoações de Goiabeira e Ribeirão, onde pudesse albergar-se o padre missionario, que periodicamente as fosse visitar.

*Santuário do Padre Eterno em Barro Preto.*—Dentro dos limites da parochia de Campinas fica situado o Santuário mais celebre do Estado e Bispado de Goyaz, ao qual o povo deu o nome de *Divino Padre Eterno*. As origens do Santuário remontam aos meados do seculo passado.

A povoação, onde se acha a igreja do Padre Eterno, posta em distancia de quatro leguas de Campinas, houve antigamente o nome de Barro Preto, sendo hoje em dia conhecida pelo de Trindade.

A fama do Santuário não se circumscreve aos limites do Estado de Goyaz, voa ao largo pelos outros Estados. A festa celebra-se no primeiro domingo de Julho, e é grande e continuo o concurso dos romeiros, que vêm visitar o santuário desde oitenta e mais leguas de distancia.

Fóra da casa e parochia de Campinas, tomaram os Redemptoristas encargo de muitas freguezias, renunciadas pelo vigario de Morrinhos, que eram as de Morrinhos, Allemão, Caldas, Novas, Santa Ritta de Parnahyba, além da freguezia de Pouso Alto, cidade longe quinze leguas de



Campinas, cujo vigario acabava de fallecer. A parochia da Bella Vista esteve a cargo dos Redemptoristas no intervallo que decorre do anno 1899 até ao anno 1912. Conseguiram abrir ali um collegio regido pelas Terceiras de S. Domingos, levantando tambem ali uma nova matriz.

Sobre tanto peso de trabalho, tomam ainda sobre si o de acompanhar o Exmo. Bispo diocesano, D. Prudencio Gomes da Silva, durante os quatro ou seis mezes, que emprega em fazer a visita pastoral, em proveito espiritual das suas ovelhas.

*Penha—S. Paulo.*—Foi a 5 de Março de 1905 que ficou á conta dos Redemptoristas o insigne Santuario de Nossa Senhora da Penha, na zona suburbana da Capital de S. Paulo, o qual serve de parochia. Foram providos no cargo de vigarios os Padres José Affonso Zartmann e Lourenço Hubbauer, substituido depois pelo Padre Antonio de Lisbôa.

Fundada em 1796 é esta parochia, depois da Sé, a mais antiga da Capital.

Na casa da Penha começaram seu noviciado, desde o anno 1906 até 1907, os primeiros alumnos do Collegio Santo Affonso, da Aparecida; e em 1912 foram ordenados os primeiros redemptoristas brasileiros, que no anno seguinte, terminados os seus estudos theologicos em Gars (Baviera), voltaram para o Brazil.

A casa do noviciado depois tomou assento na residencia do Bom Jesus dos Perdões.

A casa da Penha registra a morte tragica do Padre João B. Schaumberger, assassinado cruelmente na estrada, que corre de S. Paulo á Penha. Chegou ao Brazil no anno de 1903 e passou na Aparecida a maior parte da vida. Em Dezembro de 1907 foi enviado á Penha para instituir em virtude e letras os clérigos estudantes da Congregação. O tragico acontecimento da sua morte deu-se aos 31 de Março de 1908.

*Bom Jesus dos Perdões.*—Desde o anno 1910 insistia o Sr. Arcebispo de S. Paulo com os Superiores da Congregação para que os Redemptoristas tomassem a direcção do Santuario do Bom Jesus dos Perdões, perto de Atibaia.

Na entrada do anno 1913 começou o projecto a ter principio de execução.

O Padre Luiz Veiss partiu para ali em companhia do Padre Lourenço Hubbauer, o qual por motivo de saúde



houve de se retirar, succedendo-lhe no cargo de superior o Padre Roberto Hansnair. Em Agosto do mesmo anno foi para lá o Revdo. Padre Carlos Hildenbrando, designado superior effectivo da casa e ao mesmo tempo mestre de noviços. Só tres padres residem, de ordinario, naquella casa.

O Santuario do Bom Jesus dos Perdões conta quasi tres seculos de existencia.

Os Padres dos Perdões vão frequentemente prestar o auxilio dos seus serviços aos vigarios nas parochias vizinhas.

A Vice-Presidencia Bavaro-Brazileira conta em seu gremio uns vinte sacerdotes e vinte e quatro irmãos, que intendem em serviço de casa.

Já é tempo porém, de converter o fio do discurso para a Vice-Provincia Brazil-Hollanda.

Fundaram os Redemptoristas da Provincia Hollandeza a sua primeira casa na cidade de Juiz de Fôra, Minas, no mez de Abril de 1894.

No mez de Janeiro de 1900 começaram a construir outra de plano na cidade de Bello Horizonte, Capital do Estado de Minas, tomando outrosim o cuidado da parochia de S. José.

No mez de Setembro de 1906 estabeleceram residencia na cidade de Curvello, Minas, á qual está annexo o curato de Santa Rita do Cedro. Trataram desde logo de erigir ali um santuario ao thaumaturgo S. Geraldo Majella, canonizado pelo Papa Leão XIII a 29 de Janeiro de 1893. Foi inaugurado o santuario a 14 de Outubro de 1916.

Na construcção, executada em estylo romano puro, intendeu o irmão Verrefrido Vogels.

Da mesma sorte que o Santuario da Aparecida, tem o Santuario de S. Geraldo seu orgão proprio, que d'elle tira o nome, começado a publicar em Outubro de 1911, cuja redacção está na casa de Curvello. Era Reitor da casa de Curvello, em Janeiro de 1917, o Revdo. Padre Bernardo Willems.

O primeiro principio, que se deu á casa e igreja do Rio de Janeiro, foi em Março de 1903, por mãos do Revdo. Padre Gualter Perriëns, Reitor a esse tempo na Capital Federal. A' sua bôa traça e diligencia se deve a construcção da bella igreja de Santo Affonso, no Rio, á qual foi consagrada no anno de 1907. Sobreestteve á obra della, como architecto, o irmão Gregorio Mulders.



O Revdo. Padre Gualter Perriëns nasceu na Hollanda, na diocese de Roermond, a 8 de Fevereiro de 1867, ordenou-se em sacerdote a 27 de Agosto de 1893 e chegou ao Brazil no anno de 1897. Reside hoje no Rio e é Visitador da Vice-Provincia Brazil-Hollanda, desde Março de 1912.

Ferve na igreja de Santo Affonso o trabalho dos Redemptoristas. Ali oito sacerdotes estão a cada hora prestes e promptos no serviço dos fieis.

Succedem-se de continuo na cathedra sagrada préga-dores insignes, que ministram a palavra divina a um povo ávido da doutrina da fé.

A Congregação Redemptorista dirige, como referimos atraz, varias associações pias, sobresaindo entre ellas a Liga Catholica "Jesus Maria, José", fundada na cidade de Liège, pelo dia de Pentecostes de 1844, pelo capitão do exercito belga Henrique Belletable. Um rebento desta abençoada arvore transplantou-se para o fecundo solo de Minas Geraes.

Por occasião das missões realizadas pelos Redemptoristas, no anno de 1902, em Juiz de Fôra, installaram-se ali duas secções da Liga, uma na matriz e a outra no curato da Gloria, em Mariano Procopio, que contam hoje em dia 400 socios. A 19 de Março de 1906 fundavam os mesmos missionarios outra secção na cidade de Bello Horizonte, que congrega 500 socios, assim como tambem em Ouro Preto, Rio de Janeiro, que reune tambem 500 socios, na Aparecida do Norte, em Curvello e no Santuario da Penha, onde vem de se organizar. E' Provincial desta Vice-Provincia o Revdo. Padre Augusto Bentiers, o qual tem sob sua jurisdicção a 34 sacerdotes e 20 irmãos destinados ao serviço domestico. São servidas pelos membros da Congregação dos Redemptoristas as dioceses do Rio, de S. Paulo, de Goyaz e Mariana.

Infere-se de quanto deixamos referido quanto sejam os Redemptoristas imitadores do espirito do seu santo Patriarcha. E', porém, tempo de darmos succinta relação da morte de dois fervorosos sujeitos desta Congregação.

Não ha muitos annos ainda trocou a vida terrena pela eterna, em Juiz de Fôra, o Padre Mathias Tulkens, filho prestimoso desta Congregação. A estima, o respeito, a veneração, em que era tido na cidade mineira, foram attestados pelas extensas e interminaveis romarias de fieis, que, para lhe prestar as honras funebres, se dirigiam para a



igreja da Gloria dessa cidade, onde ficou exposto o cadaver do veneravel presbytero até ser inhumado no jazigo da Congregação.

Ella soffreu no anno de 1916 irreparavel perda com o passamento do estremado orador sacro, Padre Dr. Julio Maria, chamado no seculo Julio Cesar de Moraes Carneiro. Nasceu em Angra dos Reis a 20 de Agosto de 1850. Bacharelou-se em direito e defendeu these na Faculdade de S. Paulo, em 1874. Militou a principio na politica e professou a magistratura na, então, Provincia de Minas.

Enviuvando pela segunda vez, renunciou á vida profana. Empreheendeu o estado ecclesiastico e estudou theologia em Marianna, onde foi ordenado por D. Silverio Gomes Pimenta, a 29 de Novembro de 1891. Tomou então o nome de Padre Julio Maria, para testemunhar o seu especial amor á Virgem Immaculada, e, designado por elle, prégou por todo o Brazil a doutrina da fé.

Sendo vigario foraneo de Juiz de Fóra, entrou a 26 de Março de 1905 para a Congregação dos Redemptoristas. Tomou o habito a 14 de Abril e fez a profissão a 21 de Dezembro do mesmo anno. Em principios de 1907 veio para o Rio, onde iniciou as conferencias quaresmaes na cathedral. Já como padre secular havia percorrido os Estados do Norte e do Sul, nomeadamente os de S. Paulo, Minas, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul, e, em toda a parte, o seu verbo eloquente, a elevação e originalidade dos seus conceitos, a firmeza de suas idéas impressionavam profundamente o nosso meio intellectual.

Vasta e intensa foi a repercussão de sua palavra no Rio. Affluíam á cathedral, para ouvir as conferencias da quaresma, não só catholicos, mas ainda incredulos, positivistas, e os espiritos transviados de todos os matizes, os quaes, não raro, saíam abalados e dispostos a buscar a verdade no seio da Igreja. Escreveu varios opusculos: *Apostrophes*, *Pensamentos e Reflexões*, *A Graça*, *A Paixão*, *O Deus Desprezado*, *A Igreja e o Povo*, e, no *Livro do Centenario* a Memoria sobre Religião, donde trasladamos para estas paginas alguns excerptos, varios artigos na imprensa, etc.

Era membro do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro, para o qual entrou na sessão ordinaria de 8 de Dezembro de 1899, presidida pelo Sr. Cons. O. H. d'Aquino e Castro; assim como tambem do Instituto



Geographico e Historico da Bahia, sendo nelle admittido na sessão de 21 de Junho de 1903, em que lhe dirigiu o discurso de saudação, por elle respondido, o digno Magistrado Sr. Cons. Filinto Bastos. Recebeu tambem o diploma de socio honorario do Instituto Juridico Mineiro da cidade de Juiz de Fôra na sessão realizada no salão nobre da Camara Municipal dessa cidade, a 9 de Dezembro de 1913.

Em 1915 declararam-se os primeiros signaes da doença, que o prostrou, a 2 de Abril do anno seguinte. Cumpriu seus dias cheios de merecimentos para com Deus e com a Patria. Estas noticias derivam, em grande parte, da *Memoria*, que, em justo preito ao seu grande merito, lhe consagrou a saudade de seus reconhecidos irmãos em religião.

### CONGREGAÇÃO DOS PADRES DO VERBO DIVINO



Quando Bismark, o chancelier de ferro da Allemanha, perseguia naquelle paiz a Igreja Catholica, achou-se entre as victimas sacrificadas pela religião e justiça tambem o Padre Arnaldo Janssen, da diocese de Münster.

Este, porém, não permaneceu inactivo no seu involuntario exilio. Animado de grande confiança na Providencia, se bem que desprovido de meios, lançou a 8 de Setembro de 1875, os fundamentos á Congregação do Verbo Divino. Eis uma congregação puramente alleman, que surgiu providencialmente no gremio da Igreja em beneficio espiritual de catholicos e infieis. De pequeno grãozinho cresceu ella em breve a arvore frondosa.

Foi em Hollanda, na pequena villa Steyl sobre as ribeiras do Mosa, que o reitor Janssen deu principio de execução a seu pensamento. Adquiriu ali uma antiga venda, situada em estancia excepcionalmente vantajosa. A 27 de Agosto de 1875 dirigiam-se para aquella feliz morada o Padre Janssen com seu irmão Junipero, da Ordem capuchinha, ao qual permittira seu Superior prestasse a seu irmão todo o auxilio para o effeito de adiantar aquella fundação. Encontraram já ali a dois confrades: Erlemann



e Reichart, os quaes tinham empregado algumas semanas em conformar aquella casa em igreja e asceterio. Em Setembro trasladou-se tambem para lá o Revdo. Vigario Biele e, logo em Outubro, Anzer, que veio, andado tempo, a ser consagrado em bispo na China.

Foi o seminario solemnemente benzido e inaugurado a 8 de Setembro, concorrendo a esta solemnidade religiosa a Pia Associação de S. Francisco Xavier, o Vigario Geral de Aachen e o Dr. von Essen. Palpitaram de enthusiasmo os corações dos promotores ao receberem o telegramma do Santo Padre, transmittindo a benção apostolica ao novo estabelecimento e a seus moradores, e duas cartas congratulatorias dos bispos Raess, de Strasburgo, e Krementz, de Ermland, acompanhadas de valioso donativo.

O exito da empresa pareceu a muitos ao principio duvidoso. Sustentava o fundador sómente a Providencia divina, a cuja disposição se deixava. "Só Deus sabe, dizia, se aguarda a nossa obra algum futuro; se surtir bem, renderemos graças a Deus, se, ao revez, não succeder, ter-nos-emos por indignos desse favor".

Só o amor de Deus sustentava o arrojado fundador, cercado de difficuldades provenientes do regimen interno da nova instituição. Desde o começo lhe tinha prefixado como fim secundario o cultivo da sciencia, assentando por fundamento do viver commum na sua pequena communiidade a Regra da Ordem 3.<sup>a</sup> de S. Domingos. A maioria dos seus confrades não compartilhava estas suas idéas. No meio destas contrariedades, concederam os Bispos de Roermond e de Colonia approvação aos pontos controvertidos, decidindo-se elle a chamar a si, tirando-se de cuidados, a direcção interna da casa, o que contribuiu para assegurar o decisivo triumpho da causa. Entre os que se retiraram, em consequencia desta resolução, foi um o Dr. von Essen. Veio reparar esta perda a entrada de dois diaconos da diocese de Münster: seu irmão João e Germano Wegener, que prestaram assignalados serviços na regencia dos cursos literarios e na educação da mocidade.

Angustiavam-lhe o coração a escacez de meios e os apertos da necessidade. Uma que outra vez estendeu o reitor Janssen a mão á generosidade da Allemanha catholica. No Congresso Catholico celebrado em Munich, no anno de 1876, apresentava elle a seguinte proposta: "A sessão solenne felicita com grande enthusiasmo a funda-



ção do novo seminário em Steyl (Hollanda) para as missões estrangeiras, inaugurado com a bênção do Santo Padre e do episcopado da Allemanha, Austria e Hollanda, descortinando nelle o começo de uma maior cooperação dos catholicos allemães no grande Apostolado universal da Igreja. Ao mesmo tempo recommenda esta instituição aos jovens, que se propõem abraçar a carreira de missionario, e ao interesse e benevolencia dos Catholicos”.

Vendo-se na precisão, para remediar a necessidade, de pedir soccorros por circulares e boletins impressos, por todos foi sempre attendido o seu appello.

O *Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, redigido por Arnaldo Janssen até 1878, era a expressão do zelo e piedade do seu editor. Contava elle, em 1877, 10.000 assignantes. No anno de 1878 começou Arnaldo Janssen a publicar a revista illustrada: *A Cidade de Deus*, em lingua alleman, para despertar interesse pelas missões, a qual augmentou de formato em 1883. A estas duas revistas veio-se juntar o *Almanack de São Miguel*. Em Novembro de 1907 incumbia-se a typographia de Steyl de publicar a *Katholische Missionen*—Missão Catholica, que corresponde ás *Missions Catholiques* ou aos *Annaes da Propagação da Fé*.

Pede, porém, a clareza que, antes de proceder avante, bosquejemos aqui um breve rascunho da sua vida.

Nasceu o Padre Arnaldo Janssen em Goch, na região do Rheno inferior, a 5 de Novembro de 1837, ordenou-se de ordens sacras a 15 de Agosto de 1861. Desde este anno até ao de 1873 foi, em Goch, lente das disciplinas de curso superior. Foi director espiritual em Kempten desde 1873 até 1875. Constituido, no anno de 1885, Superior Geral da sua Congregação, dormiu no osculo do Senhor a 15 de Janeiro de 1909. Depois do seu obito foi eleito para governar a Congregação com o titulo e cargo de Superior Geral, a 5 de Novembro de 1909 o Revdo. Padre Nicoláo Blum, que falleceu em Novembro de 1919.

O pessoal da Congregação compunha-se de 1 bispo, 574 sacerdotes, 182 clerigos e 728 irmãos leigos, no anno de 1910.

Consta o brazão dos Padres do Verbo Divino da cruz redemptora plantada sobre um rochedo. Tem por divisa: *Vivat Deus unus et trinus in cordibus hominum*—Deus uno e trino viva nos humanos corações.



Desçamos agora a successos particulares.

A Congregação do Verbo Divino entrou na America pelo territorio da Argentina a 23 de Outubro de 1889. O territorio das Missões do Paraguay, posto sob o dominio da Argentina, foi confiado por Mgr. de La Lastra, bispo do Paraná, á zelosa solicitude dos Padres do Verbo Divino. A 8 de Dezembro de 1898 estabelecia-se em Posadas, á margem do Paraná, o novo Superior das Missões, Revdo. Padre Vogth. Em 1899 o Revdo. Padre Pilk era nomeado Reitor da Reducção de los Apostoles. As religiosas filhas do espirito desta Congregação chegaram á Argentina no anno de 1895. Passou esta Congregação depois ao Equador, em 1893; aos Estados Unidos, em 1897, e ao Chile, em 1900.

Foi esta a occasião de se lhe franquear a entrada no Brazil.

No Estado do Espirito Santo vivia grande numero de allemães nas duas colonias de Santa Leopoldina e Santa Isabel, que, repetidas vezes, rogaram a Santa Sé fosse servida de lhes enviar padres da sua nacionalidade. A 12 de Setembro de 1892 o arcebispo Ferrata escrevia ao General da Congregação do Verbo Divino, expondo essa necessidade e pedindo-lhe quizesse satisfazer aos desejos daquella christandade. Surgiram estorvos, que foram removidos. Estando, por fim, os padres Francisco Dold e Francisco Tollinger de partida em expedição missionaria para a Argentina, receberam ordem de visitar, em seguimento da sua viagem, as duas colonias do Estado do Espirito Santo, para verem por seus olhos o verdadeiro estado das cousas e avisarem de tudo ao Superior, para ponderar por si mesmo as esperanças do fructo, que se podia esperar.

Chegaram a Victoria a 12 de Março de 1895. Obtida previamente a indispensavel auctorização do Exmo. Bispo diocesano, D. Francisco do Rego Maia, entraram a cumprir a sua incumbencia. Dirigiram-se primeiramente á colonia de Santa Leopoldina. Passaram em bote de Victoria a Porto Cachoeiro. Aguardavam a sua chegada na praia os altos dignitarios ecclesiasticos. Encheu-se logo a terra da fama dos padres allemães, a qual passou alviçareira dum logar a outro entre os colonos dispersos pelas montanhas circumvisinhas. Constituiu-se logo uma numerosa deputação encarregada de convidar os padres para cele-



brarem os officios divinos na igreja do Tyrol, nucleo principal da colonia. Accederam os padres ao convite.

E' inexplicavel a alegria daquelles povos, ao verem, depois de tantos annos, entre si padres da sua nação. O dia seguinte, consagrado a S. José, foi solemnizado com todas as ceremonias do culto.

Neste entrementes começaram tambem a revolver-se os colonos de Santa Isabel para receberem a visita dos missionarios. O Padre Dold teve de estender a sua excursão até lá. Offereceu pela primeira vez, aos 23 de Março, o divino sacrificio na igreja de Santa Isabel. Na 4.<sup>a</sup> domingo da quaresma tiveram os colonos as funções proprias della, e, depois do intervallo de dez annos, puderam ouvir a palavra de Deus annunciada na propria lingua. Chegou aos brasileiros a vez de ouvirem a primeira pratica do Padre Dold, em seu proprio idioma, pela festa da Annunciação. Ahi se deteve por espaço de alguns dias para celebrar a semana santa, enquanto o Padre Tollinger assistia como parochio no Tyrol.

Já os padres estavam sufficientemente informados do estado moral e religioso das duas colonias. Convieram em que se devia emprehender uma missão feita a preceito, antes de tomarem posse continuada daquella seara. Nesse intuito dirigiu-se o Padre Tollinger, na semana depois da Paschoa, a Nova-Friburgo para avistar-se com Mgr. Rego Maia, ali domiciliado. Recebeu tanto delle como do Nuncio Apostolico, em Petropolis, Mgr. Gotti, as faculdades necessarias.

O Padre Dold inaugurou os seus ministerios pela benção de duas capellas: a de Suide, em honra do divino Espirito Santo, e a de S. Benedicto, em Pedra Branca. Abriram-se a seguir duas missões, que duraram o espaço de oito dias cada uma, nas capellas principaes. Os prega-dores provaram o zelo e a utilidade da sua palavra em numerosas conversões. Concertaram os colonos em dirigir instantes supplicas ao Padre Geral da Congregação, pedindo que os missionarios estivessem e assistissem com elles, promptificando-se a custear todas as despesas da sua instalação e mantença.

Por sentir-se indisposto de saude o Padre Dold, veio da Europa substituil-o o Padre Francisco Wilms. A convite de D. Francisco do Rego Maia, dirigiu-se o missionario, chegado de pouco, em companhia do Padre Dold



à cidade de Campos, aonde elle então se achava. Durante a viagem ganharam os dois o germen da febre amarella, em consequencia da qual vinha a fallecer, a 13 de Maio de 1896, o Padre Francisco Wilms. Ordenou então o Padre Geral ao Padre Pedro Benzerath que auxiliasse ao Padre Dold. A este foi encommendada a freguezia de Santa Isabel, sendo ao Padre Tollinger assignada a capellania de Santa Leopoldina. O Padre Dold voltou no anno de 1897 para a Europa a recobrar-se das fadigas, succedendo-lhe no cargo de Superior da Missão e de vigario de Santa Isabel o Padre Pedro Benzerath.

Durante o outomno de 1896 aportavam aqui os primeiros irmãos leigos Berchmans e Germanus. No anno de 1897 pastoreava a diocese do Espírito Santo o Exmo. D. João Nery, o qual confiou a direcção do seu seminario ao Padre Köster, membro desta Congregação. Após dois annos de estadia na diocese do Espírito Santo, foram tambem reclamados os serviços dos Padres do Verbo Divino para tomarem obrigação de vigarios na diocese de Curityba. Para esta cidade foi enviado, no outomno de 1897, pelo Geral da Congregação o Padre Hellenbrock. Em Janeiro de 1898, tomava-o D. José de Camargo Barros por companheiro da visita pastoral.

Accrescentaram-se depois mais sacerdotes.

Consagrado D. Francisco do Rego Maia em Bispo de Petropolis, empenhou-se em obter padres desta Congregação para tomarem a seu cargo o seminario, que ali tencionava instituir.

Foi destinado para aquelle posto o Padre Hellenbrock, dando-se-lhe por adjunctos dois padres acabados de chegar da Europa. Por escacez de vocações houve de encerrar-se o seminario em 1899.

Livres os padres deste cuidado, passaram, a instancias do Senhor Arcebispo, D. Silverio Gomes Pimenta, á Archidiocese de Marianna, onde se encarregaram de uma parochia na cidade de Juiz de Fôra.

Além de servirem as dioceses do Espírito Santo, Marianna e Curityba, exercem os Padres do Verbo Divino obrigações de curas de almas na de Campanha, administrando a freguezia de Baependy; na de Ribeirão Preto, aonde assistem na cidade de Batataes dirigindo o Collegio Diocesano de S. José, e na do Rio Grande do Sul estão bem empregados os padres na cidade de Porto Alegre.



Além do Collegio Diocesano de S. José em Batataes, sustentam, na cidade de Juiz de Fóra, o Instituto Polytechnico annexo á Academia do Commercio, e na de Bello Horizonte o Collegio Arnaldo, de que são os directores e lentes, e em Goyaz o Collegio Diocesano.

Possuem, portanto, os Padres desta Congregação casa em Juiz de Fóra, Bello Horizonte, Entre Rios, Tyrol de Santa Leopoldina, Porto do Cachoeiro, Santa Isabel, Ponta Grossa, S. José dos Pinhaes (Estado do Paraná), cuja parochia está encarregada ao Revdo. Padre Pedro Benzerath, Muricy, Palmeira, S. João do Triumpho, Curityba, Guarapuava, Cruz Machado, Sant'Anna, Apucarana (Theresina), Batataes e Goyaz.

As fundações começadas em 1895 continuaram successivamente pelos annos em diante até 1916, em que os Padres do Verbo Divino assentaram habitação no Rio de Janeiro, em S. Christovam. Para ella veio o Revdo. Padre Dr. Frederico Hellenbrock, trazendo por companheiros o Padre Henrique Eissing e um irmão leigo. A 8 de Janeiro de 1916 dava a *Gazeta do Povo* esta noticia: "A Congregação do Verbo Divino, que já possuiue numerosos estabelecimentos de ensino espalhados pelo paiz e dos quaes faz parte a Academia de Commercio de Juiz de Fóra, vae adquirir o importante gymnasio Pio-Americano, do Rio, funcionando desde o corrente anno em diante sob sua responsabilidade".

E' esta a estatistica do movimento religioso desta Provincia no Brazil no anno de 1915: 184 capellas; 15 escolas parochiaes concorridas por 1.702 alumnos; 6 collegios com 635 meninos e 5 collegios de meninas regidos por Irmans e frequentados por 538 alumnas. Compunha-se o pessoal de 59 sacerdotes, de 21 Irmãos e de 83 Irmans. O Revdo. Padre Leopoldo Pfad é o actual Provineial da Congregação, no Brazil.

No principio do anno 1919 tomou assento em uma casa, que toca com o edificio da Academia de Commercio, em Juiz de Fóra o juvenato da Congregação do Verbo Divino, dependencia reservada á formação de jovens destinados ás missões e catechese dos indios. Nessa mesma cidade redigem estes religiosos o semanario *Lar Catholico*.



## ASSOCIAÇÃO DAS MISSIONARIAS SERVAS DO DIVINO ESPIRITO SANTO

Foi esta Associação instituída pelo Padre Arnaldo Janssen. O fim consignado pelo fundador é prestar um culto especial ao Divino Espírito Santo, a oração e o concorrer á Propagação da Fé. Desdobra-se esta Associação em dois ramos distinctos.

1.º ramo—o das Irmãs da Missão fundado a 8 de Dezembro de 1889. Preside a elle a Superiora-Geral, Madre Thereza. Caracteriza este ramo o fim especial do exercicio da caridade, do ensino nas escolas e a assistencia aos enfermos e asylados. Sobe o numero total das Irmãs, entrando nelle postulantes e candidatas, a 1.083. Residem em Steyl e em diversas casas da Europa 521 Irmãs.

2.º ramo—o das Irmãs de Clausura, estabelecido a 8 de Dezembro de 1896, na casa matriz de Steyl. Dirige-o a Madre Superiora, M. Michaela. Adopta como fim particular a vida contemplativa, a adoração perpetua, o officio divino e o trabalho manual. As religiosas perfazem o numero de 60.

No Brazil, onde entraram no anno de 1895, dirigem as Irmãs Missionarias oito estabelecimentos, um dos quaes é o Collegio "Stella Matutina", na cidade de Juiz de Fôra.

A esta Congregação, de tão recente data, já deve a America uma somma incalculavel de serviços moraes e intellectuaes, pelo muito que se empenha em semear o bem por toda a parte e em promover os bons costumes por doutrina de edificação



MISSIONARIOS FILHOS DO IMMACULADO  
CORACÃO DE MARIA

Quando gravissima tormenta de perseguição combatia a nau da Igreja, em *Espanha*, deparou-lhe Deus uma chusma de denodados marinheiros, sob a conducta de um varão singular de provado espirito, que com o estímulo da palavra e com o exemplo da paciencia no maior desabrimiento da luta, sustentaram o animo dos combatentes, até saírem vencedores por Jesus-Christo.

Esta congregação de valentes missionarios é consagrada ao Immaculado Coração de Maria, tendo sido fautor della o Veneravel Padre Antonio Mariá Claret, depois Arcebispo de Cuba, o qual pode ser chamado com razão o Apostolo do Coração de Maria no seculo XIX.

Toda a auctoria da Congregação a attribuia elle á Virgem Senhora e, prégando a seus missionarios, endereçava á Virgem estas palavras repassadas de ternura: "A Congregação é vossa, minha Senhora, fostes Vós que a fundastes".

Nasceu o veneravel Fundador em Sallent, diocese de Vich, provincia de Barcelona, a 23 de Dezembro de 1807. Desde a infancia foi espelho de virtudes. Por occasião de receber o diaconado, em 1834, na igreja da Apresentação de Vich, tomou o empenho de fundar esta Congregação.

Percorrendo em missões a Catalunha, arregimentou, com os sacerdotes mais zelosos do Principado, a *Irmandade Apostolica* composta de varões eminentes, que se offereceram para dispender em obsequio da religião todos os seus prestimos, dedicações e energias, prevalecendo nelles o zelo da fé a qualquer conveniencia ou proveito proprio. Entre estes padres, consocios do mesmo espirito, fundou e deu principio á sua Congregação.



A's tres horas da tarde do solemne dia de N. Senhora do Carmo, 16 de Julho de 1849, convocava no seminario de Vich os seus discipulos: Padre Estevam Sala, em quem o Padre Claret transfundiu os quilates da sua virtude e os creditos de prégador; o Padre José Xifré, em quem recaiu a herança de continuador da sua obra; o Padre Domingos Fabregas, a quem dera Deus a benção da humildade; o Padre Jayme Clotet, que colligiu os dados para a sua biographia, e, finalmente, o Padre Manoel Villaró, secretario de Claret no arcebispado de Cuba, aonde o aguardava a morte.

Dirigia a essa recopilação da Sociedade uma pratica nesse dia, e, concordando num só texto o concurso das duas solemnidades delle—o triumpho da Santa Cruz e a devoção a N. Senhora do Carmo—, exprou-se em considerações sobre o verso do psalmo XXII: *Virga tua et baculus tuus: ipsa me consolata sunt*—a tua vara e o teu baculo me consolaram, o qual, dizia, verificar-se naquella occasião.

A vara e o baculo apparecem na divisa do escudo, que compuzeram estes religiosos, segundo mostra o desenho acima, symbolizados na cruz e no bordão, que ladeiam o Coração Purissimo de Maria, o qual campeia no centro delle sobre fundo de ouro.

Viram-se elles a braços desde os primeiros annos da sua installação com uma empresa cercada de contrariedades; pois foi sempre ordinario encontrar o mundo os movimentos divinos. No periodo da revolução de 68, em Hespanha, esteve o Instituto a ponto de sossobrar. Nessa conjunctura verteu o sangue em testemunho da fé, na Selva do Campo, o piedoso Padre Crusats, contestando a verdade do successo com a da prophecia, com que no anno de 1865 predissera o Veneravel Claret que, dentro de pouco tempo, estalaria uma revolução, em que havia de ter a Congregação o seu proto-martyr, signalando esse acontecimento o ponto inicial da sua propagação pelo mundo. Do sangue do martyrio do Padre Crusats brotou effectivamente uma nova geração de apostolos.

Outra difficuldade accrescia por então ás demais. Poucos mezes andados da criação do Instituto, era o Veneravel Claret nomeado e confirmado Arcebispo de Cuba. Tomou Deus á sua conta inteirar este claro, bem como a falta, que depois padeceu a Congregação com o obito do seu Fundador.



Tinha-se já por esse tempo alcançado da Sé Apostolica o privilegio de celebrar-se em toda a Hespanha a festa do Immaculado Coração de Maria, seguindo-se a esta concessão a approvação definitiva das Constituições, que os membros do Instituto caprichavam em guardar, como filhos mimosos daquelle Purissimo Coração.

Em pleno periodo revolucionario o Padre Xifré conseguiu, á custa de fadigas e prodigios, abrir um noviciado em França e fundar casas em Hespanha, na Algeria e no Chile. Em 1883 entravam os Missionarios a evangelizar as colonias hespanholas da Costa de Guiné, no Cabo de S. João, da ilha de Fernando Pó e das que lhe ficam adjacentes: Corisco, Anno-Bom e Elobey.

O alentado espirito do Veneravel Claret, que não contrariava a operação divina em sua alma, abrangia tambem a direcção espiritual de congregações de religiosas; mas, a falar claro, nenhuma nova o reconhece por seu fundador.

Uma instituição dentre as mais sympathicas do seculo passado é a das Adoradoras do S. S. Sacramento e de Caridade, fundada pela Veneravel Madre Sacramento e que se dedica a sustentar no bom teor de vida as donzellas desamparadas. Do decreto para a introducção da causa da fundadora consta que essa empresa foi levada a effeito com o conselho e diligencia do Veneravel Antonio Maria Claret.

Entre as muitas e valiosas producções do grande mestre de espirito, que foi o Veneravel Claret, distingue-se uma intitlada: *Religiosas em suas casas ou as Filhas do Santissimo e Immaculado Coração de Maria*, composta em lingua castelhana. São materia desta obra Instrucções e Regras para as donzellas, que querem viver religiosamente no mundo. Promulgára o governo de Hespanha, em 1835, certas leis contra a Igreja e as Ordens Religiosas, que fizeram sobresaltar-se o espirito publico, vendo-se muitas monjas obrigadas a viver fóra do claustro, sem terem com que passar.

Para occorrer a este estado de cousas e vir em auxilio das religiosas expulsas dos mosteiros, e das senhoras que, por falta de dote, não podiam obter ingresso no claustro, é que o Veneravel Claret saiu á luz com esta obra. Não foi pois nenhum regulamento de nova e particular fundação ordenado por elle, mas simplesmente o alvitre de offerecer ás donzellas, impossibilitadas, por causas alheias



á sua vontade, de seguir a vocação religiosa, um asylo seguro, ao qual fossem confiar a guarda da sua innocencia, que não vinha a ser outro senão o Coração da Mãe de Deus.

Estão os Missionarios Filhos do Immaculado Coração de Maria em força da Regra isentos de governar religiosas, podendo por sua parte offerecer os seus serviços em utilidade daquellas que os requisitarem.

Proseguindo agora os successos da vida do Veneravel Fundador, foi elle exilado pela revolução de 1868, indo tomar parte no Concilio Vaticano em 1870. Morreu em odor de santidade a 24 de Outubro de 1870. Os seus restos mortaes, trazidos de França para Hespanha, foram depositados na igreja da Mercê de Vich, para cujo convento, deixado o seminario dessa cidade, se trasladou a séde da Congregação a 13 de Junho de 1897. Declarou-o Veneravel, no dia 4 de Dezembro de 1899, o Papa Leão XIII. Em 1907 foi proposto á S. Congregação dos Ritos o processo das suas virtudes heroicas instituido para fundar a sua canonização.

Os seus filhos e devotos esperam para breve a sua beatificação.

\* \* \*

Demos já uma vista á campanha de apostolado, que Deus repartiu a esta Congregação no Brazil.

No mesmo anno de 1895, em que se implantavam estes apostolicos varões em Portugal, entrava, a 19 de Novembro, o porto de Santos o vapor *Bearn*, que conduziu para a abençoada terra do Brazil os primeiros Missionarios Filhos do Immaculado Coração de Maria, que nella puzeram pé, havendo em Outubro embarcado em Barcelona. Eram elles os Reverendos Padres Raymundo Genover, apontado para o cargo de Superior de todos, Eusebio Sacristán, José Domingo, Raphael Fernandez, Geraldo Palomera, Lourenço Playan, acompanhados dos irmãos coadjutores Raymundo Ramon, José Rosset, Baldomiro Dueñas e Jayme Rovira.

O primeiro gasalhado, que teve esta Congregação no Brazil, foi na cidade S. Paulo, albergando-se provisoriamente nos corredores da Ordem Terceira de S. Francisco, accommodados para os receber, donde passaram no dia 6 de Janeiro de 1897 para o bem acabado edificio do Immaculado Coração de Maria, mandado construir desde os fundamentos para elles, á rua Jaguaribe, pelo que en-



tão era Bispo da diocese de S. Paulo, o Exmo. D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, hoje Exmo. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

No anno de 1899 intentaram novas fundações nas cidades de Campinas e de Pouso Alegre.

Em Pouso Alegre, Estado de Minas, assentaram estes zelosos Missionarios a sua habitação a 21 de Novembro de 1901. A primeira pedra do actual edificio e do bello santuario, de estylo gothico, foi lançada no dia 1.º de Janeiro de 1903, sendo logo dedicado e inaugurado a 8 de Dezembro de 1905.

Em terreno contiguo ao Instituto Claret, em Bello-Horizonte, foi lançada, a 7 de Maio de 1916, a primeira pedra ao santuario de Lourdes. Benzeu-a o Exmo. Arcebispo de Marianna, D. Silverio Gomes Pimenta, assistido do seu preclaro auxiliar, D. Antonio José dos Santos. Paronympharam o acto o Presidente do Estado, Sr. Dr. Delphim Moreira, o Prefeito da capital, Dr. Cornelio Vaz de Mello, e o Padre Raymundo Genover, Provincial ao tempo dos Missionarios do Coração de Maria.

Seguiram-se a estas outras novas fundações em Curitiba, Porto Alegre e Sant'Anna do Livramento, na fronteira do Brazil com a Republica do Uruguay. Na cidade do Rio tomaram posto no anno de 1908, assentando ali duas habitações: uma á rua Cardoso, bairro do Meyer, e outra no Rio Comprido.

Estão estes padres providos como curas na parochia do Immaculado Coração de Maria, em Santos. Em Fevereiro de 1919 era vigario da freguezia de N. Senhora das Dóres o Revdo. Padre Francisco Ozamis Corta, infatigavel obreiro desta Congregação, nascido em Guarnica, Viscaia, a 2 de Abril de 1874.

O curato de Guaratiba, no Arcebispado do Rio, foi encommendado, no anno de 1910, ao Revdo. Padre Julio Cantuer, natural de Saragoça, onde nasceu a 16 de Fevereiro de 1878.

Na Bahia, onde occupam o Hospicio da Boa Viagem, começaram a desempenhar as funcções do seu ministerio por iniciativa do Exmo. Arcebispo, D. Jeronymo Thomé da Silva, no anno de 1908. E' actual Superior desta residencia o Revdo. Padre Fernando Mestre.

Correm prégando missões e retiros espirituaes o interior do sertão e o maritimo das costas nos Estados do



Norte e Sul do Brazil; e no Instituto Claret, em Belle Horizonte, promovem a instrucção popular em escolas nocturnas, para as quaes se destinam diversos compartimentos, assim como tambem a secundaria; preleccionando no Collegio Diocesano de Rio Comprido, propriedade dos Irmãos Maristas.

Além da palavra, manejam a penna na defesa da bôa causa, redigindo em S. Paulo a popular revista *A Ave Maria*, em Belle Horizonte a revista illustrada *Lourdes*, e, na Bahia, *O Immaculado Coração de Maria*. Ha sempre um sacerdote unicamente empregado em sustentar e promover as praticas piedosas, que se referem ao culto do Immaculado Coração de Maria, devoção cultivada carinhosamente por este Instituto.

O numero dos Missionarios Filhos do Immaculado Coração de Maria era, ainda ha poucos annos, no Brazil, de 56 sacerdotes e de 25 Irmãos Coadjuutores. O primitivo espirito do seu Veneravel Fundador vê-se resplandecer nelles, que *nada deixam por cumprir para o fim de coo-perar na salvação das almas*, como lhes deixou encommendado nas Constituições o Veneravel Padre Claret.

São estes dignos Missionarios os directores espirituales das Irmans do Purissimo Coração de Maria, do Rio Grande do Sul.

Podendo considerar-se esta Congregação como brazileira, é justo que nos alarguemos um pouco mais em descrever a sua origem e o modo providencial como se implantou entre nós.

## IRMANS DO PURISSIMO CORAÇÃO DE MARIA

Com approvação do Exmo. e Revmo. Milde, arcebispo de Vienna d'Austria, aggregaram-se no dia 8 de Maio de 1843 algumas piedosas donzellas sob a direcção da edificante virgem Barbara Maix para constituirem uma congregação, que teve principio no anno de 1846, e recebeu a invocação do Purissimo Coração de Maria.

Barbara foi a Roma para obter approvação da Regra por Gregorio XVI, levando um testemunho assignado pelo Revdo. Padre João Boeklz, primeiro director espiritual da Congregação. Aprazado o dia para a audiencia papal, e antes de se effectuar, aconteceu o obito do mesmo Pontifice. Voltou a fundadora para Vienna, onde, no anno de



1848, rebentava a revolução, que obrigava as religiosas de muitas congregações a sair das suas casas, entre as quaes foi uma a que nos occupa. Por espaço de sete mezes andaram dispersas as Irmans do Purissimo Coração de Maria por varias cidades e aldeias fóra de Vienna, aonde se viam perseguidas. Achava-se a fundadora na cidade de Linz, aonde convocou as filhas do seu espirito para lhes declarar a resolução, que tinha tomado de passar á America do Norte, propondo-lhes que, aquellas que a quizessem acompanhar, se premunissem á sua custa de passaporte e de dinheiro para a viagem. Todas, excepto uma, convieram nisso. Pela festa de N. Senhora das Neves, que caiu a 5 de Agosto de 1848, vinte e duas Irmans, acompanhadas do seu director espiritual, dirigiram-se a Hamburgo. Durante um mez inteiro esperaram em vão encontrar algum navio, que navegasse para a America do Norte.

Tinha a Divina Providencia destinado esta Congregação ao Brazil, e assim aconteceu depararem no porto um navio á vela, que estava de verga de alto para a Terra de Santa Cruz. No dia da festa do S. S. Nome de Maria, contractada a passagem com o commandante, embarcaram a 10 de Setembro para seu novo destino, com rumo para o Rio de Janeiro. Achavam-se as Irmans desprovidas de meios pecuniarios. Tomando porto na cidade do Rio foram alojar-se no convento d'Ajuda, onde se detiveram por espaço de sete mezes, tratadas sempre com muita caridade pela Reverenda Abbadessa e pelas demais religiosas.

A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos offereceu então ás Irmans um collegio de meninas, onde ellas exercitassem o encargo da sua vocação, ministrando ensino primario ás meninas pobres e desvalidas **em escolas elementares**. O collegio encheu-se de alumnas, mas, interpondo-se obstaculos, viu-se obrigada a Reverenda Madre Barbara a largal-o. Por esse tempo, correndo o anno de 1851, victimava a febre amarella ao zeloso director espiritual Padre João Boeklz.

Viram-se as Irmans cercadas de difficuldades para se manterem no que respeita á vida do corpo e do espirito, por falta de padre espiritual que lhes soubesse a lingua; tendo a Deus por unico recurso. No anno de 1852 emprehedia a Madre fundadora, em companhia da Madre Isabel, a segunda viagem a Roma para apresentar ao



Summo Pontifice Pio IX a Regra e solicitar-lhe a sua approvação. Além do testemunho passado em favor das Irmans pelo Revdo. Padre João Boeklz, levou ella consigo uma carta de recommendação fornecida por D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, bispo do Rio de Janeiro, agraciado com o titulo de Conde de Irajá, datada de 5 de Maio de 1852 e concebida nestes termos: "Attesto que a congregação do Purissimo Coração de Maria já desde tres annos estabelecida nesta diocese debaixo da direcção da Madre Barbara Maix, é muito acceitavel, faz bons fructos e fará com o favor de Deus outros fructos mais amplos, se fôr constituída canonicamente".

Foram as duas Irmans recebidas com toda a benignidade pelo Soberano Pontifice, o qual lhes dirigiu estas palavras: "Ide trabalhar na vinha do Senhor e tratae de augmentar a Congregação.

Mais tarde os Revmos. Bispos do Brazil me hão-de informar sobre o progresso e augmento da Congregação". Concedeu-lhes, além disso, Pio IX um rescripto na data de 10 de Março de 1853, e por elle uma indulgencia plenaria applicavel na hora da morte ás Irmans existentes a esse tempo no Brazil.

No anno de 1873 rematava a fundadora, com piedosa morte, uma vida tecida de penas e contrariedades supportadas pelo processo de tantos annos. Succedeu-lhe no cargo a Madre Anna do Menino Deus, que vinha a fallecer no anno de 1889. Saiu depois eleita Superiora Geral a Madre Maria Margarida de S. José, que tomou conta do officio ao 1.º de Novembro de 1889. No entanto ia-se a Congregação enriquecendo de um bom numero de irmans fervorosas. No anno de 1856 foram as Irmans chamadas para o Estado do Rio Grande do Sul. Na cidade de Porto Alegre acharam um protector assiduo e bemfeitor extremo na pessoa de D. Sebastião Dias Laranjeira, bispo do Rio Grande do Sul. Este mesmo dignissimo Prelado dava das Irmans, na data de 4 de Janeiro de 1882, o seguinte honroso testemunho: "Fazemos saber a todos os que se interessam pela Congregação do S. S. Coração de Maria, estabelecida nesta nossa cidade episcopal, e attestamos o seguinte: 1.º que as irmans da mesma Congregação aqui residentes são de uma conducta irreprehensivel e digna da vida religiosa, que professam, na qual dão exemplo não menos de edificação, que de louvor: 2.º que têm noviciado,



no qual vigora a disciplina e observancia religiosa sob a direcção de uma mestra de noviças; 3.<sup>o</sup> que se occupam de trabalhos manuaes proprios do seu estado e da educação de meninas pobres e orfãos com aquelle zelo e abnegação, que só a religião pode inspirar”.

Desenvolvendo-se a Congregação e espalhando-se por diversas regiões, dum modo especial dentro do Estado do Rio Grande do Sul, houve por bem o Exmo. D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, depois de comprovada a Regra por longa experiencia, precedendo detido exame e repetidas consultas, approval-a por provisão passada na sua residencia episcopal, em Porto Alegre, aos vinte e quatro dias de Maio de 1896.

Trazem vestido habito e escapulario tingidos de preto, sobre o qual se destaca bordado a seda de côr um coração cercado de rosas: cobrem capa e véu preto sobre outro branco; pende-lhes da cinta um grande terço.

## Ordem Premonstratense



A Ordem dos Conegos Premonstratenses ou Norbertinos foi instituida no anno de 1119 ou 1120 por São Norberto, o qual, tendo abraçado o estado ecclesiastico e procedendo nelle com mais fausto e vaidade do que cumpria, Deus, por meio de um desastre, de que por milagre saíu com vida, chamou ao cumprimento mais exacto dos seus deveres. Entrou-o a divina graça, acolheu-se para um logar solitario no bispado de Laon,

em França, chamado *Prémontré*, onde as suas predicas e a santidade da sua vida lhe grangearam grande numero de discipulos. Quarenta clerigos e diversos leigos, possuidos do mesmo espirito, o quizeram ali seguir naquelle genero de vida.

Adoptaram a Regra de Santo Agostinho e fizeram profissão solemne dos votos religiosos. Daquelle deserto de *Prémontré*, aonde professavam a vida religiosa, deriva o nome, que têm de Premonstratenses.



O Papa Honorio II abençoou o novo instituto, que depois se espalhou por todo o orbe christão. São Norberto foi Arcebispo de Magdeburgo, onde veio a fallecer a 6 de Junho de 1134.

Os Premonstratenses associam a pratica das mais austeras penitencias com o exercicio esmerado do culto divino e o desempenho das funcções ecclesiasticas. E' de côr branca o habito de que usam. Repetidas reformas os restituiram ao primitivo espirito do santo Fundador, dentre as quaes uma se effectuou em Hespanha no anno de 1576, e a outra em Lorena, durante o seculo XVII.

A maior parte dos capitulares nobres dos canonicatos estabelecidos em Allemanha, na idade media, cognominavam-se Premonstratenses, por viverem monasticamente sob a Regra de São Norberto.

Banidos de França pela revolução, foram ali restabelecidos, no anno de 1856, pelo Padre Edmundo Boulbon. Tinham a casa matriz na Abbadia de S. Miguel de Frigolet (Vaucluse). Foram expulsos de França, depois de erigirem varios estabelecimentos, especialmente nos Calvados. Assim esta Ordem, que teve principio em França, não possui ali uma unica habitação. A Abbadia de Prémontré, cabeça da Ordem, bem como as abbadias da Allemanha foram extintas.

Na Belgica floresce esta Ordem, e ali publica a bella revista religiosa *O Mensageiro*. Perdura ainda uma abbadia na cidade de Schlage, fundada no mez de Setembro de 1218, a qual celebrou ha pouco os seus sete seculos de existencia.

A Abbadia de Monte-Sião, na cidade de Praga, Austria, guarda ainda o deposito santo das reliquias de São Norberto, e nella está a residencia do Exmo. Abbade Geral, Conego Norberto Schachinger.

O seu brazão, que encima este artigo, ostenta em campo azul, esmaltado de flores de liz de prata, a insignia abbacial de dois baculos de ouro.

Compõe-se a Ordem de 5 provincias, 42 abbadias povoadas de 1250 sujeitos.

\* \* \*

Esta antiquissima Ordem estabeleceu na America suas primeiras casas nos Estados Unidos, no anno de 1895. São filiaes da Abbadia de Heewijck, na Hollanda. As funda-



ções, porém, da Ordem Premonstratense no Brazil, são oriundas da Abbadia de Averbode, na Belgica.

Chegaram os Conegos Premonstratenses a S. Paulo a 9 de Setembro de 1896. Estão sob a sua habil direcção varios seminarios e collegios em nosso paiz. Além do Collegio de S. Vicente de Paulo, no antigo palacio imperial, em Petropolis, cujo Director era, desde o anno 1909, o Revdo. Conego Thomaz de Aquino, dirigem os Premonstratenses o seminario menor de Pirapóra, nobre florão, que esmalta o seu diadema de gloria. Os Conegos Regulares Premonstratenses lentes deste seminario, incumbem-se tambem da parochia de N. Senhora da Conceição de Araçariguama, da villa de Araçariguama, sobre o ribeirão do mesmo nome, affluente da margem esquerda do rio Pirapóra, os quaes lhe têm prestado bons serviços, salvando-a da inanição religiosa, a que parecia condemnada (*Notas de Historia Ecclesiastica—As Capellas de Araçariguama*, por D. L. pags. 31 e 72).

Na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, dirigiram o Gymnasio “Espírito Santo”, dotado com o pessoal docente de onze professores diplomados.

O Exmo. Sr. D. José Marcondes Homem de Mello, muito digno Arcebispo de S. Carlos do Pinhal, entregou, pelos annos de 1915, á Ordem Premonstratense a direcção do Collegio Diocesano de Jahu. Foram para ali reger as classes, como professores, os Conegos Drs. Alderico Lambrechts, Vicente Tongel, Godofredo de Evers e Macario.

Nestes termos se referia a este assumpto o semanario local *S. Carlos*: “O Collegio Diocesano de S. Carlos começou a funcionar como propriedade desta Diocese a 14 de Novembro de 1913, sendo seu primeiro director o Revmo. Padre Raphael dos Santos Saraiva, muito digno vigario actual de Araraquara. Hoje em dia está a direcção do Collegio confiada aos illustres e competentes professores Conegos Premonstratenses de nacionalidade belga, tendo como reitor o Revmo. Conego Dr. Alderico Lambrechts. Estes distinctissimos professores e educadores têm feito do Collegio Diocesano uma casa de instrucção e ensino de primeira ordem, a ponto de não temer confronto com qualquer outro estabelecimento similar. O Revmo. Prelado fez uma boa aquisição, confiando aos Conegos Premonstratenses a direcção do seu Collegio Diocesano”.



Além de se occuparem em toda a parte nos sagrados ministerios da sua profissão, trabalham com ardor os Reverendos Conegos Premonstratenses em beneficio das almas na Diocese de Montes Claros (Minas), cujo digno Vigario Geral é Mgr. Vincart, servindo o cargo de digno Vigario de Bocayuva o Revmo. Conego Moreau e Laurens desta benemerita Ordem. Assistem além disso na cidade do Bomfim, Estado de Minas.

A 12 de Agosto de 1915 celebrava o Collegio de S. Vicente de Paulo, no salão do Centro Catholico de Petropolis, uma imponente festa de caridade pelos cearenses victimas da sêcca. Presidiu essa manifestação dos excellentes padres belgas o Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo do Ceará, D. Manoel da Silva Gomes. Assim pagam generosamente estes religiosissimos Conegos a boa hospitalidade e o patrocínio decidido, com que o Brazil os admittiu ao seu gremio.

Agradecemos penhorados a S. Ex. Revma. o Sr. Arcebispo de S. Carlos do Pinhal, cujo nome nos recorda o do grande benemerito, Senhor Barão Homem de Mello, o grande interesse que tomou por este nosso humilde trabalho, manifestando ao Sr. Conego Alderico Lambrechts desejo de que enviasse a S. Ex., com destino a elle, as informações, que aqui deixamos fielmente transcriptas.

Impõe-se-nos por fim o dever de fazer honrosa memoria do Revmo. Conego Thomaz de Aquino, prestimoso filho da Ordem Premonstratense, que, segundo notícia *A União* de 7 de Dezembro de 1919, falleceu na Belgica em consequencia de operação cirurgica, a que teve de sujeitar-se.

Nasceu na Belgica a 17 de Março de 1872, e, sentindo vocação religiosa logo desde os primeiros estudos, seguiu a Ordem Premonstratense entrando na abbadia de Averbode, no anno de 1891. Veio, em 1900, para o Brazil, sendo nomeado professor do Gymnasio equiparado de Jaguarão. Em 1903 publicou em flamengo dois volumes ricamente illustrados sobre o nosso paiz, sob o titulo *Dry Jaren in Brazilie*. Dirigiu-se, em Dezembro de 1909, para Petropolis, onde foi investido no cargo de Director do Collegio de S. Vicente de Paulo, cargo que serviu até á occasião de rebentar a guerra européa, em que o deixou, para se incumbir, em sua patria, do de capellão militar.



## Sociedade do Divino Salvador



Foi a 8 de Dezembro, correndo o anno de 1881, que se instituiu em Roma, metropole do catholicismo, a Sociedade do Divino Salvador. Teve principio em um sacerdote, allemão de origem, o Padre Francisco Maria da Cruz Jordan.

Nascêra a 16 de Junho de 1848 em Gurtweil, Arcebispado de Friburgo, grão-ducado de Baden, recebendo na pia baptismal o nome de João Baptista. Percorrido o curso dos primeiros estudos, deu-se, como apprendiz, á pratica da arte de scenographia, em que adquiriu a perfeição de mestre. Obtido o diploma de auxiliar artistico, percorreu em excursões grande parte da Alemanha. Foi neste periodo da vida que, sentindo-se indubitavelmente dispor para o estado ecclesiastico, determinou ouvir a voz de Deus, que o chamava a estado de maior perfeição.

Bastou-lhe a propria applicação particular para se preparar para o exame das materias de sexto anno, em que saíu approvado no Gymnasio de Constança. Facultou-lhe Friburgo, em Brisgovia, as aulas do curso theologico, e, em S. Pedro, junto a Friburgo, proseguiu os estudos especiaes, que o habilitaram a exercer o sacerdocio. A 21 de Julho de 1878 recebeu a ordem sacerdotal e, pela primeira vez, subiu ao altar.

Em ordem a completar os seus estudos, frequentou o seminario pontificio de Santo Appolinario, em Roma. Applicou especial esmero ao estudo das linguas, nas quaes saíu consummado.

Determinou de passar á Terra Santa no anno de 1880, viagem que muito concorreu para levar a effeito um plano, que desde muito traçára, o qual cada dia se foi fixando mais, á medida que se aquilatavam, no trato da opinião, os seus conhecimentos ácerca da vitalidade e movimento catholico no mundo.

Era seu proposito fundar uma Sociedade, que efficaçamente propagasse, erguesse e aviventasse a fé catholica. Fervorosas preces elevadas a Deus, Pae da Eterna Luz, grande confiança posta no valimento da Virgem



Mãe de Deus e no patrocínio do seu purissimo Esposo, S. José, bem como os incentivos e palavras de animação, com que os altos dignitários ecclesiasticos, a quem jamais deixou de recorrer, acolhiam a exposição do grandioso projecto, influíram nelle a resolução de sair com o effeito e execução do pensamento, que lhe occupava o sentido. Primeiro que tudo emprehendeu a jornada á cidade eterna para tomar a benção de Sua Santidade Leão XIII, e depor nas mãos do Chefe Supremo da Igreja o plano, que trazia imaginado. A benção apostolica, que este lhe lançou, decidiu-o a cumprir a sua resolução, não lhe faltando desde então o Pontifice de lhe assistir com ella, durante o tempo que levou a executar o seu projecto. Pensou a principio impor-lhe o nome de Sociedade Catholica de Instrução—*Societas Catholica Instructiva*, o qual depois se trocou no que acima fica declarado.

Dispoz a Providencia que a mesma casa, que abrigára outr'ora Santa Brigida em companhia da sua santa filha Catharina, sita á Praça Farnese, viesse depois a ser o primeiro berço deste novo rebento da arvore das observancias regulares. Por não ter a capacidade necessaria, veio a recente communidade, cada dia maior, a mudar a sua residencia para o Palacio Moroni, que fica á rua Borgo Vecchio, n. 165, dedicado para os exercicios, em que se occupam os membros da Congregação.

Foi nesta casa matriz da Instituição que, até ao anno de 1908, todos os entrantes passaram o noviciado e foram admittidos á profissão religiosa, da mesma sorte foi á sombra do Vaticano que, salvas raras excepções, os candidatos ao sacerdocio adornaram o espirito com a sciencia da philosophia e da theologia, ao mesmo tempo que iam haurindo nesta pura fonte o genuino espirito da vida religiosa, que anima estes novos campeões da fé.

Occupam-se os Salvatorianos nos obsequios do culto divino, em que procuram especial magnificencia no que pertence ás ceremonias exteriores, decoração da igreja, concerto do altar, musica e canto liturgico, que executam com gosto e primor.

Sob o bafo do Fundador crescia a Sociedade a novos augmentos e propagava-se tanto, que, dentro em pouco, se transformava num seminario de virtude e sciencia.

Não contribuiu pouco para esta edificante praxe de viver commum, consagrada a bem-fazer, seguida na So-



cidade, o exemplo heroico da vida perfeita do seu Fundador, o qual, durante um largo periodo, se deu a exercitar a humildade perante os seus mesmos discipulos por actos de publica penitencia e desprezo proprio, até que, aconselhado pela prudencia, moderou ou desistiu totalmente destes excessos de fervor.

O exemplo, porém, tinha aproveitado áquelles a quem se dirigia, e seus discipulos o tomaram e seguiram; donde proveio o publico exercicio das humilhações e das penitencias adoptadas, pedindo perdão e implorando orações prostrados por terra e com os braços em cruz, e de outras obras proprias da perfeição christã, que se usam entre elles e que ajudam para a perfeita observancia das Constituições. Os proveitos que se seguiram do bom exemplo do Fundador, o qual calou fundo nos corações dos alumnos da Sociedade, são a profunda veneração, que lhes inspiraram as virtudes d'elle, e a maneira como as apreciam e dellas falam os que foram criados em sua doutrina.

Nos principios da Sociedade, achavam-se alojados na casa central os professores, que formam o corpo directivo e docente, os escolasticos ou os já professos do curso philosophico e theologico, os professos leigos encarregados dos misteres domesticos ou os que se davam ao estudo de algum ramo das bellas artes, os noviços e, provisoriamente, os que haviam o nome de oblatos, constituindo a classe de estudantes de humanidades e postulantes, vestidos em habito religioso, sem comtudo trazerem cordão e rosario, a qual depois foi supprimida, no anno de 1896.

Continuou o Fundador a depender da auctoridade ecclesiastica para o progresso e sustentação da sua proficua obra, da mesma sorte que se cingiu á sua vontade, para a origem della. O Cardeal Parrochi, constituido por Sua Santidade Vigario Geral para a cidade de Roma, já antes, quando ainda era Arcebispo de Bolonha, recebeu o Fundador e, depois de se informar da traça, que inventára para ajuntar homens, que cooperassem com elle no officio de cultores de almas, apontou por escripto o bom conceito, que fazia da dicta Sociedade. Transferido de Bolonha para Roma, e contando ella já dois annos de existencia, pelo conhecimento mais intimo, que della alcançara, pôde, em 1883, prestar o testemunho seguinte:

“A declaração, por nós ha dous annos prestada, quando ainda occupavamos a Sé Archiepiscopal de Bolonha, a res-



peito da Sociedade Catholica de Instrucção, de que ella é digna, nos tres grãos de que se compõe, de ser recommendada a todos os fieis christãos como proficua á causa catholica, sustentamol-a e repetimol-a de novo, desejando de todo o coração que ella, com o auxilio de Deus, prospere cada vez mais e se propague entre os povos, principalmente no territorio allemão. Neste intuito elevamos os nossos votos ao céu, tomando por valedora a Immaculada Mãe de Deus, por cujo meio são profligadas no mundo todas as heresias, e interpondo os meritos do Apostolo das Gentes, cujos escriptos, prégação e exemplo, tidos em summo apreço pelos sacerdotes da dicta Sociedade, lhes servem de exemplar a que procuram ajustar todas as suas acções”.

No dia 5 de Junho de 1886, festa de São Bonifacio, em que a Sociedade já tinha attingido notavel desenvolvimento, obteve a conspicua communidade a primeira approvação episcopal, como corporação religiosa, conferida por sua Eminencia o Cardeal Parochi, Vigario Geral de Roma.

Na data de 18 de Setembro de 1898 era dirigida á Sociedade outra carta de recommendação, da mesma proveniencia. Para declarar melhor o teor della, vamo-nos servir das suas proprias palavras:

“A obra que, faz desasete annos, promoveu o Padre Jordan para por meio della procurar o proveito dos catholicos e auxiliar as missões, a que se consagra, accrescentou-se de tal maneira que tomou um logar distincto entre os novos institutos religiosos pelo que respeita ao numero de casas e de membros dellas. Para prover o sustento preciso, deve a Sociedade experimentar favor. Recommendamol-a por isso á caridade dos fieis, para que jamais falte o favor da misericordia divina áquelles, que nunca esfriam no amor de bem-fazer”.

No anno de 1901 fazia o Fundador chegar ás mãos do Soberano Pontifice Leão XIII, por intermedio do Secretario de Estado, o Emmo. Cardeal Rampolla, o annuario da Sociedade, recebendo em resposta a 2 de Maio, de sua Eminencia a carta congratulatoria, que pomos em seguida:

“Reverendissimo Padre. O Annuario da Sociedade do Divino Salvador chegou felizmente ás veneraveis mãos do Santo Padre. Por elle pôde Sua Santidade, com particular



satisfacção tanto da sua parte como da parte dos sujeitos deste inclito Instituto e das Terceiras da Sociedade designada por este nome, avaliar o grande resultado por ella obtido. Felicita por este motivo a Vossa Paternidade, e, dirigindo votos ao céu para que recolha fructos cada vez mais copiosos, concede-vos a vós e a todos os Salvatorianos, assim do ramo masculino como do feminino, a sua particular benção. Communicando isto a Vossa Paternidade, tenho a honra de assignar-me, com a expressão de summa estima, de Vossa Paternidade addictissimo no Senhor:

Roma, 2 de Maio de 1901—M. Cardeal Rampolla".

A 27 de Maio de 1905 recebia a Sociedade pelo *Decretum laudis* a primeira approvação pontificia, seguida depois, a 8 de Março de 1911, da approvação definitiva.

A' semelhança de outras congregações, que em tempos chegados a nós surgiram no gremio da Igreja Catholica, appareceu tambem esta vazada em modernos moldes; por onde, não se limitando á santificação dos seus proprios membros, propõe-se o exercicio da caridade com os proximos, e, sob este duplo aspecto, não ha meio que deixe por tentar para reduzir e santificar as almas, perolas de inestimavel valia, que o divino Salvador comprou ao preço infinito do seu sangue.

Foi este Instituto um instrumento, na mão da Providencia, para resurgirem no campo do apostolado varões insignes com animo determinado a todas as fadigas, e offerecido a todos os sacrificios, que se pudessem atravessar no exercicio da sua actividade. Influidos da graça da vocação, decidiram-se muitos jovens, na primeira flor da idade, a abandonar o mundo e a abraçar a cruz da vida religiosa, para, já na undecima hora entrarem tambem elles á parte no amanho da vinha do Senhor, egualados no salario aos primeiros obreiros, que pegaram no trabalho á hora de tercia.

Assim, em annos successivos, a cada turma de sacerdotes de avantajadas habilitações, que entrava na Sociedade, vinha-se ajuntar outra nova ainda maior, subindo a do anno 1900 a numero de quarenta e oito, que se não sustêve dahi por diante.

Considerando o grande augmento, em que a obra ia, confiou-lhe o Summo Pontifice Leão XIII, por decreto expedido a 13 de Dezembro de 1889, a Prefeitura Apostolica de Assam recentemente criada na India Oriental.



O anno de 1890, em que occorreu a erecção de uma nova casa em Tivoli, nas cercanias de Roma, registra tambem a suspirada éra da designação dos primeiros varões apostolicos enviados ás longinquas plagas do mundo a inaugurar as suas fadigas na vinha do Senhor, instituindo para esse effeito novas casas, em que, como em celleiros, recolhessem as novidades do seu zelo apostolico, para as offerecerem a Deus.

As fundações foram-se multiplicando successivamente pela seguinte ordem chronologica:

Tivoli, na Italia, a 2 de Julho de 1890;

Vienna (1.<sup>a</sup> fundação) na Austria, a 14 de Setembro de 1892;

Bregens, na Austria, a 15 de Setembro de 1893;

Friburgo, na Suissa, a 18 de Julho de 1894;

Noto, na Sicilia, em Outubro de 1894;

Vienna (2.<sup>a</sup> fundação), na Austria, a 29 de Junho de 1895;

Drognens, na Suissa, no anno de 1895;

Meseritsch, na Austria, a 17 de Setembro de 1895;

Brazil, vinda da primeira turma de padres, no anno de 1896;

America do Norte (Oregon), Estação Siletz, no anno de 1897;

Meran, na Austria, a 24 de Maio de 1898;

Roma, villa Coelimontana, no anno de 1898;

Mehala, na Hungria, a 21 de Novembro de 1898;

Welkenraed, na Belgica, ao 1.<sup>o</sup> de Dezembro de 1899;

Cartagena, na Colombia, a 25 de Maio de 1899;

Jagerndorf, na Austria, a 5 de Agosto de 1899;

Zagreb, na Croacia, a 5 de Julho de 1900;

Hamberg-Passau, na Austria, a 9 de Julho de 1900;

Hamont, na Belgica, a 23 de Novembro de 1900;

Narni, na Italia, a 12 de Novembro de 1901;

Wealdstone, na Inglaterra, a 11 de Janeiro de 1901;

Rio de Janeiro, Brazil, no anno de 1902;

Pe-Ell (Washington), na America do Norte, no anno de 1902;

St. Nazianz, na America do Norte, em 15 de Agosto de 1903;

Portorecanati, na Italia, a 8 de Dezembro de 1906.

Shillong, na India Oriental, constituida séde e centro da Prefeitura Apostolica de Assam, cuja jurisdicção espi-



ritual assumiu a Sociedade no anno de 1890, dispõe de 14 padres e de 3 irmãos missionarios, abrangendo dentro da sua circumscripção 9 estações primarias e 67 secundarias, além de outros 39 postos de conversão confiados ao ministerio dos Salvatorianos.

Estas estações, na falta de pharmacias, ergueram ermidas e criaram escolas, possuindo algumas orfelinatos e recolhimentos para se albergar a velhice, typographias para publicações periodicas e traducções em Khasi.

Nas missões, assim como nos collegios europeos e de além-mar, não obstante o numero sempre crescente de sacerdotes, soa de continuo aquella voz retumbante do Evangelho: *Messis quidem multa, operarü autem pauci*, vendo-se os superiores maiores na impossibilidade de acudir ás urgentes necessidades, que reclamam operarios de uma Sociedade, que ainda se não pode gloriar de possuir uma larga historia, nem de perpetuar-se em tradições continuadas.

Mantêm-se os membros deste Instituto no primitivo espirito do Fundador bebido nas Constituições e nos estylos e costumes professados na Congregação, sem falar na viva memoria, que delle não perdem, e que continúa a sustental-os nos trabalhos, ainda mesmo depois que, a 8 de Setembro de 1918, soltou sua alma dos laços da carne, tendo estendido a vida por cima dos setenta annos.

O brazão, que remata a fachada das Constituições dadas á Sociedade, é o que precede este tratado: a figura do Salvador no centro do vivifico signal da cruz, circumscripto num circulo, com esta letra no circuito. *Jesus Christus Dei Filius Salvator*.

Usou por divisa estes conceitos: *In cruce salus—Per crucem ad lucem*. Tirou dahi origem o appellido—da Cruz—acrescentado, como titulo de honra, ao seu nome Francisco Maria. Effectivamente não lhe faltaram bem pesadas cruces abrolhadas de cravos, que sempre o trouxessem exercitado, as quaes transmittiu, por morgado, á Sociedade, que por divina inspiração fundou.

\* \* \*

Na Terra de Santa Cruz entraram de assistência os padres da Sociedade do Divino Salvador no anno de 1896, intervindo significação declarada da vontade do Santo Padre Leão XIII. O primeiro campo designado para o



exercício do seu zelo foi o Bispado de Nictheroy, que trocaram, no anno de 1902, pelo Arcebispado do Rio de Janeiro, aonde se matricularam em Setembro desse anno.

Ficaram de assistencia na chacara do Vintem, que se recommenda pela excellente agua, de que goza. Incumbiram-se da direcção da escola parochial e tomaram á sua conta leccionar no Collegio de S. Vicente de Paulo, no Mattoso, e no orfanato de Santo Antonio do mosteiro do Sagrado Coração de Jesus, á Rua Itapagipe, não deixando de prestar ao clero secular o melhor dos seus serviços.

Entre os annos de 1905-1906 mudaram a sua residencia da chacara do Vintem para a das Mangueiras, á Rua Conde do Bomfim, aonde, ao lado de um pequeno internato, se abriu uma escola de ensino secundario, tomando os padres a cargo a regencia dos cursos dos annos anteriores.

Sendo a primeira vivenda modesta e provisoria, a titulo de experiencia, não foi esta segunda permanente, por isso que já nesse anno de 1906, por indicação do Emmo. Cardeal Arcebispo do Rio, tratou-se da transferencia della para os suburbios da Archidiocese, que estavam necessitados de sacerdotes idoneos, que olhassem pela cultura dessas vastas porções da vinha do Senhor, para as quaes não bastavam tres ou quatro vigarios, que, por muito ardorosos que fossem no serviço de Deus, não podiam cumprir com as obrigações do seu officio para com os seus parochianos, segundo as exigencias delles e consoante os seus desejos.

Não se descuidou o inimigo de semear no campo evangelico a cizania de falsas doutrinas, com irreverencia dos sacramentos e em desprezo do clero. A tiririca da superstição desdobrava-se e invadia tudo na **ancia de suffocar a** crença e a verdadeira fé nas almas, cuja pureza, como por milagre, retêm ainda. Foi necessario desinçar della o terreno espiritual das almas pelo ensino do catecismo e pela predica da boa doutrina, antes de lhe lançar a semente da sagrada palavra. Desta sorte veio a diminuir e a acabar por completo tudo quanto resultava em desdouro do ministerio sacerdotal.

A efficacia desta acção exerceu-se principalmente nas immediações do Engenho de Dentro, da Piedade, Cascadura e Meyer, onde estabeleceram nova vivenda por espaço de dous annos, sustentando um collegio, á Rua



Imperial, 28, que era muito procurado. Por este tempo acceitaram os padres o encargo de administrar as cousas de espirito no orfanato de Santo Antonio, em Marangá. Na Piedade, para onde, pelo muito que ia sempre crescendo em abundancia de moradores, já se tinha dirigido a attenção da auctoridade ecclesiastica, recaiu, por fins do anno 1907 a preferencia dos padres attentos em achar nos subúrbios da Capital Federal um sitio a proposito para realizarem o maior bem.

Ahi se installaram definitivamente os religiosos da Sociedade do Divino Salvador, dando-se ao exercicio dos ministerios da sua vocação a principio na igreja da Senhora da Piedade, que lhes foi largada, e, logo em seguida, na capella semi-publica da propria casa construida em área immediata áquella igreja, e, por fim, desde o dia de Paschoa do anno 1912, na nova igreja do Divino Salvador, á rua Berquó, 33, onde em Outubro de 1913 ficaram de morada habitual em casa fabricada de plano.

Emquanto durou a construcção da casa e da igreja, tomou a comunidade de aposento, obrigada pelas circumstancias, duas casas á Rua Belmira designadas pelos numeros 5 e 7. Compunham a pequena comunidade dois padres e um irmão leigo, sendo ella uma dependencia da casa principal do Rio de Janeiro. Nesta casa se estabeleceu o Collegio do Divino Salvador.

Entraram a desempenhar o ministerio do altar na parochia de Baependy, ao Sul de Minas, no bispado de Campanha, onde exercita a dignidade de Bispo o Exmo. D. João de Almeida Ferrão, o qual, em fé da plena confiança, que lhe merecem, deu aos padres ampla liberdade de acção no regimen della. Desde que se desencadeou a guerra européa, desoneraram-se os religiosos desse curato.

Tendo em vista professar o magisterio, como louvavelmente executam em muitas outras partes, empenharam-se em abrir na Piedade um externato, cuja frequencia toca o numero de cento e trinta alumnos, conforme consta do *Annuario Ecclesiastico* do Rio, o qual não pode ser excedido pela estreiteza da habitação.

Dá flores e fructos de salvação o *Sodalicio angelico*, associação cultivada pelos membros da Sociedade, em que são admittidas crianças, que não passem de quinze annos.

Em memoria de gratificação das obrigações, que lhe



devemos, queremos deixar aqui exarado o nome do Revmo. Padre Felisberto Schubert, dignissimo Superior dos zelosos Padres da Sociedade do Divino Salvador, que no Brazil illustram a Igreja pela fé.

## Congregação do Espirito Santo



Foi o pio sodalicio, sob o titulo de Congregação do Espirito Santo erecto em Paris, no anno de 1703, pelo egregio sacerdote Claudio Francisco Poullart des Places, no intuito de evangelizar os pobres e as almas abandonadas, especialmente nas colonias francezas. Instituiu depois, no anno de 1840, o Veneravel Francisco Maria Paulo Libermann a sociedade de missionarios sob a invo-

cação do Immaculado Coração da S. S. Virgem, cujo noviciado se abriu a 27 de Setembro de 1841. Pelos annos de 1850 fundiram-se estas duas sociedades numa só, sob a invocação do Espirito Santo, aggregando-se ao primeiro sodalicio o Veneravel Libermann com os companheiros, que o seguiam, por entenderem que eram identicos os fins propostos a uma e outra sociedade. (*Revista Ecclesiastica da Archidiocese da Bahia* ns. 11 e 12. Anno 1918, pag. 296). Foi o Veneravel Libermann, oriundo de uma familia de nação hebréa, fundador da Congregação do Sagrado Coração de Maria, como já antes S. João de Deus, saído dessa mesma nação, o tinha sido da Ordem da Caridade dos Irmãos, que têm o seu nome; vindo a ser depois o primeiro Superior Geral das duas congregações, quando se uniram em uma só. Já elle tinha dado principio ás Constituições, que compuzera para a sua nova congregação, pelas seguintes palavras: "Tudo para a maior gloria de Deus, nosso Pae celestial, em Jesus-Christo Nosso Senhor, por meio do divino Espirito Santo e em união com o Sagrado Coração de Maria". Mostram ellas que, já desde a fundação da sua sociedade, lhe tinha assignado destino, que egualmente convinha ao sodalicio instituido pelo varão de Deus, Claudio Poullart des Places.

No brazão, que compuzeram os congregados do Es-



pirito Santo, estão symbolizados os celestes patronos das duas sociedades: o divino Espirito Santo e o Immaculado Coração de Maria, sendo também commum o sentido das palavras do lemma, que lhe ajuntaram: *Cor unum et anima una*.

\* \* \*

Abriu o Brazil as suas portas a esta Congregação por ensejo de um encontro fortuito e providencial de um padre congregado com o novo bispo do Amazonas, D. José Lourenço da Costa Aguiar.

Sublimado este á dignidade episcopal, tomou logo sobre si o encargo de promover a evangelização dos esquecidos selvagens embrenhados na espessura das florestas, que cobrem a sua diocese, os quaes são quasi exclusivamente, no Brazil, os poucos representantes dos Pelles Vermelhas, antigos habitantes da America, que só se encontram agora nas chamadas reservas dos Estados Unidos.

O Revdo. Padre Francisco Xavier Libermann, alumno da Congregação do Espirito Santo, fôra enviado á America como Visitador, no anno de 1893. Passando da costa do Pacifico para a bacia do Amazonas, atravez da cordilheira dos Andes, penetrou no territorio brasileiro. No progresso do seu caminho acertou de encontrar perto de Manáos, que lhe ficava na jornada, ao Bispo D. José L. da Costa Aguiar, o qual depois de sagrado, se dirigia áquella cidade para ser mettido á sua Igreja Cathedral, ou, falando pelo claro, para estabelecer a sua diocese recentemente criada. Convidado o Padre Libermann pelo Senhor Bispo para se associar ao cortejo, que levava, e para assistir á posse, que ia tomar, da sua Sé, annuiu gostosamente a essa proposta. Era o Bispo em extremo zeloso de chamar os indios ao gremio christão, para os quaes compuzera em tupi um catecismo, como reputado indiano que era e membro egregio do Congresso Scientifico Latino-Americano.

Travou pratica com o padre sobre o estado de desamparo espiritual, em que ali se encontravam os indios por falta de assistencia missionaria. No discurso della expoz-lhe como em Manáos havia, ao todo, dois padres incumbidos de pastorear o importante numero de 50.000 almas, remanescendo para o restante da diocese cinco ou seis outros somente.



Revirando o padre á França, empenhou-se em advogar junto dos seus superiores esta causa justa e piedosa, sem nada conseguir. No anno de 1896 tomou o intrepido Bispo o caminho da Europa determinado a angariar colaboradores para o amanho do vasto campo da sua diocese. Depois de empregar diligencias infructuosas em Portugal, Italia e França, chegou a Roma, communicou-se por carta com o Padre Libermann, expondo-lhe os termos da entrevista, que com elle tivera em Manáos, e rogando-lhe insistisse, com o maior empenho, em obter dos Superiores o deferimento ao pedido, que fôra objecto della.

Acabou afinal de ter effeito obra de tanto serviço de Deus. Por esta conjunctura entrava Mgr. Le Roy no cargo de Superior Geral da Congregação. Movido das supplicas de D. José da Costa Aguiar e acoroçoado pelas vantagens, que o Governador Dr. Fileto Pires Ferreira se compromettia a dispensar á empresa, resolveu criar a Missão do Amazonas.

Ao raiar o anno 1897, abençoava Mgr. Le Roy a primeira leva de missionarios da sua Congregação, que largava para o Brazil, composta dos Padres Libermann, Friederich e Parissier. Aproavam elles a Manáos no dia 23 de Maio desse mesmo anno, depois de se ter reforçado o numero dos missionarios com o Padre Berthon e os irmãos Donaciano e Tito, que embarcaram em Lisbôa com destino á communidade do Pará.

A 25 de Março de 1897 celebrou-se entre Mgr. Costa Aguiar e os recém-chegados a escriptura de compromisso bilateral, e, a 6 de Junho de 1897, tomavam os Padres do Espirito Santo posse da igreja de S. Sébastião, em Manáos.

Não se davam ainda por satisfeitos os desejos do Padre Libermann, que abrangiam maiores projectos. Propoz em seu animo lançar os fundamentos a uma verdadeira missão. Intento neste pensamento e fazendo-se acompanhar pelos irmãos Tito e Donaciano, remontava, a 10 de Junho de 1897, o grande rio até Teffé, servindo-lhe de guia Mr. Joseph Chanel. Agasalhou-os o Conego Mgr. Dupuis no seu presbyterio, enquanto duravam as pesquisas para acharem um sitio a proposito para o effeito da missão. Deparou-se-lhes por fim um nas condições requeridas em terreno visinho á cidade de Teffé, antiga aldeia Ega fundada pelos Carmelitas, posta já no sertão, a umas



300 leguas a montante de Manaós e em distancia de 400 da costa. Fica a Missão situada no ponto de confluencia do rio Teffé com o Solimões, como se chama o Amazonas desde o rio Negro até ao rio Napo, em frente de uma das bocas principaes do Japurá.

Tocam ali os vapores, que sobem e descem o rio-mar, offerecendo aquella paragem porto de accesso em todas as quadras do anno. Sendo que nesta região todos os caminhos são por agua, impunha-se o expediente de conseguir um barco a vapor, que sulcasse todas as arterias daquelle immenso mar. Agenciou Mgr. Le Roy 10.000 francos de esmola deputados a adquirir o *Christoforo*, vapor que houve tal nome em memoria do grande Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que foi o primeiro que acariciou a idéa de um navio baptizado com esse nome, destinado ao sobredito fim. Substituiu-o depois outro forte barco de aço de maior porte, dotado com as dimensões de 15m. 60 de comprido por 4m. de largo, capaz de contrastar o impeto das aguas e de sustentar o duro embate de pesados troncos, que não raras vezes são arrastados pela corrente.

Os Padres do Espirito Santo emprehenderam já varias outras excursões fluviaes, dentre as quaes convem destacar uma dirigida ao rio Branco, emprehendida pelo Padre Libermann acompanhado do Padre Barthon, donde resultou estabelecer-se uma missão em S. Bento, o centro mais concorrido de todo o rio Branco, donde correm estradas abertas para muitos pontos.

Além do Padre Cabrolie ter descortinado e apreciado as ribeiras do Japurá em 1897 e 1898, cursaram-no, em 1900, os Padres Parissier e Kermabon, no intuito de plantarem sobre as ribeiras d'elle uma missão. Jaz o sitio para ella escolhido no margem esquerda do Japurá, no ponto de confluencia com o ribeiro Apapuri. No anno de 1905 a 5 de Junho perderam os missionarios o seu protector, pelo fallecimento, em Lisbôa, do zeloso Bispo D. José da Costa Aguiar.

Em razão de premio dos uteis esforços empregados pela Congregação do Espirito Santo para levar a tão longes terras a luz da fé, foi a Prefeitura Apostolica de Teffé attribuida ao zelo de D. Miguel Barat, prestimoso membro dessa Congregação.

Em Agosto de 1914 partia do Pará á missão do Teffé.



para compartilhar com outros seus confrades as agruras do apostolado, o digno e distincto sacerdote brasileiro Manoel Alencar, acabado de ordenar-se na Europa, e que se consagrou ao proposito de evangelizar os seus naturaes.

O Exmo. Bispo de Cuyabá, (Matto Grosso) D. Carlos Luiz d'Amour, descarregou sobre o cuidado dos Padres do Espirito Santo as obrigações de uma parte da sua dilatadissima diocese, a qual abrange uma boa porção do valle da margem direita do rio Madeira, que se lança no Amazonas, a partir do Tapajoz até Beni. Esta grande seara da vinha do Senhor estava desassistida de soccorros espirituaes pela penuria de laboriosos obreiros.

Foram estas noticias tiradas em grande parte da importante publicação *Les Missions Catholiques Françaises au XIX. Siècle*, referidas ao anno 1903, que saiu sob a direcção do Padre Jean Baptiste Piolet, S. J.

Na cidade do Rio assiste o Revdo. Padre José Severino da Silva, da Congregação do Espirito Santo, o qual vem prestando muito bons serviços á Archidiocese, na educação de menores abandonados. Consigna isto penhorado o *Annuario Ecclesiastico da Archidiocese de S. Sebastião do Rio de Janeiro*, correspondente ao Anno 1917.

Impõe-se-nos, porém, antes de largar mão do assumpto tocante á diocese do Pará, accrescentar algumas palavras a respeito do seu grande bispo D. Antonio de Macedo Costa, senão conformes ao seu merito, significadoras ao menos da nossa admiração. Tinha tomado por divisa das suas armas as inspiradas palavras, *Cruz Virtus, Cruz, Signum, Cruz et Sapientia*, a qual elle fez reflorescer com novos e grandes brilhos.

Nasceu a 7 de Agosto de 1830 na cidade de Maragogipe, Estado da Bahia; concluiu seus estudos no seminario de S. Sulpicio, em Paris, onde, em 1857, ascendeu ao sacerdocio. Passando a Roma, matriculou-se no seminario pontificio de Santo Apollinario, onde se laureou em um e outro direito. De volta á Bahia, dedicou-se ali ao ensino no lyceu de São Salvador. Era em 1860 apresentado bispo de Belém do Pará e sagrado a 21 de Abril de 1861, na capella imperial do Rio de Janeiro. No anno de 1872 publicava uma "Carta Pastoral, premunindo os seus diocesanos contra os erros de um papel espalhado ultimamente na diocese sob o titulo de protesto do partido liberal". Elle proprio assim a intitulava.



Depois de ter tomado parte no anno de 1869 no Concilio Vaticano, aonde mais uma vez provou a tempera do seu zelo na defesa da fé catholica, passou por injustiças, que lhe acarretou a mesquinha *Questão Religiosa*, na qual tornou pelo grande Bispo de Olinda, D. Vital. Tomou então a penna para redigir o volumoso folheto "Direito contra o Direito ou o Estado sobre tudo—Refutação da theoria dos politicos na Questão Religiosa". Segunda vez o vemos sair á arena da imprensa com a "Resposta do Sr. Bispo do Pará ao Supremo Tribunal de Justiça".

Amnistiado, com o seu protagonista na lucta, D. Vital, pelo Governo a 17 de Setembro de 1875, foi chamado a occupar o Solio Archiepiscopal da Bahia, em Julho de 1890, recebendo da mão de D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho o pallio na cathedral de S. Paulo.

Empreheendeu, em Setembro de 1890, a viagem a Roma, achando-se já em Novembro de volta ao Rio. Sentindo aggravarem-se-lhe ali os incommodos de saude, partiu para Barbacena para ver se nos ares balsamicos de Minas experimentava algumas melhoras. Ali veio a fallecer aos 21 de Março de 1891.

Voltando D. Antonio de Macedo Costa da sua ultima viagem a Roma, trouxe consigo seis Irmans Dorotheas, portuguezas umas e outras italianas. Antes, porém, de suspender a penna neste argumento, é justo que façamos destas bemquistas religiosas especial lembrança.

Foi o Instituto de Santa Dorothea fundado em Roma em 1834 pela Veneravel Paula Frassinetti e approvado, em 1863, pelo seu desvelado protector, o Papa Pio IX. Esta approvação foi confirmada e ampliada, em 1889, pelo immortal Pontifice Leão XIII.

As primeiras Irmans Dorotheas, que vieram para o Brazil em 1866, dirigiram-se para o Estado de Pernambuco, onde estabeleceram o Collegio de S. José, no Recife, e o Noviciado, em Olinda, e ali reside a Madre Provincial. Passaram dahi ao Estado do Pará, fundando na Capital o Collegio e Asylo de Santo Antonio. Em seguida abriram collegios na Capital do Maranhão, nas cidades de Friburgo e Nictheroy no Estado do Rio de Janeiro, e tomaram a cargo a direcção do Asylo "Conde de Pereira Marinho", na Bahia. Alguns annos depois foram abertos novos collegios nas capitaes dos Estados do Rio Grande do Norte, Amazonas e Ceará. Instituiram uma escola nor-



mal em Pouso Alegre, cidade do Estado de Minas, e outros collegios nas cidades de Bananeiras e Alagoa Grande, na Parahyba, bem como nas cidades de Pesqueira e Gravatá, no Estado de Pernambuco. Passam assim, bem como as demais religiosas no Brazil, a vida a fazer bem, o que lhes conquista grande sympathia.

## Instituto dos Irmãos Maristas



O Instituto dos Irmãos Maristas das Escolas teve principio em o Veneravel Marcellino José Bento Champagnat, nascido a 20 de Maio de 1789 em Marlhes, freguezia da Diocese de Lyão, França.

Educado piedosamente por seus virtuosos paes, correspondeu Marcellino fielmente á graça da vocação sacerdotal, que a Providencia lhe manifestou por um modo extraordinario, quando apenas contava quinze annos de idade. Ordenado em sacerdote no anno de 1816, exerceu as funcções do sagrado ministerio em Lavalla, Diocese de Lyão, onde, auxiliado por dois modestos jovens, os Irmãos J. M. Granjon e J. B. Audras, assentou as bases do Instituto, que hoje se acha espalhado por todo o mundo.

Falleceu o Veneravel Fundador em opinião de santidade a 6 de Junho de 1840, em Nossa Senhora de l'Hermitage, perto de São Chamond, repositório dos seus restos mortaes. A causa da beatificação deste servo de Deus foi introduzida por decreto de Leão XIII, expedido a 9 de Agosto de 1896.

O Instituto, por elle fundado, foi provisoriamente approvado, a 9 de Janeiro de 1863, por Sua Santidade o Papa Pio IX, e, definitivamente pelo Santo Padre Leão XIII, a 27 de Maio de 1903. A Sociedade dos Pequenos Irmãos de Maria tomou por padroeira a Assumpção de Nossa Senhora, cuja festa solemniza com especial culto cada anno. A particular profissão d'elle é honrar, amar e imitar a Maria Santissima, trazendo os meninos ao amor da Senhora para, por ella, os levar a Deus.



Este fim deixou-lhe o Veneravel explicado no monogramma do Nome de Maria, que assignala o escudo d'elle, acompanhado da letra em francez: *Tudo a Jesus por Maria: tudo a Maria para Jesus*. Guarnecem-nos tres violetas, que symbolizam a humilidade, a modestia, a simplicidade, por occupar o Instituto dos Irmãos Maristas um modesto canteiro no jardim das Ordens e Congregações religiosas na Igreja, como a humilde violeta, escondida entre a folhagem, desprende discretamente o balsamico aroma. São os Irmãos Maristas continuos nos estudos para o effeito da instrucção e educação da mocidade. Tinha esta instituição a casa central em Saint-Genis-Laval (Rhône), antes de ser expulsa de França.



Reconhecido o Instituto como legal em França a 20 de Junho de 1851, introduzido em Hespanha em 1886 e auctorizado a estacionar ali, por decreto real de 8 de Fevereiro de 1888, cresceu a grandes augmentos. No anno de 1902 subia o numero dos Congregados, entre irmãos, noviços ou aspirantes a 7.000, ministrando instrucção e educação religiosa a mais de 103.000 alumnos em 842 estabelecimentos disseminados por quasi todos os paizes do mundo.

No seguinte anno de 1903 arrancou-lhe a perseguição, que feriu a todos os religiosos em França, nada menos de dez noviciados e seiscentos collegios; vendo-se os Irmãos constrangidos a desterrar-se da patria e a demandar a terra do exilio.

Muitos delles vieram então reforçar o pessoal das casas, que, a pedido do Exmo. Bispo de Marianna, D. Silverio Gomes Pimenta, tinham sido fundadas no sertão do Brazil. Chegaram ali os primeiros irmãos, conduzidos pelo Irmão Julio Andronico, a 18 de Outubro de 1897, tendo partido directamente de França a 25 de Setembro de 1897.

A 21 de Novembro de 1898 desembarcava na Capital Federal o Irmão Norberto acompanhado de cinco Irmãos, os quaes, após breve visita aos Reverendos Padres Laza-



ristas no Collegio Diocesano de S. José, tomaram o caminho de Congonhas do Campo, aonde se foram reunir aos outros Irmãos já ali installados. Dali vieram, no anno de 1899, a chamado de Mgr. Dr. Camillo Passalacqua, muito digno Commissario da V. O. 3.<sup>a</sup> de N. Senhora do Carmo, assumir a direcção da escola, que a mesma Veneravel Ordem tencionava abrir na cidade de S. Paulo, por contracto celebrado entre o supradicto Reverendo Commissario e o Irmão Norberto. Veio este a fallecer, navegando do Brazil para França, a 10 de Janeiro de 1899.

Por occasião da saída dos prestimosos Padres Lazaristas pelos fins do anno 1901, vieram os Irmãos Maristas tomar o encargo do Collegio Diocesano de S. José, no Rio Comprido, a convite do dignissimo Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro, assumpto hoje á purpura cardinalicia, D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti, trazendo como Reitor ao Revdo. irmão Julio Andronico.

Fôra o Seminario Diocesano de S. José fundado pelo 4.<sup>o</sup> Bispo da Diocese do Rio, D. Frei Antonio de Guadalupe, confirmado por Bulla do Papa Innocencio XIII. expedida na data de 21 de Fevereiro de 1722. O seminario auctorizado por provisão regia de 27 de Outubro de 1735., começou a funcionar no anno de 1739.

A quinta do Rio Comprido foi doada á mitra pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antonio do Desterro Malleiros, fallecido na sua diocese a 5 de Dezembro de 1773. *Ephemerides Nacionaes* por Teixeira de Mello.

No anno de 1900, enquanto os Maristas se espalhavam pelos Estados de Minas, S. Paulo e Rio de Janeiro, uma nova colonia composta de tres Irmãos, destacada da colmeia geral, ia demandar, a pedido do insigne bispo de Porto Alegre, D. Claudio José G. Ponce de Leão, a capital do Estado de Rio Grande do Sul.

Ficaram de assistencia na villa do Bom Principio, donde haviam em breve prazo de repartir-se por todo o Estado.

A pedido do Exmo. Sr. Bispo de Belém do Pará, D. Francisco do Rego Maia, partiam a 22 de Março de 1903 para a diocese do Pará os Irmãos Luiz Chabroulin, Ludovico, Augusto e Paulo Domingos, aproando ali a 12 de Abril desse anno. Tomaram logo conta do Gymnasio de N. Senhora do Carmo, cujos estudos, mantidos até ali pelos padres francezes da Congregação do Espirito Santo,



passaram bem conceituados de suas mãos para as dos Irmãos. Desde que entraram na diocese do Pará, começaram a applicar-se á fundação de novas casas. Em Janeiro de 1904 foram por elles instituidas as escolas parochiaes de Sant'Anna, Nazareth e S. João; mettidos de permeio poucos dias, a 20 de Fevereiro, quatro Irmãos chamados pelo dominicano Frei Gil de Villanova, apostolo dos indios e fundador da cidade de Conceição do Araguaia, seguiam para aquellas paragens, levando por superior o zeloso e intrepido irmão Reginaldo. Referia-se em *A Palavra*, bi-semanario catholico do Pará, ao Gymnasio Diocesano de N. Senhora do Carmo nestes honrosos termos o já por nós tantas vezes citado venerando Senhor R. C. Alves da Cunha: "Os Irmãos Maristas mantêm no mais irreprehen-sivel asseio e têm introduzido bem bons melhoramentos na igreja de N. Senhora do Carmo e no respectivo convento, valiosas reliquias que recebemos dos nossos antepassados, pela bôa conservação dos quaes tambem dedicou-se o incansavel Padre Antonio Callado Muniz de Almeida. Aulas de instrucção primaria e especiaes de catecismo, cujos resultados proveitosos não padecem duvida, elles têm feito funcionar por diversas partes".

Na Bahia entraram os Maristas a 23 de Julho de 1904, havido o beneplacito, para se estabelecerem nesta cidade, do Exmo. Sr. Arcebispo Primaz, D. Jeronymo Thomé da Silva.

Occupa o Brazil um lugar de destaque no gremio do Instituto, tanto pela importancia das fundações, como tambem pelo numero cada vez mais crescido de professores e alumnos. Aos jovens, que se querem ligar ao Instituto Marista levados pelo attractivo de virem a ser algum dia educadores christãos, destina elle, para aperfeiçoarem a sua formação religiosa e literaria, noviciados e juvenatos em Mendes (Estado do Rio); Bom Principio, Villa Garibaldi (Rio Grande do Sul); Apipucos, arrabalde do Recife, posto sob o patrocínio da Immaculada Conceição; Sangano (Italia) e Tuy (Hespanha).

Pelo que se refere ao governo interno do Instituto, acha-se o Brazil dividido administrativamente em tres Provincias: Septentrional, Central e Meridional, a cuja frente está um Irmão Provincial, dependendo todos do Superior Geral, o qual é actualmente o Revdo. Irmão Stratonico, 5.º Superior Geral, eleito a 14 de Outubro de 1907.



Temos, portanto, em 1.º lugar, a Província Septentrional, occupando o cargo de Provincial o Irmão Alberto. Comprehende um corpo docente de 60 Irmãos distribuidos pelos seguintes estabelecimentos:

*Belém do Pará*—Gymnasio de N. Senhora do Carmo, erecto no 1.º de Maio de 1903, e o Instituto de N. Senhora de Nazareth, inaugurado a 15 de Janeiro de 1904.

*S. Luiz do Maranhão*—Collegio de S. Francisco de Paula, fundado a 2 de Abril de 1908.

*Fortaleza*—Collegio Cearense do S. Coração, principiado a 15 de Janeiro de 1916.

*Recife*—Collegio da Immaculada Conceição, fundado no mez de Fevereiro de 1911, a "Escola Operaria de Camaragibe", incumbida aos Maristas desde o anno 1904.

*Maceió*—Collegio Diocesano, aberto a 7 de Fevereiro de 1905.

*Bahia*—Gymnasio Nossa Senhora da Victoria, instalado a 23 de Julho de 1904, e o Collegio de S. José, estabelecido na villa da Esplanada de Timbó, em 24 de Janeiro de 1917.

*Apipucos*—Recife—Noviciado aberto a 2 de Julho de 1910.

Segue-se a esta, em 2.º lugar, a Província Central, occupando o cargo de Provincial o Irmão Exuperancio. Sustenta os seguintes gymnasios e collegios:

*Capital Federal*—Collegio Diocesano de S. José, a Escola de S. Joaquim; e o Noviciado, em Mendes.

*S. Paulo*—Collegio Archidiocesano, o Gymnasio Nossa Senhora do Carmo, Escola e Collegio em Cambucy e Franca e Juvenato em Mendes.

*Santos*—Gymnasio Santista do Sagrado Coração.

*Estado de Minas*—Collegio do S. Coração, em Uberaba e o Gymnasio em Varginha.

Occupa o 3.º lugar a Província Meridional consagrada ao S. Coração de Jesus, exercendo o cargo de Provincial o Irmão Lievin. Recenséa 140 Irmãos, que instituem em virtude e letras a mais de 3.000 alumnos em collegios sitos no Estado do Rio Grande do Sul nas seguintes localidades: S. Leopoldo, S. Sebastião, Santa Maria da Bocca do Monte, Uruguayana, Santa Anna, S. Gabriel, Rio Grande, Lageado, Estrella, Alfredo Chaves, Santa Cruz, Pelotas, Villa Garibaldi, Hamburgerberg, Alegrete, Bagé, Cachoeira, Porto Alegre e Bom Principio.



Ainda ultimamente se encarregaram os Irmãos Maristas da direcção d'O Asylo do Pão de Santo Antonio no Rio Grande do Sul, transformado em orfanato para meninos, com aprendizagem de artes e officios. No anno de 1910 empenhava-se o Gymnasio de N. Senhora do Carmo, no Pará, em lançar á publicidade a folha escolar *Chrysalida*, por agora suspensa.

Iniciaram os Irmãos, no anno de 1903, a publicação dos interessantes e bem redigidos *Echos do Collegio Diocesano de S. José*, primor de execução artistica, com que o Instituto mimoséa os seus alumnos, bemfeitores e amigos.

A 30 de Março de 1913 apparecia no campo da imprensa o 1.º numero do periodico mensal *Labor*, em S. Luiz do Maranhão, órgão dos alumnos do Collegio de S. Francisco de Paula, que registra o adiantamento delles.

A 2 de Janeiro de 1917 fazia 100 annos a respeito do anno 1817, que fôra fundado o Instituto Marista. Por occasião dessa data festiva distinguiu o Santo Padre Bento XV o Instituto, na pessoa do seu digno Superior Geral, o Irmão Stratonico, com uma Carta Pontificia, em que se congratulava com os Irmãos Maristas, exhortando-os a continuarem a mostrar-se filhos dignos do seu Veneravel Pae e Fundador, por cuja canonização se mostra empenhado. Com o Pae-Commum dos fieis, podemos nós tambem suspirar por que chegue dentro em breve a brilhar no firmamento da Igreja, a par de tantas outras, mais uma estrella pura, que com seu vivo fulgor realce cada vez mais o matiz das violetas do mimoso canteiro, que aformoséa o jardim das Ordens e Congregações Religiosas.

No tempo que isto se escrevia, fomos dolorosamente surprehendidos pela noticia do passamento inopinado, a 28 de Maio de 1919, do Irmão Adorator na casa do noviciado desta Congregação, em Mendes, occasionada a morte duma quéda de cavallo. Era, quando morreu, Provincial da Provincia Central. Passava já de 64 annos de idade, tendo nascido a 24 de Maio de 1855 no departamento de Saôna e Loire, em França. Entrou no noviciado de Nossa Senhora de l'Hermitage a 22 de Junho de 1871. Professou em Setembro de 1879, vindo para o Brazil em Outubro de 1901. Foi o primeiro Provincial do Instituto no Brazil, fundando nesse character as casas de Franca, Uberaba, Cambucy, Santos, Varginha, além do Collegio Archidioce-



sano de S. Paulo. Foi a descansar no repouso eterno dos trabalhos continuados aqui pelo espaço de tantos annos.

## Ordem Camaldulense



Entre os diversos ramos de instituições monasticas, que entroncam na Familia Benedictina, podemos contar a Ordem Camaldulense, como affirmamos ao tratar da Ordem de S. Bento.

De todo o ponto certo é estarem os reverendos Padres Camaldulenses de assento no Brazil, não em Parateca a 19 leguas das ribeiras do rio S. Francisco, como ali deixamos referido induzidos por informação menos segura, mas sim no Estado do Rio Grande do Sul, como adiante contará a historia.

O mesmo Revmo. Prior dos religiosos Camaldulenses, D. Miguel M. Evangelisti, é quem nos forneceu dados exactissimos sobre a sua secular e veneranda Ordem, deixando-nos perpetuamente reconhecidos por tão singular favor.

Esta Ordem puramente contemplativa, nascida antes da Ordem da Trappa, sua irman, adoptou, como esta fez depois, o habito branco, pela forma em que appareceram numa visão ao santo Fundador vestidos os seus discipulos.

Foi este o austero anachoreta São Romualdo, nascido em Ravenna no anno de 907, da nobre geração dos reis longobardos.

Constrangido a assistir, como padrinho, ao duello, que se feriu entre Sergio, seu pae, e um outro seu parente, no qual ambos se empenharam para decidir pelas armas a contenda, em que andavam sobre a posse de uma herdade, viu cair varado por uma certa estocada atirada por seu pae o outro competidor. Fez nelle grande abalo a vista de semelhante desfecho, e, tornado a Deus pela penitencia, retirou-se arrependido ao mosteiro de Classe de Ravenna, onde tomou o habito e professou a Regra benedictina, dilatando-se ali por espaço de tres annos.



Depois de alguma detença no mosteiro de Monte Cassino, partiu ao deserto, tocado da inspiração. Em Agua-bella, que ao depois se veio a celebrar com o nome de Vallombrosa, fabricou algumas cellas rusticas, promovendo entre os seus consocios a austeridade de rudes penitencias. Abandonadas as cellas, peregrinou com seus discipulos pelo deserto até chegar a um sitio chamado Campo-amavel, na Toscana, onde o conde Maldolo de Arezzo lhe doou um predio urbano, com os seus terrenos, assentado no dorso dos Appenninos, o qual do nome de seu antigo proprietario se ficou chamando *Ca-Maldoli*, termo que significa casa de Maldolo. Foi nesta solidão que, emquanto passava pelo somno, lhe arrebatou o espirito uma visão, para a qual os auctores determinam a data de 1012, na qual se lhe representaram seus discipulos por vir, vestidos em cándido habito, subindo por uma escada, que desde a terra tocava o céu. Determinou, por lhe parecer o lugar bem assombrado para a sua arte de um estreito retiro, pôr ali principio á instituição da vida eremitica, facto que os auctores referem acontecido no anno de 1012, em que teve a referida visão. Ergueu para esse effeito cinco cellas, providas de aposentos para seus discipulos Pedro Dagnino, Benedicto, Gisone, Teuzone e mais outro Pedro, fabricando tambem uma para si, e compondo outra em forma de oratorio consagrado ao Salvador.

Introduziu a observancia em varios mosteiros de Allemanha, dos quaes ha muito andava foragida. Advertido por divina inspiração estarem já cumpridos os seus dias dirigiu-se para o ermo Valle de Castro, perto á cidade de Fabiano, onde, alentado na previsão da beatitude celestial, foi lograr a perduravel vida a 19 de Junho de 1027, na idade de cento e vinte annos, cem dos quaes vividos em estreita observancia.

No mesmo anno, em que se finou, concluiu-se a obra do templo, em que intendeu o Geral, seu successor, Pedro Dagnino, o qual teve invocação do Santissimo Salvador, como elle, antes de partir desta vida, designára.

O Papa João XIX concedeu a toda a Ordem poder erigir altar a este varão de consummada virtude, instituindo-lhe a festa no dia do seu feliz transito. A Igreja, porém, dedica hoje o dia 7 de Fevereiro á sua celebridade.

Deve-se ao Beato Rodolpho I, 4.º Geral de Camaldoli, a instituição das Monáas, as quaes se encerraram no Mos-



teiro de S. Pedro de Lugo, em Mugello, bispado de Florença, desde o anno 1086.

Foi elle quem lançou o candido habito camaldulense e fez profissão á condessa Beatriz e a outras nobres matronas florentinas a 15 de Agosto desse anno, elegendo-a por primeira abbadessa do mosteiro. Mais tarde, no anno de 1099, fundou o Beato Martinho, 5.º Geral, outro mosteiro de Monjas, o qual houve nome de Santa Christina de Bolonha, situado perto a esta cidade.

Tres eram os mosteiros de Monjas Camaldulenses da obediencia do Abbade do mosteiro dos Anjos, que pelo Revmo. Geral residia em Toscana, cujos nomes eram São Pedro de Lugo, do qual fica feita menção; São João Evangelista de Prado-velho, fundado no anno 1136 por Imilda, consorte do Conde Guido Guidi, o qual demorava no dominio do Casentino, dentro do seu estado, cuja abbadessa veio a ser Imilda. Segue-se em terceiro logar o de São João Evangelista de Boldrone, fundado pelo illustre cavalleiro francez Boldrone, em distancia de tres milhas de Florença, no anno de 1191. Os mosteiros de Santa Agada e de Santa Apollonia foram instituidos pelo Beato Rodolpho, instando já o dia da sua morte, succedida em 1089. Outros mais mosteiros procederam dos que ficam nomeados. Fala destas fundações D. Gregorio Farulli em seu *Eremo di Camaldoli*. O Pontifice Pascoal II approvou a Ordem Camaldulense por Bulla publicada a 4 de Novembro de 1113.

No anno de 1085 ordenou o Beato Rodolpho estatutos escriptos para os eremitas, que Gerardo II, 24º Geral, reformou no anno de 1278, suavizando os rigores da primitiva Regra de São Romualdo. Esta, porém, continuou a ser fielmente observada no Mosteiro de Camaldoli, casa maior e cabeça da instituição eremitica.

Existem ao presente tres Congregações Camaldulenses distinctas: a eremitica de Toscana, cujas cellas estão situadas em montanhas e serras asperrimas, á qual pertencem os religiosos que se acham no Brazil; a eremitica de Montecorona, denominada tambem de Nossa Senhora da Consolação, instituida pelo Beato Francisco Justiniano em 1520, sob o pontificado do Papa Clemente VII, e a monastica, a qual se separou da eremitica no anno de 1616, durante o pontificado de Paulo V. As tres congregações nutrem em 14 casas uns 220 religiosos.

Entrou na Congregação eremitica de Toscana, em



Frascati, onde se acha retirado, o antigo bispo brasileiro, D. Frederico Benificio de Souza e Costa, o qual, eleito em Bispo do Amazonas a 8 de Janeiro de 1907 e consagrado a 19 de Março desse anno, resignou o bispado em 1914, sendo-lhe conferido então pelo Papa Pio X o titulo de Bispo de Tubuna.

O brazão da Ordem, que affixamos no cabeçalho do capitulo, foi por illustração divina revelado a um santo eremita professo desta religião, ao qual, durante a celebração da missa, se representaram em visão duas alvas pombas que, pairando sobre o calis consagrado, bebiam do precioso sangue. Decoram as refulgentes pombas o brazão camaldulense postas cada qual a seu lado do calis, designando uma a vida anachoretica e a outra a monastica, visto participar de ambas a Ordem Camaldulense. Divisa-se ainda sobre o mesmo calis uma estrella pendente. As peças assentam em campo azul do brazão, cuja orla se compõe de ramos entretecidos de louro, dentre os quaes sobresaem as insignias abbaciaes: mitra, baculo e espada, que designam a ampla jurisdicção espiritual e temporal, que exercia o Geral, o qual, a partir do anno 1616, se noméa Maioral do Santo Ermo. E'-o ao presente o Revmo. Padre D. Tommaso M. Mecatti.

\* \* \*

Deixando a quietação e descuido santo, em que viviam no ermo de Toscana, vieram os Camaldulenses assentar pousada e contubernio no Brazil, com o intento de procurarem o remedio das almas.

Volvidos nove seculos de existencia no anno de 1912, a respeito do anno 1012, em que a Ordem Camaldulense teve origem, celebrou-se esta data multi-secular com a publicação de uma esplendida obra profusamente illustrada, impressa em Florença, á qual se deu o seguinte titulo: *Il Sacro Eremo di Camaldoli (Toscana)*, donde trasladamos estas noticias. Do capitulo sob a epigraphe: *Os Camaldulenses na America do Sul*, da lavra do Revdo. D. P. Ciampelli, o qual se estende por cinco interessantes laudas da obra, vamos extractar, revestido de portuguez, o que conduz ao fio da historia, procurando que saia a traducção fiel, quanto o soffre a differença do idioma.

No anno de 1899 partiu para Italia o Exmo. Arcebispo de Porto Alegre, D. Claudio José Gonçalves Ponce de Leão,



ao primeiro Concilio Americano convocado em Roma, o qual durou o espaço de tempo, que decorre desde 28 de Maio até 9 de Julho desse anno. Tomou conhecimento com os filhos de S. Romualdo e os convidou a virem residir com elle na sua vasta diocese, na qual poderiam cumprir o preceito monastico de S. Bento: *Ora et labora*, se bem que o trabalho ali imposto não seja tanto o de beneficiar a terra, como o que urgentemente reclama a mystica vinha, pela falta, que ha, de obreiros evangelicos.

A grande colonia de Caxias, engrandecida com a cidade desse nome, que occupou o outrora denominado *Campo dos Bugres* e que cresceu, de sorte que se tornou, na phrase do estadista Julio de Castilhos, "a perola das colonias", foi a seara destinada pela Providencia á actividade dos nossos confrades. Transferindo-se para ali em Outubro do sobre-dicto anno, tiveram de passar muitas contrariedades pelos apertos, em que se viram, da necessidade. Obtiveram um extenso terreno desviado 25 kilometros do povoado principal, coberto de florestas virgens sob a influença do céu austral, onde nunca pisou homem civilizado.

Tal é, porém, a força do amor que tudo effectua, e o nosso querido e inolvidavel mestre, o bondoso Padre Ambrosio Pieratelli, triumphou com sua imperturbavel serenidade de todas estas difficuldades, podendo desta maneira chegar a ver coroados de esplendido exito os esforços e sacrificios, que lhe custou esta bella empresa. Emerge agora no coração da encantadora floresta, que faz corôa ás azuladas montanhas, que se estendem ao longo das ribeiras do Piauhy, um modesto eremeterio, ao qual poz nome *Nova Camaldula*, efficaçmente coadjuvado em tudo pelo bondoso e incansavel padre D. Miguel M. Evangelisti e pelo bom irmão converso Ermindo Dindelli.

Tendo crescido o numero dos eremitas vindos na primeira missão com os que depois sobrevieram da Italia, no anno de 1902, em uma segunda expedição, pôde-se dar principio a uma outra casa em um centro colonial muito florescente, nomeado antes Oitavaliga e hoje em dia Anna Rech, tomado o nome da viuva Anna Rech, do lugar de Pedevena, diocese de Feltre, que ali com animo varonil fixou morada, fazia então trinta e cinco annos, quando lá apenas dominava a floresta cerrada, tendo por hospedes simios e animaes ferozes.

Adquirida por traspasse uma estancia de mil metros



de comprido por trezentos de largo das mãos da mesma Anna Rech, foi construido nesse sitio o bello edificio lavrado de madeira e capaz, qual convinha para o numero de eremitas, que havia de conter, ao qual ultimamente se deu o nome de Mosteiro da Santissima Trindade do povoado de Anna Rech.

Os confrades rio-grandenses conseguiram ver retribuidos, mercê de Deus, os trabalhos e sacrificios sobrelevados com verdadeira constancia monastica, e folgam de ver seguirem a sua religião bom numero de excellentes moços de origem italiana e polaca, os quaes pretendem vestir-se do nosso santo habito camaldulense.

A extensissima parochia de Anna Rech, a cargo dos nossos, conta uns 4.000 habitantes approximadamente, pela maior parte italianos de Veneza e Lombardia, em cujo numero entram, além disso, brasileiros e gente de côr originaria dos antigos escravos africanos, a quem o governo brasileiro restituiu a liberdade, todos sem excepção catholicos decididos.

Entre demonstrações de alegria universal procedeu, a 7 de Janeiro de 1912, o nosso Padre Maioral á solemne-sagração do bello templo annexo á Nova Camaldula do Brazil.

## Padres Missionarios da Salette



Esta Congregação de Missionarios originou-se do facto da memoravel appareição de N. Senhora succedido a 19 de Setembro de 1846 na Montanha da Salette, ao Sueste da França.

Emquanto os dois pastori-nhos Melania Calvet Matheus e Maximino Giraud cuidavam do seu rebanho na corôa da-quella Montanha, feriu-lhes subitamente nos olhos a luz de incomparavel gloria, de que se lhes mostrou cercada a excelsa Rainha doo céu. Fazendo-lhes ver no meio de todo aquelle esplendor a tristeza em seu rosto, declarou-lhes a vontade de seu bemditissimo



Filho de que seu povo se voltasse para Deus, ordenando-lhes communicassem tudo isto a seu povo fiel.

No sitio collocado a 1800 m. de altitude, onde a Virgem se mostrou visivel aos felizes meninos, elevou-se, em anno que se comprehende entre os de 1852 e 1861, uma grandiosa basilica moderna, de obra romana, frequentada pelo concurso ininterrupto de peregrinações.

Como, porém, as forças de dois simples e ingenuos pastores fossem desiguaes para cumprirem a missão, que a Virgem lhes incumbiu, surgiu logo, como por encanto, uma phalange de varões apostolicos, os quaes, compenetrados do espirito da apparição, puzeram todo o seu prestimo ao serviço de uma causa tão santa.

O sabio e piedoso Bispo de Grenoble, Mgr. de Bruillard, depois de ter examinado durante cinco annos quanto concernia á apparição e consultado o promotor da fé em Roma e o mesmo Santo Padre Pio IX, interpondo-se tambem a auctoridade ordinaria do Cardeal Prefeito da Congregação dos Ritos, declarou, em 1851, certa e indubitavel a apparição de N. Senhora na Montanha da Salette, por uma pastoral dirigida a todos os seus diocesanos. Além de impulsionar a construcção dum santuario, que perpetuasse no futuro a memoria do prodigioso acontecimento, tomou sobre si o cuidado de instituir canonicamente um corpo de missionarios, que dentro daquelle sagrado recinto chamasse o povo á penitencia e o reconciliasse com Deus, designando-os pelo nome de *Missionarios da Salette*.

Muitos padres, pessoas de boas letras e virtude, respondendo immediatamente ao chamamento do seu bispo, juntaram-se em nova comunidade e tomaram a seu cuidado, desde o mez de Maio de 1852, a santa Montanha. Por espaço de vinte e quatro annos esteve esta comunidade sob o patrocínio exclusivo dos bispos de Grenoble e seguiu os estatutos provisorios approvados por Mgr. Ginouilhac.

Em 1876 permittiu-lhes Mgr. Fava ordenarem uma nova regra e congregação regular, governando-se por si mesmos, sob as vistas do Bispo de Grenoble. A approvação definitiva outorgada em Roma, em 1890, pelo Soberano Pontifice Leão XIII conferiu-lhes a sancção suprema. A partir dessa data perdeu a Congregação o seu character local e diocesano, passando a depender da auctoridade pontificia.



Satisfazendo o pedido do Revmo. Padre Archier, Superior Geral a esse tempo da Congregação, permittiu-lhes Mgr. Fava poderem abrir uma Escola Apostolica, onde os meninos, encaminhados para o estado ecclesiastico e desejosos de abraçar a carreira do apostolado, se instruissem e criassem domesticamente pelos mesmos missionarios. No dia 5 de Agosto de 1876 quinze meninos se reuniram para dar principio a esta obra, que se estabeleceu na casa de S. José, situada na entrada de Corps.

No anno de 1876, outra nova Escola se abriu em Grenoble, e, em 1900, se lhe ajuntou uma terceira estabelecida em Châtillon, junto de Chalaronne. Aos estudantes de philosophia e theologia, desde 1896, lêem em Roma as classes os Padres jesuitas da Universidade Gregoriana.

Actual Superior Geral da Congregação é o Revmo. Padre Pedro Pajot, e o Emmo. Cardeal Billot o seu protector assistente em Roma.

No escudo da Congregação apparece a Senhora assistindo em seu throno, banhada de luz, em acto de proclamar aos dois pastorinhos a mensagem de Deus.

Contorna o escudo uma letra, que, tornada do francez em linguagem portugueza, diz assim: *Se o meu povo não quer de forma alguma submeter-se, pois bem, meus filhos, fareis chegar isto ao conhecimento de todo o povo.*

Conta ao presente a Congregação 24 casas, que abrigam 173 confrades missionarios.

\* \* \*

Introduziu a Congregação dos Missionarios no Brazil o Revdo. Padre Clemente Henrique Moussier, que chegou a Santos, vindo dos Estados Unidos, a 18 de Dezembro de 1902. Querendo o saudoso D. José de Camargo Barros, Bispo de S. Paulo, tão zeloso do bem espiritual da sua diocese, que lograsse a capital do Estado de S. Paulo a primeira casa dos Missionarios da Salette acabados de aportar ao Brazil, entregou-lhes em fins de Agosto de 1904 a cura da parochia de Sant'Anna. Para tal effeito fez vir da cidade de Jahu ao Revdo. Padre Clemente Henrique Moussier, o qual, desde o 1.º de Julho de 1903, occupava ali o cargo de capellão das Irmãs de S. José de Chambéry no Collegio, que tem por titular esse santo Patriarcha.

Ficaram na residencia de Sant'Anna, em S. Paulo, quatro sacerdotes auxiliados por dois irmãos coadjutores,



os quaes, além de acudirem ao serviço da freguezia de Sant'Anna, constituida canonicamente a 25 de Novembro de 1817, servem de capellães no Collegio Sant'Anna das Irmãs de S. José de Chambéry, no hospital dos Lazaros e no Asylo da Velhice Desamparada.

O Padre Affonso Bovier, chegado ao Brazil a 8 de Novembro de 1904, e o Padre Poncet pastorearam juntos, pelo espaço de cinco ou seis annos, a freguezia de Santa Cruz das Palmeiras, na diocese de Ribeirão Preto. Tiveram porém, cremos que em 1913, de abandonar aquella freguezia para collaborarem com os Padres residentes em S. Paulo nas obrigações parochiaes da freguezia, que ali têm a seu cargo. A renovação espiritual e o serviço de Deus promovidos no bairro de Sant'Anna e no resto da parochia deve-se principalmente ao zelo destes fervorosos Padres.

Vieram os Missionarios da Salette para o Rio de Janeiro no anno de 1912. Estão ali de assento, além do Revdo. Padre Superior da Congregação no Brazil, os Padres Fidelis Willi, Eugenio Beaup e Agostinho Poncet. Têm estes padres obrigação de curas na freguezia de N. Senhora das Dôres da Salette, erecta canonicamente a 14 de Abril de 1914, e da igreja do Santo Christo dos Milagres, elevada a freguezia a 15 de Agosto de 1901.

Sustentam no campo da imprensa a revista mensal *Mensageiro de N. Senhora da Salette*, que se propõe glorificar a Virgem da Salette e contribuir para a realização dos fins da Apparição.

A redacção e administração desta revista funcionam na residencia dos Missionarios, á rua Catumby, 78—Rio de Janeiro. Os Padres desta Congregação não têm religiosas, que lhes devam obediencia.

Já N. Senhora da Salette chamou para junto de si alguns dos seus fieis servos.

Aos 26 de Março de 1919 fallecia na residencia de Sant'Anna o Padre Affonso Bovier, o qual foi receber na patria dos justos o galardão dos trabalhos continuados no progresso de cinco lustros, em terras do Brazil.

Nascido em Nax, Suissa, a 25 de Fevereiro de 1859, proferiu a profissão religiosa, na Congregação da Salette, a 21 de Junho de 1882, passando, depois de ordenado em sacerdote a 21 de Dezembro de 1887, ao Brazil. Chamava-o o bom Padre Affonso o povo, cujas benções attrahira, as quaes se terão cumprido agora no céu.



Emquanto redigiamos esta pequena memoria surpreendeu-nos a noticia do fallecimento do benemerito introductor desta Congregação no Brazil. Eis como se exprime a respeito deste triste acontecimento *O Mensageiro de N. S. da Salette*: "Extenuado pelos trabalhos apostolicos e victimado por uma pneumonia falleceu no dia 27 de Junho de 1919, festa do Sagrado Coração de Jesus, ás 3 horas no hospital da Gambôa, Rio, aonde estava pousado, o Revmo. Padre Clemente Henrique Moussier, Superior dos Padres Missionarios da Salette no Brazil, Vigario das parochias de N. S. da Salette e do Santo Christo dos Milagres.

Foi enterrado no dia 28 ás 4 horas e meia da tarde no cemiterio da V. O. T. de São Francisco de Paula, sito na parochia de Nossa Senhora da Salette, Catumby.

Quantos o conheceram, puderam apreciar o seu profundo espirito de fé, a bondade e humildade de seu coração, o fervor e a rectidão do seu incansavel zelo".

## Ordem dos Clerigos Regulares de S. Paulo Apostolo



Santo Antonio Maria Zaccaria, lançou, na cidade de Milão, os fundamentos á Ordem dos Padres de S. Paulo Apostolo. O nome, que mantêm de Barnabitas, originou-se do templo de S. Barnabé, que lhes foi doado.

Nasceu este santo na cidade de Cremona, em Italia, em fins do anno 1502, de uma familia patricia. Estudou philosophia em Pavia, donde passou á universidade de Padua.

Aos vinte annos obteve o gráo de doutor em medicina, cuja profissão seguiu. Em 1528 tomou todas as ordens sagradas.

Na cidade de Milão teve, em 1530, principio a sua Ordem. Conservava-se naquella cidade uma piedosa confraria, por nome da Eterna Sabedoria, reliquia das obras de zelo estabelecidas, cem annos atraz, por S. Bernardino de Senna. Esfriára, porém, esta associação no seu primitivo fervor. Para a repor em sua pristina inteireza conspiraram



alguns bons e generosos cidadãos, a cujo numero pertenciam Bartholomeu Ferrari e Jacques Morigia, os quaes, professando entre si estreita amizade, choravam a corrupção geral, que lavrava em toda a parte, e suspiravam por oppor um dique ao desregramento das paixões.

Convidado Antonio Maria para dirigir algumas palavras áquella religiosa assembléa, fenecida a pratica, decidiram Ferrari e Morigia, que já nutriam o desejo de abraçar o estado sacerdotal, aggregar-se a elle e entregar-lhe a direcção das suas consciencias.

Viu nisto Antonio Zaccaria effeito da Providencia e a manifestação da vontade divina. Regressa em continente a Cremona, deixando postas em ordem e negociadas todas as suas cousas, para ficar livre de cuidados terrenos. Passa depois a Guastalla, aonde o aguardava Luiza Torelli, titular e viuva, em segundas nupcias, na florente idade de vinte e cinco annos, a qual lhe entregára a direcção de todas as suas obras de caridade, entre as quaes a educação das meninas desvalidas, que foi o objecto do seu habitual desvelo. Não o desacompanhou, porém, o antigo pensamento do plano que, depois de gisado em Milão, se lhe representava constantemente. A respeito d'elle praticava a miude com o Padre Baptista de Crema; e este religioso, que fôra antes o confessor de S. Caetano, fundador dos Theatinos, insistia com elle para que o dêsse á execução.

Seguindo os conselhos de Ferrari e Morigia, veio-se estabelecer Antonio Maria, com os seus discipulos, perto da porta de Verceil, em Milão, pouco distante da igreja onde fôra baptizado Santo Agostinho. Desde os primeiros dias viu-se o numero dos tres intimos amigos augmentado com mais dois padres milanezes, Jacques de Casei e Francisco Lecchi, que se lhes quizeram ajuntar.

Já passava de um anno que se achavam agremiados sob a direcção de Antonio Zaccaria, quando decidiram consummar a empresa concebida. Juntavam-se a certas horas do dia exercitando em commum a piedade, entregando-se a conferencias espirituaes, que versavam sobre a pratica da humildade, caridade e oração, e, após ellas, distribuam-se em grupos pela cidade a annunciar a palavra de Deus, e a pôr em exercicio o que haviam aprendido. Assim continuaram em santos exercicios até que julgou o nosso santo chegado o momento propicio de solicitar do



Soberano Pontifice a aprovação da obra, que emprehendêra em bem da Igreja e utilidade do proximo.

Acolheu o Papa Clemente VII com demonstrações de jubilo a noticia desta nova instituição, dada pelo irmão de Bartholomeu Ferrari, o qual exercia junto do Pontifice o cargo de secretario.

Achava-se nessa conjunctura Clemente VII na cidade de Bolonha de partida para Marselha. Antes de se pôr a caminho, deixou encommendado que se despachasse o Breve de aprovação, o qual foi dado aos 18 de Fevereiro de 1533.

No anno de 1535 confirmava Paulo III, seu immediato successor, por Carta Apostolica, o Breve de Clemente VII, louvando a nascente religião e enriquecendo-a dos mais amplos privilegios.

Santo Antonio Maria Zaccaria foi contemporaneo de Santo Ignacio de Loyola; o mesmo zelo da gloria de Deus incendia o coração de ambos, sendo o mesmo Pontifice Paulo III quem approvou as constituições dos institutos fundados por estes dois santos Patriarchas. O mesmo Papa Paulo III foi quem, por decreto datado de 15 de Janeiro de 1535, approvou a instituição monastica das religiosas inaugurada pela condessa Luiza Torelli, posta sob a direcção espiritual de Antonio Zaccaria.

Viera a condessa com o sequito das donzellas, que reunira, assentar morada em Milão, ao findar o anno 1530. Occupou primeiro uma casa propria perto á basilica de Santo Ambrosio. Dentro em pouco ficou aquella pequena communitade em estado de nada lhe faltar para uma verdadeira communitade religiosa. Sendo a casa a par de Santo Ambrosio apertada em demasia para preencher as exigencias de um mosteiro regular, deixado aquelle primeiro local, passaram aquellas religiosas para uma morada de casas situadas ao pé da igreja de Santa Euphemia, onde se installaram definitivamente. A 26 de Fevereiro de 1536 lançava Antonio Zaccaria o habito á primeira religiosa e lhe fazia profissão. Tratava-se de dar o nome a esta congregação.

O santo Fundador fez congregar a todas as religiosas para tomar o voto e parecer de cada uma: passado um espaço, surgiu no meio deste ajuntamento uma noviça de poucos annos, que disse: "Parece-me que nos devemos chamar *Angelicas*, como aviso da vida, que devemos levar em



tudo semelhante á dos anjos". Esta proposta foi logo acceita por unanimidade e approvada pelo Santo, que se limitou a accrescentar áquelle termo apenas o nome—de S. Paulo. A Congregação das Angelicas de S. Paulo não traspassou as balisas de Italia nem se dilatou além dos seus confins, inhibida assim de introduzir-se em nosso paiz.

A devoção a Jesus Sacramentado era a poderosa arma, de que se valia Antonio Zaccaria para sujeitar as almas a Deus. Inspirado do alto deus, em fins do anno 1534, principio na igrejinha de Santa Catharina ao lausperenne durante Quarenta Horas, em memoria de egual espaço de tempo, em que o Corpo do Redemptor esteve escondido no sepulchro. Por sua industria se adoptou esta pratica na Igreja, assim como tambem se estabeleceu o costume, que nunca se perdeu nas igrejas de Milão, de dobrarem os sinos a finados ás tres horas pomeridianas de todas as sextas-feiras do anno, para commemorar egual hora e dia, em que expirou na cruz o Salvador. O Papa Bento XIV ordenou que se estendesse este uso a toda a christandade.

Em lugar de uma flôr de liz, que ennobrece o braço da familia Zaccaria, poz o santo no centro do escudo da sua Ordem a cruz redemptora, abrindo os braços sobre as abbreviaturas das duas palavras—*Paulo Apostolo*.

Rematou Antonio Maria Zaccaria seus preciosos dias na cidade de Cremona, a 5 de Julho de 1539. O mesmo Soberano Pontifice, Leão XIII, que o beatificou, por decreto de 3 de Janeiro de 1890, veio tambem a propol-o á veneração publica, a 27 de Maio de 1897.

A insigne Ordem dos Barnabitas, que tem dado á re-legião pelo processo dos tempos notaveis theologos e auctores ascetas, como o Padre Carlos Quadrupani, que tirou á luz os *Documentos da Vida Espiritual*; o Padre Alexandre Teppa, que redigiu os *Pensamentos da Eternidade*: ás sciencias physicas nomes, que se recommendam pelas conquistas do engenho, qual o de um Timotheo Bertelli, inventor do tromometro desse mesmo appellido; o de um Cavalleri, mestre do precedente, que deu a conhecer os projectores luminosos; cooperou tambem no seio da Igreja para o desenvolvimento da acção missionaria, applicando-se com todas as forças á dilatação da fé.

Vale entre os membros desta Ordem o exemplo de Jesus Christo, ao qual rendem continuo preito de adoração na sagrada Eucharistia; e o da Virgem Senhora, á qual



prestam especial culto, sob a invocação da Divina Providencia.

\* \* \*

Pertencem á Provincia franco-belga os Barnabitas residentes no Brazil, chegados ao Pará a 21 de Agosto de 1903.

Tomaram logo conta da parochia de N. Senhora de Nazareth, em Janeiro do anno de 1905. Procedeu a igreja parochial de uma simples ermida, feita de taipa e coberta de colmo, em memoria de uma imagem da Senhora encontrada por um caçador, por nome Placido, nas mattas da torcida estrada de Utinga, occupada hoje pela airosa avenida. A ermida transformou-se numa capella mais vasta e formosa, inaugurada em 1802. Foi esta substituida por uma igreja capaz, que tem servido até agora, cuja construcção, iniciada a 12 de Setembro de 1852, foi acabada no anno de 1881. No de 1909 inauguraram os Barnabitas a abertura dos fundamentos de uma grande basilica, que virá a substituir a matriz da parochia, aonde é grande e continuo o concurso dos devotos, a visital-a. Elles têm procurado aplanar as difficuldades, que não faltaram para impedir este projecto, e já a construcção sobe bastante adiantada. O estylo desta basilica, modelada pela de S. Paulo *extra-muros*, será o romano. Virá a constituir este grandioso templo, depois de acabado, um hymno de gloria entoado em honra da Mãe de Deus, um poema admiravelmente cinzelado em granito, que ficará attestando pelos seculos afóra a magnificencia do catholicismo.

Além da parochia de Nazareth, têm os Barnabitas á sua conta o externato de N. Senhora de Nazareth, no Pará, e sustentam, com brilho, os credits adquiridos pelo Gymnasio de N. Senhora do Carmo. A elles devem ali as classes menos favorecidas da sociedade a instituição da *sopa para os pobres*, a qual, posto que simples e restricta, não deixa de ser um beneficio apreciavel.

A 20 de Dezembro de 1908 encarregavam-se estes religiosos de reitores de almas nas duas parochias da cidade de Caxias, no Estado do Maranhão, dilatado campo, que Deus lhes repartiu para cultivar.

Formam os Barnabitas uma communidade de sete pessoas na cidade do Rio, em cuja Archidiocese se matricularam no anno de 1907, segundo consta do *Annuario*.



*Ecclesiastico* della. A 15 de Fevereiro de 1909 inauguravam ali um collegio, cujo titular é Santo Antonio Maria Zaccaria, o qual mantem a frequencia de 200 alumnos. Era muito digno reitor deste estabelecimento de ensino, no anno de 1913, o Revdo. Padre Paulo Maria Lecourieux, a cuja captivante fineza devemos a maior parte destas noticias. Succedeu-lhe no cargo o Revdo. Padre Alexandre Carozzi, que o passou ao Revdo. Padre Francisco Richard.

Actual reitor deste externato é o Padre Luiz Bolzarotti.

E' dignissimo Superior Provincial no Brazil o Revmo. Padre C. Richert. Foi-lhes tambem encommendada no Rio a cura da capella de N. Senhora da Providencia, Auxiliadora dos Christãos.

Pode cada um facilmente ponderar por si mesmo a grande somma de actividade, que desenvolvem estes religiosos numa cidade movimentada, qual é o Rio, no exercicio das multiplas obrigações do seu ministerio. Tomam tambem a penna em defesa da religião catholica, divulgando no Pará a revista mensal *Voz de Nossa Senhora de Nazareth*. No anno de 1911 deram os Barnabitas á imprensa, em Belém do Pará, o *Almanack Nossa Senhora de Nazareth*, profusamente illustrado.

Os Barnabitas, como acenamos acima, não têm no Brazil religiosas, que lhes devam obediencia: offerecem apenas o prestimo da sua direcção ás comunidades, que recorrem ás suas luzes. Por bastante tempo tiveram cuidado da direcção espiritual do Pensionado, mantido no Rio pelas Religiosas da Assumpção de Santa Thereza. Por falta, porém, de pessoal tiveram de suspender este exercicio de zelo, conforme se dignou elucidar-nos o Revdo. Padre Mauricio Girardin, illustre alumno desta nobre Familia religiosa.



## Ordem Monastica da Trappa



Entre a grande diversidade de famílias religiosas, variedade com que Christo lavrou e bordou as vestiduras reaes da Igreja sua esposa, resplandece a Ordem Trappista, na qual se propõe aos agricultores christãos um vivo exemplar do trabalho santificado pela oração.

Os Trappistas são religiosos reformados da Ordem de Cister, a qual, por sua vez é um braço ou ramificação do tronco principal da Ordem de S. Bento. A mesma Ordem da Trappa proclama no brazão, que encabeça este capitolo, ser filha da Ordem Cister por estas expressas palavras, que formam a sua divisa: *Cistercium mater nostra-Cister nossa mãe*.

Procedendo da Ordem de S. Bento a de Cister, eram comtudo os monges de Cister os de habito branco pela sua alvura e os de S. Bento os de habito preto. Já em 1309 Joinville, companheiro de armas de S. Luiz, Rei de França, escrevendo a historia da vida deste soberano, dizia estas palavras: "Ces halles sont faites à la guise des cloîtres des moines blancs", referindo-se por este termo aos monges cistercienses. Mais chegado aos nossos tempos dizia Almeida Garrett: "Segundo as côres das suas cugulas os monges bernardos ou de Cister eram os brancos, e os benedictinos os negros".

"Cabe ao glorioso Estado de S. Paulo, diz Mgr. Nascimento Castro em um dos magistraes artigos de fundo sobre *As Ordens Religiosas*, dados á estampa no *Correio Paulistano*, a felicidade de possuir esta ordem monastica admiravel pela austeridade de sua vida e pelo seu devotamento ao trabalho. Maristella, no municipio de Tremembé, pode-se affirmar que já constitue grande escola christã de trabalho agricola e que, cada vez mais, vae-se tornando um centro prospero de irradiações beneficas".

Antes, porém, de entrarmos a narrar os successos particulares, por que passaram os Trappistas no Brazil, pede a clareza que expliquemos as origens desta vene-



randa Ordem, primeiro em França, seu berço, e, logo depois, em Portugal.

Cister era uma solidão retirada da convivência com o povoado, situada na diocese de Châlons, junto do Saôna, cinco leguas distante de Dijon. No anno de 1098, S. Roberto, abbade de Molesmo, na diocese de Langres, transplantou para ali uma colonia constituída pelos seus mais aproveitados discipulos. Voltando S. Roberto para Molesmo, deixou ali por successor a Santo Alberico, seu discipulo, o qual deu á novel Ordem uma constituição definitiva, vazada nos moldes e accommodada ao estylo da vida dos antigos padres do ermo. Os monges de Cister cumpriam rigorosamente os conselhos evangelicos; e eram pasmosas as suas austeridades. A inveja dos inimigos e um ramo de peste, que deu por aquelles contornos, desviavam daquelle sagrado retiro os aspirantes á perfeição.



Restaurador da disciplina monastica em Cister foi, no anno de 1113, S. Bernardo, aquella figura etherea e sobre-humana, que se destaca entre as que mais brilharam no scenario daquelles heroicos tempos. Cister adquiriu seu antigo brilho, quando viu transferida a seus canteiros a aromatica *flôr do nardo*, que isso quer dizer Bernardo, a quem seguiram no mesmo genero de vida trinta socios de distincta fidalguia. De toda a parte accorria risonha mocidade a entregar-se á direcção de S. Bernardo.

Promovido á dignidade abacial passou Bernardo para o mosteiro de Claraval, em 1115, acompanhado de doze monges, de cujo numero eram seus irmãos; tornando-se dentro em pouco a *filha de Cister* mais celebre que a sua propria mãe. De Claraval provieram outras fundações, uma das quaes foi, em 1118, a abbadia das Tres Fontes.

Floresceu esta Ordem dum modo maravilhoso em Portugal.

E' relator disto Pedro Diniz, o paladino das Ordens Religiosas em Portugal, na sua primorosa obra já tantas vezes aqui citada:

"Nos principios do seculo XII respeitaveis Ordens se estabeleceram em Portugal. Foi a primeira a dos Bernar-



dos, que teve umas vinte e sete casas religiosas. Dizem tradições que S. João Baptista revelára a S. Bernardo que seria cousa muito grata ao céo fundar neste reino um convento da sua Regra. S. Bernardo escolheu logo alguns monges de exemplar virtude, e os enviou com recommendação ao anachoreta João Cerita. O primeiro convento da Ordem, em Portugal, foi dedicado a S. João Baptista. A primeira pedra dessa nova fabrica foi lançada pelo piedoso monarcha D. Affonso, depois de ter sido benta pelo bispo de Lamego.

Pelo tempo adiante foram-se edificando outros conventos, sendo o mais estupendo de todos o de Alcobaça, que veio a ser cabeça da Ordem, depois que os conventos de Cister foram unidos em Congregação pelo Papa Pio V, no anno de 1580. O Geral da Ordem, Frei Antonio Brandão, no anno de 1672, dividiu os religiosos em turmas, para estarem continuamente no côro, louvando a Deus, de dia e de noite, sem interrupção”.

O primeiro mosteiro cisterciense, de S. João Baptista, foi fundado em Tarouca cerca do anno 1120; o de Alcobaça, fundado por D. Affonso Henriques, foi principiado a 22 de Fevereiro de 1148. Deve-lhes Alcobaça o terem transformado brejos maninhos e charnecas em povoados, que surgiram nos 120 coutos pertencentes ao mosteiro dos filhos de S. Bernardo.

Da parte que toca ao Brazil, já em antigas éras estiveram os filhos de S. Bernardo de passagem neste paiz. Foi esta noticia lançada pelo V. Padre Anchieta na carta escripta por elle ao Padre Diogo Laines, Preposito Geral da Companhia, de S. Vicente a 8 de Janeiro de 1565, (Annaes da Bibliotheca Nacional. Vol. II, pag. 72) e consta outrosim da informação enviada por elle ao seu Geral depois do anno de 1585. Substanciemos o que se contém mais ao largo nesses documentos. Segundo o que ali diz, Nicoláo Durand de Villegaignon, de volta para França, enviou ao Rio de Janeiro sete, oito ou doze frades de habito branco, francezes, os quaes, segundo parece, deviam ser da Ordem de S. Bernardo. Mas como Villegaignon, sabida a destruição de sua torre, não quiz tornar ao Brazil, ficaram os religiosos sem amparo, e não somente desfavorecidos mas perseguidos dos herejes.

Estes, como se soube dos mesmos Tamoyos, assentaram seu recolhimento entre elles mesmos, e fizeram semen-



teiras de mantimentos por um anno, e ali permaneciam e viviam apartados dos seus, dos quaes eram perseguidos e maltratados, porque diziam missa, e dos indios selvagens crueis eram tratados com muita humanidade, e alguns lhes davam os seus filhos para serem ensinados, e elles os traziam vestidos com seu habito, padecendo comtudo muito trabalho de fome.

Vendo-se elles tão perseguidos dos seus e que com os gentios não podiam fazer fructo, tornaram-se para França, como pretendiam; e ainda é de crer que os mesmos francezes os levaram, por não seguirem a reprovada seita de Calvino, e, segundo contou um indio, no caminho mataram alguns delles e, chegando a França, acabaram de matar os outros. Até aqui o Padre Anchieta pelas suas formaes palavras.

Era religioso da Ordem de S. Bernardo, incorporado no mosteiro de Alcobaça, D. José Fialho, Bispo de Olinda, que depois foi promovido ao Arcebispado da Bahia a 26 de Julho de 1738, chegando ali em Fevereiro de 1739.

Em tempos chegados a nós se estabeleceu definitivamente esta Ordem no Brazil. O Revdo. Padre Frei Mauro Guyot, actual Prior e antigo Mestre de noviços trappistas em Tremembé, é quem vae esclarecer este passo historico com a sua fluente e auctorizada penna.

Decorreu a Ordem de Cister a idade media animada do primitivo espirito de S. Roberto, abbade de Molesmo, e de S. Bernardo, abbade de Claraval. No processo do tempo, a Ordem, esfriada no cuidado da perfeição e decahida do antigo fervor, teve de admittir muitas reformas, a principal das quaes foi a da Trappa, tomada a designação do mosteiro desse nome, onde ella se instituiu.

Presidia a este mosteiro, fundado em 1140, no anno de 1662 o austero abbade João de Bouthillier de Rancé, o qual, após uma vida de dissipação passada nos salões de Paris, tocado pela graça divina, desperta do somno lethal, em que jazia, e, renunciando a todas as frivolidades, apparece á vista do mundo todo como um outro S. João Baptista para prégear a penitencia e suscitar, para gloria do Senhor, uma geração escolhida e perfeita. (\*) A reforma da

(\*)—Amando João Bouthillier de Rancé nasceu em Paris, a 9 de Janeiro de 1626. Na idade de 10 annos recebeu ordens menores e em 1651 ordenou-se em sacerdote, dizendo a primeira missa na Cartuxa. Entregou a alma a Deus a 16 de Outubro de 1700 aos 74 annos de idade, trinta e sete dos quaes empregados no exercicio da penitencia.



Trappa, assim ordenada e promovida por elle não tardou a ser abraçada por muitos outros mosteiros da Ordem Cisterciense. Deriva dahi o nome de Trappa dado a todos os mosteiros, que seguiram a reforma de Rancé, cujos religiosos possuem desde então o nome de Trappistas.

Esta nova esquadra de soldados de Christo tornou-se desde logo o espelho da vida monastica, repondo em todo o seu vigor as austeridades afrouxadas e convencendo, por um constante exemplo, que a penitencia medieval se adapta e pertence a todos os seculos.

Na epoca da revolução franceza passou a Trappa pelas mesmas vicissitudes, que as demais corporações religiosas, incorrendo, em 1790, nos effeitos da dispersão e do exilio. Serenada a tempestade, puderam os Trappistas reentrar em França, subdivididos já em tres Congregações. Tendo, em 1892, o Papa Leão XIII manifestado o desejo de reunir em uma só Ordem as tres Congregações da Trappa, convocou para este fim um Capitulo Geral em Roma no mez de Outubro. Resultou d'elle a união das tres Congregações sob o nome de Cistercienses Reformados, debaixo da obediencia de um Abbade Geral. A escolha para esta prelazia recaiu em D. Sebastião Wyart, que então desempenhava o cargo de abbade no mosteiro de Sete-Fontes. Consta esta Congregação de 58 mosteiros povoados por uns 3.472 monges. Cabe-lhe a gloria de ter empreendido a fundação do primeiro estabelecimento de Trappistas no Brazil.

\* \* \*

Corria o anno de 1903 quando, a 25 de Julho, tomava terra brasileira o primeiro representante da Ordem de Cister, encarregado de estabelecer a primeira Trappa na terra de Santa Cruz. Era D. João Baptista Chautard, abbade de *Sete-Fontes*, o qual vinha conhecer de vista a terra de Colombo e examinar por si mesmo as garantias que o Brazil offerecia ás Ordens religiosas.

Transcrevamos neste ponto uma passagem da obra do Revdo. Padre Joseph Burnichon: *Le Brésil d'aujourd'hui*, que serve de complemento á narrativa de Frei Mauro Guyot.

O muito Revdo. abbade, D. Chautard, encontrára nas auctoridades brasileiras um acolhimento animador. Ouvira da bocca do Presidente da Republica estas palavras:



Não só uma, mas antes vinte Trappas quizeram eu ver estabelecidas no Brazil.

O Revdo. Padre Aleixo Ducret, homem empreendedor e de execução, como agente incumbido de encontrar um local accommodado, tinha baldadamente recorrido varias regiões á procura de alguma, aonde os europeos pudessem entregar-se á faina da lavoura, sem prejuizo certo da saude e perda da propria vida. Chegou a dizer-me que entrava já a descoroçoar, quando teve noticia da *fazenda das Palmeiras*. Era uma roça, de que seu dono se pretendia desfazer, por terem diminuido os lucros, que della auferia em consequencia da abolição da escravatura e da crise, que atravessava a safra do café.

Contava de comprido quatro a cinco kilometros, desdobrando-se desde as ribeiras do Parahyba até entestar com a enorme montanha, que na extrema se levanta majestosa, abrangendo uma área de cinco a seis mil hectares. Concorriam nella todas as vantagens da topographia com os mais variados accidentes: o raso da campina aravel proprio para cultivar, as lombadas e encostas do massico montanhoso bem expostas e convenientemente saneadas, remontando-se por fim na orla da fazenda as cumiadas da montanha vestidas de denso arvoredor, perenne reservatorio de frescura e remanso de solidão e paz. Um sitio de tanta commodidade, que seria certamente requestado pelos antigos monges medievales, tinha-o guardado a Providencia para os nossos carissimos Trappistas, pelo que nos felicitamos por os ver entrados na posse delle".

Prosigamos, porém, a narração sobresaltada de Frei Mauro Guyot. Só no anno seguinte de 1904 é que, após multiplas diligencias, entrou o Prior D. Chautard em negociações com o Barão de Lessa, e se veio a firmar o assento de compra da fazenda Palmeiras, na diocese de Taubaté, aonde se acha actualmente implantada a Trappa de *Maristella*. Passado pouco tempo, chegava ao Brazil a primeira missão de treze filhos de S. Bernardo, conduzida pelo seu Prior, D. Nivardo Cavanat.

Installava-se assim, a 13 de Setembro de 1904 o primeiro Mosteiro da Trappa brasileira, que houve o nome de *Nossa Senhora de Maristella*.

Decorreram em afanosos trabalhos os primeiros mezes de gasalhado da Familia Trappista, na antes perdida e agora recuperada fazenda das Palmeiras, na região do



valle do Parahyba, constituida em sua maior parte por terras baixas, alluviaes e pantanosas, consideradas até ali impróprias para qualquer cultura. Mas era essa precisamente a terra escolhida pelo Divino Mestre para morada de sua Santissima Mãe, onde melhor podia fazer luzir a missão Trappista, cujo trabalho fomenta a agricultura.

Os terrenos paludosos da varzea do Parahyba estão hoje em dia transformados nas imponentes culturas do *Berisal*, onde se pode admirar o trabalho aturado da sementeira do arroz por irrigação de 900 alqueires, que dão um verdadeiro oceano de gradas espigas. Em Agosto de 1907 deu-se principio a essa cultura.

E' conhecida de todos a indolencia dos povos ribeirinhos acariciada pela abundancia da pesca, de que vivem, junto ás margens dos rios piscosos, indolencia que os reduz á ultima miseria. No entretanto, os piraquaras, que assim se chamam os moradores de Tremembé, quasi dizendo em tupi *logar de pesca*, sentiram-se abalar do torpor, em que se lhes embalava a existencia. Ao principio fizeram-se surdos ao convite, com que os padres os incitavam a trabalhar; elles, porém, não desanimaram, donde se colhe a superioridade da acção das corporações religiosas, assidua e perseverante, em confronto com a das suas semilares profanas. Não ha resistencia que não ceda á força do exemplo. Apostolos do trabalho, pioneiros do bem, conseguiram os Trappistas convencer esses camaradas de que o trabalho não é um castigo, mas uma imposição salutar e garantia de remuneração.

Uma nova geração formada em modernos processos de trabalho abandona hoje a vida ociosa e rotineira de pescador, dá-se, com os Trappistas, á faina da agricultura, prompta e contente. Não se cifra só nisso a educação do pessoal: na escola de religião, que frequentam, vão aprender a respeitar, garantir e zelar a fazenda alheia.

Os agricolas da Trappa deixaram de morar em palhoças e de dormir sobre a terra extreme, em detrimento da saude; têm todos casas de habitação hygienicas, em cujos compartimentos penetra a luz do sol, dormem todos em seus giráos de madeira, levantados do chão uns 0,70 ao menos. Reduzindo esta materia a poucas palavras, a austera disciplina da vida dos Trappistas representa uma verdadeira escola agricola, applicam-se a lavrar a terra, e, como fructo desse trabalho, educam, doutrina, ensinam e recolhem copiosa pesca de almas.



Para confirmar os conceitos historicos do dignissimo Prior dos Trappistas de Tremembé, vamos adduzir aqui as palavras pronunciadas no salão do Instituto Geographico e Historico da Bahia, na sessão solemne de 3 de Maio de 1917, pelo distincto orador e homem de sciencia, o Sr. Dr. Theodoro Sampaio, em quem a causa das Ordens Religiosas encontrou sempre um grande preconizador. Falando de vista dizia o illustre technico:

“O valle do Parahyba, que eu já vira em outro tempo, e não ha muito, com o aspecto das charnecas abandonadas, transforma-se hoje numa pradaria extensa sob o manto verde avelludado dos arrozaes. Os frades da Trappa de Tremembé, dos campos humidos, que o Parahyba, de quando em vez, invade, fizeram incomparavel grangearia de arroz, jardim, toda ella, entre canaes que regam, canaes que enxugam ou drenam, canaes que servem aos transportes por barcos, onde já não vae a machina locomovel; grangearia, que é escola para toda aquella região, que é estimulo e exemplo para toda a visinhança de lavradores outr’ora succumbidos e agora restaurados na confiança do trabalho”.

Num registro do Bom Jesus de Tremembé, vulgarizado pelos religiosos Trappistas, fomos deparar com alguns dados interessantes, cuja exposição faz ao proposito da nossa historia.

O Mosteiro dos Trappistas de Nossa Senhora de Maristella, posto á sombra do santuario do Bom-Jesus de Tremembé, diz esse documento, consta ao presente de 24 religiosos de côro e de 28 irmãos conversos, sob a direcção do Prior Dom Nivardo Cavanat, constituindo uma dependencia da abbadia franceza de Sete-Fontes.

Passa-se a vida dos Trappistas em perpetua ausencia do povoado, na paz inalteravel e alegria do Espirito Santo, repartida entre a oração, já liturgica, solemne e publica, já retirada, o estudo das sciencias ecclesiasticas, philosophicas e naturaes e o trabalho de mãos. Pela reza ecclesiastica unem-se em espirito aos anjos, para assim consociados glorificarem perennemente a Deus. O silencio da oração e as leituras de piedade enlevam a alma e avivam nella o amor a Christo Crucificado, em união com a Virgem Santissima, Padroeira da Ordem.

O trabalho agricola, tomado a exemplo dos labores sobrelevados por Jesus-Christo em Nazareth com o fim de



expiar os peccados dos homens e de franquear o paraíso ás almas, serve de util diversão ao espirito no espaço, que vaga do exercicio da oração e do estudo. Delle resulta ajudarem os religiosos em uma grande parte a despesa commum da sua sustentação e contribuirem para o bem-estar das populações circumvisinhas, offerecendo-lhes diversas obras pias como sejam: o Apostolado da Oração, escolas, dispensarios, etc.

*Trappistinas*—Data a sua instituição do anno 1796, em que as installou em Valais, na Suissa, o Revmo. Abbade Geral por nome Augustinus.

A 23 de Janeiro de 1908 chegavam a Tremembé as primeiras Irmãs Trappistinas, trazendo a tenção de tomarem a seu cuidado o santuario do Senhor Bom-Jesus e de cuidarem do trato do altar, procurando manter vivo o seu culto. Fundaram casa junto da igreja em terreno doado por um zeloso catholico, que fica situado sobre a margem direita do Parahyba.

Após o indispensavel trabalho da adaptação do predio, era solemnemente inaugurado e benzido o Mosteiro, a 14 de Junho de 1910, recebendo a invocação do Sagrado Coração do Bom-Jesus de Tremembé.

Não empregam aquellas abnegadas religiosas o tempo só no silencio e na oração: é sem interrupção o trabalho, que tomam, em adestrar em varios misteres e prendas as moças, que ali se vão habilitar, para poderem vir a ganhar o sustento e a merecer por si.

Na Memoria, que, sob a epigraphe *Tremembé—Apontamentos historicos—chorographicos e estatisticos*, apresentou o Sr. V. Coelho de Carvalho ao 2.º Congresso Brasileiro de Geographia reunido em São Paulo, no anno de 1910, acha-se o elogio seguinte:

“A confirmar ainda os nossos conceitos está a recente fundação do Mosteiro das Trappistinas nesta cidade, estabelecimento religioso onde a industria manufactureira acompanha as praticas do culto. Fabricam em machinas apropriadas, rendas, bordados, tecidos de malha, passamaria, etc”.



## Congregação dos Irmãos das Escolas Christãs



João Baptista de la Salle nasceu em Reims a 30 de Abril de 1651 e falleceu em Ruão a 7 de Abril de 1719. Tocava ainda de parente com o celebre Padre Marquette, descobridor, em 1673, do rio Mississipi, a quem por decreto do Estado de Wisconsin lavrado a 23 de Março de 1887, foi erigida uma estatua no capitolio de Washington.

O espirito do eximio conego de Reims, João Baptista, estendia-se a grandes empresas. No anno de 1684 fundava na cidade de Reims o Instituto dos Irmãos das Escolas Christãs, que tem por emprego a educação religiosa dos meninos, principalmente pobres. Quando passou a melhor vida, deixou em exercicio 22 estabelecimentos. No anno de 1840, durante o Pontificado de Gregorio XVI, foi introduzida a causa da sua beatificação, a qual veio a ser decretada pelo Santo Padre Leão XIII, a 19 de Fevereiro de 1888. Accrescentou o mesmo Pontifice novo brilho á sua aureola de bemaventurado, inscrevendo-o no catalogo dos santos a 24 de Maio de 1900.

O Instituto foi approved e erecto em congregação por Bulla do Papa Bento XIII, expedida a 26 de Janeiro de 1725.

Em França foi este Instituto approved como Associação religiosa consagrada ao ensino. Na data de 28 de Setembro de 1728 foi-lhe, por cartas patentes de Luiz XV, conferida personalidade civil. Foram seus alumnos desterrados de França no anno de 1792, sendo readmittidos no de 1802, em que viram funcionar de novo as suas escolas. O decreto de 17 de Março de 1808, que restabeleceu e reformou o ensino geral, reconheceu-os como addictos á Universidade quanto ás materias do ensino primario.

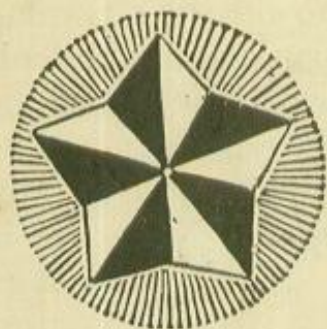
Quando o Instituto dos Irmãos das Escolas Christãs foi, em França, alvo das investidas da revolução, tomou a sua defesa o sabio padre Francisco Maria Moigno. Este, para tornar conhecida a posição providencial, que este



santo Instituto occupa no gremio do mundo christão, são palavras suas, reproduziu no tomo 4.<sup>o</sup> da sua obra monumental *Os Esplendores da Fé*, que viram a luz do mundo em 1879, a extensa carta de Mr. Graniez de Cassagnac, a favor dos Irmãos.

Elles visitaram o Canadá no anno de 1737 e, no de 1840, tomou o Instituto posto na cidade de Montreal, São Lourenço. No anno de 1863 foram dez Irmãos chamados por Garcia Moreno para o Equador, onde abriram escolas nas cidades de Cuenca, Quito e Guayaquil.

Actual Superior Geral do Instituto é o Revdo. Irmão Himerio de Jesus, nascido em Santa Radegunda, diocese de Rodez, a 9 de Janeiro de 1855. Foi eleito como successor do Irmão Gabriel Maria, no anno de 1913, vindo perfazer o numero de quinze Superiores Geraes, que governaram o Instituto.



*Os Irmãos das Escolas Christãs no Brazil.*—Em Abril de 1907 vinha fixar habitação no Brazil uma comunidade constante de doze Irmãos, dos quaes sete eram francezes, dois allemães, dois belgas e um portuguez. Intenderam logo nesse anno, ou no immediatamente seguinte, na instituição de varios externatos e internatos no Estado do Rio

Grande do Sul. Correndo o anno de 1913 contava a Congregação no Brazil 45 Irmãos, aos quaes incumbia a direcção dos seguintes estabelecimentos de ensino: Collegio de São José, em Canôas, Porto Alegre, fundado no anno de 1908. Consta de um Internato Commercial sustentado por 21 Irmãos, que leccionam 210 alumnos internos; e de uma escola gratuita concorrida por 80 externos.

Superintendia á sua direcção superior, na éra de 1913 o Irmão Pedro, o qual generosamente nos forneceu, nesse mesmo anno, as noticias particulares, que aqui deixamos escriptas. Neste instituto de ensino reside o Revdo. Irmão Fabiano, actual Provincial da Congregação no Brazil.

Collegio de Nossa Senhora das Dôres, em Porto Alegre, principiado no anno de 1907. Assistem nelle 10 irmãos, **que** subministram instrucção a 180 alumnos externos.

Collegio em Navegantes, fundado em 1907. As suas aulas, assistidas por 140 alumnos externos, são regidas por quatro irmãos.



Collegio em Caxias, instituido em 1908. Seis irmãos fazem ali o officio de mestres para com 150 alumnos externos.

Collegio em São Lourenço, erecto em 1909. Cinco irmãos desta Congregação professam os deveres do magisterio para com 100 alumnos externos, que ali se instruem

## Congregação dos Missionarios do Sagrado Coração de Jesus



Foi fundador desta Congregação o Padre Julio Chevalier, nascido em Richelieu, diocese de Tours, a 15 de Março de 1824. Frequentou o seminário de Tours, e, concluidos os estudos, que o habilitaram para o sacerdocio, foi nomeado Vigario de Issoudun, onde a 8 de Dezembro de 1854, dia da definição dogmatica da Immaculada Conceição, lançou os fundamentos a esta Congregação.

A vida do veneravel Fundador foi uma serie continua de trabalhos e sacrificios. Dedicou-se tambem a escrever, e as suas obras principaes tiradas á luz, são: "O Sagrado Coração" e "Nossa Senhora do Sagrado Coração segundo a Biblia, os Santos Padres e a Theologia". Foi finalmente gozar do fructo dos seus trabalhos a 21 de Outubro de 1907.

O Papa Pio IX, publicou o decreto laudatorio da Congregação no anno de 1869, sendo ella solemnemente approvada em 1874. As Constituições, pelas quaes se regem os seus membros, receberam approvação definitiva da parte de Leão XIII em 1891. Superior Geral da Congregação é presentemente o Revmo. Padre Eugenio Meyer.

\* \* \*

Os primeiros padres desta Congregação, que aportaram ao Brazil no mez de Maio de 1911, foram os reverendos Adriano van Iersel, que foi residir em Pouso Ale-



gre-Baurú—Campinas, e Luiz Kauling, que residiu em Pouso Alegre—Botucatú-Baurú, até Março de 1916.

Sobre o numero destes religiosos, que vieram então, cresceram depois outros. Em Outubro deste mesmo anno chegaram ainda mais tres padres com tres irmãos leigos. No anno de 1913 vieram para a missão tres padres; no de 1914, dois padres e um irmão; no de 1915, quatro padres; no de 1916 outros quatro padres; e, no de 1918, dois padres e dois irmãos.

Nem todos os que vieram ficaram no Brazil, muitos dentre elles reviraram á terra da sua naturalidade.

A missão do Brazil depende directamente da Provincia Neerlandica estabelecida em Hollanda. A residencia permanente do Provincial é em Tilburg, que é a casa matriz da Congregação. Conta ella no Brazil 17 sacerdotes e 5 irmãos leigos, perfazendo um total de 22 sujeitos.

Sendo tão diminuto o pessoal, de que consta, é de admirar a multidão de parochias, igrejas e capellas, que administram, achando elles aqui umas já edificadas restaurando e construindo outras de novo, valendo-lhes esta grande actividade o nome, por que são conhecidos de *padres constructores*.

São em numero de oito as residencias principaes, que habitam, donde saem, em prazos determinados, para administrar os ministerios do seu instituto, tornando a demandar o mesmo local, para retemperarem o espirito nos exercicios da communidade.

1.<sup>a</sup> residencia—*Baurú*, fundada em Dezembro de 1913, no Bispado de Botucatú sob o governo de D. Lucio Antunes de Souza, Estado de S. Paulo. E' ali vigario o Revdo. Padre Francisco van Der Maas, coadjuvado por dois padres e um irmão leigo. Além da Matriz do Espirito Santo exercem os ministerios em mais nove capellas.

2.<sup>a</sup> residencia—*Arcado*, fundada em Março de 1915, no Bispado de Guaxupé presidido por D. Antonio Augusto de Assis, Estado de Minas. Exerce as funções de vigario o Revdo. Padre Nicoláo Ruyter. Intende no serviço da casa um irmão leigo. Além da Matriz de S. Sebastião têm o encargo de outras sete capellas.

3.<sup>a</sup> residencia—*Alfenas*, fundada em Julho de 1915, sita no mesmo Bispado e Estado. E' ali vigario e superior interino o Revdo. Padre João Baptista Van Rooyen. Tem por coadjuutores a um padre e a um irmão leigo.



Além da Matriz de S. José e de N. Senhora das Dôres, foi-lhes encarregada a cura de doze capellas. Têm além disso cuidado da Santa Casa da Misericórdia.

4.<sup>a</sup> residencia—*Itajubá*, fundada em Dezembro de 1915 no Bispado de Pouso Alegre, a que preside D. Octavio Chagas de Miranda, Estado de Minas. Assistem ali dous padres: o Reverendo Christiano Pilzecker, vigario de Pirangussú, e o Reverendo João-Evangelista Galiart, capellão das Irmãs da Provincia. Além da Matriz de Santo Antonio de Pirangussú, assumiram o encargo de tres capellas.

5.<sup>a</sup> residencia—*Machado*, fundada em Dezembro de 1915, no Bispado de Guaxupé, Estado de Minas. Tem por vigario ao Revdo. Padre Achilles Tritsmans, ao qual coadjuva mais outro padre. Além da Matriz da Sagrada Familia e de Santo Antonio, curam tres capellas e percorrem periodicamente em excursão apostolica cinco bairros.

6.<sup>a</sup> residencia—*Machadinho*, fundada em Dezembro de 1915, no Bispado de Pouso Alegre, Estado de Minas. Tem por vigario o Revdo. Padre Huberto van T. Westeinde, assistido no serviço domestico por um irmão leigo. Além da Matriz de S. Francisco de Paula, ministram em mais duas capellas.

7.<sup>a</sup> residencia—*Pirajuhy*, capellania de Baurú, fundada em Novembro de 1916, no Bispado de Botucatú, Estado de S. Paulo. Residem ali dous capellães: o Revdo. Padre Arnaldo Geerts e o Revdo. Padre João Evangelista van Dommelen, auxiliados por um irmão leigo. Além da igreja de S. Sebastião, percorrem em ministerio religioso sete capellas e fazendas.

8.<sup>a</sup> residencia—*Campinas*, fundada em Fevereiro de 1917, Bispado de Campinas, de que era Pastor D. João Baptista Corrêa Nery. Estado de S. Paulo. E' superior da residencia o Revdo. Padre Geraldo Vesters. Assistem ali quatro sacerdotes: os Reverendos Padre Adriano van Iersel, capellão da igreja provisoria de S. José, professor e economo no Collegio Diocesano, Padre Francisco Deckers, professor no Collegio Diocesano, Padre Marino Pover, professor no Collegio Diocesano e capellão de S. Vicente, Padre Luiz Gonzaga Van Woesik, professor no Collegio Diocesano. Além da capella de S. José, em Villa Industrial, em que servem de parochos, exercem os seus ministerios em mais tres capellas.

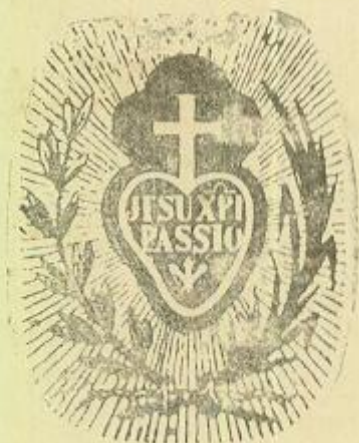


Estão construindo o templo ou santuario de S. José, que, depois de acabado, medirá 40 metros de altura, 50 de comprimento e 20 de largura.

Modelam na perfeição christã a numerosos membros de varias associações catholicas, como sejam o Apostolado da Oração, a Archiconfraria de N. Senhora do S. Coração de Jesus, a Confraria do Rosario, a Irmandade do Divino Espirito Santo, a Irmandade de S. Benedicto, a Associação dos Santos Anjos, a Congregação de S. Geraldo, as Conferencias de S. Vicente de Paulo, a União das Filhas de Maria, a Associação das Senhoras da Caridade.

Exercitam louvavelmente o zelo no ensino do catecismo em todas as igrejas e capellas postas sob a sua guarda. Professam, desde ha muito, com bôa diligencia, o magisterio no Collegio Diocesano de Campinas. Vae em grande augmento o progresso espiritual em todas as parochias servidas por estes religiosos operarios. Cumpre-nos, por fim, patentear os sentimentos do nosso animo agradecido ao Revdo. Padre Luiz Gonzaga van Woesik, que nos forneceu, com tanta solitudine, estes dados historicos sobre a benemerita Congregação dos Missionarios do Sagrado Coração de Jesus.

### Congregação da Paixão



A Congregação da Paixão teve principio em S. Paulo da Cruz, nascido, de paes honrados e pios, no mez de Janeiro do anno 1694. Teve por patria e nascimento a cidade de Uvada, na Italia.

Mostrou Paulo da Cruz desde os mais verdes annos grande amor ao Divino Crucificado. A meditação da paixão e morte do seu amado Senhor arrancava-lhe copiosas lagrimas.

Para se tornar imagem viva de Jesus Christo posto na cruz, dava-se a austeras praticas de penitencia.

E' bem de ver e notar o caminho por onde Deus o levou a ser santo.



Mancebo decidido, no vigor da idade, vindo no conhecimento de que a Republica de Veneza levantava gente para fazer guerra aos Turcos, alistou-se nesse exercito, impellido do desejo do martyrio. Melhor esclarecido, veio a reconhecer que a outra carreira mais nobre e santa, que o exercicio das armas, é que Deus o destinava. Regressou á casa paterna, e, deixando as conveniencias do mundo, deu-se a uma vida abnegada, entregando-se todo aos exercicios da religião e caridade christã.

Residindo em Roma, foi ordenado de todas as ordens pelo Papa Bento XIII, que lhe permittiu ajuntar socios do mesmo espirito. Foi-se então ao ermo do monte Argentario, aonde o honrou com uma apparição a Rainha do céu. Dignou-se a Virgem Soberana apparecer-lhe vestida de negro, côr de tristeza e lucto, trazendo insculpida no adotavel peito a sagrada insignia da Paixão, dirigindo-se a elle nestes termos: "Assim te vestirás em memoria da Paixão do meu Filho. Fundarás uma congregação, que se exercitará na continua contemplação das penas e dores do meu Jesus".

Obtemperando a este mandado da Virgem, reúne Paulo os seus primeiros companheiros no reconvexo daquelle monte, traja-se de lucto, e, influenciado pela inspiração, compõe a Regra, que hão-de professar e, no mesmo local, em que lhe apparecêra. A todos os seculos proclamam bemaventurada, deu principio á primeira casa da nova congregação.

Movido por impulsos da caridade, dedicou-se dum modo especial á obra das missões. Adoptou o mesmo lemma do Apostolo: *Nos autem prædicamus Christum crucifixum*—prégamos a Jesus e este crucificado.

A efficacia do seu zelo cooperou pelo meio da Paixão e Morte de Jesus Christo em innumeradas conversões de muitos, que se puzeram bem com Deus.

Para excitar nos socios do seu espirito a continua memoria da Paixão, ordenou-lhes um escudo, que, em campo branco, ostenta um coração rematado pela cruz posto no centro de uma corôa de espinhos. Ladeiam-no as insignias da Paixão, e tem entalhada sobre a peça principal a letra *Jesu Christi Passio*. Servindo de orla ao escudo erguem-se uma palmeira á direita e um ramo de oliveira á esquerda, que exprimem a victoria da cruz de Christo e a paz e reconciliação trazida ao mundo pela sua santissima paixão e morte.



Por S. Paulo da Cruz se podem dizer as palavras do Apostolo: "Estou pregado na cruz com Jesus Christo. Não sou eu já o que vivo, é Jesus quem vive em mim". E Jesus vivia nelle pela imagem dolorosa, que, junto com os instrumentos da Paixão, trazia impressa na alma. Trocou este valle de lagrimas pelo paraíso a 18 de Outubro de 1775, na propecta idade de 81 annos.

A voz de todos os que cercavam seu pobrissimo catre, ao expirar, proclamava unanime: "Agora, sim, que vimos como morreim os santos". Por beato o declarou o Papa Pio IX no Vaticano a 28 de Setembro de 1852, e este mesmo Pontifice lhe decretou as supremas honras dos altares no solemne dia 29 de Junho de 1866, no qual se celebrava o decimo oitavo centenario do martyrio dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo.

A Congregação denominada da Santissima Cruz e Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo obteve approvação de tres Soberanos Pontifices: Bento XIV pelo Rescripto Apostolico, de 15 de Maio de 1741; Pio VI pela Bulla *Præclara virtutum exempla*, de 15 de Setembro de 1775, e Pio VII pela Bulla *Gravissima inter curas*, de 5 de Agosto de 1801.

Tem ella por emprego particular: 1.º denunciar a fê em toda a parte, onde sejam enviados seus filhos; 2.º promover retiros espirituaes na cathedra sagrada, nos seminarios e estabelecimentos pios; 3.º instituir conferencias sobre materia de religião, em circulos e centros catholicos concorridos por toda a classe de pessoas; 4.º ensinar a doutrina e o catecismo e preparar os meninos para a primeira communhão; 5.º visitar os enfermos nos hospitaes e os encarcerados nas enxovias.

Além dos tres votos religiosos, ligam-se os Passionistas, conforme o nome que têm, por um quarto voto—de propagar e promover a devoção da Paixão de N. Senhor Jesus Christo nos corações dos fieis.

A Congregação da Paixão foi favorecida dum modo particular pelo Summo Pontifice Pio X. Confiou á sua guarda o Santuario de Nossa Senhora nos arrabaldes de Mantua, mandou edificar para elles o templo da Virgem das Graças, a par de Nettuno, e elevou ás honras de bem-aventurado ao Irmão Gabriel da Virgem Dolorosa, que se finou no anno de 1862, quando contava 24 annos de idade. Foi proposto á veneração dos fieis pelo Pontifice reinante, Bento XV, a 6 de Janeiro de 1919.



A Congregação da Paixão está, a bem dizer, espalhada por todo o mundo. Conta 14 Províncias, que constam de 94 casas e igrejas. No continente americano entrou pela America do Norte, onde sustenta 10 casas, possuindo, além destas, 4 no Mexico, 1 em Cuba, 6 na Argentina e 2 no Chile.

Pelo que respeita ao Brazil, vieram a primeira vez para aqui convidados pelo Exmo. Revmo. Sr. D. João Francisco Braga, Bispo de Curityba, dirigindo-se para a cidade de Curityba, no Estado do Paraná.

Saindo directamente de Roma, chegaram ao Brazil a 8 de Setembro de 1911. Foram desde o principio providos nas igrejas e curados de Antonina, Guaratuba e Guarakessava, depois Bocayuva, e encarregados da administração espiritual das colonias italianas de Colombo.

Desde principios de Março de 1912 até aos dezasseis dias de Agosto de 1913 assentaram vivenda em Antonina, donde se mudaram para o sitio e terreno do Cabral, que lhes foi consignado, indo occupar uma casinha fabricada de madeira com as dimensões de 15m de comprido por 7m de largo, aonde ainda habitam. Não se esqueceram, porém, de transformar a pequena capella, que ali existia, em uma bella igreja, que mede 33m. de comprido por 13m. de largo.

Além da obrigação dos ministerios proprios da Congregação, percorrem periodicamente as villas, colonias e capellas do sitio, que estão á sua conta.

Mantêm, além desta, os Passionistas as casas de Nova Pompeia, no Rio Grande do Sul, e de S. Paulo, aos Pinheiros, na capital do Estado.

A chamamento do Exmo. Sr. Arcebispo D. Duarte Leopoldo e Silva vieram, no anno de 1912 para S. Paulo, munidos de uma benção especial da Sua Santidade o Papa Pio X. Traziam o intento de construir uma casa e igreja sob a invocação da Paixão de N. Senhor Jesus Christo, onde pudessem exercer os sagrados ministerios com toda a decencia e decoro. São já em numero de duas as casas de missões, que aqui fundaram, tendo-lhes uma insigne bemfeitora cedido o terreno para a principal fundação.

S. João da Cruz instituiu um mosteiro de religiosas Passionistas na cidade de Corneto, inaugurado, bem como a igreja, a 3 de Maio de 1771, tendo ambos como titular o mysterio da Apresentação da Senhora no Templo.



Não nos consta, porém, que existam no Brazil religiosas assim intituladas.

Com invocação semelhante faz assistencia no Brazil o Instituto das Irmãs de Nossa Senhora do Calvario, inaugurado pelo venerando sacerdote Pedro Bonhome, em Gramat, (França).

Implantaram-se em nosso paiz no anno de 1906, e, além de dirigirem o Collegio do Sagrado Coração na cidade de Campinas, frequentado por 200 alumnas, cuidam ali dos doentes da Santa Casa.

No anno de 1912 estamparam estes religiosos na cidade de S. Paulo um opusculo com esta epigraphie: *S. Paulo da Cruz e a Congregação da Paixão—Homenagem dos Padres Passionistas aos seus Bemfeitores.*

Viu igualmente a luz publica em Roma, no anno de 1914, a vida de São Paulo da Cruz, Fundador desta Congregação, composta pelo Padre Pio do Nome de Maria e tornada do idioma italiano em portuguez pelo Revmo. Padre Taddei, C. M. muito digno Reitor do Seminario de Curityba. Nestas fontes tiveram origem as noticias, que deixamos referidas.

Cerremos este capitulo dando graças ao Revmo. Padre Sigismundo, que occupa o logar de Superior da Congregação dos Passionistas no Brazil, pelo excesso de favor e caridade, com que nos ajudou a compor esta noticia.

### Congregação dos Missionarios da Sagrada Familia

Esta Congregação dedicada á Sagrada Familia teve sua origem em Grave, na Hollanda. Foi seu fundador o Revmo. Padre João Berthier, francez de nação, o qual deu principio ao instituto no mez de Setembro de 1895.

Não foi ainda designado o seu brazão; como divisa adoptaram os membros, que constituem o instituto, as letras J. M. J. que significam Jesus, Maria, José.

Entrou a Congregação no Brazil, em Janeiro de 1911, por occasião de uma missão dada em Mazagão, para além do Amazonas, no territorio da Prelazia de Santarem, Estado do Pará.

Foram os seus primeiros missionarios os Padres J. Henrique Paulssen, José Lauth, Luiz Bechold, Hermano Elsing, auxiliados pelo Irmão Boaventura Hamacher.



Na Prelazia de Santarem incumbiu-se a Congregação de cultivar espiritualmente os dois povoados Macapá e Amapá e todas as demais ilhas, que estão no seu contorno. Sustentam duas aulas, em benefício de crianças, em Mazagão e Macapá, e mantêm no espirito de fé diversas confrarias religiosas nas sédes das freguezias.

Fixou a Congregação a sua residencia principal, no Brazil, na cidade de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, tomando os missionarios a seu cargo uma freguezia e servindo diversas capellarias, em que exercitam o seu zelo, bem como em missões parochiaes. Consta de oito sacerdotes e de dois irmãos auxiliares o pessoal da Congregação no Brazil, que brevemente será reforçado, presidindo ao governo della o Revmo. Padre Henrique Paulssen, a cuja gentileza devemos estas interessantes noticias.

## Sociedade de São Carlos Borroméo



Foi este utilissimo Instituto fundado, no anno de 1887, pelo Bispo de Placencia Mgr. João Baptista Scalabrini.

O sempre lembrado Pontifice Pio X felicitava, a 4 de Setembro de 1912, por Letras Apostolicas, ao Revmo. D. Domingos Vicente, Superior Geral

do Instituto a esse tempo, por occasião de celebrar-se a memoria de Mgr. Scalabrini, na data solemne da occorrença das bodas de prata do Instituto. Nellas o Santo Padre enaltecia o zelo do venerando Fundador por se determinar a proporcionar aos emigrantes, seus compatricios, que demandam as longinquas regiões da America, os soccorros da religião, e exaltava com subido encomio os varões apostolicos, socios do mesmo espirito, que se lhe juntaram no intento de, seguindo as suas pegadas, acudirem com seus ministerios aos cidadãos italianos derramados pelas remotas regiões ultramarinas.

Governa actualmente a Sociedade dos Filhos da Providencia de S. Carlos, com o titulo de Superior Geral, o Revmo. Padre Orione, que está de assistencia em Italia.

Em Crespano, na Italia, inaugurou-se, em Setembro de 1913, o novo edificio para escola dos missionarios de



São Carlos Borroméo, para onde convergiu a maior parte dos estudantes, entre os quaes se contam alguns mancebos originarios da America do Sul.

Nestes termos se referia *A União* á Sociedade de São Carlos Borroméo, animada do espirito deste santo, a 2 de Fevereiro de 1913:

“Para promover a assistencia religiosa aos enfermos, asylados, encarcerados e a todos quantos por sua condição não possam facilmente praticar os actos religiosos nas igrejas, formaram alguns catholicos uma sociedade sob o patrocínio de São Carlos Borroméo. Em bôa hora confiou a Auctoridade Diocesana a direcção a esta directoria: Dr. Carlos Nerval de Gouvêa, presidente, Dr. Henrique Tanner de Abreu, vice-presidente, Dr. Pedro Fernandes da Silva, secretario, e João Soares de Souza Lobo, thesoureiro. Desde Junho de 1911 já se occupava a Sociedade de S. Vicente de Paulo, com o valioso auxilio dos prestantes sacerdotes Conego Joaquim Soares de Oliveira Alvim, Frei José de Castrogiovanni e Padre Nino Minelli, dessa assistencia nas casas de Correção e de Detenção, no Hospicio de Alienados, no Hospital de Marinha, no Asylo dos Invalidos da Patria e até em um asylo de menores desvalidos na estação de Juparanã. Havia missas semanalmente em quatro desses estabelecimentos, e já estava sendo preparado o altar portatil para celebrarem-se missas na Colonia de Alienados, no Engenho de Dentro. Para levar a effeito o seu intento já conseguira obter a benemerita Sociedade Vicentina 1:939\$400, tendo dispendido entretanto ..... 2:141\$000. Pareceu, entretanto, aos mais devotados á obra chegado o momento de dar maior desenvolvimento a tão importante empresa. Dahi nasceu a idéa da fundação da nova Sociedade, a que deu sua benevola approvação o Emmo. Senhor Cardeal Arcebispo na provisão, que publicaremos com os Estatutos no proximo numero”. A dicta provisão, approvando os Estatutos da Sociedade de São Carlos Borroméo, foi realmente passada a 10 de Dezembro de 1912 pelo Emmo. Cardeal Arcebispo do Rio.

O “Orfanato Christovam Colombo”, na cidade de S. Paulo, é sabiamente dirigido pelo exemplar e benemerito sacerdote, Padre Faustino Consoni, missionario desta Sociedade.

Certos elementos anti-clericaes dirigidos por homens extranhos ao paiz, cujos nomes não queremos indicar por



reverencia da nação, a que pertencem, levantaram campanha de descredito contra esta instituição de caridade. Veio-se depois a descobrir que os mesmos, que agitaram a opinião publica contra os dirigentes do Orfanato, foram os que urdiram a tenebrosa trama, em que pretenderam emmalhar a innocente ingenuidade, que nada arrecêa e de ninguém suspeita. No *Estado de S. Paulo* de 8 de Abril de 1911 apparecia, nessa critica conjunctura, um sensato artigo assignado por um Paulista, em que se denunciava ao publico a má fé desses fauctores de calumnias. O articulista expunha ali estes soberanos conceitos, em que transluz o sentimento de repulsa por semelhantes processos de combate: "São desta laia, escrevia elle, os calumniadores do Orfanato Christovam Colombo, e querem impor sua inconcebivel abjecção ao espirito brasileiro, fundado na honra, na fidalguia, no heroismo de um amor immenso da cruz, emblema da verdade, de toda cultura, de toda civilização. Precisamos ensino, escolas, orfanatos, agricultura, commercio, certames literarios, consistorios de amor e de caridade, o fomento das artes uteis, tudo quanto engrandece um povo".

Mas retomemos aqui o assumpto.

Em Ribeirão Preto, aonde vivem cerca de 30.000 italianos, além de dirigirem a Sociedade Diocesana de Santo Antonio, instituíram os Missionarios de S. Carlos duas escolas diarias, frequentadas por 100 alumnos, e uma escola nocturna de architectura. Aos domingos concorrem ás aulas de catecismo mais de 400 meninos. O pequeno santuario está a todas as horas patente aos devotos e peregrinos. Divulgam em lingua italiana, em Ribeirão Preto, a revista mensal—*Bolletino Mensile di Santo Antonio*.

O Revdo Padre José Martini foi provido na freguezia de Santa Felicidade, na diocese de Curityba.

Assistem além disso os Missionarios de S. Carlos na cidade de Santos, onde são nomeados—Padres missionarios de immigração de Santo Antonio de Padua.

A 16 de Novembro de 1915, noticiava a *Squilla*, de S. Paulo, ia a lograr o fructo dos seus trabalhos o Padre Francisco Dolce, membro do Instituto dos Missionarios de S. Carlos, após uma prolongada doença soffrida com resignação christan. Esteve durante algum tempo á sua conta a parochia de S. Bernardo.



## Obra da Propagação da Fé



E' este sodalicio uma organização internacional, que se propõe sustentar com orações e esmolas os sacerdotes e religiosos, que se dedicam á denunciação do Evangelho nos paizes ainda pagãos.

A Obra de Propagação da Fé, fundada a 3 de Maio de 1822, teve por berço a cidade de Lyão de França e por auctora e promotora a Paulina-Maria Jaricot, nascida nessa mesma cidade no anno de 1799, e fallecida no de 1862. A antiga cidade de Lyão, ennobrecida pelo sangue de tantos martyres christãos, é o centro da direcção da Obra.

Abona a personalidade de Jaricot o louvor, que lhe teceu o Santo Padre Leão XIII, approvando um livro de lembranças, que della colleccionou Julia Maurin: "Virgem piedosa, ruja memoria é a muitos titulos abençoada pela Igreja, sendo ella com effeito quem emprehendeu installar, depois de bem madurado plano, a bella Obra nomeada Propagação da Fé, avultadissima somma ajuntada aos poucos e poucos com a collecta do pequenino obulo offertado pelos fieis cada semana, a qual foi merecidamente elogiada pelo Episcopado e pela mesma Santa Sé, e que, depois de maravilhosamente divulgada, faculta abundantes recursos ás missões catholicas".

Os Estados Unidos concorreram para o exito da Obra, que ali se installou no anno de 1833.

No Brazil, aonde a Obra está ainda em estado de formação, diz o Apostolado das Filhas de Maria, visa ella como fim principal promover a catechese dos indios, multiplicar as missões e prestar auxilio aos missionarios.

Já a 22 de Fevereiro de 1844 dirigia D. Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz, aos parochos e fieis da Archidiocese da Bahia, uma Pastoral relativa á Sociedade da Propagação da Fé. Extractamos della as seguintes palavras: "Movidos pois destes ponderosos motivos havemos nomeado um Conselho composto de respeitaveis Membros Ecclesiasticos e seculares entre os quaes serve de Secretario o Revdo. Padre Mestre Frei José do Espírito Santo e de Thesoureiro o Revdo. Padre Miguel Antonio Ferreira, encarregado de coordenar e expe-



dir, na conformidade do plano geral da Associação, as Instrucções que abaixo se seguem e nas quaes vereis que esta interessante Sociedade, unica neste genero, nem permite aos seus Associados em nenhum caso, e por nenhum pretexto reunião alguma geral ou particular, nem reconhece entre elles, embora residentes na mesma cidade ou parochia, outro vinculo mais que a união das suas orações e esmolas”.

Desde o anno 1906 tem o Conselho Geral da Associação enviado ao Brazil, em propaganda, os seus agentes para diffundirem e tornarem conhecida esta relevante Obra, segundo consta do Relatorio apresentado no anno 1912 pelo prestimoso e digno membro da Congregação da Missão, o Revmo. Padre José de Franceschi.

A mesma conducta tem seguido o Conselho da Obra a respeito das restantes republicas americanas. Varios annos tomaram esse encargo os membros dedicados da Sociedade das Missões Africanas de Lyão. Os Padres Fernando Terrien e Leandro Gallen percorreram nesse intuito o Mexico, durante os annos de 1890—91.

Em dez annos immediatamente successivos perlustrou o mesmo Padre Terrien, além do Mexico, as republicas da Argentina, da Bolivia e do Perú, achando-se, em 1901, em Caracas, capital de Venezuela.

A narrativa da sua excursão é materia de um livro publicado, ao que nos consta, por elle em França.

No anno de 1898 mostrou o Santo Padre Pio X desejos de que florescesse tambem no Brazil esta abalisada Sociedade, tão insigne por seu zelo e emprehendimentos, que tem por alvo auxiliar os missionarios catholicos na dilatação da fé e da civilização catholica entre os infieis.

O Revmo. Padre José de Franceschi, acima nomeado, foi escolhido por Sua Santidade, como seu representante, para superintender esta beneficente e sympathica instituição. No desempenho da obrigação assumida tem já sua Revma. percorrido as principaes cidades dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas, animando as dignas Zeladoras do Apostolado, Damas de Caridade e as piedosas matronas, que pertencem a outras pias associações, a darem seu nome á dicta Obra civilizadora e a propagal-a entre as pessoas das suas relações. Expõe sua Revma., nas conferencias feitas nessas assembléas, qual é o fim alvejado por esta Associação, e como pode pertencer a ella qual-



quer pessoa, rica ou pobre, que contribua para a sua subsistência com uma pequena quota mensal acompanhada da recitação de um *Padre-Noss* e de uma *Ave-Maria*, seguidos da invocação: "S. Francisco Xavier rogae por nós", sob cujo patrocínio está posta a Sociedade.

Deixou o Revmo. Padre José de Franceschi estabelecida em solidas bases a Obra da Propagação da Fé em todas as localidades, aonde se tem dirigido.

A revista mensal *Annaes da Propagação da Fé* consigna periodicamente os fructos de salvação colhidos pelos arautos do Evangelho nas regiões dos dois mundos, ás quaes se estende o seu zelo, e é distribuida por cada dezena de subscriptores, que fazem parte da Associação. A edição portugueza saia a lume na cidade de Albi, França.

## EPILOGO

O que ahi deixamos escripto é uma modesta contribuição, conforme a nossa curta possibilidade, para a historia completa da Igreja no Brazil, para a qual ainda não estão lançados os fundamentos.

Não faltam já abundantes subsidios, e de incontestavel valor, tirados á luz da publicidade, com que poderia contar quem commettesse a empresa de cinzelar com a penna, como cinzel, na folha de marmore da historia a acção espiritual desenvolvida no Brazil.

Tal emprehendimento viria a constituir um capitulo interessante e memoravel da historia da Igreja Catholica, cuidado e objecto digno dos bons engenhos, que florescem neste risonho paiz.

Ministrou este thema geral ampla materia a brilhantes escriptores de differentes nações europeas, que se deram a escrever a historia ecclesiastica da sua terra. Para falar somente das nações da lingua latina, versou-o em Portugal Pedro Diniz, escrevendo a desassombrada obra: *Das Ordens Religiosas em Portugal*, que saiu em Lisbôa, no anno de 1853.

Em 1790 estampava, em Lisbôa, D. Joaquim de Azevedo a *Breve Noticia das Ordens religiosas, junta dos melhores authores, e das letras apostolicas*.

Manoel Bernardes Branco dava-nos, em 1889, a *Historia das Ordens Monasticas em Portugal*, distribuida em tres tomos.



Vindo agora á França, publicava, em 1831, o Barão Henrion, em dois volumes, a sua *Histoire des ordres religieux jusqu'à l'établissement des ordres mendiants*. Em 1844 fazia publica pela imprensa o Barão Cauchy a obra: *Considérations sur les Ordres Religieux, adressées aux Amis des Sciences*. No anno de 1860 saia-se o Conde de Montalembert com a mais importante das suas produções: *Les Moines d'Occident depuis saint Benoit jusqu'à saint Bernard*. Pelos annos de 1902 Boyer d'Agen tirava a lume a obra: *Les Parias de France*.

Na Hespanha, que lançou tantos institutos religiosos, escreveu neste argumento o notavel publicista Severino Azuar, auctor do volume illustrado: *Las Grandes Instituciones del Catolicismo*, que, em 1912, veio a lume em Madrid.

Este assumpto, que no Brazil assume uma feição e interesse particular por abranger a noticia de numerosas missões, variada de successos e intercortada de peripecias e episodios, deixamo-lo para as pennas brazileiras resplandescentes de enthusiasmo.

Da parte que nos toca, colligindo estes fragmentos historicos tecidos com a pouca ordem, que lhes pudemos dar, levamos em vista carrear materiaes e apparellhar ao menos uma pedra, que entre na construcção do importante edificio dos annaes ecclesiasticos brazileiros. Pode assim esta nossa tenue contribuição considerar-se o preludio á historia da Igreja no Brazil, ou, porque não deixemos a companhia que começamos, a primeira pedra, sobre a qual se lancem os alicerces e suba o edificio deste patriotico monumento.

Nella se descrevem os primeiros tentames realizados pelos membros das sagradas religiões, vindas aqui a introduzir a verdadeira fé e a colher as primicias dos risinhos fructos, de que se teceu a gloriosa corôa, de que hoje se ufana a Igreja Brazileira.

Foram ellas um factor importantissimo para o constante progresso da ordem religiosa, moral e social, no Brazil; assim como o contingente de forças vivas, que para aqui affluio da culta Europa, logo desde os primitivos tempos da colonização, concorreu poderosamente para o seu desenvolvimento material em todos os ramos da actividade humana.

Proseguindo a narração chronologica da evolução da



vida religiosa no Brazil, revivemos, a largos traços, o estado percorrido pela Igreja no desempenho da sua missão providencial, a começar desde quando os sagrados mysterios se celebravam ainda em capellas rusticas, engenhadas de ramos da floresta e cobertas de palmeira brava, que aqui viceja magnifica, até á presente epoca, em que as solemnidades do culto se revestem de luzida pompa sob altas arcadas de grandiosas naves.

Não nos detivemos, é certo, na descripção minuciosa do edificio e fabrica temporal das igrejas espalhadas pela extensão da terra brazileira, lembrados do que a proposito, depois de Santo Agostinho e seguindo a exposição delle, disse Vieira: "a Igreja não se compõe de paredes mortas, senão de membros vivos".

Occupamo-nos exclusivamente em referir e desenvolver as memorias dos varões insignes, que vieram aqui construir e confirmar as christandades e cimentar o edificio espiritual da Igreja Catholica, recolhendo os traços principaes das suas biographias, para que esses herões vivam perennemente na memoria da posteridade.

Plantada a vigorosa arvore da Igreja nas regiões brazileiras com tão bem fundadas raizes, vegetou logo cheio de seiva, medrou, estendeu os ramos e deitou fructos de salvação.

Os mais lustrosos ramos deste annoso tronco eram aqui, como foram sempre em toda a parte, as observancias regulares. Andando o tempo, que dá voltas a tudo, alguns galhos se mirraram e caíram do tronco, os quaes logo foram substituidos por novos rebentos não menos vigorosos e louços.

Aos que querem defender a opinião contraria com titulo de que as religiões, uteis em tempos remotos e obscuros, são em terreno americano e em nosso seculo plantas exóticas e até perigosas á sociedade contemporanea, por se não harmonizarem com as exigencias da hodierna civilização, responde triumphantemente Mgr. Nascimento Castro num dos seus esplendidos artigos, que appareceram sob o titulo *As Ordens Religiosas*: "Que as Ordens religiosas sejam susceptiveis de reformas, que o espirito de sacrificio se revista de novas formas segundo as circumstancias dos tempos modernos, não ha razão para negal-o. A Igreja possui, com a immutabilidade de suas verdades dogmaticas, o progresso do amor com novas expressões de suprema



caridade, no vasto campo de sua acção regeneradora, em face das grandezas e das misérias humanas.

Ora, o que se pode affirmar, com inabalável convicção, é que jamais o espirito de sacrificio tem sido tão necessario como na actualidade". Expressava no anno de 1915 o notavel apologista o mesmo pensamento já expellido pelo Papa Leão XIII na Constituição Apostolica *Trans Oceanum*, de 18 de Abril de 1897: "Assim na Igreja de Deus, na qual com a absoluta immutabilidade da doutrina subsiste a variedade da disciplina, não é raro acontecer que as disposições, que eram outr'ora convenientes e opportunas, se tornem com o progredir dos tempos improprias, improficuas e até prejudiciaes".

A Igreja de Christo attendeu sempre á razão dos tempos, nem jamais se oppoz ás diversas condições da vida social, adaptando ás conveniencias de cada epoca as instituições religiosas, que caem sob a alçada da sua disciplina.

Foi importantissima a missão desempenhada pelas corporações religiosas no Brazil. Quando ainda aqui a organização social era incompleta, foram os membros das Ordens religiosas os que, chamando os individuos dispersos a congregar-se em gremios civilizados e compactos, conseguiram formar as parochias, as comarcas e os julgados. Na falta de um nexó politico, era a ermida, a missão cultivada pelo missionario o elo da cadeia moral, que ligou o todo, estabelecendo entre os membros isolados e avessos á disciplina os doces laços da vida domestica e social. Traçando assim os indios selvagens ao gremio da Igreja e ao trato civil, concorreram para o estabelecimento da unidade ethnica do povo brasileiro. Tornaram-se desta sorte as religiões benemeritas da Patria e acreedoras perpetuas da sua gratidão, alcançando foros e direitos de cidade.

Assim o reconheceram eminentes homens publicos, que firmaram com a sancção das leis civis o consenso unanime da nação. O povo brasileiro, quanto é de sua parte, não desmentiu ainda nem renegou do seu passado.

A antiga raça de Pindorama guarda religiosamente no augusto sacrario da familia as tradições herdadas, que são de culto á Religião e dedicação á Patria. Ella reconhece que, na distincção e variedade das bizarras cores dos trajes nacionaes, ainda sae bem o escuro do burel franciscano, o pardo da tunica talar carmelita, o preto da cugula benedictina, o branco do escapulario dominicano, o negro da



roupêta do jesuita, e a côr entre parda e cinzenta do habito da maioria das religiosas.

De outro lado a Igreja, acompanhando o andamento progressivo do Brazil, firmado na consciencia nacional, alenta e abraça todos os acommettimentos, de qualquer iniciativa que partam, tendentes ao bem do paiz, e é penhor certo de prosperidade no futuro.

Quadram ao Brazil, dum modo particular, os conceitos, com que as *Vozes de Petropolis* encareciam o progresso alcançado pelo catholicismo em toda a America Latina: "Retempera-se a vida espiritual, florescem as practicas christans, e, em 1899, bispos e arcebispos reúnem-se junto ao Papa num concilio plenario sul-americano. Pouco antes se haviam reunido 92 bispos da America do Norte sob a presidencia de Leão XIII. Quem suspeitava a possibilidade de tal spectaculo em 1800?"

O Supremo Pastor da Igreja, a seu turno, não se esquece dos filhos mimosos, que, como o Brazil, se acham affastados d'elle na America do Sul. Pio X na Carta Encyclica, endereçada aos Bispos da America Latina a 7 de Junho de 1912, afervora-lhes o zelo para correrem em auxilio dos indios nativos, promovendo instituições de beneficencia em favor dos abandonados selvagens, sustentando as missões já existentes e abrindo outras de novo, aonde tenham amparo e defensão certa. Recommenda o zelo, que desenvolve o clero tanto secular como regular; e sublima o ardor, com que as virgens consagradas a Deus se empenham na dilatação do Evangelho.

Alargariamos demasiado esta materia se pretendessemos enumerar a multidão de insignes beneficios, com que a brilhante jerarchia do Episcopado Brasileiro enalteceu e aquilatou a gloria e a dignidade da Patria estremecida. Deu-nos delles uma idéa clara o eloquente e benemerito Monsenhor Dr. Antonio de Macedo Costa na bellissima oração produzida na Cathedral metropolitana, em que dissertou sobre o *Episcopado na Historia do Brazil*, por occasião das festas ali realizadas para celebrar o Jubileu Episcopal do Emm. Cardeal D. Joaquim Arcoverde Cavalcanti.

Mais do que naquella recapitulação, acham-se todos esses serviços altamente gravados em caracteres de ouro nas mais brilhantes paginas da historia nacional, que se entretece dos seus gloriosos feitos. As altas empresas do



serviço de Deus, commettidas e realizadas felizmente pelos varões apostolicos, professores da observancia regular, resultam, em ultima analyse, em louvor dos supremos Pastores da Igreja, os quaes, sendo eminentemente os missionarios e curas de cada missão e igreja, reclamam por isso mesmo a maior parte da gloria dos successos obtidos pelos que foram deputados para supprir as suas vezes.

Como precioso subsidio para a Historia da Igreja Catholica no Brazil, compoz o Dr. Manoel de Alvarenga na cidade de S. Paulo, em o anno de 1915, uma monographia historica intitulada *O Episcopado Brasileiro*, abrangendo a divisão ecclesiastica, breve noticia da criação das dioceses, enumeração e resumo biographico de todos os prelados, bispos e arcebispos desde 1550 até 1915, seguido de um appendice sobre o Papa Bento XV, a Nunciatura Apostolica e o Concilio Plenario Latino-Americano.

Esta publicação, além de se recommendar pela somma de predicações, que reúne, consoante as forças humanas, alcançou a plena approvação do Exmo. Arcebispo Metropolitano de S. Paulo, que lhe chama *paciente e criterioso trabalho*. Com as noticias ahí enthesouradas poderão os benevolos leitores aclarar certos pontos referentes ao Episcopado, mais tocados aqui que expendidos.

Não seria impertinente, occupando-nos das Ordens e Congregações religiosas no Brazil, incluir no numero dellas os institutos monasticos femininos, que tantos bens importam ao paiz e contribuem tão efficaçmente para a util e feliz instituição da sociedade brasileira.

Sem distincção de côr, classe ou condição, vemos a estas innocentes virgens, que o véu do templo, na phrase de Garret, separou do mundo, cultivarem, sem differença de umas a outras, em nossos povoados, as vicejantes e mimosas flores deste risonho vergel, brotando sob sua habil mão no Brazil, á competencia, novas flores de graça. Umas, como são as Religiosas da Visitação, vivendo no encerramento do claustro embebidas no amor de Deus, edificam a sociedade e servem de correctivo salutar aos costumes publicos; outras, como as Claristas, as Capuchinhas e as Dominicanas, cooperando na obra da evangelização dos indios, excogitam varios meios para attrahir as moças gentias á pratica da vida christan; quaes nos institutos e conservatorios se consagram a enriquecer o espirito infantil com conhecimentos uteis, fazendo amavel ás donzellas o estado



da virtude, o que praticam as religiosas da invocação de Santa Ursula, de Santa Dorothea, as Marcellinas de Milão, as Sacramentinas, as Irmãs da Providencia, de Nossa Senhora Auxiliadora, da Sagrada Familia, de S. José d'Chambéry, de Sant'Anna, da Pia União de Jesus-Maria-José, etc., as quaes abrigam em casas proporcionadas a esse fim a mocidade incauta e inexperiente, e tomam para as casas de preservação as mulheres erradas, levando-as a divertirem o pensamento dos affectos terrenos e a levantarem-no ao céu, emprego particular das Religiosas do Bom-Pastor, as quaes, desde o anno de 1891, em que entraram na cidade do Rio, e desde o de 1892, em que vieram para a Bahia, assombram o mundo com a heroicidade do seu zelo.

Sendo por todos reconhecida a sublime missão das Irmãs da Caridade, fundadas por S. Vicente de Paulo, as quaes educam a infancia, nos hospitaes servem e curam com incrível desvelo os enfermos e nos asylos da mendicidade cuidam da velhice desamparada, julgamos superfluo dilatar o discurso em referencia a ellas. Todas estas virgens dedicadas a Deus diffundem em volta de si o suave perfume da virtude e remedeiam infinitos males, que, sobre insondaveis, nem sequer são conhecidos.

Tratar, porém, de todas as religiosas, que vivem entre nós, excederia os limites do nosso proposito e daria materia distincta para um grande livro. Só no anno de 1901 contavam-se trinta estabelecimentos de religiosas francezas no Brazil. O *Annuario Ecclesiastico da Archidiocese do Rio de Janeiro* para 1917 numerava 36 comunidades de religiosas pertencentes a 20 Congregações diversas, e o *Annuario Ecclesiastico da Archidiocese de S. Paulo* para esse mesmo anno, subia a 48 o numero de comunidades de irmãs filiadas a 22 Congregações diversas ali assistentes. O processo desta historia, que não pode comprehender tudo, limita-se a mencionar as instituições religiosas femininas, que são como que um desdobramento da benefica acção das suas congeneres masculinas.

A titulo de justiça e do proveito, que dellas resulta ao Brazil, não podemos recusar os serviços, que tão desinteressadamente nos offerecem as corporações religiosas. Temos necessidade imprescindivel dellas para trazerem á verdade da fé a tantos irmãos nossos, que ainda no meio das selvas se acham carecidos della; para regenerarem,



com o exemplo da virtude e do trabalho, as raças que, cruzando-se aqui de continuo, se vão afastando do seu estado primitivo até chegarem a dar-nos um verdadeiro typo nacional nitido e definitivo.

Proclamava a necessidade destas instituições Mgr. Joaquim Pinto de Campos, quando, em 1875, na sua obra—*A Igreja e o Estado* se referia a ellas nos seguintes termos: “Grande falta estão já fazendo as ordens religiosas, admiravel viveiro de santidade e de civilização, quando convenientemente dispostas.” Alegrava-se, em 1916, com o seu restabelecimento o Dr. Francisco de Macedo Costa, irmão do grande Bispo do Pará, D. Antonio, com quem, após largos annos de separação, se foi juntar na gloria, lançando no seu recente livro *Luctas e Victorias* estes soberanos conceitos: “Estamos vendo o reflorescimento de toda esta benemerita Milicia da Igreja, roteando com carinhoso desvelo os campos do Pae de Familia e preparando messes abundantes.

Temos Benedictinos, Carmelitas, Franciscanos, Redemptoristas, Dominicanos, Missionarios do Coração de Maria; temos os padres agricultores, os Cartuxos (aliás Trappistas), os propulsores do progresso agricola em França, e de lá expulsos pelo cesarismo Republicano. O feliz S. Paulo acolheu-os, e lá estão elles em Tremembé, servindo de exemplo e de estímulo aos lavradores, applicando na industria agricola todos os processos intensivos da moderna sciencia. Temos os Jesuitas, os egregios educadores; temos os benemeritos Salesianos de D. Bosco, em S. Paulo, em Nictheroy e Bahia, e já deviam estar em todos os Estados estes admiraveis fundadores de casas para o ensino de artes e officios, e formando ao mesmo tempo christãos para regeneração da vida civil. Temos os Maristas prestando relevantissimos serviços na Instrucção Publica, educando no espirito christão os nossos cidadãos para o serviço de Deus e para o serviço da Patria. Temos os Lazaristas, os filhos de S. Vicente de Paulo, os continuadores da sua obra ingente de amor e caridade.”

Pomos aqui remate ao cuidado, que tomamos, de coordenar estes fragmentos, e lançamos ponto definitivo a citações de auctores.

Compuzemos este bosquejo historico reunindo, como em um museu, os diversos monumentos dispersos por todo o paiz, complemento da historia patria, e copiando por elles os successos, que ficam referidos.



Evocamos a cada passo o testemunho dos documentos, para conciliar auctoridade a estes escriptos, e chamamos a depôr, para credito e firmeza da narração, as collectividades, que, como partes, nella se interessam. Não desmereceu por certo no conceito publico a Historia de S. Domingos, composta por Frei Luiz de Souza, por ali citar frequentemente e ao pé da letra documentos tirados dos originaes, que andavam vivos nos archivos da Ordem.

A verdade, quanto á substancia dos factos, não foi por nós quebrantada conscientemente; isto não tira que possamos ter incorrido em qualquer lapso na determinação de alguma data, tratando-se sobretudo de éras remotas, sobre que haja discrepancia entre os auctores.

Auxiliados pelas importantes pesquisas do sempre lembrado Alfredo do Valle Cabral e do Sr. Capistrano de Abreu, conseguimos ainda reformar algumas, que irão annotadas na competente folha da *Errata* appensa ao trabalho. Reduzidos em volume á prte saíram mais correctos estes artigos, sendo essa separata, em razão de uma nova correccão de provas, expressão mais perfeita da verdade.

Isto quanto ao material da historia. Quanto á forma expositiva, procuramos narrar os factos antes com clareza e brevidade do que revestil-os de uma feição surprehendente, original e caprichosa, em que se revelasse elegancia inventiva nossa. O estylo por nós observado, que procuramos adaptar ao assumpto, foi apenas o da verdade.

Grande satisfacção proporcionaria ao nosso espirito quem, á vista de alguma affirmacão menos exacta, ou de alguma lacuna deixada em aberto no decurso da narração, se servisse dirigir-nos uma advertencia ou prestar-nos ligeira informação, que pudessemos intercalar no corpo da historia. Em uma segunda edição, que tiraremos á luz, se chegarmos a contar mais alguns annos de vida, ser-nos-ia dado aproveitar toda e qualquer observação, que nos fosse feita, amplificar e completar a materia, que, pela sua vastidão, era cousa impossivel sair logo á primeira cabalmente proseguida sem lhe faltar nada.

Adornam os differentes capitulos ou artigos, de que se compõe esta monographia conforme as diversas corporações religiosas, de que trata, o escudo e a divisa de cada familia religiosa.

Ahi vae, pois, offerecida á benevola apreciação dos curiosos da historia esta chronica de empresas do céo, que



compuzemos para despertar a memoria de successos e datas notaveis, que illuminam os fastos da historia nacional.

Não foi isto obra de arrojo precipitado nem improviso feliz da parte de quem escreve; desde ha muito que trazemos no pensamento a empresa desta historia, tendo-nos já applicado, no anno de 1912, a ordenar os apontamentos della. Em Setembro de 1915, incumbia-se um orgam auctorizado da imprensa de tornar publico pelo prelo seu desenho, bosquejado num timido ensaio de escriptura, o qual teve acceitação.

Alentada destes incentivos atreveu-se a penna a ensaiar e desferir novo vôo, propondo-se o auctor fazer diligencia para obter mais amplas noticias e angariar livros, que tratassem do assumpto. Não bastaria, porém, um individuo, simples investigador de memorias do passado, a tão grande empresa de relacionar successos tão varios e disputar materia tão relevante e esquivia, sem o concurso de outros abalisados e competentes cultores. Esta razão nos persuadiu a dirigir-nos a todos os que nos podiam coadjuvar, sem exceptuar ninguem, correspondendo ao nosso appello o despacho, que esperavamos.

A todos quantos nos prestaram o auxilio das suas luzes queremos deixar aqui penhoradas as significações do nosso animo eternamente agradecido.

Será em nós perpetuo o reconhecimento da singular obrigação, que devemos a sua Exa. Revma. o Sr. D. Jeronymo Thomé da Silva, que felizmente preside aos destinos desta Archidiocese Primacial, pelo muito que se dignou animar-nos neste empenho, e confirmar, com sua benção, o exito, que nos fosse dado obter.

Somos tambem devedores de especiaes obsequios á caridade de todos os Prelados das Religiões, que approvaram a nossa tenção e nos guiaram na demonstração deste assumpto.

Incorreriamos a nota de ingrato, se não incluíssemos neste preito de gratidão ao Exmo. Sr. Dr. Antonio Joaquim de Souza Carneiro, distincto Engenheiro civil e laureado Professor Cathedratico da Escola Polytechnica, que se incumbiu de ser relator desta monographia historica perante a 5.<sup>a</sup> Secção do 5.<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Geographia; bem como ao Exmo. Sr. Dr. Bernardino José de Souza, auctorizado Professor Cathedratico da Faculdade Livre de Direito e do Gymnasio da Bahia, esforçado Se-



cretario Geral do mesmo Congresso, benemerito 1.º Secretario Perpetuo do patriotico Instituto Geographico e Historico da Bahia, a quem, entre varios obsequios, devemos a inclusão deste trabalho entre as publicações da valiosa Revista desse Instituto.

Lembramos tambem aqui os nomes de dois eximios artistas xilographos: o Sr. Arthur Arezio, muito competente Chefe da Secção das Artes da Imprensa Official, e o Sr. José Galdino Borges, prendado moço, que gentilmente se encarregaram de abrir os clichés dos brazões, que tanto relevo imprimem á primorosa execução do trabalho typographico; pelo que lhes offerecemos aqui os nossos agradecimentos.

Louvamos em muito a Deus, a quem referimos todo o resultado de uma tentativa apprehendida sob a sua inspiração e levada a cabo com a valia da sua graça.

Por fim e remate deste cuidado pomos aqui as palavras, que o Veneravel Padre José de Anchieta nos deixou escriptas na sua Informação do anno 1584, referindo-se aos membros das religiões existentes a esse tempo no Brazil: *Praza a Deus que todos vão adiante para sua gloria.*

## NOTAS ELUCIDATIVAS

Volume 44—Pag. 166—linha 5:

O Padre Luiz da Gran nasceu em Lisbôa, de nobre linhagem, no anno de 1521, conforme se collige dos catalogos manuscriptos do archivo da Companhia. Descendia da familia Gran, procedente de Estevam Annes, o qual, por descobrir a gran e o modo de a beneficiar, ficou sendo chamado Estevam Annes da Gran.

A familia dos Grás, diz Pinheiro Chagas no *Diccionario Popular*, tinha o seguinte brazão de nobreza: em campo de prata uma aguia sanguinha aberta, cujo timbre era a aguia nascente.

Abraçou o Padre Gran o Instituto da Companhia em Coimbra, a 20 de Junho de 1543, quando contava 22 annos de idade. Foi o 4.º reitor do Collegio de Jesus, que, em 1541, assentou fundar D. João III em Coimbra, e se abriu a 2 de Julho de 1542, tendo por seu primeiro reitor a Diogo Mirão, ao qual se seguiram Leão Henriques e Luiz Gonçalves da Camara, nomeado em 1547.

A 8 de Maio de 1553 partia de Lisbôa, acompanhando o segundo governador geral do Estado do Brazil, D. Duarte



da Costa, e entrava, a 13 de Julho desse anno, o porto da Bahia da cidade do Salvador, conduzindo um novo e valioso reforço constante de seis missionarios, dentre os quaes se destacava o celebrado irmão José de Anchieta.

Nomeado Provincial, promoveu esforçadamente a obra missionaria, consolidando os nucleos de evangelização criados pelo Padre Nobrega, seu antecessor immediato, e suscitando outros de novo. Não contente com isto, tentou o Padre Gran levar, em 1562, o trabalho dos aldeamentos aos indios do rio S. Francisco, nada conseguindo por causa da peste da bexiga, que, de Itaparica, se havia propagado com intensidade em 1563, e da grande fome de 1564. *Descrição Historica-Geographica do Municipio de Curaçá*, pelo Sr. João Mattos.

Depois de muitos annos continuados no exercicio de missionario, achava-se já o Padre Gran, no de 1607, como consta do catalogo manuscripto dos socios da antiga Provincia do Brazil referido a esse anno, *senio confectus—decrepito*.

O escriptor da Carta Annua, assignada a 31 de Julho de 1608 e redigida em latim, fazia delle uma honrada memoria, a qual, posta em linguagem, vamos lançar nestes escriptos para lembrança perpetua. E' concebida nestes termos: "ainda é do numero dos vivos aquelle nosso ancião digno por certo de viver eternamente, venerando por suas cans e por seus muitos merecimentos; falo do Padre Luiz da Gran, cuja menção basta para me sentir banhado em uma espirital doçura, quando isto escrevo".

Veio a fallecer no Collegio de Olinda, em Pernambuco, a 16 de Novembro do anno 1609. Não pode ter acontecido o seu obito a 5 de Maio de 1613, como deixamos apontado seguindo o Padre Antonio Franco no seu *Annus Gloriosus*, pag. 254, por não haver nenhuma referencia a elle nos catalogos subsequentes ao anno 1609.

Consta a data da sua morte a fls. 65 v. da *Historia da Companhia*, Mss. conservado no archivo particular dessa Ordem, a qual nos foi communicada por um illustre membro da Companhia, o Revmo. Padre Francisco Rodrigues, estimado escriptor, entre outras obras, da que se intitula: *A formação intellectual do jesuita*, que grangeou a seu auctor um logar de destaque entre os mais abalisados cultores da historia e da critica.



Volume 44—Pagina 175—linha 31:

O Padre Francisco de Souza, natural da ilha de Itaparica, entrou na Companhia no noviciado de Lisbôa, donde se fez á vela para a India. As duas viagens por mar, do Brazil para Portugal e de Portugal para a India, foram feitas entre os quatorze e dezaseis annos, como se infere das suas proprias palavras, que se lêem na chronica *Oriente Conquistado a Jesus Christo*. T. 2.º Conquista IV. Divisão 2.ª § 74, pag. 555, e são as seguintes: “e porque os meninos sentem menos as molestias do mar, como eu experimentei navegando dos quatorze até os dezaseis annos do Brazil a Portugal, e de Portugal á India, sem nunca me doer a cabeça”.

Acompanharam-no para a India quatorze companheiros, missionarios da Companhia. O anno certo da partida é-nos fornecido pela *Synopsis Annalium Societatis Jesu* do Padre Antonio Franco, auctor da *Imagem da Virtude*, o qual inscreve a data de 1647 antes da relação dos nomes de todos esses missionarios, na qual tambem se incluye o nome de Francisco de Souza, que ainda não tinha ordens sacras. Tirando de 1647 o numero de 16 annos, que então contava Francisco de Souza, temos o anno 1631, que deve ser o certo do seu nascimento. A data de 1647 de sua partida para a India encontra-se tambem na biographia, que deste Padre se acha na *Revista do Instituto Historico Brasileiro* (T. X, anno 1848).

Dessa biographia tiramos os dados, que se seguem: “Segunda vez voltou a este reino, donde embarcado em a nau S. Pedro de Alcantara, se restituiu no anno de 1665 ao Oriente. Foi preposito da casa professa de Gôa, e deputado da inquisição da mesma cidade, de que tomou posse a 9 de Agosto de 1700.

Cheio de merecimentos e annos, que excediam 81, falleceu no Collegio de S. Paulo de Gôa no anno de 1713”. Contava pois 82 annos quando morreu, numero que responde aos annos de vida, que lhe dão auctores.

Fica assim esclarecida a data do nascimento deste grande historiador brasileiro, e alumiado o descuido da maioria dos seus biographos, que ou a não indicam ou a dão incerta.

Volume 45—pag. 45—linha 39:

Alludindo a Manoel Severim de Faria, conego e chantre da cathedral de Evora, irmão de Frei Christovam de Lisbôa, fallecido em 1655, attribuimos-lhe, por equívoco



dos nomes, as notas biographicas, que competem a Manoel de Faria e Souza, fallecido em 1649.

Volume 45—pag. 81—linha 35:

Por salto de composição deixaram de ser impressas ahi as palavras—verdadeira deserção. As que estão em lugar dellas são repetidas.

Linha 36—deixaram igualmente de ser impressas ahi, por igual motivo, as palavras: Entre os que ficaram no seculo foi certamente um o...

Em lugar dellas acha-se uma linha toda repetida.

Volume 45 da Revista—Pag. 96—linha 37.

Frei Agostinho de Santa Maria trata, no Tomo IX, pag. 249 do seu *Santuário Mariano*, da imagem de nossa Senhora da Soledade do sertão nas ribeiras do Rio de S. Francisco, e ali se refere a Francisco de Mendonça Mar. Diz a respeito d'elle que viera de Portugal para a Bahia tendo de idade pouco mais de vinte annos, que aos trinta ou pouco mais se mettêra pelo sertão dentro, pelos annos de 1680, e que fôra ordenado de sacerdote, no anno de 1700, pelo Illmo. Arcebispo, D. Sebastião Monteiro da Vide, tomando então o nome de Padre Francisco da Soledade.

Estas noticias, que pertencem aqui, saíram deslocadas na pagina 105—linha 40, attribuidas ao Irmão Lourenço de Nossa Senhora.

## ERRATA

Revista n. 44

| Pag. | Linha | Em vez de  | Leia-se    |
|------|-------|------------|------------|
| 142  | 22    | 1215       | 1210       |
| 142  | 37    | novo       | povo       |
| 145  | 30    | proprius   | propius    |
| 147  | 28    | 1715       | 1723       |
| 147  | 28    | 1619       | 1629       |
| 147  | 32    | 1608       | 1606       |
| 149  | 9     | 1657       | 1659       |
| 155  | 4     | Itaipava   | Itaituba   |
| 155  | 5     | Munducurús | Mundurucús |
| 163  | 32    | Conde      | Marquez    |
| 163  | 33    | 122        | 124        |
| 165  | 11    | 1555       | 1557       |



| Pág. | Linhã | Em vez de  | Leia-se  |
|------|-------|------------|----------|
| 165  | 22    | 28         | 18       |
| 167  | 41    | 1578       | 1577     |
| 172  | 8     | 1645       | 1643     |
| 172  | 21    | 1573       | 1574     |
| 172  | 21    | 1607       | 1602     |
| 174  | 19    | Nunes      | do Valle |
| 175  | 24    | 1700       | 1710     |
| 177  | 30    | kilometros | milhas   |
| 177  | 35    | 1650       | 1654     |
| 177  | 35    | 1730       | 1725     |

## Revista n. 45

|     |    |                  |                   |
|-----|----|------------------|-------------------|
| 8   | 12 | 1. <sup>o</sup>  | 6                 |
| 10  | 8  | 1650             | 1648-49           |
| 10  | 36 | S. José          | S. Miguel         |
| 18  | 3  | S. Paulo         | Santos            |
| 37  | 25 | Pedro            | Pio               |
| 44  | 40 | 22               | 28                |
| 45  | 29 | 1639             | 1718              |
| 69  | 35 | Claudio, em 1890 | João Becker, 1912 |
| 110 | 27 | 1864             | 1860              |
| 113 | 1  | 9 de Março       | 6 de Julho        |
| 115 | 5  | 1853             | 1854              |





# A CHOLERA MORBUS DE 1855

E O PAPEL DE CYPRIANO BETAMIO

---

A intelligencia do povo separa as epochas de sua historia pelos grandes acontecimentos que a impressionam.

Na Bahia, o vulgo secciona o decorrer do seculo XIX em cinco grandes estadios, a que servem de balizas:—a “guerra do Madeira” ou a Independencia; a “guerra do Carneiro” ou a Sabinada, a “epidemia” ou a cholera em 55, a “guerra do Paraguay”, e finalmente a “abolição” junto ao banimento do Imperador.

De cada qual desses grandes episodios de nossa historia, memorias e livros teem miúdoado a narrativa e synthetisado a critica—ainda que falte ver o que chamariamos a “Sabinada por dentro” ou os acontecimentos da revolução de 37, fixados á luz dos documentos dos rebeldes; ainda que se não tenha fixado com verdade a justa linha e o gráo do patriotismo expontaneo e do recrutamento violento dos voluntarios contra Lopez; ainda que ninguem haja descripto a abolição nas senzalas; ainda que se não haja posto o ouvido ao peito do povo, para lhe auscultar o sebastianismo ingenuo e sempre crente na volta de uma monarchia, inseparavel da visão de austera velhice bemfazeja do “Imperador”, que é o sempre mesmo Pedro II.

De onde a curiosidade do chronista tem recuado em absoluto é da “cholera”. Aquelle tragico correr de 1855 a 56, aliás, com todas as suas negruras dantescas, marca uma éra memoravel de soffrimentos innenarraveis.

O terror, o pavor, a morte então se afiguravam, nesta região, com as mais horriveis feições de uma grandeza inesperada e desconhecida. E foi tanto isso e de tal porte que não é preciso ao brasileiro ir, na ideal-





Dr. Cypriano Borbora Betamio.



sação do poeta florentino, buscar, na phantasia do genio, o crystal negro da tragedia absoluta, nem carece de arrepiar-se ás scenas do bardo de Straford ou Avon ou á leitura das novelas dos Edgard Poe ou dos Hoffmann. "Todas as notas da elegia das afflicções humanas so- luçam no quadro de suprema angustia" com que em dias dessa epidemia se conturbou o animo de todo um povo no aniquillar-se de um absoluto desalento.

Foi em Junho de 1855 que explodio o mal no Pará, e não valeram quarentenas nem cuidados dos presiden- tes Wanderley e Moncorvo que não viesse, transpondo prolixos mares, fazer sua segunda visita em terras do Brasil, nas plagas da Bahia. A 21 de Julho o triste emissario da morte deu seu primeiro e tragico beijo á Bahia desgraçada.

O vapor "Imperatriz" entrado ao porto a 20 de Julho trazia em seu bojo a grande peste, que escolheu para sua primeira ceifagem a pequena povoação de pes- cadores do Rio Vermelho.

Ahi dizimou mais de metade dos habitantes, lan- çando ao exodo e á precipitada emigração a outra me- tade. Depois entrou pela cidade; passou a Cachoeira, a Maragogipe, a S. Amaro, a Itaparica; desceu ás regiões do sul e penetrou até o sertão para deixar mortos quando exhausta cessou a sua vindima—26.000 ba- hianos!

A's vezes o mal entrava numa casa e dahi não sa- hia, senão tivesse a todos derribado, como nesse horrivel (caso narrado pelo Barão de Bomjardim em carta ao Barão de Cotegipe (26 Litt. de 1855):

"Meu Wanderley, quanta gente tem sido ceifada! Quantos amigos temos perdido! Dentre estes, o Ole- gario viu morrer a mulher, a filha casada em Cachoeira, que tinha vindo passear em casa delle, a outra filha ca- sada com o Raimundo, todos os escravos de casa e do alambique, e por fim conduzindo a netta recém-nascida para a Bahia, ahi atacado do mal, de desesperado se recusou a todos os remedios e deu alma ao Creador! Como este muitos outros casos, ou iguaes, ou mais hor- rorosos, por que maridos largaram as mulheres, paes a filhos e até filhos a mães nas angustias do maior soffri- mento. S. Amaro, segundo o que dizem, soffreu a perda de 3.000 pessoas sendo uma povoação de 7 a 8.000! No



reconcavo, engenhos ha como Mussurunga, Botelho e Conde que dizem não ter ficado com um só escravo!

Foi nessa pobre população negra, onde sobretudo a peste fez mais fortes estragos.

Bomjardim nessa mesma carta diz ter perdido no engenho Thebaida 10 escravos. No S. Pedro 35 perdera o conde de Barral.

“Tem havido uma derrota nos engenhos: meu Mano que é dos mais felizes já perdeu seus 20 escravos, outros de 60 e 80, etc., etc.

(Carta de Alv. Tiberio a Wanderley—1.º Setembro 1855).

“Temos perdido mais de cento e dez escravos”, diz em carta Pedro Moniz (depois Barão do Rio de Contas) a Wanderley (16 Setembro 1855). E já em carta de 3 de Outubro accrescenta:

“Já temos perdido 138 escravos, mais de 10 por cento do numero total da escravatura de nossa casa... Tento hoje (a nomeação de juiz da capital)... desejo segurar o meu futuro, se o cholera não me levar, e me reduzir a não poder ser mais lavrador”.

Agora é José Augusto Chaves, senhor do engenho Retiro quem falla:

“A epidemia parece declinar mas, assim mesmo está fazendo estragos na minha vizinhança, pois o engenho Agoa Boa, do Moreira de Carvalho, já tem enterrado mais de 20 escravos, assim como o José Moreira e a Mãe!

Aqui ainda não se deu um só caso, apesar de que estou á espera a cada momento”. (5 Outubro 1855. Retiro).

E ainda em nova carta de 18 de Setembro:

“O Martins (S. Lourenço) e os Veigas teem soffrido mortandade. Morreu o Thomé, moço, cunhado do Martins, depois de ter perdido um bom numero de escravos, e o pai tem tido grande perda. O Pirajá nos differentes engenhos tem perdido e perde consideravelmente, e alguns engenhos ha que ficarão de fogo morto como o Jericó. Outros, porém, teem sido felizes como o Passé que nada soffreu ainda”.

Não é proposito nosso traçar o quadro dessa epoca; apenas aqui damos ligeiras sombras á tela, onde desta-



caremos o perfil de um heroe. Seria um ennumerar interminado de episodios e anedoctas, horrores e lagrimas aquella descripção, a que não faltaria ao observador hodierno o lado ridiculo da therapeutica de então:—tratamentos por mezinhas bravas, prevenções por barbaros expedientes grotescos.

Foi S. Amaro o scenario dos mais tragicos successos. Ahi chegara ao mais subido ponto a maior virulencia do mal.

Nos ultimos dias de Agosto cresceu enormemente o morticinio, o pavor tomou proporções de loucura, o exodo antevisto como uma esperanza cada vez mais senhoreava as vontades.—Os medicos fugiam, os grandes se exilavam, as autoridades abandonavam seus postos, e o povo, num reboante clamor d'angustia, despeinhava-se em catadupa pelas estradas, para os portos, para todo o ponto, deixando os doentes, abandonando os mortos, esquecendo os maiores affectos, na desapoderada torrente do pavor colectivo que os dominava e nos seus vortices terrificos a todos carreava.

A 29 daquelle macabro agosto, havia na cidade mais de duzentos cadaveres insepultos e os doentes estavam á mingua de todo o soccorro e de qualquer assistencia. Nesse dia aportou um vapor com ambulancia remettida pelo Governo mas, "o tumulto do desembarque, por causa da hora, da chuva, da falta de canôas e da alluvião de emigrados que disputavam logar no vapor, apenas ancorado", não permittiu que fossem logo desembarcados os remedios de que tanto necessitavam os enfermos aos mil.

De tudo se carecia:—dinheiro, força, officiaes de linha, sacerdotes, ambulancias, medicos, enfermeiros, cobertores, baêta, alimentos, tudo.

Os animos mais corajosos e dedicados se viam obrigados a acumular os mais dispaes serviços.

O Dr. Arnaldo Ernesto Vieira esse confessava ter sido medico, camarista, soldado e até coveiro.

Para dar algum remedio a tantos males e attender com providencias a tão horrivel situação via-se em laços o presidente Moncorvo de Lima.

Recuavam os mais resolutos. Medicos, mesmo os ligados a deveres officiaes, se não queriam afastar da capital.



Já tres estudantes, duas irmãs de caridade e dois medicos haviam morrido victimas de sua philantropia. O egoismo via-se fortalecido pelo pavor e a propria vaidade, provocando crises entre os medicos e a Commissão de Hygiene, não se continha ante o amargor daquelles transes.

As desculpas, as recusas, as desobediencias se multiplicavam.

Foi em meio de taes scenas que se obrou o milagre.

Comece por narral-o o presidente Tiberio na singelesa veraz deste seu communicado:

“Quando aqui chegavam as peiores noticias de S. Amaro e todos se recusavam a seguir para lá veiu-se-me offerecer o Dr. Betamio, apesar de ter o seu collegio e grande familia. Aceitei seu offerecimento e fil-o acompanhar de mais tres, e tendo o Dantas se retirado da cidade, o Mattos que lá mandei o exonerou, nomeando o Betamio, o qual, já como auctoridade, já como medico serviu a morrer, e realmente a dous dias, depois de um trabalho insano de dia e noite, cahiu e tem estado a expirar, achando-se desenganado, pelos compa-nheiros”.

(Carta a Cotegipe).

Betamio era um espirito livre, desapegado de preconceitos—franco sem brutalidade, analysta sem scepticismo, altivo sem arrogancia, dedicado sem pieguice. Tinha uma fé toda sua nos destinos humanos e uma noção fria e tenaz, na força e no fatalismo da solidariedade entre os homens.

A sua educação enropéa accentuara-lhe estas innatas qualidades e, quer como educador, quer como medico, foi o amigo constante de seu semelhante;—não pelos commandos religiosos de seita, não pela piedade enternecida do coração, mas com uma ordem fria da sua razão de philosopho.

O sacerdocio da medicina, pelo qual se sacrificou, não era a conducta a gosos eternos ou caminho com que evitasse penas perennes no além-tumulo, era o corajoso agir, sem esperança de premio e na dura certeza do sacrificio, só por só ditado pela impavidez de um determinismo moral a que se condemnara.

Elle era, e bem, o medico perfeito. De facto, afora o orgulho de suas conquistas diarias na luta contra a



natureza perseguidora do homem; afora o valor dessas grandes descobertas que transtornam hypotheses consagradas e levantam novos alicerces á philosophia; afora o heroismo dos estudos e das observações continuas, onde se queimam, na ara das grandes vocações, existencias inteiras,—afora isso, e por sobre tudo isso, como merito maior dos legionarios de Hypocrates, dos irmãos da ordem serafica de Pasteur, estão as obrigações Moraes que, no seu conjuncto, formam as regras do “sacerdocio” da medicina. Mas quantos comprehenderão os hieroglyphos dessas difficeis maximas; quantos serão capazes de soletrar as syllabas desse evangelho de sacrificio; quantos se afastarão do interesse com que se bate moeda no balcão de uma sciencia ephemera, garantindo certezas e infalibilidades?

Quantos irão, em trabalho silencioso e ingrato, levar alivio, sem esperança de paga, sem notoriedade nem fama, na certesa de contagio muitas vezes?

Quantos?

Poucos, muito poucos e raros.

Gemma mais luzente dessa pequena corôa de abnegados é esse S. Betamio que deveria ser como a invocação e o nome protector da medicina na Bahia. Nem se fazem mister grandes memoriaes e mais longos summarios para canonizal-o. Baste o relato simples da ultima semana em que padeceu a sua paixão e o seu martyrio o orago da igreja medica brasileira.

Começara fulgindo já com uma luz sobrenatural desde a sua despedida e ultima conferencia com o presidente Tiberio:—“Foi um heróe e um martyr, e elle ao partir para Santo Amaro me disse:—Sr. presidente fique certo de que vou trabalhar sem descanso, vou tomar a dianteira aos trabalhos mais arriscados; não me lembrarei de minha vida, nada exijo em recompensa de meus sacrificios se os puder vencer, mas se succumbir V. Exa. e o Governo olhem para meus filhos”.

São falas pausadas no grave compasso da voz dos predestinados, echoando harmonias excelsas.

No seu desaparego magnifico só o liga ao mundo a saudade dos filhos, as preocupações de seu futuro, cuidados antecipados ao ninho que elle advinhava abandonado.

Que força de animo para vencer tanto soffrimento?!



E soffrendo, mas animoso, partiu a 29 de Agosto de 1855 para Santo Amaro.

O vapor que o leva ia singrar o Acheronte.

Já de cedo o horror do flagello inplacavel annunciava-se sinistro.

Aqui e alli descendo boiante nas aguas um corpo e outro. Este bate á prôa do barco:—cadaver mirrado de cholerico, como uma ilhota de carne, onde haviam começado seu repasto os urubús de azas negras. Oscila um momento como um tronco secco, ladêa os bordos da nau, balança-se ao ondear que faz a quilha e vai, agua abaixo, pela fluida correnteza barrenta, na sua dança macabra sob os leques das azas dos corvos que avoejam-lhe por cima esfaimados.

A beira dos mangues, no ponto do desembarque, era o clamor furibundo da disputa de um logar pelos fugitivos espavoridos, num concerto infernal, como aquelle que ouvira o Dante:

“ Por esse ar sem estrellas irrompia  
Sôar de pranto, de ais, de altôs gemidos  
Tambem meu pranto de os ouvir, corria

Linguas varias, discursos issoffridos  
Lamentos, vozes roucas, de ira os brados  
Rumor de mãos, de punhos estorcidos

Nesses ares, p'ra sempre enneveados,  
Retumbavam girando e similhando  
Areaes por tufão atormentados”.

(Canto III—v. 8, 9, 10 XAVIER PINHEIRO).

Betamio mesmo o narra:

“Chegamos ás 7 horas da noite e são 8 horas quando escrevo a V. Exa”.

O Delegado Dantas não estava presente. Achei tudo na maior anarchia, não tivemos quem desembarcar nossa bagagem porque tudo corria; os Drs. Bahia e Aducci affirmam-me que ha 200 cadaveres por sepultar.

Assumi a autoridade de delegado porque a pessoa que estava revestida desta autoridade era um estudante de segundo anno.

—João Philip Rastelli que não mostrava a energia que a circumstancia exigia:—digne-se V. Exa. confir-



mar-me no cargo que assumi ou nomear outro que se ponha na frente do movimento.

Amanhã pretendo recorrer aos proprietarios para darem pretos afim de se evitar a putrefacção dos cadáveres.

Peço a V. Ex. força de marinha ou tropa porque não ha nenhuma absolutamente. Só ha dois estudantes pois que os mais, segundo me informa o Dr. Adducci, fugirão.

Supponho que o vapor não poderá conter todos os que se precipitam para a emigração”.

Na manhã seguinte principiou a sua funebre tarefa:

“Assim que amanheceu o primeiro dia em Santo Amaro empreehendi a tarefa do enterramento ou queima dos cadáveres que jaziam pelas ruas, obstruiam a entrada do cemiterio e estiravão uma consideravel extensão pela parte de dentro daquelle campo”.

Vale considerar um momento o horror desta scena:—cadáveres aos montões:—cadáveres enfileirados:—cadáveres abandonados com a rigidez esculpindo-lhes nos corpos exangues as macabras posições da morte e da tragedia.

Vale lançar a vista a essa avenida de mortos, cujos olhos não acharam quem os cerrasse e fitam no vacuo com seu vitreo e parado mirar quieto; mortos com as boccas escancaradas, não cerradas pelas mãos dos filhos espavoridos que os deixaram ainda vivos entre as sêdes e ansias da agonia para correr da peste que os mataria poucos passos adeante.

Vale tremer um instante á vista desses risos e ictus de physionomias mortas e mirar um momento além aquelle amontoado de corpos que se entrelaçam em desordem, e aquella cabeça que emerge desse cahos e aquelle braço que surge sem que se lhe veja o dono, e aquellas plantas de um corpo já sepulto sob outros corpos.

Sinistra paisagem do inferno esse campo...

Mas continúa Betamio:

“Para os enterrar serião precisas cem enchadas; onde as achar?

Montei-me a cavallo ás 6 horas na direcção do engenho Jericó onde estava residindo o Dr. Ayres—pedi-lhe alguns escravos, carros e lenha, com effeito fez esse digno cavalheiro o que pôde; deu o resto dos seus escravos—mas eram Exmo. Sr., apenas 3!!!



Marchei em companhia deste honrado amigo para o engenho do Barão de Itapicurú, onde, segundo me affirmavam, ainda não houvera cholera;—esta informação não era inteiramente exacta, porque ali mesmo já havia alguns casos, mesmo fataes.

Mostrei ao Barão as circumstancias em que achavamos e o risco a que estavamos expostos se aquella grande massa de materia animal entrasse em decomposição, que, aliás, já estava adeantada, porque em muitos já havia a descamação epidermica”.

Pediú Betamio ao Barão escravos para o serviço de incineração, a que ninguem se queria prestar pela quasi certeza da morte. Itapicurú respondeu á solicitação do apostolo sem uma rara nobreza, acudiu áquelle pedido com um gesto antigo de prisca fidalguia.

Foi solução a sua da mais larga abnegação e da mais inteira justiça.

Nesse passo abriu mão da fortuna (pois se á morte de seus escravos era possível ou provavel a perda de seus valores era certa com a alforria), em tal conjunctura foi superiormente humano.

E’ um quadro digno de um pincel que o memore esse daquella manhã:—a um lado a figura varonil e calma de Betamio, além na varanda do “sobrado” o Barão que fala altivo a seus cem negros em forma, donde se destacam apenas dois, ao mesmo tempo confiantes na liberdade e tementes da morte.

Betamio pediu escravos e Itapicurú de cima respondeu “que elle ficava mal com sua consciencia se obrigasse seus escravos a um trabalho que elle considerava uma morte certa; que ia propor-lhes a liberdade se elles espontaneamente quizessem emprehender aquelle serviço e se escapassem:—erão mais de cem e somente dois se apresentarão!”

“Fui ainda,—continúa Betamio em sua carta ao presidente,—ao tenente-coronel Antonio Joaquim de Oliveira e Almeida, porém, nada absolutamente pude conseguir. Eis-me excellentissimo, ás 2 horas da tarde com quatro carroças de lenha que me enviou o Dr. Ayres e cinco escravos”.

Começou então o tristissimo mister onde foi o incansavel philantropo, encontrar o contagio e a morte:

“Tratei de apanhar os corpos que jaziam no inte-



rior da cidade leval-os para a estrada do cemiterio que estava obstruida com cadaveres e já consegui queimar ás seis da tarde oitenta corpos.

Pretendo que hoje fiquem consumidos os que restam ou ao menos aquelles cuja decomposição se acha mais edeantada; e então, exmo. sr., confio que o serviço se ha de fazer em regra, se como, espero, v. ex. enviar-me os soldados que pedi.

A tropa que aqui está ficou reduzida a 2 ou 3 praças todas em desordem, começando pelo commandante que diz que não foge com mêdo do regulamento de Lipe; ha porém, um cadete que muito se tem distinguido pelo sangue frio.

.....  
Ainda não vi hum só Padre o unico consolo que achão os moribundos he das boas e respeitaveis Irmãs de caridade.

A Camara Municipal desamparou o posto.

O Hospital foi tambem desamparado e em vez de doentes continha 30 e tantos cadaveres.

O Dr. Bahia está desanimado.

.....  
São sete horas da noite quando estou de volta de incinerar 150 cadaveres, poucos me restam; talvez uns 50 ou 60.

Creio que agora o serviço se organizará desapparecendo o panico que crêa corpos insepultos e em putrefacção (carta de 31. Ag. 1855).

No dia seguinte ainda communica o Betamio ao Presidente.

O "estado de Santo Amaro vai sendo mais lisongeiro, a confiança reapparece; o commercio vai-se abrindo e já transita por estas ruas de que se tinham apossado os mortos.

.....  
Hoje ainda estou embaraçado com mais 50 ou 60 cadaveres que deverão ser incinerados ou talvez sepultados".

.....  
Ao voltar dessa incineração já era presa do cholera o martyr. Contam que ao abrir garrafas que deviam conter Agua de Labarraque, com que se desinfectasse, veio-lhe a surpresa de ser agua o seu conteúdo.



Exclamou, então: "estou morto" e triste voltou á sua casa já tranzido do mal que o prostará 4 dias depois.

Nesse mesmo 1.º era já grave o seu estado e ás 4 1/2 da tarde de 5 de Setembro de 1855 fallecia o grande heroe.

"Subio á mansão dos justos com uma coragem e res'gnação dignas de admiração" dizem os collegas que o assitiram.

"A sua ruina resultou da direcção que tomou da incineração de mais de 300 cadaveres a que assistiu de principio ao fim procurando-os, fazendo os conduzir, preparando as fogueiras e animando a tudo com sua presença sem a qual nada se faria". (Carta de Alv. Tib. 5 de Setembro 55).

E conta o presidente Tiberio:

"Realizou-se o que temia Betamio, ficando ahi sua mulher, dois filhinhos e duas cunhadas que elle carregava, sem o menor amparo; até hoje foi a perda que maior impressão causou por que todos se interessavam pelo homem que subiu á fogueira para salvar seus semelhantes; contrahi para com elle um empenho pelo qual responderá o Governo Imperial e peço-te que advogues essa causa, como a mais santa a que nos podemos ligar em tão luctuosas crises". (Carta de Alv. Tib. 17 de Setembro 55).

E o governo de S. M. não deixou que Tiberio não cumprisse seu compromisso.

A familia do heroe teve uma pensão.

"Em nova carta de 24 de Setembro de 55 insiste o Presidente sobre este assumpto:

"e a ti entrego tão bem o amparo da familia do Betamio, a cerca da qual officio. Entendo que a pensão não deverá ser menor de 1:200\$000 e achava que se devia garantir aos dous meninos sua educação no collegio Pedro 2.º. Attende, porém, que isto é só dito a ti e que realmente fica-me a maior confiança na Munificencia Imperial".

Hoje quem passa pela "alameda da direita, no Campo Santo, póde vêr, ao lado dos tumulos de Manoel Victorino, Nina Rodrigues, Severino Vieira, Domingos Guimarães, um modesto mausoleo de marmor portuguez. Si parar lerá nas gastas létras que o tempo



vae apagando esta inscripção: "Et planxerunt enim Heu, heu mi frater".

(Reis—h. 3 cap. 13., v. 30).

"Quando em 1855 foi occasião da invasão do cholera algumas autoridades e medicos da cidade de Santo Amaro, esquecendo seus deveres, fugiram e sob a pressão do terror deixaram a população destituida de recursos e quando muitos medicos desta capital recusavam-se a partir para alli, a despeito das ordens do governo, o Dr. Cypriano Barbosa Betamio, medico aqui residente e que não era funcionario publico, offereceu-se para ir prestar naquella cidade os soccorros de sua profissão, tendo sido igualmente nomeado delegado de policia. Nessa dupla missão nobre e sobremodo arriscada o illustre medico succumbiu no dia 5 de Setembro do mesmoo anno. Para reconhecimento de tão heroica dedicação o Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes, natural e proprietario da cidade de S. Amaro, mediante o concurso de alguns amigos, depositou aqui os restos mortaes de tão benemerito cidadão".

Alli jazem, de facto, despojos veneraveis—vestigios do corpo que abrigou uma larga e immensa alma.

Cordas do coração humano, por certo, foram feitas para as vibrações da bondade nativa,—harmonia dessa solidariedade sem a qual as sociedades não existiriam.

Fibras d'alma não se teceram, todavia, para a abnegação e o sacrificio.

Só na tessitura fina, na trama rara dos espiritos eleitos afinam-se os tons sublimes desses sentimentos quasi divinos.

Por isso, o martyr foi heróe e o heróe foi santo.

Por isso, a veneração dos posteros é o galardão consagrado aos autores de acções tão levantadas.

A's vezes, porém, o esquecimento da historia que nem sempre premeia os que mais merecem, deixa, no silencio das coisas deslembradas, nomes e factos daquellas refulgencias illuminados.

Relembrar, pois, os que a ingratitude dos tempos relegou para a inutilidade dos olvidos castigadores; avivar na memoria dos contemporaneos grandes fastos olvidados, tirar dos factos preteritos a lição moral como



guia e exemplo ás obras e actores de hoje não nos parece identico sem merito e missão sem nobreza.

Foi isso o que pretendemos lendo documentos de uma grande acção, isso o que quizemos memorando um rarissimo feito de caridade; isso o que pretendemos e quizemos trazendo-vos no andor desataviado da verdade historica a imagem desse santo a quem uma profunda veneração grata é pouca paga a tanto bem agir.

JOSÉ WANDERLEY DE ARAUJO PINHO.





# Uma carta inédita de Euclides da Cunha

( DOCUMENTO HISTORICO )

*A carta que inserimos neste numero da Revista, escripta por Euclides da Cunha a Lucio de Mendonça—politico e juiz, estreitamente ligado a uma phase memoravel da existencia nacional, da propaganda abolicionista aos primeiros tempos da Republica—foi extractada de um caderno de rascunhos do estylista magnifico dos Sertões, caderno dado por Euclides a um dos seus melhores amigos e admiradores de Minas, o Sr. Fernando de Faria Junior, actualmente no Rio de Janeiro, e por este offerecido a outro seu amigo, nosso consocio, Sr. Lindolpho Azevedo de quem houvemos a copia hoje publicada.*

*E' um documento interessante, não sómente como um auto-retrato moral do grande escriptor, com o registo de um instante decisivo desviando talvez a directriz de toda a sua vida publica, mas ainda pelo que nos apresenta, traçado em algumas linhas expansivas, da intimidade de uma figura como a do Marechal Floriano Peixoto, em um inescutível momento da historia brasileira.*

*Copiamol-o na sua expressão corrente, desde que não nos foi possível reproduzir photographicamente o original, com as emendas e entrelinhas que caracterizam na preocupação nervosa da forma, todos os manuscriptos de Euclides da Cunha e tão incisivamente accentuam a sua psychologia litteraria.*

\* \* \*

Li com o maximo interesse a sua carta de 22 onde estão alguns apontamentos sobre o nosso homem. Não se surpreenda com o desejo de conhecer taes pormenores, por parte de quem, (estudante militar e formando-se pre-



cisamente na epocha em que—em pleno poder—nos collocava acima de todos os homens deste paiz) devia-os conhecer perfeitamente. Explico: naquella quadra não calculei bem a situação; vi no homem apenas um dos muitos *soldats heureux* que entram estonteadamente na historia. Além disto fui sempre um timido; nunca perdi esse traço de filho da roça que me desequilibra intimamente ao tratar com quem quer que seja. Dahi o ter perdido.

Aqui tenho um convite que leio hoje com tristeza e que na occasião recebi com indifferença. “29 de Janeiro de 1892. Euclides—o Marechal precisa lhe fallar hoje. Pinto Peixoto”.

Lá fui, constrangido na minha farda de 2.º tenente e atrapalhado com a espada. Encontrei o homem na sala de jantar, á vontade, e em um dos seus dias de expansão. A filha mais velha, D. Anna, que já naquella hora matinal estava junto a uma machina de costura—retirou-se logo depois que a cumprimentei.

E o grande dominador abriu-me a apertadissima pasta da sua intimidade:

—Veio em ar de guerra... não precisava fardar-se. Vocês aqui entram como amigos e nunca como soldados. Decorei textualmente.

Agora meu caro Dr. Lucio, vá preparando o mais fulminante alexandrino das *Vergastas* para fulminar a minha horrorosa *inaptidão*. O grande doador de posições, referindo-se á minha recente formatura e ao meu entusiasmo pela Republica, declarou-me que *tendo eu direito* a escolher por mim mesmo uma posição, *não se julgava competente* para indicá-la... Que perspectiva! Basta dizer-lhe que *estavamos em pleno despencar dos governadores estaduais!*...

E eu (nesta epocha estava sob o dominio captivante de Augusto Comte, e que isto vá como recurso absolutorio)—declarei-lhe ingenuamente que desejava o que previa a lei para os engenheiros recém-formados: um anno de practica na E. F. C. do Brazil!

Não lhe conto o resto. Quando me despedi pareceu-me que no olhar mortico do interlocutor estava escripto: *nada vales*.

E tive ainda a inexplicavel satisfação de descer orgulhosamente as escadas do Itamaraty, atravessar alegremente o saguão, em baixo, e sahir agitando não sei quantos so-



nhos de futuro... um futuro que desastradamente eu tinha destruido.

Conto-lhe o caso para que avalie a insciencia em que estava daquelle momento historico, o que explica a minha ignorancia actual.

Por isso, sempre que puder, sem que isto seja um compromisso que lhe tome o tempo tão bem empregado—transmitta-me as suas impressões pessoaes.





# UMA TRADIÇÃO RELIGIOSA NA BAHIA

---

## O culto do Senhor do Bomfim

---

O culto do Senhor do Bomfim, uma das mais vivazes tradições do Brasil, basta por si só para documentar a maneira como o povo bahiano entretém as suas relações com o divino e cultiva as suas crenças catholicas.

Já estamos, é verdade, um pouco longe dos pomposos oitavarios em que o bairro do Bomfim, e toda a península por elle dominada, se povoavam de caravanas vindas do Reconcavo, dos altos Sertões da provincia e d'além do S. Francisco, para tomarem parte na representação do estuendo martyrio que tinha por theatro a airosa collina de Itapagipe. Ainda em 1881 podia escrever, sem exagero, um chronista local: "Acódem á importante festa do Senhor do Bomfim, a primeira da Bahia e talvez de todo o Brasil, mais de 30 mil pessoas de todas as classes da sociedade e de toda parte".

Hoje o sertanejo contenta a fé, indo mais perto dos seus campos geraes e das suas serras, á gruta do Bom Jesus da Lapa. O habitante da matta e dos Engenhos vae ao santuario de Nossa Senhora das Candeias, a Lourdes bahiana. As peregrinações de Itapagipe diminuiram de volume; *as casas dos romeiros*, as que restam de pé, já se alugam a familias da capital para estações de verão e mudança de ares.

O programma da festividade externa tambem soffreu modificações que a grande massa dos crentes não approvou, mas a que afinal se resignou, coagida pelas reiteradas prohições ecclesiasticas, a que todavia foi preciso o reforço da policia armada.

Na quinta-feira da oitava do Bomfim era costume antigo da plebe fazer a lavagem do templo. Essa lavagem,



á parte sua intenção inicial, excedia tudo quanto no correr de 1534, interdizia n'estes termos o bispo de Évora:

“Defendemos a todas as pessoas *ecclesiasticas e populares*, de qualquer estado ou condição que sejam, que não comam nas egrejas, nem bebam, com mesas nem em mesas; nem cantem, nem bailem em ellas, nem em seus adros, nem os leigos façam seus ajuntamentos dentro d'ellas sobre coisas profanas; nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas jogos alguns, posto que sejam em Vigilia de Santos ou de alguma festa, nem representações, ainda que sejam da paixão de Nosso Senhor Jesus Christo ou de sua Ressurreição, ou nascença, de dia nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes actos se seguem muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem o escandalo no coração d'aquelles que não estão mui firmes na nossa Santa fé catholica, vendo as desordens e excessos que nisto se fazem”.

A “lavagem do Bomfim”, tantas vezes suspeitada de africanismo e selvagismo, tem, como se vê, os seus antecedentes ou, pelo menos, os seus precedentes historicos na velha e civilisada metropole portugueza. Era, na verdade, um pandemonium ás portas do céu, uma assombrosa bambochata, cujas liberdades com o sagrado chegaram ao delirio da irreverencia. E perdem-se por isso aquelle pittoresco e eloquentissimo quadro vivo de costumes.

Quem se não recorda na Bahia dos longos sequitos de aguadeiros e carroceiros, a guiar cavallos enramados com folhagem de pitanga e barulhentas carroças atacadas de lenha, pela Calçada do Bomfim até o adro da egreja, onde já tripudiavam creoulas e mulatas, gente de todas as castas e matizes, com a bateria de tinas, bacias; esfregões e vassouras? Quem a viu, que a esquecesse, aquella extraordinaria festa d'agua e alcool, aquelle enorme disparate de *bemditos* e chulas, de rezas e gargalhadas, de gestos constrictos, e bamboleos deshonestos? A Venus hottentote lá exhibia as suas opulencias carnaes e os seus rebolados de dançarina; os ranchos de aguadeiros despejavam os barris e sambavam com garganteios estentoreos. Soavam bacias como sinos rachados; o estrepito das palmas formava um matraquear ensurdecador. Num mesmo instante joelhos que se dobravam deante dos altares estiravam-se agilmente nos passos e voltas do mais atrevido fandango. Enquanto as vassouras chapinhavam nas lages da nave, olhares ca-



prinos incendiados em chammas alcoolicas, devoravam collos negros e infantes, onde as contas do rosario vibravam como guizos de mascarados.

Não faltavam ao espectaculo nem as gaiatices do espirituoso capadocio, nem musicas apropriadas ao tom da colossal pagodeira.

O excesso provocou a hostilidade systematica do clero e da imprensa. Mas tiveram que suar o topete antes que a lavagem, se curasse dos seus desatinos e loucuras de Entrudo. Annos houve em que as portas da capella, trancadas por ordem superior, escancaravam-se momentaneamente, e como por encanto, á invasão das hordas devotas. E o diluvio repetia-se.

E' assim que se expande o catholicismo do mestiço bahiano: a sua religião não dispensa, por nenhuma consideração, o apparatus e o estrondo carnavalesco. Elle crê e ora, ouve missa e communga, mas não faz voto de renunciar o rico prazer de dar vivas ao Santo, como os dá ao carro do caboclo em 2 de Julho e ao estandarte dos *Fantoches* e do *Cruz Vermelha*. Murmurou-se muito, aqui ha tempos, contra certas medidas restrictivas tomadas pela autoridade archiepiscopal acerca das procissões, e contra a ordem, emanada do mesmo poder, que vedou ás philarmônicas e bandas marciaes tocarem no recinto das egrejas. Tudo isso é necessario, é indispensavel ao temperamento religioso deste alegre povo. Com elle perdem o seu tempo os zelosos pastores evangelicos que tanto se afadigam por attrahil-o ás ceremonias frias, simplissimas e severas das suas seitas protestantes.

O bahiano quer entrar no céu, mas com alardo e fanfarra.

A festa do Bomfim continúa a congregar no formoso bairro a maior massa de gente que para essas devoções costuma arrojarse de fóra e dentro da cidade. Ou porque o Senhor d'aquelle outeiro lhe prodigalisa mais graças, ou porque o outeiro onde se eleva a casa do Senhor offereça campo mais propicio aos folguedos do povo, nesta terra de tantas egrejas, ha seculo e meio, tem logrado intensa popularidade. Não ha invocações novas ou antigas que consigam abalar o throno de ouro de divino Bom Jesus; não ha milagres que escureçam a fama dos seus milagres, nem para os convalescentes, ligados por promessas, ha ladeira mais suave de subir do que essa que em dous lanços



conduz ao adro do Bomfim. A cêra e os obulos de que se sustentam o culto, sejam quaes fôrem as crises das finanças profanas, multiplicam-se como os pães da Escriptura. A *casa dos milagres* já se estende por duas sallas da capella.

O officio annual é sempre rico e deslumbrante, mas a grande, a incomparavel festa é cá nos fóras, ao ar livre. Reprimida a licença da *lavagem*, este povo tão interessante na manifestação da sua religiosidade quanto engenhoso no prazer, instituiu a "Segunda-feira do Bomfim", que é um supplemento á semana festiva. Paralyse-se o commercio, fecham-se officinas, amortece a actividade nas fabricas, os jornaes apressam ou supprimem as tiragens, a criadagem deserta a casa dos amos, a cidade inteira cahe num silencio de tapéra... E' a "Segunda-feira". Todo o movimento, toda a vida bahiana se desloca para o arrabalde com a sua alegria atroadora. A companhia *Carris Electricos* foi uma obra da Providencia. As legiões da folia marcham e contra-marcham revolvendo a poeira de Itapagipe, banqueteadando-se nas ruas; ha musicatas, violões, modinhas, sambas, concertos, côros ambulantes, uma inferneira. Cada anno a musa da jogralidade rebenta em novas e desopilantes producções. Ha uns dous annos cantou-se no Bomfim, e depois na Bahia inteira, uma especie de aria burlesca muito expressiva. Depois de uma quadrinha qualquer disparatada, vinham alguns disticos neste gosto:

Macaco tua mãe tem rabo:  
E' o diabo, é o diabo.

Macaco, tua mãe é morta,  
Eu que me emporta, eu que me emporta.

Macaco tua mãe morreu;  
Antes ella do que eu.

Ao findar a serie respondia o côro:

Ai! ai! ai!  
Eu não era assim.  
Foi cousa que me fizeram  
Segunda-feira do Bomfim.

Rezam as chronicas da cidade que no governo do vice-rei conde de Atouguia, o capitão de mar e guerra



Theodosio Rodrigues de Faria, sendo grande devoto do Senhor Crucificado, que veneram em uma capellinha nas proximidades de Setubal em Portugal, trouxe de Lisbôa para aqui uma imagem do Senhor, feita pelo modelo e á semelhança d'aquella.

Corria o anno de 1745, e era o Arcebispo da Bahia D. José Botelho de Mattos, quando pela Paschoa da Ressurreição foi a imagem collocada na igreja de Nossa Senhora da Penha, em Itapagipe. O acto revestiu-se de solemnidade e pompa, e as multidões começaram a peregrinar para a Penha, afervorando a devoção.

Havia o capitão de mar e guerra promettido edificar um templo consagrado ao seu Crucificado, e não descansou. O sitio escolhido foi essa graciosa collina que tantas gerações de romeiros têm perlustrado ha cento e cincoenta annos. Cerca de um decennio depois de iniciada a devoção na Penha erigia-se n'aquelle cimo a capella do Senhor do Bomfim, sendo a imagem para lá conduzida processionalmente em 24 de Junho de 1754. Occorridos tres annos fallecia Theodosio Rodrigues de Faria, cujos despojos tiveram sepultura rasa junto ao presbyterio da capella.

A orientação do edificio obedece ao typo classico: "abre onde se põe o sol e corre contra o nascente, segundo a postura das egrejas antigas". Do seu adro goza-se o mais bello panorama da cidade e da bahia.

Os mais importantes melhoramentos que tem recebido desde a sua fundação foram: as pinturas do tecto e dos paineis dos altares, onde o artista Franco Velasco representou os passos da Paixão; os quadros da sacristia e dos corredores sobre themes da Escriptura, trabalho de outro pintor bahiano, José Theophilo de Jesus; os dous vastos paineis de Bento Capinam á entrada da capella, representando a "morte do justo"; a construcção dos corredores, que foram antigamente alpendres; e o chafariz de mármore Carrara, a pouca distancia do adro, encimado pela estatua do Salvador.

Estas ultimas obras, e outras externas, como a reforma do calçamento e o parque, foram promovidas pelos Drs. Freire de Carvalho, pae e filho, que se têm succedido na mesa e thesouraria da irmandade, zelando essa devoção tradicional dos seus avós.

Bahia—1905.

XAVIER MARQUES.



# Homenagem á memoria do socio benemerito Commendador José Alves Ferreira

*Aos 28 de Março do anno corrente, o Instituto Geographico e Historico pagou uma divida de gratidão de alto valor. Assim foi que se inaugurou na Sala Ruy Barbosa (Bibliotheca) o retrato a oleo do Socio benemerito Commendador José Alves Ferreira, que deu ao Instituto os recursos necessarios para a installação condigna desta Secção. Jamais se olvidará no Instituto a memoria do benemerito consocio que tão espontaneamente nos presenteou tão regio mimo.*

*Linhas abaixo lê-se o Discurso do nosso confrade Antonio Vianna, tres vezes interprete da nossa Saudade e das nossas homenagens ao prestante confrade.*

E' a terceira vez que vos recordo, no culto magoativo da saudade, coisas privadas á memoria do commendador José Alves Ferreira, um dos bons desta casa e um dos melhores que hei conhecido por toda a minha existencia. Falei-vos, entre lagrimas, dominando a beira de um tumulo. Fui breve, transido que estava pela brutalidade daquelle descenso justamente chorado. Era ali a voz da Bahia agradecida ao filho de outras plagas e que seu se tornára nos desvellos incomparaveis por tudo que se referisse a progresso e bem-estar, actuando livre e desinteressadamente com os direitos que outorga a fortuna, e a nobreza que assignala os espiritos de eleição. Era ali a gratidão commovedora desta terra ao bemfeitor consciente, ao esmolér discreto, ao Cidadão Venerando. E todos os presentes approvaram nos tons sombrios do semblante pezaroso o conceito formulado. Vim depois, para este recinto de austeras locubrações, dizer-vos, com a auctoridade de estima e com a isenção da justiça, o que merecera de nós todos o Commendador



José Alves Ferreira, por seus actos e por suas ideias, benemerito do "Instituto". Ouvistes-me com o carinhoso recolhimento que vos ditava o assumpto, e concordastes commigo na verdade soberana da suggestão que vos trouxe. Tinha eu, no momento, a intuição exacta dos valores da amizade, coisa maltratada por esses tempos de actividade egoistica em que o individuo que desapparece é um competidor de menos na ascensão tortuosa aos postos avançados da Sociedade.

Recebera, por mais de um decennio, as lições puritanas, daquella excellente creatura, e, seguindo-lhe o exemplo no apreciar os homens,—que é tambem dos meus habitos não louvaminhar actores na comedia humana,—enderecei o appello que vindes de prover com essa homenagem de agora, e na qual quizestes, honrando o sincero peticionario de hontem, fosse eu vosso interprete verbal.

\* \* \*

Confrades illustres:

Bem fizestes na integração desse julgamento. Que seria na grande luta social do esforço singular de cada combatente, se na consciencia de cada um não houvesse a esperança de que o companheiro lhe secundaria o **lanço**? Que seria da propria especie, se não sobrasse a **certeza** de que nada perece e tudo se renova na **perpetuidade** dos seres e na progressão das idéas. A emulação para os vivos e a justiça incorruptivel para os mortos, é o que consubstancia o vosso gesto magnifico.

Dizeis, na expressão duradoura desse acto, aos que vos servem, aos que se dedicam á Bahia, que é tambem se vos dedicar, que, aqui, ha asylo para os bons, louvores para os intemeratos, palmas para os triumphadores, respeito para os vencidos, memoria para os dignos. No **código** das vossas reflexões escrevestes assim mais uma conquista, porque a grandeza da nossa causa está no **brilho** da nossa historia, e eu não sei de luminosidades mais intensas que as do dever cumprido.

Amanhã, o observador imparcial, revendo a galeria dos maiores do "Instituto", testificará que a bitola dos premios que deferimos é marcada por serviços, e não somente pela estatura social do agraciado.



Verá, também, que, no borborinho da época, ainda houve tempo para se cogitar de coisas abstractas qual essa de sacrificarmos á amizade de um morto. E' que os virtuosos ensinamentos desse mesmo morto deram-nos animo e inspiração para que não errassemos no preço da recompensa á sua dedicação delle por tudo que fosse ou parecesse felicitar os seus semelhantes.

E, sem o perceberdes, meus caros consocios, dignificastes-vos, reverenciando a memoria de um benemérito e escolhendo para isto o mais desaperebido dos vossos seguidores.

Socrates, por certo, não se desdouraria de ter-vos como discipulo na concepção philosophica da amizade.





# COSTUMES MONASTICOS NA BAHIA

## II

### Frades no seculo XVIII (\*)

---

( Vide “Revista do Instituto” n. 44 )

---

Frades!...

“Houve-os de santa vida, disse Camillo,—que pregaram o evangelho dos bons exemplos e deixaram na terra vestigios do martyrio—o grande martyrio do coração abafado e morto na estamemha do habito...”

Oh! Se os houve! E quantos! Santidades anonymas que a memoria dos homens não canonisa, mas que a justiça de Deus deve de estar premeando!

E que ha que se compare á fragrancia desse perfume de beatitude em meio áquelles ares, tão empesteados de mundanidade, dos enormes claustros—ora vasiaos dos monges pervagantes que eram nomades gosadores, ora repletos de luta e de peccado?!...

Santas vidas aquellas, que eram lyrios vicejando nos paúes e recendendo um suavissimo olor excelso entre as emanações das charnecas!

Por todo o seculo XVIII, e bôa parte do seguinte,

---

(\*) Esta pagina de despretenciosa investigação de habitos decahidos funda-se quasi totalmente nos documentos existentes no archívo do Conselho Ultramarino de Portugal, publicados em summulas e transcripções nos vols. 31, 32 e 34 dos “Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Os numeros postos entre parentheses, em muitos topicos, são os correspondentes a taes documentos naquellas publicações.



soberbia e indisciplina, em padres e frades, faziam da sedia archiepiscopal desta diocese da Bahia uma cadeira de supplicios.

Faltava ás ovelhas tonsuradas do rebanho do Senhor obediencia, humildade, piedade.

Recursos e representações de cabidos e sacerdotes subiam a cada hora contra ordens e actos da Mitra (7898, 7990).

Velhas bullas e velhas disposições já desusadas invocavam-se a cada momento para justificação de abusos de monjes e sacerdotes, "como he necessario, diz o arcebispo D. Joaquim Borges de Figuerôa em carta ao rei (9119) obedecer, ficam os abusos mais autorizados e impraticavel a emenda e o Prelado Ordinario exposto a não ser obedecido e ao riso do povo que o tem por innovador".

E eram padres regulares quem, "authores e protectores dessas relaxações", punham o bispo na contingencia de dizer "tenho autoridade, não tenho forças que bastem a dissipal-os".

O prelado pedia e poucos o attendiam, o metropolista ordenava e quasi ninguem o obedecia.

Em 1764 era essa desobediencia irritante. Nenhum sacerdote se queria sujeitar á capellania das náos que sahiam para o commercio e resgate de escravos na Costa da Mina, mas como era de lei se não aventurassem vidas, entre mares, sem um ministro de Deus para soccorrer as almas em caso de naufragio, ou nos accidentes communs da travessia, o governo exigia do arcebispo mandasse para bordo capellães.

Ordens que para isso aventurava não eram attendidas.

As que vinham entretanto do Capitão General eram imperiosas.

Recursos para satisfazel-as era prender os seus escolhidos e, detentos, mandal-os conduzir para bordo. Pois bem, ainda a custo de tanta humilhação e sob a acção de tanta severidade não lhes acudia, aos padres, temor e humildade. Quando davam accordo de si os tripulantes das náos muita vez não encontravam o capellão. Foi esse o caso do Padre Manoel Nunes de Mello que (6477—6481) em 1764, passou furtivamente de uma não da Africa para uma que partia para o Reino e, quando foi



procurado, singrava já os mares altos, em busca das costas luzitanas.

Outros achavam meios de burlar o Arcebispo e o Governador contractando os seus serviços para depois fugirem: tal como esse Padre João Ribeiro que se safou da Galera Francisco de Paula, chamando por isso sobre si uma ordem de prisão (8556, etc.)

O fisco não lhes mettia receios. Por esse anno de 1764, chegando á Bahia 21 Padres regulares proscriptos, procedentes da Italia, "antes que o Governo pudesse executar sobre elles a sua vigilancia, o Provedor-Mór da Fazenda encontrava-lhes na bagagem contrabandos" (6640 a 6645).

A's festividades religiosas, ás procissões accorreriam com zelo, humildade e aqodamento mistico? Nem sempre. Negavão-se muitas vezes; requeriam, recorriam; protestavam, tal como os carmelitas no anno de 1774 para não acompanhar a procissão de Corpo de Deus (8700). Outras vezes, quando compareciam a esta solemnidade era para, desconsiderando a Camara, promotora da procissão, mostrarem a mais "escandalosa attitude", como fizeram os conegos e vigarios no anno de 1775 "por não se contentarem com as tochas de libra que a Camara lhes mandara distribuir" como era de costume, exigindo tochas de tres libras (8772 a 8776). Era a ganancia de uns papa-cêras desrespeitadores, offendendo ao Senhor e aos emblemas religiosos.

Por fallar aqui dessa ainda hoje tão bella procissão de Corpus Christe vem a pello lembrar um episodio occorrido no anno de 1643, narrado por Accyoly em suas "Memorias Historicas".

Por esse tempo era Bispo da Bahia o brutamontes D. Pedro da Silva. Não andava de bom reccado, ao que parece, as suas relações com o governador e com o Senado da Camara pois, antes da hora marcada, fez elle sahir da Sé, sem nenhum concurso de povo, a procissão. O governador e a Camara foram encontrar o cortejo já na rua Direita—hoje rua Chile—mas o bispo deu-lhe tanta pressa, no intuito talvez de evitar a incorporação dos retardatarios, que "largou o Senhor das mãos e sahindo-se do Pallio fóra, largando a custodia ao Chantre, com admiração de todo o povo e na presença d'elle, pegou em um vereador do anno passado, e o empurrou com o braço,



dizendo em altas vozes, que se fosse com o guião da Camara que levava para deante, com pena excommunhão maior, e o fez ir assim intimidado, para onde iam as bandeiras e insignias dos mechanicos, affrontosa e escandalosamente" (vol. 4, pagina 17).

14. [ Em fins de 1774 chegava á Bahia o novo arcebispo D. Joaquim Borges de Figuerôa e na vespera do Natal desse mesmo anno tomava posse. A impressão que lhe dava a diocese não n'o animava. Encontrara a cidade cheia de clérigos que subiam no numero, desproporcional á população urbana, a 251, fóra 48 diaconos, sub-diaconos e minoristas:—um mundo de sotainas, algumas inuteis, outras decrepitas, e no meio das quaes se não encontrava um só espirito deveras religioso que, abandonando a vida regalada da cidade, fosse curar os fieis da freguesia do Poxim que então vagara. Cada um dos convidados engendrava as suas desculpas e a parochia ficava sem o seu pastor. (8639)

Em 1784 o arcebispo D. Fr. Antonio Corrêa, em officio de 12 de Janeiro, notava o "péssimo comoprimento da maior parte dos ecclesiasticos (11468). Os editaes de suspensão eram communs. Nem ao menos as vestes talaes se dignavam elles de trazer, o que levou esse mesmo D. Antonio (1784) a em pastoral:

proibir aos ecclesiasticos o uso de casaca de Granacha dentro da cidade e de fivellas de ouro e das que fossem adornadas com pedras (11.486)"

Aliás esse abuso chegou até bem perto de nós e Tollenare em suas Notas Dominicaes escriptas em 1816 notava:

"Muito perto de minha casa fica a igreja chamada de N. S. da Graça que é administrada por conegos ociosos, mas polidos; raramente os encontro com vestes ecclesiasticas; de ordinario trajam jaquetas e calças de chita como os outros habitantes. Sendo o voto de castidade considerado aqui como mera formalidade e sem obrigação real, as suas intrigas amorosas não provocam escandalo e elles não renegam seus filhos". (Rev. do Inst. Geog. e Hist. da Bahia—Vol. 13 pag. 64).

Fazia-se mister licença para pregar?—Pregavam sem



ella pouco importando a pena de excomunhão maior que os ferisse (9029) tal como esse Padre Mestre Frei Joaquim de S. Thomaz, que esmertamente escolheu para assumpto de seu sermão, em S. Francisco, o panegyrico do Conde Oeiras, ao depois Marquês de Pombal, e já Ministro impedindo assim o chefe da egreja de o castigar, pelo temor de intrigas com o voluntarioso chanceller de D. José.

Não era officio dos menos arduos ao principe da egreja o de chefe de policia que então exercia: aqui recolhendo mulheres más aos conventos, ali punindo desregramentos de freiras, mas, sobretudo, prendendo e encarcerando frades e padres criminosos.

Em 2 de Agosto de 1787 o arcebispo D. Fr. Antonio Corrêa officiava ao Ministro do Ultramar sobre "o immoral comportamento de muitos ecclesiasticos" (12566) juntando a esse officio um que a Camara de Jacobina lhe havia enviado (12567) "em que accusa uma grande parte dos ecclesiasticos daquela comarca de terem uma vida desregada e immoralissima". De especie differente era a representação que em 1796 mandava ao ministro a Camara de Porto Seguro contra o vigario encommendado da vara da mesma villa Manoel Ignacio Lopes Moreira em que o accusa de ter injuriado os vereadores e alguns funcionarios publicos" (16608).

Em 1793 o Juiz de Fôra de Cachoeira Joaquim de Amorim Castro "accusa o Pe. João da Costa Ferreira de escandalosamente perturbar a ordem publica com as suas provocações, calumnias e os escandalos que praticava e que exigiam um castigo efficaz" (15351). Quatro annos depois esse mesmo padre andava nas malhas de um processo com ordem de prisão (17218, 18309).

Em 1789 havia sido um dos escandalos mais falados desta cidade o processo que contra sua mulher D. Anna Maria Joaquina e o conego da Sé José da Silva Freire movia Jacintho Thomaz de Faria, no qual os accusava do crime de adulterio (11370, 14330, 11614). D. Anna Joaquina esteve, a principio, depositada em casa de Joaquina Vieira da Silva e por fim no Recolhimento dos Perdões.

Alguns annos antes, em 1775, outro fôra o caso boquejado. Era este a devassa que então se fazia sobre "ferimentos feitos por Fr. Manoel de Sant'Anna na pessoa de Manoel Vicente da Silva" (8702).



Seria tarefa longa o enumerar as prisões de frades e padres nesse seculo de 1700. Havia mister então estirar ahi uma lista interminada. Sejam destacados alguns casos para exemplo:

Em 1764 era preso no Rio de Janeiro Fr. José de Sant'Anna Martha e da cadeia escapava o leigo Fr. João Baptista dos Reis pela opportuna concessão do *habeas corpus* da mais liberal e avisada das mortes (6471, 6472).

Nesse mesmo anno no officio em que Francisco Xavier de Mendonça Furtado communica ao Governo Interino a posse do novo Abbade participa a prisão de diversos religiosos, não menos de cinco do mosteiro de S. Bento (6482, 6624, 6630), e nesse mesmo anno partiam para o Reino sob prisão mais de dois leigos de S. Bento um dos quaes o boticario da Ordem (6736, 6739).

Em Novembro de 1765 era remettido preso para Portugal Fr. Luiz dos Remedios da Ordem de S. Francisco (6936).

Mal chegados de Pernambuco em 2 de Janeiro de 1786, eram presos pelo arcebispo D. Fr. Antonio 6 religiosos carmelitas.

E assim por ahi deante prisões, e assim fugas, e assim patrocínios fortes burlando ordens severas. Desse ultimo caso estava em 1786 o Padre Carmelita Fr. Manoel Jeronymo protegido, dentre outros a quem se dava busca, pelo capitão mór do Itapicuru Bernardo Carvalho da Cunha.

Em 1769 estava preso na cadeia desta cidade o Padre Francisco da Costa Pereira, que nesse mez de Setembro foi enviado a Lisboa.

Em 1772 seguia para as prisões do Limoeiro, em Lisboa, o Padre Salvador Pereira de Souza (8551).

Era esse ambiente ecclesiastico por todo o seculo atrazado.

Traçado, assim, no risco destas notas o plano das perspectivas, esfumado o fumo da tela, resta-nos destacar, agora, no colorido vivo de uns tantos episodios e nas sombras fortes de uns poucos de casos, a vida dos frades bahianos daquella epoca.

Mal chegado á Bahia em 1774 o arcebispo D. Joaquim Borges de Figuerôa, impressiona-o a indisciplina dos frades.



Os de S. Bento eram "moderados", mas arrogavam-se taes privilegios que, a serem admittidos, "ficaria havendo tantas dioceses separadas ou tantos isentos quantos são os engenhos, capellas e fazendas dos frades todos da Bahia".

Os franciscanos "sem embargo da pobreza de sua profissão, eram os mais ricos, eram os mais soberbos".

Os capuchinhos, contra os quaes se não murmurava muito, ahí por 1779, entraram "em graves desordens por causa da incapacidade senil do seu superior Fr. Barnabé Tebaldo" (10066) e, quanto ao delicioso regimen das ausencias á clausura, eram do mesmo feitio. O Governador Geral em carta de 5 de Dezembro de 1778 assim se lhe referia:

"A desordem em que se acha a religião de que falo vem a ser não querer frade algum morar no convento; porque uns, a titulo de esmoléres, residem continuamente nas freguezias onde têm casas como particulares, outros feitos feitores de fazendas de parentes, e alguns sendo frades capuchos e senhores de engenho ao mesmo tempo. Finalmente, por não escandalisar o ouvido de V. Exa. não relato o que resulta dos frades não viverem em comunidade e na clausura e concluo segurando a V. Exa. que, nesta parte do mundo são religiosos por trazerem algumas vezes o habito, porque se não trouxerem coisa alguma tinham differença de um pae de familia" (10319).

Agostinianos da Palma, Carmelitas descalços de Santa Thereza, os da Congregação do Oratorio, os de S. Felipe Nery—esses sabiam dissimular melhor abusos que de certo haveriam de obrar. Por ventura a lucta de todos os prelados contra os mais poderosos e ousados os deixava, áquelles, esquecidos, para a calma impunidade silenciada de seus delictos menos retumbantes.

Há uma passagem de documento civil desse tempo que, resumindo relações e officios dos arcebispos, descreve a vida dos frades daquelle seculo; modos de existencia e costumes libertarios que, pouco attenuados, chegaram até quasi o ultimo quartel do seculo XIX.

No capitulo 9 das instrucções trazidas pelo Marquez de Valença, quando veio como Governador em 1779, lê-se:

"He muito conforme ás regras disciplinares e canones da Egreja que os regulares vivão nos seus conventos e não fóra delles como fazem os da Bahia, desamparando-os



ao ponto de não haver côro nos ditos conventos, por falta de religiosos, ao mesmo tempo que o Reconcavo daquelle Capital abunda de frades, vivendo em casas proprias ou alugadas, sem differença alguma dos seculares tudo na forma que o arcebispo da Bahia e o antecessor de V. Ex. representam nas suas relações" (10319)

Quem levava as lampas porém, nessa emulação de escandalos e desordens e nessa vida toda contraria á disciplina claustral eram os Carmelitas calçados.

"Esses Carmelitas calçados—diz D. Joaquim Borges de Figueirôa em carta ao Rei, 17 de Abril de 1776—são os mais relaxados, porque vivem dispersos, têm fazendas suas, outros com o titulo de Mães ou Irmãs a quem assistem não vivem no convento e ainda na cidade vivem alguns em casas separadas com licenças antigas dos Prelados, renovadas sempre pelos que entram" (9199).

Contra taes religiosos não se cançou o arcebispo D. Fr. Antonio Correia de aparar pennas e gastal-as na aspereza dos papeis de linhas dagoa daquellas epocas em officios e cartas, ordens de excommunhão e suspensões. Foram esses frades todo o desespero de sua **prelasi**a. Não cessou esse arcebispo de pedir a *seculari*sação desses religiosos nem de lembrar a "necessidade de os obrigar a sahir da capitania" assim fossem secularisados (1786).

O seu pessimo comportamento; a fuga de muitos, o seu desassombro e ousadia, levados ao ponto de desrespeitarem ordens regias; (1789-13339), as rudezas asselvajadas de sua impetuosidade postas de manifesto nos desacatos a superiores tudo era o remate de uma desordem sem par com o rotulo de ordem e eremiterio.

Reciprocamente esses frades se accusavam de "irregularidades e escandalos", de "excesso" (14347, 14348, 14358) de dissipações e violencias" (9797 a 9800). Por sua vez o arcebispo não parava de narrar "escandalos" e citar nomes de frades escandalosos (Fr. João Requião, Fr. Manoel Jeronymo, Fr. Bernardo Pinto (14288).

Em 1783 tocavam ao mais alto ponto os desregramentos dos Carmelitas. De frades e do arcebispo recebia, em porção, o governo queixas e denuncias e o relato das extraordinarias occurrencias que se tinham dado na ordem, o escandaloso procedimento da maior parte dos religiosos" (11225-11276). Não poudes então o ministro do ultramar



senão enviar instrucções ao arcebispo "para reprimir os desmandos dos padres carmelitas calçados (11333) os quaes ainda em Maio desse anno de 1783 se haviam agitado em disturbios e desordens (11448, 11454).

No anno seguinte de 1784 era tal a rebeldia desses frades contra o arcebispo que D. Rodrigo José de Menezes ordenava "ao Juizo dos Feitos da Fazenda e Corôa não tomasse conhecimento dos recursos que pretendessem interpor os frades do convento do Carmo contra o arcebispo" (11677).

E bem se aquilata do alto fragor dessas luctas ante a suprema audacia que, subindo ao nivel das imputações pessoas e dos encontros physicos, levava esses carmelitas a em Fevereiro de 1785, accusar ao Metropolita de ter aggreddido corporalmente a Fr. Francisco Ribeiro, do que reultara ficar gravemente doente (16690). Entretanto, exame que se fez nesse frase provou não haver vestigio de aggressão physica e soffrer elle apenas de uma adeantada hydropisia (11691).

Ainda em 1791 era tal o procedimento desses religiosos que sua illustrissima o Provincial lhes suspendeu, tendo sido antes, em 1785, energica a intervenção do nuncio D. Vicente, cardeal Ranuzzi (14364-14488).

Alem da licença de costumes haviam de determinar taes diligencias certas desordens, por assim dizer, politicas da ordem.

A *politicalha*, germen isolado agora no caldo de cultura da suprema eloquencia de Ruy Barbosa, gafava então, e já, conventos e clausuras.

As eleições conventuaes, os capitulos das ordens, eram motins de portas a dentro, reboando escandalos de portarias a fóra.

A cabala explodia em queixas, em altercações, em motins.

Fallecendo o padre mestre provincial do Carmo Fr. Raymundo Boim de Santo Antonio, estalou em 1763 uma dessas desordens quando se lhe elegeu successor, levantando a voz até ao throno Fr. Alexandre de S. Theresa numa representação contra o provedor mór da Fazenda, Manoel de Mattos Pegado Serpa por elle accusado de agir com arbitrariedade e violencias (6097, 6108).

Em 1767 novas dissidencias perturbaram o convento do Carmo, novas queixas de arbitrariedades e irregula-



ridades, novas representações, quando foi da eleição do provincial (7704 a 7707).

Ainda em 1770 surgem desintelligencias ao eleger-se novo provincial, logar disputado por Fr. Ignacio de Britto e Fr. João de Menezes (8284).

O capitulo celebrado em 1783 foi tão tumultuoso (11470) que afinal, por provisão archiepiscopal de 5 de Fevereiro de 1784 foi annullado (11786).

Muita vez porém animava dissensões taes e taes facções um sentimento, sem merito naquella epoca remota, mas que luz, a nossos olhos de patriotas, com o fulgor vivo dos grandes idéaes e com a excellencia maior das grandes virtudes.

O *sythema* escravizador da metropole, illudida no proveito dos lucros immediatos, fundando uma economia insensata que difficultava a civilisação da colonia, fechando manufacturas e prohibindo officinas, exgottando a besta sem dar-lhe o trato que a tornasse sadia e proveitosa, reflectia então, por todos os ramos da sociedade, aquelle desprezo dos do Reino pelos nascidos no Brasil.

Logares da administração e do Governo, esses cabião aos protegidos da Côrte. Apenas aqui ou alli um americano mais feliz bispava, no joeirar dos favores, a excepção dalguma propina.

Nos conventos tambem não cabiam, em sedias de provinciaes e na cathedra de abbades, assentos de brasileiros, ainda a despeito da reacção dos nativos contra o predomínio odioso dos que elles, já então, tratavam de extranhos.

Porventura onde melhor o nativismo se affirmou, nos prodromos de suas manifestações, foi no animo irrequieto e bellicoso dos monges daquelle seculo.

Elles é que animados nesses encontros nos consistorios, e fogosos dos debates desordenados nos capitulos, inspiraram a ousadia do Senado da Camara desta cidade em 1870, quando, a 18 de Outubro, dirigia á Rainha de Portugal esta representação:

"Com a mais profunda submissão representão a V. M. O Juiz, Vereadores e Procurador da Camara da Bahia, que sendo o povo della o que com as suas esmolas sustenta aos religiosos de S. Francisco da Provincia do Brazil, estes, esquecidos de tão grande beneficio, desprezo e aniquilão os brasileiros nacionaes seus filhos e pa-



rentes. Sim, porque levantando-se nesta provincia uma parcialidade de frades naturaes da cidade do Porto a qual está dominante ha 60 annos, em todo esse tempo só fizeram Provinciaes 3 brasileiros, havendo tantos destes benemeritos em letras, e costumes, como é publico. Ao mesmo tempo que os Provinciaes do Porto que se fazem todos os triennios são pela maior parte ineptos e grosseiros e idiotas como se vê... etc." (10662).

Era um grito angustiado contra a oppressão dos da outra banda echoando um nobre pundonor nacionalista.

Frei Manoel Monte do Carmo Lobato em carta a Martinho de Mello e Castro referia-se "á reunião do ultimo capitulo e queixa-se de não ser eleito provincial a muitos annos, qualquer religioso filho da Bahia (12512) e dois annos antes em carta tambem a Mello e Castro queixava-se das injustas nomeações que se faziam na sua ordem para exercer os differentes cargos, escolhendo-se os religiosos do Porto e Minho para os logares de importancia e os brasileiros só para os de infima cathegoria (11785).

Ouvimos aqui uma das facções. Dê agora o seu depoimento algum frade europeu. Seja o Pe. Fr. A. da Encarnação; lá diz elle prestando informações sobre a Provincia de Santo Antonio do Brazil franciscanos:

"Esta provincia de Santo Antonio do Brasil fundada pelos Europeos em o anno de 1585 com immenso trabalho e ainda á custa do proprio sangue de alguns, consta e deve constar, segundo as ordens regias abaixo mencionadas, de 2 corpos, hum de Europeos outro de Brasileiros.

Estes sempre levarão a mal que aquelles conservassem em si o governo da Provincia por muitos annos, não obstante serem os ditos brasileiros muitas vezes admittidos ao tal governo, ainda que não egualmente com os Europeos, mas a este modo de proceder derão motivos os mesmos braziliros, com a innata opposição que tem aos Europeus cuja opposição labora não só dentro, mas ainda fóra do claustro, como a todos é evidente. Esta mesma opposição tem bahienses com bahienses, bahienses com pernambucanos, pernambucanos com pernambucanos, pois hé certo que assim na Bahia como em Pernambuco se achão algumas corporações compostas unicamente de individuos de cada uma das duas respectivas capitancias, á excepção de um ou outro, contudo são manifestas e patentes as



desordens, que experimentão, como se viu no capitulo proximo passado das Religiosas do Carmo da Turonia da Villa do Recife, os quaes, sendo todos brasileiros e pernambucanos, a excepção de alguns, se repartirão os vo-gaes em dois bandos ou em dois corpos e em diversos logares, e cada um dos bandos elegeu seu provincial dos quaes hum está exercendo actualmente o seu ministerio, para cuja desordem não concorrem Europeus.

Não obstante este exemplo e outros muitos, que por brevidade omitto, intentarão de novo os brasileiros desta provincia, sem serem ouvidos os europeus introduzir nella hum pretendida tripartita, da qual já poucos europeus se lembravão ainda que sempre esteve muito presente na memoria dos brasileiros..."

Era isso em 1797, ás vespersas do seculo que nos havia de legar com gloria a já suspirada independencia.

Segundo a narrativa de Accioly nas suas citadas Memorias, na ordem de S. Bento a opposição dos frades brasileiros aos de Europa escolhia processos de mais efficacia.

Nessa confraria se não reunião os capitulos na Bahia, mas em Tibães, onde estava a séde da ordem. De lá vinham abbades e provinciaes, porteiros e vigarios, mestres de noviços e priores.

Frades brasileiros recebiam-nos mal e desde longa data instavam por sua separação por formar provincia á parte.

Em 1670 já subiam de ponto as malquerenças e rebeldias. Chegando o provincial nomeado pelo capitulo celebrado em Portugal os do convento de S. Sebastião, nesta cidade, prenderam-n'o, impediram-lhe a posse e por segurança desses golpes de audacia "mantinhão na prisão alguns monges", por certo alguns recalcitrantes ou suspeitos.

Mas era preciso gastar por que se não perdesse a pretensão separatista. Sobre isso dizia um visitador "estavão tão obstinados que para sustentarem na curia romana dois procuradores que lá têm venderam para esse effeito os bens dos mosteiros" (Vol. B. pag. 142 e segs.)

E essa luta com interregnos e armistícios, durou até 1827, quando a 1º. de Julho, o papa Leão XII, attendendo a que lhe apresentou Fr. Antonio do Carmo e á "distancia dos logares, á passagem do mar o oceano, e con-



sultando o bem da ordem e congregação; querendo condescender com a vontade tão louvavel do imperador..." separou afinal de Portugal a nova Ordem Brasiliense.

Ficou dessa luta o residuo da indisciplina, em occasiões não raras e varias tem sido dado á opinião publica o interessar-se por certos casos contemporaneos onde a violencia faz contraste com o claustro, quando até a agitação da populaça tem ido deflagrar, reboando sobre as abobadas dos pateos conventuaes, a onda revolta de seus protestos exaltados.

---

Desses males, desses desregramentos algum beneficio colhemos.

Foram esses frades fazendeiros que com vigarios e missionarios andaram levando, com latim e algumas aratinhas, alguma luz aos habitantes dos campos. Foram esses habitos de altivez e rebeldia que animaram aquella tendencia separatista, aquella precoce noção de independencia.

Eram elles os mais esclarecidos na lavrada intelligencia educada; elles os mais alentados de sobranceira coragem, pela consciencia de sua cultura; elles os que em sermões e conversas, nos seminarios e nas missões, nos escriptos, e talvez nos confessionarios, eram os mais capazes da surda e pertinaz propaganda contra o dominio da metropole.

Não seria paradoxo dizer que por não serem bons monges vieram a ser os nossos frades os mais antigos propagandistas de nossa autonomia.

JOSÉ WANDERLEY DE ARAUJO PINHO.

2º. Sec. do I. G. H. B.



# TREMORES DE TERRA NA BAHIA

EM 1919

O Instituto Geographico e Historico da Bahia não descurou o estudo dos phenomenos sismicos que se tem repetido periodicamente nas terras convisinhas da Cidade do Salvador. Já em 1918 o autor da memoria seguinte, lida em sessão ordinaria de 28 de Março do anno corrente, fez importante communicação que foi publicada na Revista n. 45, Pags. 211 a 222, apresentando então um mappa do Reconcavo de Bahia com as curvas indicadoras das zonas estremecidas pelos tremores de 1918 e anteriores.

Este trabalho do Dr. Theodoro Sampaio, mereceu do eminente geologo americano e nosso confrade na California, Dr. John Branner, referencias elogiosas.

A redacção desta Revista não se furta ao prazer de transcrever aqui a carta em que o emerito Professor da *Leland Stanford University*, que é tambem um dos maiores conhecedores da nossa Geologia, manifesta o seu juizo a respeito da Memoria de que se trata.

Eis a carta:

"S. Francisco da California—Fevereiro 3, 1920. Illmo. Sr. Dr. Theodoro Sampaio.—Bahia-Brasil.—Meu caro Dr. Sampaio—Recebi ultimamente o n. 45 da Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia, e li com muito interesse e com prazer os seus diversos artigos. Achei especialmente bonito o discurso sobre o Visconde de Monserrate. Gostei muito tambem do que disse de Euclides da Cunha: e aquella historia da "boiada em despotismo" cheira ao sertão da Bahia.

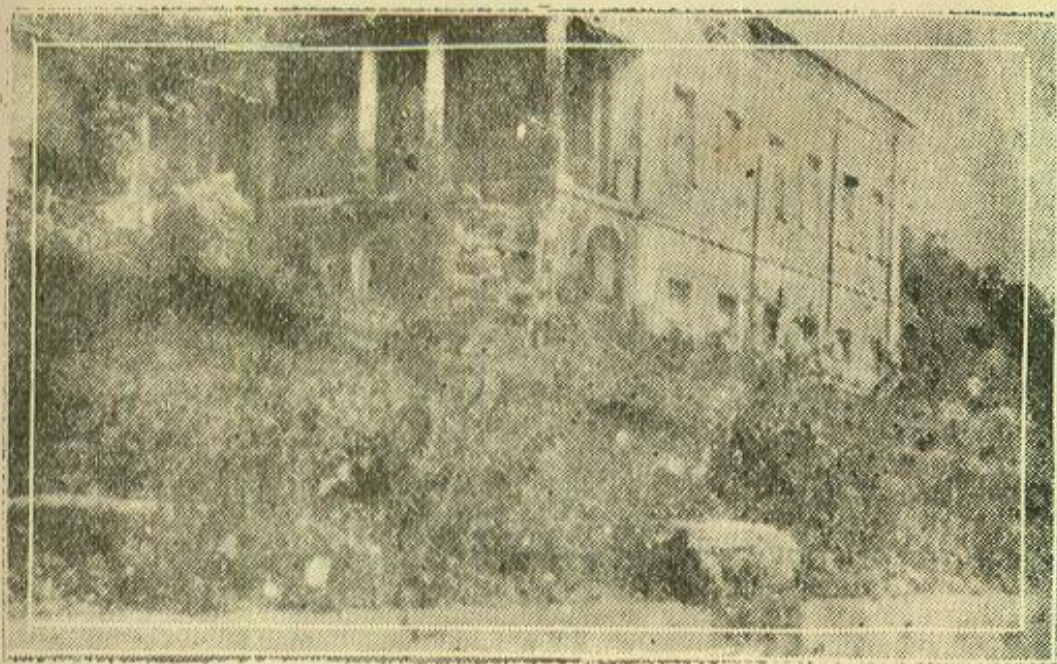
Como geologo, porém, achei o artigo sobre os tremores de terra no reconcavo da Bahia uma contribuição preciosa á sciencia brasileira. Sem comparação é o melhor artigo ainda escripto sobre um terremoto no Brasil. O vigario Bittencourt é muito bom correspondente, e sabe dar conta explicita dos acontecimentos respectivos.

Vou traduzir o artigo para publicação no boletim da Sociedade Sismologica da America, e hei de aproveitá-lo tambem na terceira edição da nossa Geologia Elementar.

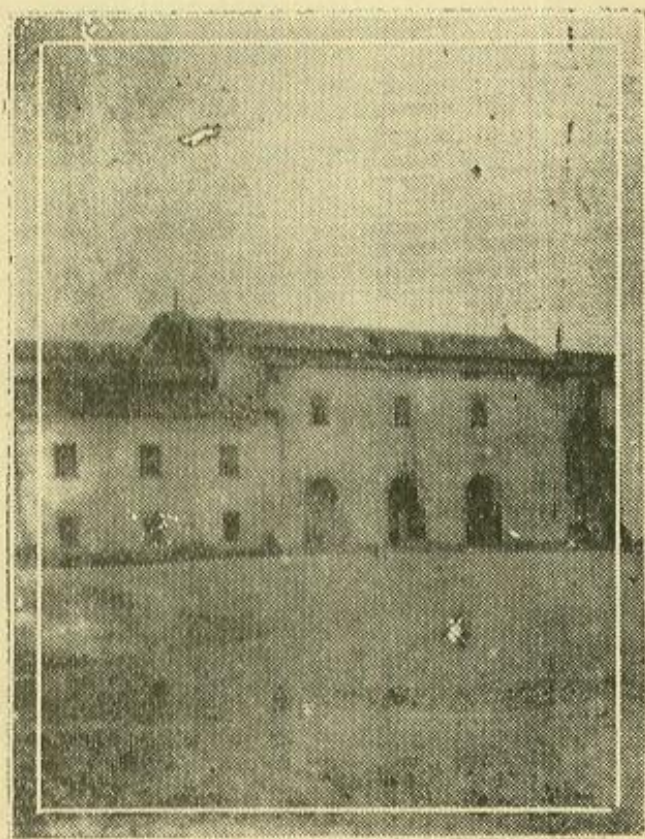
Parece-me muito provavel que aquelles tremores são produzidos por pequenos deslocamentos ao longo das margens do grande synclino bahiano que se estende desde Jatobá, no rio S. Francisco, até Bahia e além, e abaixo do oceano, talvez até aos Abrolhos, como meu amigo suggere.

A' pagina 351 da nossa Geologia Elementar dá-se a secção geral atravez da bacia da Bahia. E' claro que qualquer força que





Casa do engenho Madrugá, onde desembarcou a Commissão do Instituto e onde primeiro verificou os effeitos do tremor



Igreja do Monte seriamente damnificada pelo tremor de 22 de Novembro de 1915

---

Photographias tiradas pelo Tenente Dr. Bina Fonyat.



tende a comprimir aquella bacia achará allivio ao longo das margens da bacia, e o escorregamento das camadas umas contra as outras devem produzir tremores de terra. Tambem é claro que uma estrutura daquellas é capaz de causar os tremores em grupos, um depois do outro, e um mais forte que os outros como o seu artigo demonstra.

Tornando agora ao nosso mappa geologico do Brasil, noto que o synclino bahiano atravessando o S. Francisco acima de Jatobá, e passando Souza, onde existe um synclino de idade incerta, corre justamente na direcção de Mossoró e Aracaty, que tambem ficam numa região conhecida por fracos tremores da terra, tambem um synclino.

Quero perguntar se a séde da Freguezia do Rio Fundo é Santo Amaro? Não acho Rio Fundo nos mappas que tenho.

O artigo de Frot á pagina 147 trata da região descripta por J. W. Wells, o engenheiro inglez que subiu o rio Preto e desceu o rio do Somno no anno de 1875.

O mappa da região está no livro de Wells. Frot, porém, estendeu o mappa mais para o sul, e as notas delle sobre a geologia são importantes.

Sinto não poder aproveitá-las para o nosso mappa geologico do Brasil.

O Instituto Historico da Bahia está fazendo um serviço muito importante na publicação destas e das outras contribuições á geographia e á historia da Bahia.—Seu amigo *John Branner*”.

E' como se vê, um documento que sobremodo honra ao Instituto que, apesar da apertura de suas posses, vai trabalhando em prol da Bahia e do seu renome.

No anno proximo passado reptiram-se no mez de Novembro os tremores, crescendo em intensidade. Deram-se abalos francamente visiveis nos dias 9, 10, 13, 16, attingindo maior intensidade a 22 do dito mez.

Desde os tres primeiros reuniram-se no Instituto varios confrades, dos mais entendidos no assumpto e começaram a discutir o phenomeno que não deixava de amedrontar certa parte da população. A Directoria do Instituto resolveu nomear uma Commissão de technicos para estudar mais acuradamente os tremores, sendo designados para a mesma os Engenheiros Theodoro Sampaio, Arnaldo Pimenta da Cunha e Tenente José Bina Fonyat. Esta commissão começou a trabalhar diariamente na séde do Instituto, solicitando informes, e quando, a 22, se produziu o maior tremor, causando prejuizos em certos pontos, resolveu a mesma Commissão ir observar *in loco* os estragos produzidos, a natureza dos terrenos e tudo o demais necessario para apresentação de um relatorio tão completo quanto possivel dos estudos e observações realizados.

E' o que nos diz e conta a Communicação seguinte escripta pelo Dr. Theodoro Sampaio, em nome da referida Commissão. (\*)

(\*)—O Dr. Sampaio desenhou em um quadro negro a zona sacudida, mostrando o epicentro do terremoto na freguezia do Monte e varias particularidades do terreno circumvisinho.—N. R.



Já se não duvida hoje da existencia e possibilidade dos tremores de terra nesta Bahia de Todos os Santos e seu reconcavo.

O phenomeno tão repetido e intensificado se nos depara de anno para anno, que já não mais a duvida ou a descrença, mas o terror panico é que se apoderou do animo publico.

Os ultimos tremores observados em Novembro porém, confirmam um facto, na verdade, interessante e é que o phenomeno sismico vem obedecendo á uma marcha rythmica. Já são tres annos seguidos em que elle se repete no mesmo mez, com o mesmo character, e nas mesmas circumstancias. O reajustamento dos estratos de terrenos sedimentares de que o phenomeno procede, trazendo como consequencia o afundamento de trechos da costa interior no continente e nas ilhas, de dia para dia mais se accentúa e novos factos colligidos mais concludentemente o attestam.

Registemos os factos e os successos em torno do phenomeno sismico ultimamente occorrido.

Foram varios e repetidos os abalos aqui sentidos em Novembro de 1919.

Do primeiro tivemos noticia como occorrido no arraial do *Acupe* na contra-costa occidental, a 9 daquelle mez, cerca das 11 horas da manhã, forçando a população a abandonar as suas casas em sobresalto, affluindo ás ruas. Pescadores das visinhanças, que estavam no seu mistér junto de um ilhéu razo, que no local se denomina *Corôa Branca*, recolheram-se temerosos, porque, segundo depuzeram, o mar poz-se de subito a ferver e os peixes a saltarem como se foram tocados de fluido electrico submarino. Este facto ultimo tem sido observado mais de uma vez, por occasião dos abalos sismicos nos annos precedentes.

Foi tambem sentido nesta capital o abalo do dia 9, se bem que poucos o perceberam, como o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, nosso illustre consocio, que delle nos deu noticia, tendo-o distinguido das trepidações ordinarias das cidades de grande trafego. Tambem foi perceptivel nas ilhas ao fundo da Bahia esse movimento sismico do dia 9.

A 10, um segundo abalo, mais forte, nos vem noticiado como occorrido nas mesmas ilhas, isto é, nas de



Madre de Deus, Bom Jesus, Vaccas, Bimbarra, e na Ponta de Nossa Senhora no continente, contiguo ao Caype, propagando-se pelo reconcavo, onde foi percebido em S. Amaro, segundo informação do Sr. Dr. Arthur Rios, colhida de um engenheiro da estrada de ferro.

No Rio Fundo, tão sacudido nos tremores de 1918, os abalos recommencaram repetidos, e provocando danos materiaes no centro do povoado.

A 13 deu-se o terceiro dos abalos de que temos noticia, sentido no engenho de S. Gonçalo do Poço, municipio de S. Amaro, proximo da foz do rio Acú, abalo forte que fez correr as telhas do predio.

Maior foi ainda o quarto, desta serie, observado a 16 nas primeiras horas da manhã, tal como nol-o descreve o Sr. José Joaquim Barretto que o observou no trajecto de sua viagem do engenho S. Gonçalo para S. Amaro. O phenomeno veio acompanhado de um ronco prolongado, precedido de intenso calor, insupportavel desde a noite antecedente como ainda até á hora em que elle se produziu. "Por todo o caminho, accrescenta o Sr. Barretto, as pessoas, que eu encontrava, iam me perguntando aterradas—"Viu V. a terra tremer?!"

Em S. Amaro, todos inquiriram si em S. Gonçalo se tinha sentido o abalo tão forte como alli na cidade.

Na ilha da Madre de Deus, á mesma hora, esse mesmo phenomeno foi observado mui distinctamente. Ouviu-se ali um como que grande estouro, á semelhança de uma explosão ao longe e em seguida um forte abalo na ilha.

O tremor mais intenso, porém, com character de verdadeiro terremoto, foi o quinto desta serie, observado aqui na capital e no reconcavo a 22 de Novembro, á 1 hora e 20 minutos, noite alta.

O nosso distincto consocio, engenheiro Pimenta da Cunha, que o observou em sua casa ao Campo Grande, diz que o phenomeno veio com a forma vibratoria, acompanhado de um ruido surdo. As portas estremeciam com violencia como si alguem do lado de fóra as quizesse forçar.

Na Amaralina, na costa oceanica, cerca de 10 kilometros do centro da cidade para Leste, o abalo sismico foi sentido na mesma hora, informando-nos o nosso caro



e illustre Secretario Perpetuo, Dr. Bernardino de Souza, que nessa localidade varias pessoas o sentiram e que certo cavalheiro, a proval-o, conta que a sua Senhora que, no momento, se achava de pé, fôra atirada ao chão, contundindo-se n'um dos braços e suppondo até que alguém a tivesse empurrado.

Na estação radiographica sentiram-se, á mesma hora, uns como que trovões ou descargas electricas á distancia.

No bairro de Nazareth, hospital de S. Isabel, os doentes o sentiram tambem e muito se impressionaram com o phenomeno. Na Soledade, o perceberam pessoas do Gymnasio Carneiro á 1 hora e 20 minutos. Em Itapagipe, segundo me informa o Sr. Dr. Junqueira Ayres, o phenomeno se assignalou á mesma hora. Em Itaparica não foi elle tão intenso, mas o bastante para produzir sobresalto nas pessoas que á aquella hora o perceberam.

“Com o meu testemunho, escreve-me o Dr. Anisio Circundes de Carvalho, abalisado professor da Academia de Medicina, apenas lhe posso adiantar que me esforçava na madrugada de 22 de Novembro para reconciliar o somno, que o calor havia afugentado, quando ouvi e senti um tremor de terra sufficiente para fazer agitar o leito em que me achava, porém, de duração muito curta (não sei mesmo si durou um segundo) e que não mais se reproduziu, graças a Deus. Minha filha que, no quarto contiguo, ao meu, havia tambem perdido o somno, gritou logo: “Meu pae, sentiu o tremor de terra? Eu tenho medo que esta ilha um dia venha a desaparecer”—. Incontinenti, levantei-me para ver no relógio que horas eram:—exactamente 1 hora e 20 minutos da madrugada.

“Vendo inquieta a filhinha adorada, continúa o illustre professor, que intelligente e curiosa queria que eu lhe explicasse o phenomeno, para ella prenuncio de uma erupção vulcanica na ilha, senti a necessidade de architectar no momento uma explicação scientifica que pudesse tranquillisal-a. De facto, occorreu-me então affirmar que se tratava de uma simples crisão sismica, sem importancia, frequentemente observada em varias zonas do globo, devida provavelmente a um desequilibrio de tensão electrica ou de temperatura entre a atmospheria e a terra, desde que havia muitos dias,



até ás 2 horas da tarde mais ou menos, antes de cair o nordeste habitual, o calor vinha nos atormentando de modo intoleravel”.

Chegaram-nos, porém, noticias de que os effeitos desse movimento sismico da noite de 22 tinham sido mais assignalados na costa interior, ao fundo da Bahia, apontando-se a Freguezia do Monte, como sendo a localidade que mais soffreu da violencia do phenomeno. Assentou-se neste Instituto, por iniciativa de alguns dos seus socios mais dedicados, de fazer seguir, a examinar *in situ*, uma commissão composta de profissionaes para colherem e relatarem o que vissem e ouvissem do successo. Os distinctos engenheiros, Drs. J. Bina Fonyat e Arnaldo Pimenta da Cunha, fomos assim commissiionados para esse exame local, levado a effeito a 29 de Noovembro, por extrema obsequiosidade do illustre Dr. Pimenta que tudo dispoz e custeiou do seu bolsinho. Tomaram parte na excursão, feita por mar a bordo da lancha “Atlantina”, obsequiosamente cedida pela Fiscalisação das Obras do Porto, os Drs. Bernardino de Sousa, Vital do Santos Sousa, Agenor Chaves da redacção do “O Imparcial” e outros cavalheiros. Partimos ás 6 1/4 horas da manhã, prôa ao norte, á procura do esteiro do Paramirim que nos daria accesso para o *Monte* que buscavamos. Certos de que nas localidades de S. Thomé de Paripe e ilha da Maré nada havia interessando ao phenomeno sismico, seguimos directamente ao esteiro do Paramirim, com uma unica escala na ilha da Madre de Deus. Sulcamos os canaes entre as ilhas, da Bimbarra, Maria Guarda, Paty, deixando á direita S. Estevão no continente, e a Ponta de Nossa Senhora do Desterro, e á esquerda, já enveredando para a foz do esteiro, a ilha das Fontes, a mais alta do grupo. Entre as ilhas os canaes são pouco profundos; a vegetação do mangue os invade de todos os lados e as terras marginaes se apresentam de ordinario com uma orla verde desses arbustos conquistadores. Nas pontas avançadas do continente como das ilhas, a barranca, talhada em promontorio, deixa a descoberto e bem expostas as camadas do Cretaceo, onde o schisto e o arenito alternam levemente inclinados. Na vestimenta verde das montanhas de em torno, não se lhe nota o traço vigoroso que assignala a bôa terra. A matta já desapparecera ha se-



culos. A fortuna, que já por aqui passou mais bonançosa, esmaeceu sem deixar vestígios de tornar. Nas margens do esteiro, que agora vamos subindo cautamente entre ilhéos alagadiços, que o mangue mal encobre, só ruínas se nos deparam, muros derruidos, tectos desmanchados, campanarios silenciosos, que a vegetação invade, como que a vedar-lhes aos olhos dos transeuntes o ultrage dos annos.

Para cima da ilha de *Marayba*, que se deixa á esquerda, o esteiro do *Paramirim* se estreita ás proporções não já de um braço de mar, mas ás de um pequeno curso d'agua cujas cabeceiras não estão longe para o interior. Do esteiro primitivo, largo, quando ainda as mattas cobriam as montanhas visinhas e não davam o sedimento abundante, que a enxurrada, depois arrastou das encostas desnudas, não ha mais que um minimo de sua amplitude de outr'ora.

A vegetação do mangue, sobre o lôdo negro, que sedimenta, rapido, enche agora a mór parte do leito do *Paramirim*, que, a julgar pelo seu nome indigena daquelles tempos, era, em verdade, um *mar pequeno*. Não o é mais agora, porém, que a vegetação invasora o constringe e o reduz a um sulco mais ou menos profundo entre o raizame adventicio das *rhisophoras*.

Aportamos ao velho engenho *Madruga*, no sopé do *Monte*, distante apenas uns dous kilometros e pouco.

Ahi, já os homens do lugar, sabido ao que vinhamos, nos mostraram os effeitos do tremor de terra de 22. Eram fendas recentes nos muros e paredes das casas das dependencias do senhorio; abobadas trincadas sob o terraço do sobrado; nem um desmoranamento todavia.

Pela encosta do morro, que galgamos a pé, por um trilho pouco frequentado, a rocha cretacea desmanchada em *massapê*, deixa ver alguns nodulos mais resistentes, emergindo da argilla preta, em que o calor intenso de mezes seguidos de soalheira abre sulcos profundos. O trilho collêa pela encosta a evitar as grotas e as passagens d'agua, quando ha aguas; alonga assim a distancia em proveito da menor declividade. Vencido o primeiro cabeço de morro, eis que se nos depara o *Monte*, verdadeiro no seu aspecto e no seu nome, coroando-lhe a eminença a egreja de Nossa Senhora, que é de proporções não pequenas. O terreno, na altitude 80 para 90 metros



muda de composição. Desapparece o *massapê* e prevalece a argilla oriunda do arenito avermelhado do Terciario o qual constitue aqui possante camada, com margens cortadas a prumo sobre a montanha.

Dá isso ao povoado, assentado no cume, o aspecto de uma cidadella, em cujos muros mal se penetra por algumas poucas brechas que as forças naturaes nelles abriram.

Uma vez em cima, na esplanada da egreja, a 160 metros sobre o mar, tem-se a illusão de que se está sobre um terraço a dominar o mar da Bahia, em toda a sua amplitude, desde o estuario do Sergy proximo da Villa de S. Francisco até a barra, aberta ao Sul, junto á qual, a casaria alva e as torres agudas das egrejas da capital esmeacem na bruma longinqua.

Aos nossos pés e pouco distantes, estão as ilhas, coalhando o mar do vermelho e verde dos seus montes empinados, as mesmas ilhas por entre as quaes sulcamos os canaes até este esteiro do Paramirim.

Abriram-nos a egreja os moradores, surprehendidos com a nossa visita e ainda mais admirados com sabermos a causa della. Queriamos ver os estragos do terremoto que aqui, ao que nos disseram, fôra aterrador e nunca visto. A egreja de solida construcção, na verdade, o attestava nos damnos soffridos. As grossas paredes fendidas denotavam violentissimo abalo. Do alto do frontão caíram as peças ornamentaes de cantaria e se destacou pedaço da cornija talhada em pedra. O esforço dos abalos aqui deu para fender as paredes lateraes em altura e maneira de destacar a da fachada como para fazel-a tombar. Na mesma direcção desse esforço partiu-se o grosso arco de noventa centímetros de espessura á entrada do baptisterio, á esquerda. Acima desse arco, no pavimento superior, as vergas sobre as portas se partiram, acarretando desmoronamento no embôço e rebôco das paredes ao lado do côro. Soffrêu do mesmo modo a torre do sino; partiu-se tambem o arco sobre o altar-mór e outras velhas fendas das paredes do fundo e lateraes se alargaram.

O povo, no seu falar expressivo, descrevia-no o phenomeno occorrido de 1 para 2 horas da noite de 22, como se aquillo fosse o fim do mundo. Ao primeiro abalo, que foi fortissimo, todos despertaram em sobresalto e dei-



xaram as suas casas. Nunca se tinha experimentado aquillo.

Um homem do povo nos dizia que "viu a sua casa afundar, descer lá embaixo e voltar outra vez". Os mattinhos pareciam deitar como se soprasse vento forte sobre elles". (\*)

A povoação, junto á egreja, constante de umas 50 ou 60 casas, quasi todas as telhas, baixas e de taipa de mão, abriga uma população de gente de côr, no geral de aspecto enfermão, decadente. A despeito da altura, do ar livre que ali se desfructa, a saúde dos habitantes, talvez pela muita pobreza e abandono e preguiça, é precaria e impressiona mal.

Descemos do Monte por caminho que dá accesso a vehiculos e animaes, contornando uma profunda grotta onde a tabatinga branca e variegada apparece por baixo do banco de arenito. Da eminencia viamos através do valle estreito, onde corre o Paramirim, coroando os montes do lado do nascente, a Capella de Nossa Senhora do Socorro e a Capella de Nossa Senhora das Candeias, e mais embaixo, no valle, simulando umas povoações brancas com as suas capellas das proporções de egrejas matrizes, o engenho das Almas, e o de Paramirim para onde convergem os caminhos que vamos cruzar lá embaixo.

Nesses engenhos os seus edificios maiores soffreram bastante com o ultimo terremoto, segundo nos informam.

Com bôa viagem de retorno e bom proveito, ás 5 horas e meia da tarde, estavamos na cidade do Salvador.

Faltava-nos porém, para completar os dados relativos ao phenomeno sisimico, conhecedor até onde se estendera para o interior a acção dos abalos. A esse fim, dirigi-me a amigos residentes em Alagoinhas, em Cachoeira e em Nazareth e de alguns recebi informações que devo aqui communicar.

Em carta de 21 de Dezembro, o Sr. Dr. Dantas Bião, nos informa que em Alagoinhas e em todo o seu

---

(\*)—Referiu-nos o Dr. Bernardino de Souza as seguintes phrases suggestivas de um tabareu: *Cum dois estrondo mais as casas cahe; os matinho fica rente cum chão; parece que o chão falta debaixo dos pés.*



município nenhum tremor de terra foi percebido em o dia 22 de Novembro nem em outro dia em que se tenha aqui sentido qualquer abalo sismico. O phenomeno não se estendeu até ali como em 1917, quando foi sentido na cidade e em diversos pontos do município um abalo, mais forte em uns logares do que em outros, o mesmo abalo observado em Novembro nessa capital e que foi sentido com mais intensidade em S. Amaro e em outros pontos do litoral.

De Muritiba, vizinha da Cachoeira, responde-nos o Dr. Antonio Moreira Maia, ali residente:

“O phenomeno sismico foi aqui observado no dia 22 de Novembro de 1 para 2 horas da madrugada, dando-se um forte abalo a principio, seguido de movimento vibrativo e de um ruido á semelhança do esvoaçar de uma ave grande dentro do aposento. Por uns oito ou dez segundos durou isso o que aliás não foi, á vista do adiantado da noite, por muitos percebido”.

O Sr. Dr. Aurelio Miranda informa-nos da cidade de Nazareth, que o movimento sismico da noite de 22 de Novembro não foi ali percebido e nem lhe consta que tenha sido observado em outro qualquer ponto da zona percorrida pela estrada de ferro até Jaguaquara ou Amargosa.

Sabe que nesta ultima cidade, ha vinte annos, no mez de Dezembro, foi sentido forte tremor de terra que apavorou a população, obrigando-a a abandonar os seus lares e procurar as ruas e praças.

Do governo do visinho Estado de Sergipe, para quem telegraphara este Instituto, pedindo de informar si o movimento sismico de 22 de Novembro até lá se estendera e fôra observado, tivemos resposta negativa. O phenomeno não foi percebido em Aracajú nem no Rosario, porém, o respectivo intendente telegraphara em resposta ao Secretario do Instituto:

“Ultimamente não tem havido phenomeno sismico nenhum. No principio do anno corrente foi sentido ligeiro tremor de terra de curta duração na séde do município”.

Está assim verificado que a onda sismica de 22 de Novembro não se propagou ao Norte nem ao Sul da Bahia de Todos os Santos, mas na direcção de Oeste,



valle do Paraguassú acima, onde foi assignalada em Muritiba.

A vibração do solo, transmittida ao mar, dentro da bahia, assignalou-se nitida na curva do marégrapho installado no caes do porto, registando o aparelho as ondas successivas, amiúdas, produzidas pelo phenomeno. A quem observar a folha do registo desse aparelho de antes e de depois do dia 22, depara-se para logo, á primeira vista, a discordancia entre a curva dos dias ordinarios e a desse dia em que a vibração da massa d'agua obedeceu ao abalo sismico. Os dous desenhos junctos deixam isso muito em evidencia. (Figs.....)

Do exame a que procedemos em torno do phenomeno e dos dados que, a respeito, logramos reunir, chegamos ao seguinte resultado:

a) Foram cinco, pelo menos, os abalos sismicos aqui observados, na Bahia de Todos os Santos, de 9 a 22 de Novembro;

b) A zona da Bahia em que elles se manifestaram é a do seu reoncavo ao fundo, entre Norte e Noroeste, visinhando o estuario de Sergipe do Conde;

c) O abalo mais forte foi o da noite de 22 de Novembro, podendo-se considerar a Freguezia do Monte como o ponto do seu epicentro;

d) A onda sismica desse abalo de 22 propagou-se de preferencia na direcção do Parallelo, attingindo a capital e a costa oceanica do lado de Leste, e as cidades de Cachoeira e Muritiba do lado de Oeste.

e) Na escala de intensidade dos terremotos, esse de 22 de Novembro pode ser classificado no VIII logar da serie, como *tremor muito forte*, produzindo quéda de chaminés e fendas nas paredes das casas.

De referencia á origem do phenomeno, os factos ultimos só nos levam a confirmar a hypothese primeiro aventada, isto é, deve elle ser attribuido ao reajustamento de camadas rochosas, determinado por um desequilibrio subito em que os gases ou vapores subterraneos, sob a acção de um maximo de temperatura, agem por expansão, forçam passagens e entram em colapso.

A marcha rythmica do phenomeno, de anno em anno e no mesmo mez de Novembro, faz pensar na existencia de uma camara subterranea que se enche de gaz,



vindo de mais profundo por verdadeiras chaminés, ácido sulphydrico ou hydrogeno-proto-carbonado por exemplo que, por effeito de um máximo de temperatura attingido em Novembro, adquire mór força de expansão, escapa pelas fendas do solo, descarrega e provoca o desequilibrio, cuja immediata consequencia é o reajustamento das camadas tectonicas da camara subterranea.

A descarga de gases subterraneos tem sido, mais de uma vez, já aqui o dissemos, observada por occasião dos abalos sismicos nesta Bahia de Todos os Santos.

Quando essa descarga se effectúa no fundo do mar, as aguas agitam-se como se entrassem em fervura e os peixes saltam como que tocados por força estranha que os repelle do fundo. Phenomeno identico foi observado no dia 9 de Novembro, por occasião do primeiro abalo, narrado por pescadores que o presencaram junto do ilhéu da *Corôa Branca*. O escapamento de gases, em terra, maximé n'uma região como a do reconcavo com o solo de massapê retalhado por fendas profundas no mais intenso do verão, quasi sempre passa imperceptivel.

Esses escapamentos de gases, no entanto, não são tão raros como a primeira vista parece. Aqui na Bahia de Todos os Santos encontram-se nas suas margens, atravessando as camadas do Cretaceo veios de gesso, de ordinario procedentes do ácido sulphydrico escapando através das fendas do solo.

Camaras de ar, provavelmente de gaz carbonico, se encontram nessa zona dos terrenos cretaceos. Em Japaratuba, no Estado de Sergipe, ainda dentro do synclino da Bahia de Todos os Santos, em terreno tambem de formação cretacea, ao abrir-se ali com a sonda perfuratriz um poço, refere-nos o Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha, que por algum tempo esteve aqui com a direcção dos trabalhos contra as seccas, que ao attingir-se profundidade de cerca de noventa metros, dando numa camada de schistos betuminosos, escapou pelo tubo de sonda forte columna de gaz, cuja natureza não se poudé definir, e com tal impeto se dava esse escapamento que os objectos leves eram arrojados para o ar. Até revestir-se esse trecho da perfuração, o gaz escapou continuo como se déesse escoamento a uma vasta camara cheia delle. Como essa camara subterranea de Japaratuba



deve existir alguma ou muitas no synclino da Bahia de Todos os Santos, e são ellas que decerto aqui determinam os movimentos sismicos de que nos temos occupado.

A hypothese do reajustamento de camadas, provocado por gazes subterraneos que se escapam, cada vez mais se affirma como justificativa dos tremores de terra na Bahia de Todos os Santos.

Bahia, 28 de Março de 1920.

THEODORO SAMPAIO.





# Almirante Antonio Alves Camara

---

*Transcrevemos da Revista Maritima Brasileira, numero de Setembro—Outubro de 1919, os seguintes dados a respeito da vida illustre do nosso eminente e dedicado confrade honorario Almirante Antonio Alves Camara, fallecido na Capital Federal, a 3 de Maio do anno passado.*

Nascido na Cidade do Salvador, Bahia, em 27 de Abril de 1852, o Almirante Antonio Alves Camara fez, em sua terra, o curso de humanidades, matriculou-se em 1868 na antiga Academia de Marinha, onde foi um dos primeiros de sua turma.

Em 30 de Novembro de 1870, foi promovido a Guarda Marinha; em 37 de Janeiro de 1873, a 2.º Tenente; em 27 de Dezembro de 1875, a 1.º Tenente, posto que corresponde hoje a Capitão-Tenente.

Nomeado para servir como immediato da canhoneira "Belmonte", nunca mais esse illustre official deixou de desempenhar funções de destaque a bordo dos navios em que servia. Em 1878 foi professor de hydrographia dos Guardas Marinhas embarcados em viagem de instrucção na corvêta "Trajano", viagem que durou de Março a Dezembro, tendo ido até São Miguel de Tenerife.

Em 1879 serviu como official da Escola de Marinha. Em 1880 foi examinador de hydrographia. Em 1880 e 1881 foi examinador de pratica de observações astronomicas e manobra de artilharia nos exames de pilotos da Armada. Em 1881, foi Ajudante de Ordens do Almirante Barão de Iguatemy, que havia sido mandado inspeccionar as repartições de Marinha do Sul do Imperio, e tal desempenho deu á commissão que ao terminar foi louvado. Em 23 de Julho de 1881 com 29 annos de idade foi nomeado commandante da canhoneira "Traripe", fazendo continuadas viagens, interrom-



pendo o commando em Março de 1884 para fazer o curso de artilharia, findo o qual recebeu o titulo de Instructor Artilheiro. Em Dezembro de 1884, reassumiu o commando da "Traripe", sendo então incumbido do levantamento da planta da Bahia de Todos os Santos.

Como commandante da "Traripe" fez, em 1887, o serviço de quarentena pelo que foi elogiado a pedido do Ministro do Imperio.

Promovido a Capitão-Tenente, por merecimento, em Março de 1889, commandou a canhoneira "Cabello". Foi Capitão do Porto da Parahyba em 1890. Commandou a canhoneira "Braconnot", levantando a planta hydrographica do porto de Itapagipe, Estado da Bahia, pelo que foi elogiado "pelo zelo, intelligencia e notavel aptidão para trabalho de tal natureza".

Em 1892, depois de dois annos de continuo viajar, foi exonerado do commando da "Braconnot", e nomeado para commandar o cruzador "Guanabara".

Promovido a Capitão de Fragata, por merecimento, em 9 de Maio de 1892, em Julho desse mesmo anno foi mandado commandar a flotilha do Rio Grande do Sul, commando de forças consideradas em evolução de guerra, visto o estado anormal daquella provincia na epoca. Em Setembro de 1893 foi Vice-Inspector do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro. Exonerado, foi louvado "pelo modo correctissimo por que se houve no exercicio de suas funcções, confirmando assim o bom conceito em que sempre foi tido". Foi então nomeado commandante do cruzador "Benjamin Constant", quasi prompto na Europa, em Toulon, trouxe-o ao Brasil sob o seu commando, sendo no exercicio desse cargo e por serviços de campanha em defeza da Republica, promovido a Capitão de Mar e Guerra, em Abril de 1884, contando apenas 42 annos de idade.

Em 1895 foi nomeado Director da Escola Naval. A sua passagem alli foi assignalada por importantes serviços. Reorganizou a Escola e creou o premio "Greenhalgh" para galardoar o alumno mais distincto da turma.

Em 1896 foi nomeado Inspector do Arsenal de Marinha da Bahia. Em 1900 foi nomeado Capitão do Porto e cumulativamente commandante da Escola de Aprendizes Marinheiros da Bahia. Em 1902 foi exonerado des-



tas commissões. Em 1903 foi nomeado para exercer o cargo de consultor effectivo do Conselho Naval. Em 1904 foi nomeado para dar parecer sobre submarinos. Em 1906 foi graduado em Contra-Almirante e mandado inspecionar os estabelecimentos e dependencias da Marinha no Sul da Republica. Em 1907 foi promovido a Contra-Almirante e nomeado commandante da 2.<sup>a</sup> Divisão Naval, tomando posse do cargo de Consultor do Conselho do Almirantado. Foi ainda nesse anno nomeado Inspector de Machinas. Em 1910 foi nomeado commandante da esquadra em evolução.

Ainda em 1910 foi nomeado Inspector de Portos e Costas. Em 1911 foi promovido a Vice-Almirante. Exerceu então o cargo de Superintendente do Material, sendo por isso um dos quatros membros do Almirantado com a reforma Leão.

Nesse cargo e exercendo tão altas funcções foi obrigado a se reformar, por doente, em 3 de Dezembro de 1912.

A sua fé de officio, como se vê é uma das mais brilhantes. As suas promoções foram feitas por merecimentos.

Official de vida tão activa, perfeito conhecedor da costa do Brasil, grande navegador, profundo sabedor do seu officio, ainda achou tempo o illustre Almirante para escrever obras de estimavel valor scientifico e litterario.

Entre ellas podemos citar:

“Algumas considerações sobre a origem e causa da formação do Gulf-Stream”.

“Analyses dos instrumentos de sondar e perscrutar os segredos da natureza submarina”.

“Impressões de uma viagem na corvêta “Trajano”, do Pará ao Recife”.

“O Barometro de W. Thompson”.

“Conferencia feita perante o Instituto Polytechnico Brasileiro sobre a causa da formação e origem do Gulf-Stream”.

“O navispherio e as observações da noite”.

“As curvas de posição e os novos methodos de navegação”.

“Relatorio da Secção de Construcções Navaes e Instituto Polytechnico Brasileiro para a sessão solemne da commemoração de seu 25º anniversario da installação official”.



“Relatorio dos estudos feitos no interior da Bahia de Todos os Santos, com relação ao local mais apropriado ao estabelecimento de um Arsenal e construção de Diques”.

“Ensaio sobre as construcções navaes indigenas do Brasil”.

“A Bahia de Todos os Santos com relação aos melhoramentos de seu porto”.

“O Manganéz no Estado da Bahia”.

“A Construcção Naval no Brasil e seus progressos. Comunicação apresentada ao 3.<sup>o</sup> Congresso Scientifico Latino Americano”.

“Pescas e peixes da Bahia”.

O Almirante Alves Camara era: socio effectivo do Instituto Polytechnico Brasileiro e seu Vice-Presidente; socio honorario do Instituto Geographico e Historico da Bahia e do Instituto Historico de S. Paulo; Benemérito da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro; fundador e effectivo da Associação Protectora dos Homens do Mar; correspondente do Instituto do Ceará e da Sociedade de Geographia de Lisbôa; membro da Société de l'Histoire Internationale de France, Médaille d'Honneur; Director honorario da Congregação da Marinha Civil; Vice-Presidente da Cruz Vermelha Brasileira; cavalheiro da Ordem de Aviz e official da Ordem da Rosa; e possuia as medalhas do Grande Premio da Exposição Nacional de ouro, militar de merito e bravura e a Gran-Cruz de merito naval de Hespanha.





# A gruta do Brejão

## UMA DAS MARAVILHAS DA BAHIA

No lugar denominado Brejão, no rio conhecido por Vereda de Romão Gramacho, no termo desta villa—Morro do Chapéo, a 12 legoas ao norte da mesma, ha uma gruta natural, que parece um monumento, e que de sobra pagará ao visitante o trabalho de a percorrer, pelas muitas belezas que, prodiga, lhe offerece.

A gruta de que trato demora em uma cordilheira de immensa altura cuja entrada alcantilada póde bem medir 400 metros de elevação, com metade de largura, formando um elegante arco em forma de triangulo curvilineo e feito de uma pedra, que, á primeira vista, parece recentemente trabalhada a escopo, por habil artista.

Segue-se depois um salão comparado, em tamanho, a uma nave de egreja, um tecto da altura do arco, donde pendem innumeradas stalactites, e donde cáem na superficie, da gruta, infiltrações, formando vasos, columnas, figuras diversas, de uma bella côr de alabastro.

Abrem-se, em seguida, dois grandes corredores, um dos quaes, em frente ao arco da entrada, depois de se encaminhar no meio de grande escuridão, porque é muito extenso, leva a um profundo poço, cuja agua chrystalina deixa vêr no fundo o menor objecto que ali contenha. Do lado direito tem outro corredor, que tambem só com archotes se póde percorrer, encontrando-se, a cada passo, outros corredores escuros que com elle se crusam, e em todos coisas admiraveis.

Tambem ahi se encontra, em outra vasta quadra, um throno de escadaria formado de uma pedra côr de rosa, de 50 metros, pouco mais ou menos de elevação de mais de 40 de largo. A muitos passos deste maravilhoso amphiteatro vê-se ao longo o reflexo de um alto zimbório, em abertura, e admira-se outro salão, contendo objectos



interessantes, como sejam, imagens, velas, ossos de pernas e braços humanos, tudo petrificado.

Em toda esta extensão não se divisa vestigio do menor insecto que ali vá ou fosse acoitar-se. O zimbório de que fallo é um circulo aberto no tecto central da gruta, deixando ver o firmamento, porém é impossivel sair por ali, porque as suas paredes são rectas e d'uma pedra muito lisa.

Já me não posso recordar de todos os paineis e maravilhas que a gruta nos offerece, e, portanto, limito-me a dizer que só em dois ou tres dias, é impossivel percorrel-a toda.

A ultima vez que alli fui, pedi aos companheiros que apagassem seus archotes, e não podemos resistir no meio da escuridão; tal é o silencio profundo que ali reina, e o horror da caverna. Ao sahirmos fiz a experiencia de dar um tiro d'espingarda, e o seu estampido rolou de abobada em abobada, por espaço de segundos, parecendo-nos que tudo ia aniquilar-se. Só penna mais habil do que a minha, poderá desenhar, com verdadeiras côres, as bellezas desta encantadora gruta, onde, além do que acabo de referir, se encontram diversos mineraes conhecidos, como o sal, o salitre, a cal, existindo talvez outros.

O leitor illustrado melhor póde avaliar o que seja uma obra prima da natureza, esculpida pela mão poderosa do Omnipotente; eu o que posso é garantir e affirmar ás pessoas que visitem a gruta do Brejão, que hão de encontrar mais do que esperam.

AMANCIO JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

Morro do Chapéo—Bahia.





# RELATORIO

## apresentado ao Governador do Estado pelos Delegados da Bahia ao 6.º Congresso Brasileiro de Geographia

“Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado da Bahia.

Havendo terminado a commissão delicada e honrosa de que V. Exa. nos incumbiu, cabe-nos a obrigação de dar conta della em relatorio, além dos esclarecimentos contidos em telegrammas dirigidos ao Governo e dos contidos nas cartas remettidas pelo nosso collega Dr. Braz do Amaral, ao Dr. Secretario de Estado do Interior, acompanhadas das copias dos documentos mais interessantes para os casos de que se occuparam as referidas cartas.

Tendo chegado aqui, ao Rio de Janeiro, nos ultimos dias de Julho do corrente anno, o Dr. Braz do Amaral, trazendo a communicação que nos investia, com elle, da missão de representar o Estado da Bahia no 6.º Congresso de Geographia, a se reunir em Bello Horizonte, e da missão, muito mais importante, de fazer parte da reunião de delegados dos Estados que, em forma de sessões preparatorias do mesmo Congresso, se deviam entender na Sociedade de Geographia desta Capital, sobre as questões de limites interestaduaes, encontramos-nos em casa do nosso collega Dr. Arlindo Fragoso, á rua Carvalho Monteiro, n. 46, e ahi combinamos o plano geral a seguir na defesa dos direitos da Bahia, confiados ao nosso cuidado.

Tendo o Dr. Braz do Amaral chamado a nossa attenção para o estudo da proposta feita pelo Governo do Espirito Santo, em officio de 1.º de Julho de 1918, passamos á consideração da mesma, chegando á conclusão de não convir ella aos interesses da Bahia, porque, mesmo tomando por ponto de partida septentrional a bocca do rio Real, viria a medição das 150 leguas, de que fala a citada proposta, a cahir nas proximidades do rio Mucury, o que redundaria em prejudicar o estatuido nos autos de criação



da Villa de S. José de Porto Alegre para seu termo, pelo ouvidor de Porto Seguro, José Xavier Machado Monteiro.

Abriu-se a reunião de Delegados, sob a direcção do Presidente da Sociedade de Geographia, no edificio em que esta funciona, comparecendo nós a ella e, logo nos primeiros dias, entabolamos entendimento com a delegação do Estado de Goyaz, o qual foi redigido pelo nosso collega Dr. Braz do Amaral, digo, entabolamos entendimento com a delegação do Estado de Goyaz, resultando das conferencias que celebramos o convenio de 9 de Agosto entre os dois Estados da Bahia e Goyaz, o qual foi redigido pelo nosso collega Dr. Braz do Amaral, submettido á apreciação de todos os tres e julgado, pelo que foi o referido collega autorizado por toda a commissão reunida a acceital-o, sendo assignado por todos os Delegados.

Assentamos, após exames feitos em mappa que consultamos na Bibliotheca Nacional, que era justo tomar como criterio a linha da divisão das aguas dos rios que pertencem ás duas bacias do Tocantins e do S. Francisco.

O convenio foi feito em obediencia ás regras constitucionaes, devendo ser submettido á approvação dos dois Congressos Estaduaes e, após isso, á ratificação do Congresso Nacional.

Logo depois de terminado este assumpto, confiamos ao nosso collega Dr. Braz do Amaral entender-se especialmente com o Sr. Dr. Diogo de Vasconcellos, o qual, particularmente, havia sido, tambem, encarregado pelo Estado de Minas de tratar sobre limites com a Bahia.

Celebraram multiplas conferencias os dois Delegados, cotejando todos os mappas existentes na Bibliotheca Nacional, tanto de Minas Geraes como da Bahia, dando-nos o citado collega conta diaria da marcha das negociações e estudos a que procedia com o illustre Delegado Mineiro, do qual recebeu uma proposta e ao qual offereceu uma contra-proposta com a nossa approvação e respectivos exames.

Foi por esta occasião que solicitamos do Governo a demarcação dos districtos de Conquista e Santa Clara, a que o Exmo. Sr. Dr. Governador respondeu com o telegramma de 19 de Agosto.

Tambem remetteu o Dr. Braz do Amaral ao Dr. Secretario do Interior um ligeiro "croquis" com a explicação minudente do caso. A nossa acceitação em Jacaracy do riacho do O' e do Pastinho, como fronteira até a fazenda



de Curralinho, se explica por ser esta a linha já de muitos annos respeitada pela população, tanto da Bahia como de Minas Geraes, linha chamada de convenção dos Vigarios de Rio Pardo e Almas (hoje Jacaracy).

Estava já combinada toda a fronteira desde a nascente do Carinhanha até a barra do Mosquito, quando solicitamos a demarcação de Conquista, pelas graves difficuldades que surgiram em estabelecer a divisoria da barra do Mosquito para leste. A circumstancia de ser a povoação de Encruzilhada um lugar, cuja importancia cresce todos os dias, considerada a joia daquella região, o facto de terem ido se estabelecer alguns mineiros, a sua feliz situação de ponto commercial, despertaram muitos interesses e ambições, tanto que na carta de Minas de 1910, levantada pelo Engenheiro Benedicto dos Santos, ao tempo em que governava aquelle Estado o Dr. Wenceslau Braz, foi alterada a fronteira da Bahia com Minas, pois, em vez de Barra do Mosquito a Salto Grande do Jequitinhonha, foi mudada a linha mais para o norte, do Valle Fundo ao Salto do Italiano, ou Pedra do Italiano, donde resultava ficar para o Estado de Minas, não só a povoação de Encruzilhada, como uma parte do municipio de Conquista, como todo Salto Grande do Jequitinhonha.

Pessoas de significação politica, na parte norte do Estado de Minas, influiram, fortemente, para isto.

Não tendo nós recebido a demarcação do Municipio de Conquista, nos apoiamos nas informações particulares que o nosso collega, o Dr. Braz do Amaral possui, para defender este territorio importante, não abrindo mão, em caso algum, de Encruzilhada, preliminar que tínhamos estabelecido, e cuja justiça o digno negociador mineiro reconhecia.

Só depois de longas discussões, a algumas das quaes assistiram os outros dois delegados da Bahia, e nella tomaram parte, foi encaminhado o accordo, partindo a divisoria do espaço em que está o divisor das aguas, que separa os rios Mosquito e Mamoeiro, seguindo para o sul até encontrar o divisor das aguas dos rios Pardo e Jequitinhonha até a nascente do rio Cunhas, affluente deste, e o mais como está no convenio, sendo assumpto de outra difficuldade, não só fazer acceitar pelo negociador mineiro o Salto Grande como fronteira, em vez da Pedra do Italiano, como ficar o Estado de Minas com a margem sul da cachoeira e metade desta.



A resistencia do Dr. Diogo de Vasconcellos se escorava na allegação de já terem algumas casas da povoação de S. Sebastião de Salto Grande passado para a margem norte, queremos dizer, de se ter a povoação do Salto Grande estendido para a margem norte do rio, onde já existem algumas casas.

Pensam os signatarios que, para esclarecimento da commissão que tiver de dar parecer sobre o convenio, convirá juntar a este Relatorio copia das cartas enviadas pelo Dr. Braz do Amaral ao Sr. Dr. Secretario do Interior, pois a ellas juntou desenhos que dão idéa da allegação feita pelo Delegado de Minas.

Relativamente ao Estado de Sergipe, não nos foi possível entrar em accordo com a respectiva delegação, porque o Sr. Coronel Ivo do Prado apresentou uma proposta que, sem razões plausiveis, pretendia fosse transferido para aquelle Estado o dominio da parte norte do Estado da Bahia.

O Dr. Secretario do Interior recebeu copia, que lhe foi mandada pelo nosso collega Dr. Braz do Amaral, da proposta da delegação sergipana, da resposta que lhe demos, das declarações feitas pela mesma delegação em uma das reuniões dos representantes dos Estados e do protesto que um dos membros desta commissão, numa das sessões plenarias do Congresso de Geographia, fez sobre o trabalho do citado Coronel Ivo do Prado.

Firmamos, a 4 de Setembro, um convenio com o Estado do Piahy, fixando a nossa divisoria, não por termos questão de limites com o referido Estado, mas para regularizar a situação jurisdiccional das autoridades de ambos, na linha fronteira tradicional e respeitada desde os tempos coloniaes, impedindo que, para o futuro, surjam as difficuldades que, por se não ter tomado este cuidado, têm sido levantadas entre os brasileiros e que poderiam apparecer, sem esta providencia, num futuro mais ou menos proximo.

Relativamente ao Estado de Pernambuco, tendo o Sr. Dr. Pedro Celso, delegado daquella circumscripção politica, apresentado um protesto, numa das sessões dos delegados, protesto que visava a nossa posse da margem oeste-



do S. Francisco, julgamos conveniente fazer uma declaração, que foi inserida na acta da mesma sessão, declaração da qual o Dr. Braz do Amaral remetteu copia ao Dr. Secretario do Interior.

Julgamos tambem resumir o modo de entender da commissão no que vae exposto em seguida, e que ella fez publicas no jornal *A Rua* desta Capital.

“Não é propriamente de limites a questão que levanta o Estado de Pernambuco contra o da Bahia. O que elle pretende é reaver toda a vasta zona da antiga comarca do Rio S. Francisco, desde o ponto conhecido por “Pau da Historia”, até o rio Carinhanha, numa extensão de mais de 150 leguas e comprehendendo doze municipios, fundando sua pretensão no facto de ter estado na posse desse territorio até 1824, e no de ter sido elle incorporado provisoriamente a Minas e em 1827 tambem provisoriamente á Bahia.

E’ certo que as terras em questão pertenceram á Bahia desde a divisão do Brasil em capitanias e foram por ella colonizadas. Só no principio do seculo XVIII, quando, por interesses particulares da Corôa, houve um pronunciado movimento de annexações á Capitania de Pernambuco, passou o sertão do S. Francisco á administração desta ultima, continuando, todavia, subordinado á Bahia.

Candido Mendes escreve a respeito: “— Em 1718’ obteve ainda a annexação de todo o alto sertão do Rio São Francisco, Colonizado e tambem sujeito á Bahia...”; e mais adiante: “Posto que em 1718 este territorio fosse annexado á Capitania de Pernambuco, quanto ao administrativo, havia para a Capitania da Bahia vinculo mas forte —o judicial—pois dependia da comarca de Jacobina.” Assim continuaram as cousas até que, em 7 de Julho de 1824, resolveu o Imperador D. Pedro I retiral-o da administração de Pernambuco, declarando que “passaria a pertencer á Provincia de Minas Geraes, provisoriamente, enquanto a Assembléa, proxima a installar-se, não organizar um plano geral de divisão conveniente”, continuando judicialmente sujeito á Bahia.

Em 1827, resolveu a Assembléa Geral Legislativa que a comarca do Rio S. Francisco, provisoriamente incorporada a Minas, por acto de 1824, ficasse “provisoriamente incorporada á Bahia” até que se faça a organização das provincias do Imperio.



O terreno, que ao Estado da Bahia disputa o de Pernambuco, esteve sob a administração deste, embora judicialmente sempre sujeito áquelle, de 1718 a 1824, e está ainda hoje incorporado á Bahia por effeito do acto de 1827, já hoje irrevogavel deante dos termos da Constituição da Republica, cujo artigo segundo declara formados os Estados com os territorios das antigas provincias, e tendo em vista a natureza da condição, a que ficou subordinada a annexação provisoria.

E' inquestionavelmente uma condição resolutive; isto é, a incorporação devia prevalecer, vigorar até que se fizesse a organização geral das provincias, o que era então da competencia da Assembléa Geral Legislativa.

Acontece, porém, que essa organização, possivel no tempo do Imperio, não pode mais hoje fazer-se, por não ter para isso competencia o Congresso Nacional ou qualquer outro poder da Republica.

Em assim sendo, tornou-se impossivel a condição resolutive.

Ora, dizem todos os civilistas, sem a minima discrepancia, que "o acto juridico sujeito a uma condição resolutive". De condicional que era se torna "puro"; de provisorio se faz definitivo.

O proprio Dr. Gonçalves Maia, que acaba de escrever sobre os direitos de Pernambuco, vê-se forçado a declarar: "—E'incontestavelmente uma condição resolutive, subordinando a ella o acto juridico, fazendo vigorar, enquanto ella não se realizar, ou extinguindo-o quando verificada a condição.

Nem ha duvida que, não se verificando a condição resolutive, no sentido da impossibilidade de seu implemento, isto é, "dando-se o fallecimento da condição o acto tornar-se-ia puro, em todo o seu vigor como se a condição não existisse".

Ora, ahí está: O acontecimento previsto, aposto como condição, "era a organização geral das provincias pela Assembléa Geral Legislativa".

Era isso possivel pela Constituição do Imperio; pela da Republica, porém, já o mesmo não acontece. Uma organização geral dos Estados é constitucionalmente impossivel.

A condição resolutive tornou-se, pois, impossivel; o acto se reputa puro, incondicional.

Entende o Sr. Gonçalves Maia que o acontecimento



se não tornou impossivel, porque exactamente de sua realisação é que está tratando Pernambuco.

Pouco importa que disso ainda cogite o Estado de Pernambuco, se vemos que existe uma impossibilidade juridica de obter uma organização repellida pela Magna Carta, e para a qual nenhum dos poderes publicos tem competência.

Quando se fala em impossibilidade não se allude, apenas, á materia, á physica; a juridica é muitas vezes contemplada com mais energia."

Acompanhando este Relatorio, vão documentos em numero de tres, relativos aos convenios do Estado da Bahia com o de Goyaz, Minas Geraes e Piauhhy.

Saúde e fraternidade.

Ao Exmo. Sr. Dr. Antonio Ferrão Moniz de Aragão, M. D. Governador do Estado da Bahia.

Rio de Janeiro, 25 de Setembro de 1919. (Assignados)  
*Dr. Braz do Amaral.—Eduardo Espinola.—Arlindo Fragozo.*"

São estes os documentos a que se refere o relatorio supra:

### **Termo de convenio entre os Estados da Bahia e Goyaz, fixando a sua divisoria**

Os infra assignados, delegados dos Estados da Bahia e de Goyaz, investidos dos respectivos poderes pelos Governos dos Estados acima citados, resolvem assentar a linha divisoria que vigorará d'ora em diante e será respeitada pelas autoridades e populações delles como sua fronteira.

A linha fronteiriça, correrá pelo divisor das aguas do Espigão que se encontra naturalmente levantado entre os dois Estados, de norte a sul, com as variantes destes pontos cardeaes que deverão obedecer ás nascentes dos rios das duas bacias, a do S. Francisco a leste e a do Tocantins a oeste.

Na chapada da Mangabeira será traçada uma linha pelo meio da lagôa do Varedão, correspondendo á nascente do rio Somninho que mana para a bacia do Tocantins e a do rio Sapão que mana para a bacia do S. Francisco.

Este accordo é feito *ad referendum* dos dois Con-



gressos Estaduaes e da ractificação do Congresso Federal, nos termos da Constituição da Republica.

Logo depois de feita esta ratificação, nomearão os dois Governos acima indicados uma commissão mixta que irá cravar os marcos da divisão, ficando dois delles nas extremidades da referida lagôa do Varedão, nos pontos da linha acima, que dividirá ao meio a lagôa, e nos logares em que fôr mais conveniente fincal-os, ou construil-os, de modo a serem sempre vistos.

E tendo nisto accordado, combinado e acertado promettem, em nome do poder publico dos dois Estados, respeitar tal divisoria que assim fica estabelecida, dependendo apenas das ractificações já declaradas, impostas pela nossa lei magna.

A este accordo seguirá um convenio aduaneiro que julgam conveniente a bem da economia dos dois Estados, concluir desde já os seus delegados infra assignados.

Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1919. (Assignados)—*Dr. Braz do Amaral*, delegado da Bahia.—*Eduardo Espinola*, delegado da Bahia.—*Arlindo Fragoso*, delegado da Bahia.—*José Carlos de Carvalho*, Contra Almirante, delegado do E. de Goyaz.—*Henrique Silva*.

**Convenio entre os Estados da Bahia e de Minas Geraes, fixando os seus limites, desde as nascentes do rio Carinhanha até encontrar as terras a que tiver direito o Estado do Espirito Santo**

Os infra assignados, delegados do Estado da Bahia e de Minas Geraes, investidos dos necessarios poderes pelos respectivos Governos dos citados Estados, para accordarem e assentarem na linra divisoria que deve ser estabelecida de modo a tornar clara e indiscutivel a precisa jurisdicção, a bem dos povo e da justiça, accordaram e resolveram que a referida linha divisoria correrá das nascentes do rio Carinhanha, pelo curso do mesmo até a sua fóz do rio S. Francisco; e por este acima até a fóz do rio Verde Grande, na margem opposta do referido rio S. Francisco, até a confluencia neste do rio Verde Pequeno e pelo curso desde até o Poço do Impossivel; dahi a linha fronteiraça mesmo do riacho do O' e pelo curso deste até a confluencia neste do rio Riachão e pelo curso deste até a confluencia no mesmo do riacho do I' e pelo curso deste até a confluencia



do riacho Pastinho e pelo curso deste até a sua nascente na Serra Geral, chamada também Serra das Almas, em direcção ao lugar chamado Curralinho, antiga fazenda do mesmo nome, continuando a fronteira a correr pela citada Serra Geral até o morro da Condeúba e dahi á Passagem do Agreste, donde seguirá pelos Vallos Fundos, sempre pela Serra Geral, até a barra do rio Mosquito que desagua no rio Pardo.

Da barra do rio Mosquito, a linha fronteiriça seguirá pelo alto do divisor das aguas entre o rio Cantinho e o rio Mamoeiro, correndo depois pelo divisor das aguas dos rios Pardo e Jequitinhonha até encontrar o riacho Ribeiro, affluente do rio Cunhas; e pelo curso deste até a sua confluencia no referido rio Jequitinhonha; seguirá depois a divisoria pelo thalweg do rio Jequitinhonha até chegar á povoação mineira de S. Sebastião do Salto Grande do Jequitinhonha. Dahi a fronteira correrá pelo alto da serrania dos Aymorés na direcção sul nos logares em que declinam as aguas, até encontrar as terras que forem por direito do Estado do Espirito Santo, ficando entendido que os dois Estados ajustarão o melhor meio de delimitar, no territorio de Santa Clara, o que pertencer ao districto deste nome, o qual é do Estado da Bahia.

Os dois Governos da Bahia e Minas Geraes, após a ratificação deste convenio, procederão á escolha de uma commissão mixta que fará a collocação dos marcos divisorios, que devem ficar em pontos bem accessiveis á vista, para tornar clara a demarcação.

Este convenio é feito *ad referendum* dos Congressos Estaduaes da Bahia e de Minas Geraes e será submettido, no caso de ser aprovado, á ratificação do Congresso Federal, nos termos da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Para esclarecer o periodo em que se acha escripto no termo que a divisoria é pela povoação mineira de Salto Grande, declaramos em tempo que a divisoria vem pelo thalweg do rio e corre pelo meio da Cachoeira ou Salto Grande do Jequitinhonha, ficando a povoação do Salto pertencente a Minas e a metade norte da cachoeira á Bahia.

Rio de Janeiro, 23 de Agosto de 1919. (Assignados)  
Dr. Braz do Amaral, delegado do Estado da Bahia.—Diogo Luiz de Almeida Pereira de Vasconcellos, delegado de



Minas Geraes.—*Arlindo Coelho Fragoso*, delegado da Bahia.—*Eduardo Godinho Espinola*, delegado da Bahia.

### Convenio entre os Estados da Bahia e Piauhý, fixando os seus limites

Os infra firmados, delegados dos Estados da Bahia e do Piauhý, investidos dos competentes poderes pelos Governos dos Estados acima referidos, tendo em consideração as conveniencias que para a ordem publica e para os povos e autoridades de ambos vão resultar de um perfeito conhecimento dos logares onde começa e onde acaba a sua respectiva jurisdicção, assentaram, accordaram e resolveram que o limite dos Estados da Bahia e do Piauhý correrá pelas serranias e chapadões que dividem as aguas dos rios que pertencem ás duas bacias do Parnahyba e do S. Francisco, o primeiro dos quaes é do Estado do Piauhý e o segundo do Estado da Bahia, por toda extensão em que se encontrarem as terras dos dois Estados.

Este convenio é feito *ad referendum* dos dois Congressos Estaduaes e será depois, no caso de ser approvado, submettido á ratificação pelo Congresso Federal nos termos da Constituição da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Os dois Governos da Bahia e do Piauhý se entenderão para a escolha de uma commissão mixta que, após a ratificação citada irá fazer a demarcação precisa para perfeita sciencia das populações.

E pelo terem assim accordado e resolvido, promettem, em nome do poder publico que representam, respeitar a linha divisoria acima indicada, como fronteira dos dois Estados da Bahia e Piauhý.

Rio de Janeiro e Sociedade de Geographia, 4 de Setembro de 1919. (Assignados)—*Dr. Braz do Amaral*, delegado da Bahia.—*Arlindo Fragoso*, delegado da Bahia.—*Eduardo Espinola*, delegado da Bahia.—*Antonio Freire da Silva*, delegado do Piauhý—*João C. Dias da Rocha Cabral*, delegado do Piauhý.—*José Felix Alves Pacheco*, delegado do Piauhý.



# OS MANDAMENTOS CIVICOS

— DA —

## Liga da Defesa Nacional

Para as paginas da nossa Revista passamos os *mandamentos civicos* que a Liga da Defesa Nacional, numa de suas benemeritas campanhas, fez distribuir pelo Brazil inteiro.

A redacção é do nosso glorioso confrade Coelho Netto.

1—Honra a Deus amando a Patria sobre todas as cousas por nol-a haver Elle dado por berço, com tudo o que nella existe de esplendor no céu e de belleza e fortuna na terra.

2—Considera a bandeira como a imagem viva da Patria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.

3—Honra a Patria no Passado: sobre os tumulos dos heróes; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação, que é a Força da Fé.

4—Instrue-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrucção, que é dote que se não gasta, direito que não se perde, liberdade que se não limita.



5—Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus principios, porque da obediencia que se lhe presta resulta a Ordem, que é a Força suave que mantém os homens em harmonia.

6—Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilibrio. Quando sentires o tentador refugia-te no trabalho, como quem se defende do demonio na fortaleza do altar.

7—Previne-te na mocidade, economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lampada que te ha de alumiar á noite.

8—Acolhe o hospede com agasalho, offerecendo-lhe a terra, a agua e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa: nem com arrogancia que o affronte, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

9—Ouve aos teus, que têm interesse no que lhes é proprio, reservando-te com os de fóra. Quem sussurra segredos é porque não póde fallar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuços de idéas que se não ousam manifestar ao sol.

10—Ama a terra em que nasceste e á qual reverterás na morte. O que por ella fizeres por ti mesmo farás, que és terra, e a tua memoria viverá na gratidão dos que te succederem.

Estes dez mandamentos encerram-se em dous: Amar a Patria sobre todas as cousas e aos que comnosco trabalham para engrandecel-a.



## SESSÃO DE 13 DE MAIO DE 1920

---

O Instituto reuniu-se extraordinariamente no dia 13 de Maio do corrente anno para commemorar o 32.º anniversario da emancipação dos escravos, occupando a attenção da centena de pessoas que a assistiram os Srs. consocios Academico Adalicio Nogueira, Dr. Affonso de Castro Rebello Filho e Bernardino de Souza.

O Sr. Adalicio Nogueira recitou uma inspirada poesia sobre a grande data commemorada.

O Dr. Affonso de Castro Rebello Filho leu as poesias do seu livro de versos, brevemente a sahir dos prelos, dizendo antes, as seguintes palavras:

### *Minhas senhoras e meus senhores*

Eu vos agradeço a honra da vossa presença.

A' extrema gentileza dos eminentes consocios que compõem a illustre directoria deste Instituto devo a oportunidade de vos ler este punhado de versos. Quizeram, abrindo excepção á ordem dos trabalhos desta casa onde, em culto ardente, se guardam as reliquias e se celebram as glorias e tradições da nossa patria, dar-vos a conhecer as singelas primicias da minha arte.

Talvez descobrissem nestas paginas algo dos nobres idéaes que aqui se professam. Algumas, em verdade, foram inspiradas pelo esplendor e magnificencia da natureza tropical; são trechos do sertão adusto, scenas e paisagens dos nossos campos, das nossas aguas e das nossas florestas; outras tentam evocar lendas e factos da nossa historia, das raças que nos herdaram os thesouros da lingua, os ardores do sangue, os requintes do espirito e as grandezas da alma,

---

NOTA—Abre o livro uma oblata a Orpheu, estando o mesmo devidido em quatro partes, assim intituladas: «Comtemplações», «Poemas de antanho», «Estrada florida» e «Vida sonora».



palavra, pelo exemplo, pelas armas, afrontar mares e terras, arriscar tudo por amor delle, eis, senhores, o que dignifica o homem e o transfigura, eis o que faz de um povo, embora pequenino, um povo de heróes.

Recorda-nos isso mui pertinentemente, o dia 3 de Maio, a data de hoje.

Em outr'ora, mais de quatro seculos decorridos já, desfraldado aos ventos em Porto Seguro, o estandarte da Ordem de Christo, lá onde primeiro a civilização osculou ás nossas plagas, assignalava uma victoria do ideal e ideal perseguido de longos annos, o descortino dos mares nunca dantes navegados, a fé e o imperio a dilatar-se por toda a parte e por todas as gentes, o ideal da conquista que aquecia os peitos dos nossos valorosos antepassados

Ha 26 annos cerca, o nascimento deste Instituto, nas modestas proporções dos seus recursos de então, aos esforços de um pugilo de patriotas, assignalava-nos outra victoria do ideal, tão caro, tão essencial aos povos ainda na juventude, a lição e o exemplo do passado servindo ao patriotismo e erguendo aqui um templo á Memoria "*ut longos durent bene gesta per annos*".

E', pois, uma data que nos alevanta a alma para as esperanças do futuro. Povo novo, não descremos do nosso destino, como n'alma não nos fallece a seiva dos ideaes.

Vós bem vistes a que extremos sensacionaes o ideal arrojou as populações sertanejas de armas na mão contra as forças leaes n'uma luta fratricida que oxalá jamais se não renove.

Vós vistes, e isso é ainda tão recente, como essas populações revoltadas, quando ainda lhes sorria a victoria, souberam, sob o imperio desse ideal, respeitar a vida humana, respeitar os direitos dos vencidos e a dignidade do homem e vós vistes tambem, como por effeito de um ideal superior, os responsaveis do poder publico, o exercito nacional a postos, souberam respeitar nos brios e melindres dos sublevados a fraternidade brasileira prestes a se afogar em sangue vertido de irmãos por irmãos.

Eu não devo trazer par este recinto, onde reina a serenidade da Historia, as paixões que lá fóra nos dividem e nos puzeram em campos oppostos n'uma luta que oxalá não esteja apenas adormecida; mas ao orador não pode passar indifferente a lição moral do successo.

Aos vencidos e aos vencedores, si vencidos e vencido-



res houve nessa lucta, a uns e a outros, em paz effectiva que já estejam ou simplesmente em treguas ou armistícios em que por ventura ainda se conservem, ahí está a lição moral para a orientação do futuro. Ella nos ensina que no peito do sertanejo, ainda vivida, palpita aquella vitalidade não desmedrada da valia dos antepassados; ella nos diz que no animo daquellas populações desprotegidas perdidas nas frágoas de suas montanhas, germina e fructifica a idéa, como a bôa semente, não fosse esta embora lançada por incomparavel semeador: ella nos admoesta com este amargor das luctas fraticidas, que ha um progresso politico que precisamos attingir, o do respeito á lei, o do respeito á vontade do povo, para que a dignidade humana não se sinta humilhada em face dos que mandam e dos que obedecem.

Em nome da patria, pelo seu futuro e pela sua gloria, não se perca jamais a lição. Importe em progresso moral dos nossos costumes politicos a lição dos ultimos successos. Faça a evolução o que a revolução não poudé fazer.

A Historia ahí está a ensinar-nos isso todos os dias. As grandes acções são sempre grandes legados que pagam com maravilhosa usura. Pelo que os homens fizeram, aprendemos o que os homens ainda podem fazer.

Na conquista de um ideal superior, deu-nos a especie humana martyres e heróes e estes perduram na consciencia universal como anjos tutelares. "Anjos do martyrio e da victoria, diz Mazzini, são irmãos, ambos estendem as azas sobre o berço da vida futura".

Dessa lucta de irmãos, cujos echos mal se extinguiram no longinquo dos sertões, não indaguemos aqui a quem coube a victoria, saudemos apenas a nobreza das intenções e aprendamos a respeitar a vontade do povo.

Ao homem de Estado cabe agora, sem distincção de martyres e de heróes na massa geral, que a fraternidade já reuniu, corrigir erros e auscultar a alma popular para melhor a servir.

Estamos na America e numa democracia. Estamos aqui a divisar ao longe o clarão do grande incendio que do Oriente europeu ameaça o mundo inteiro. O *soviet* russo se propaga e ameaça até as nações mais economicamente equilibradas. O sopro revolucionario social quer dar a volta do mundo, com a mesma força do contagio das mais virulentas enfermidades que assolam o genero humano.



E'-nos preciso estar vigilantes e confiados na nossa força.

Neste seculo que apenas começa, esse deve ser o nosso empenho maior, isto é, apparelhar-mos para a nossa vez, que se aproxima, nas luctas economicas que vão caracterizar a era nova. Bôas leis, bons costumes, honestidade, justiça, credito, confiança, orientação segura nos melhoramentos que visam estimular a producção, e sobretudo instrucção popular em moldes mais praticos, mais amplos, que habilite o brasileiro a dominar com energia o seu meio, que o habilite a captar na natureza os elementos de acção, com economia do esforço physico, já de si penoso neste clima extenuante, eis em que deve consistir o nosso apparelhamento para vencermos nas luctas do trabalho, na concurrencia mundial que se annuncia formidavel.

Depois da guerra de 1914, uma das maiores crises da civilização de que ha memoria humana, as vistas do mundo voltaram-se para a America Latina pelas grandes reservas que ella encerra, necessarias á restauração das forças perdidas. E' a vez da America do Sul de pesar com os seus valores no equilibrio economico do mundo. E' a vez do Brasil, com as suas inegualaveis riquezas, tomar o seu lugar entre as grandes potencias da terra, agindo no theatro da civilização, consoante as suas capacidades indiscutíveis.

Balanceando as nossas riquezas, comecemos por averiguar quantos milhões de brasileiros somos hoje, dispersos por esses 8.522.000 kilometros quadrados do vastissimo territorio nacional. Vinte e seis milhões? trinta milhões?

Ninguem o dirá com o rigor das cifras, como o está a exigir a bôa gestão dos publicos negocios e como tanto importa ao nosso orgulho nacional.

Entretanto, senhores, é mistér que essas cifras, com a maior exacção possivel, nos demonstrem o poder da nossa natalidade, nos dêem a medida do nosso crescimento, nos definam a capacidade de adaptação nesse clima torrido, nos provem a força de assimillação nossa para com os povos alienigenas que nos procuram, a energia que nos é propria no devassar e povoar sertões, terras bravas que o nosso braço tem de amanhoar, na tarefa ingente que nos coube em sorte de encher na America um paiz quasi tão grande como a Europa inteira.

Por patriotismo, por justo orgulho nacional, devemos todos concorrer, numa comprehensão elevada do censo, para que elle seja uma indiscutivel verdade, uma affirma-



ção postiva do nosso poder como nação, a maior nesta parte do continente.

A Bahia, com o seu logar de destaque na communhão brasileira, justo apanagio de uma tradição gloriosa e partilha feliz que lhe coube em sorte de possibilidades economicas, quantos, porém, dos seus filhos pelo censo se numeram?

Serão acaso tres milhões? Excederão desse numero? Ficarão por ventura aquem da estimativa baseada em cifras que desde os tempos coloniaes se assignalam?

Não os terá de menos a Bahia si um cuidadoso preparo, uma propaganda feliz e bem encaminhada lograr vencer as resistencias, as desconfianças, os escrúpulos infundados que lavram no animo das populações esparsas por esses sertões fóra. Prolifera e numerosa se constitue a familia bahiana. Raros são no interior os casaes sem filhos e estes por seis, oito, doze e ás vezes vinte se numeram muitissimos nos lares que aqui se distinguem na natalidade. Mortíferas não são aqui as epidemias em tanto gráo que perturbem de modo muito sensível a lei do crescimento normal da população. As seccas aqui não determinam, como alhures, o exodo da gente flagellada em grande massas que não regressam a seus lares. Ellas se deslocam de uns pontos para outros nos limites do proprio Estado, o que faz com que sejam menores aqui as perdas da população por effeito dessas calamidades periodicas, que o nosso esforço insistente, bem orientado, vae dominando, e oxalá que o consiga sem desfallecimento.

A Bahia, que foi por tanto tempo a metropole colonial, o cerebro da nacionalidade nascente, viu de muito cedo dispersar-se o seu povo a todos os ventos; viu-o devassar sertões, assignanlando nas conquistas a força do seu braço e a resolução do seu animo. O bahiano bem cedo começou a alargar o ambito das suas conquistas; levou as suas armas victoriosas para alem do rio Real e do Vasa-barris e fundou Sergipe; mandou auxilio ás outras capitánias; deu o grosso da expedição que expulsou os francezes do Rio de Janeiro e lhe forneceu o melhor de sua colonização; galgou montes e serras; tornou-se lendario com Roberio Dias a descobrir minas; desceu indios escravos para as lavouras; transpoz o rio S. Francisco para cima do famoso *Sumidouro*, que é hoje o Paulo Affonso de formidavel cataracta; invadiu terras e povoou estancias que são hoje de Pernambuco, de



Piauí, do Maranhão, de Goyaz, de Minas Geraes e do Espírito Santo; emigrou por terra e mar; levou a sua influencia a todos os pontos do paiz, e por todo o Brasil fez sentir a força do seu genio. Na Historia não ha como negar-se o concurso do seu braço e do seus talentos no criar, desenvolver, multiplicar as forças vivas da nação. Desta, com razão, perante a Historia, é considerada a grande nutriz.

Mas porque se nos depara desmedrada do primitivo valimento a Bahia? Porque esse estado de cousas que aos proprios bahianos descontenta? Será, por ventura, porque ella empobreceu e definhou? Será porque os seus recursos naturaes, tantos e tão varios, se lhe esgotaram ou porque se lhe desperdiçaram de vez as riquezas accumuladas de outr'ora?

Não, senhores, a Bahia não definha, não empobrece. Entorpecida apenas, como esses organismos novos, preza de uma atonia que lhes detem o natural crescimento, a Bahia lucha por encontrar a solução do problema economico, perturbado desde a emancipação do elemento servil. Para a sua producção que é a de uma polycultura tão variada como nenhuma outra no paiz, ella ainda não conseguiu as forças, braço e capital, na medida e nas condições adequadas á uma expansão maior. O braço, em sua maioria, oriundo do regimen servil, sem preparo, sem disciplina, sem orientação, é ainda um instrumento fraco do ponto de vista economico, se bem que o mais apto a supportar as torturas do clima torrido, no lavrar a terra. Falta-lhe, porém, o cultivo, a ambição, a disciplina que caracterizam o operario europeu e o tornam agente precioso na producção da riqueza.

O sul do paiz, colonizado pelo europeu e a receber novas de emigrados,ahi está a demonstrar como a hegemonia politica se funda no predomínio economico que essa parte do paiz já conseguiu. S. Paulo, meus senhores, com os seus quatro milhões de habitantes, um pouco mais da sexta parte da população nacional, está hoje exportando 40% da producção de todo o paiz. Nada mais significativo do que isso de referencia ás condições do trabalho.

Mas si ainda não temos nós aqui como atrahir o colono europeu, que o clima torrido afugenta, cuidemos do operario nacional; fixemol-o ao solo, como no Sul se faz com o europeu; não o desprezemos para que não deixe, por outras e longinquas terras, a terra em que nasceu; edu-



quemol-o de tenra idade no trabalho do campo e na officina; transformemos-lhe os habitos; despertemos-lhe os instinctos bons, o desejo de prosperar, a firmeza nos propositos, o sentimento da dignidade humana. O nosso homem do trabalho não tem iniciativas proprias; não crê no bemestar pela vereda da economia; mas, entretanto, alimenta-se mal; veste-se mal; estraga a saúde á falta de cuidados pessoas e essa saúde não raro se lhe extingue de vez ás aggressões da malignidade n'uma terra brava que a Hygiene ainda não visitou.

Sem a instrucção popular ninguem vencerá nessa grande luta de concurrencia economica entre os povos.

Nesse clima torrido, em que o esforço physico tanto se amofina aos effeitos da temperatura alta, só o trabalho intelligente deve prevalescer; caiba a primasia á intelligencia educada; vença a intelligencia, subjugando energias, o que o braço não puder vencer.

Isto, meus senhores, quanto ao homem, como elemento efficiente de riqueza. Resta-nos considerar a terra que para nós é um thesouro de energias incontaveis. E'-nos preciso estudal-a com mais amor, desfructal-a com mais calculo. Do largo quinhão de terras que nos coube em sorte, custa dizel-o, não lhe conhecemos sequer a geographia. As cartas geographicas existentes não merecem inteira fé no representarem o territorio bahiano. São documentos falhos em que os dados mathematicos collidem com os de simples approximação ou de mera phantasia e a prova disso tive-mol-a bem recente nesta campanha do sertão, onde se viu em que sombras de mysterio para o commando das forças expedicionarias se quedou a zona conflagrada. Anomalias desta ordem não devem subsistir na marcha de um governo conscio de suas responsabilidades.

Indispensavel é estudar a terra para valorizar-lhe os recursos e utilisal-os opportunamente.

Pergunte-nos o industrial adventicio que por ventura procure collocar os seus capitaes em terras, quantos hectares disponiveis pode ceder-lhe o poder publico no valle ubertoso do rio de Contas, ou na zona das mattas onde domina o horizonte o cabeço do monte Paschoal e não lhe saberemos ao certo responder.

Pergunte-nos, de referencia á nossa riqueza mineralogica, de que extensão é no Estado a formação diamantina e em que rocha o diamante de ordinario se apresenta e não



lhe saberemos com inteira exacção responder, porque o estudo dessa riqueza, de que depende o nosso futuro, não o fizemos ainda com a systematização indispensavel, com a geographia e com a geologia que nos dê, mappa á vista, as amostras colhidas *in situ*, devidamente classificadas como n'um museo, á guiza de mostruario dessas riquezas.

Pergunte-nos o engenheiro industrial, o electricista, de que força hydraulica utilizavel é capaz o diamantino rio Paraguassú, desde que se desprende das *grunãs* e talhados da Chapada até onde o mar o recebe com as ultimas vagas da sua maré e não temos, em verdade, como responder ao ambicioso forasteiro, que busca assentar industrias onde mais accessiveis se lhe deparam forças naturaes.

A geographia topographica e economica cumpre, meus senhores, que a tenhamos nesses moldes que incentivam o progresso, atraem capitaes, e são como que um inventario seguro dos nossos haveres, do valor da nossa terra.

Havemos de progredir assim, estudando a terra, no seu intimo e na sua superficie, preparando o homem para as luctas da vida intensa pelo trabalho.

Tão instantes são os reclamos das industrias na economia mundial que a sciencia não tolera ignoto um canto da terra. Ella afronta os mares, os gelos polares, os desertos adustos, os povos mais féros e vae, imperterrita, não raro, por uma estrada funebre que os mais devotados santificaram com o proprio sacrificio, descobrir o veio de ouro, a jazida do diamante, a fonte do petroleo, o deposito de carvão, a riqueza enfim que a civilização reclama no seu progredir indefinido. E' assim, meus senhores, que bôa parte do que conhecemos scientificamente da nossa terra procede do estrangeiro. Devemol-o a scientistas europeus ou norte-americanos, que, á custa dos seus governos ou da bôa vontade de financeiros esclarecidos, aqui aportaram e percorreram as nossas terras examinando-lhes as riquezas mineralogicas e as pompas da sua natureza incomparavel. Devemos, por exemplo, ao sabio geologo John Branner, Presidente Emerito da Universidade de Stanford, na California, o mappa geologico do Brasil, cujos primeiros exemplares nos chegaram agora. E' uma valiosissima contribuição á geologia a guiar-nos os passos nessa senda da sciencia que se nos depara tão promissora. O territorio bahiano, que elle tão longamente percorreu, ahi está contemplando nesse mappa com indicações scientificas de al-



cance economico interessantissimo, provocando-nos a exames e estudos ainda mais amplos e mais minuciosos, como convem á sciencia e tanto importa ao nosso progredir.

E' assim que devemos marchar para o futuro, concorrendo para a grandeza e prosperidade da patria, estudando-lhe a terra e o homem: a terra, descobrindo-lhe os thesouros, captando-lhe energias que a sciencia sabe desvendar; o homem, erguendo-lhe o patriotismo pela lição moral, pela nobreza dos sentimentos, pela disciplina do trabalho.

O Instituto Historico, no dia de hoje, na hora presente, quer solemnizar a entrada do Brasil na historia da Civilização, o nascimento da nossa nacionalidade, como uma lição de patriotismo, com as homenagens que vem prestar á memoria dos nossos consocios fallecidos este anno, recordando-lhes os feitos para lição moral da posteridade.

Bem pesado, meus senhores, foi o tributo que este anno nos impoz a morte. Não menos de quatorze illustres consocios foram os que ella, em tão curto espaço, nos arrebatou. O almirante Antonio Alves Camara, o Dr. Lino Meirelles da Silva, o Dr. Arthur Hermenegildo da Silva, o Dr. Amancio José de Souza, o Dr. Joaquim Ignacio Tosta, o Dr. Francisco da Luz Carrascosa, o Sr. Antonio Francisco Brandão, o Dr. Francisco Gonzales Montes de Oca, o Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, o Dr. Antonio Baptista dos Anjos, o Dr. Julio Sergio Palma, o Coronel Cincinnato José Melchiades, o Dr. Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque, e o Dr. Carlos Chenaud, foram os caros consocios que desta vida se partiram.

Bem vedes, meus senhores, que não lhes venho aqui fazer a biographia nessas homenagens que lhes devemos á sua memoria. Ellas, a medirem-se pelo alcance da minha palavra, não estão decerto, como aqui desejaes, á altura do seu merito nem da valia em que os tem este Instituto. Suppra embora a bôa vontade minha, a minha admiração pessoal, o que não podem as forças do meu espirito o brilho e significação dessa homenagem derradeira.

Antonio Alves Camara, appello aqui para a sua memoria ao numerar de começo essa pleiade desaparecida, almirante da Armada Nacional, bahiano, fallecido a 3 de Maio, no Rio de Janeiro aos sessenta e oito annos de idade, foi em toda a sua vida um bello exemplo de actividade fecunda ao serviço da patria. Alliou a competencia ao zelo



e dedicação á causa publica. Aos vinte e tres annos era já Capitão-Tenente da Armada. Foi marinheiro que amou o mar e nelle fez carreira sem favores; instructor de Marinha; lente de Hydrographia; examinador de pratica de observações astronomicas, foi assim correndo as primeiras etapas da sua vida de marinheiro moço. Aos vinte e nove annos, commandava a canhoneira Traripe e procedia a estudos hydrographicos nesta bahia de Todos os Santos, com o que demonstrou a excellencia da localidade da Ponta d'Arêa, á entrada do rio de Cotegipe, para um grande estabelecimento de construcção naval, servindo á defeza das costas do Norte do paiz.

No seu longo tirocinio do marinheiro exerceu o commando e desempenhou commissões quasi sempre com louvor. Foi director da Escola Naval e a organizou; inspector do Arsenal de Marinha; consultor do Conselho do Almirantado; commandante da esquadra em evolução; inspector de portos e costas; superintendente do material, sendo, por isso, um dos quatro membros do Almirantado. Reformou-se, por doente, em 1912.

Official de vida tão activa, conhecedor como poucos da costa do Brasil, grande navegador, senhor do seu officio, o almirante Camara era um estudioso investigador e escreveu obras de estimavel valor technico e scientifico. E' assim que escreveu sobre a origem e causa da formação do *Gulf-Stream*; sobre a analyse dos instrumentos de sondar; sobre o navispherio e as observações da noite; sobre as curvas de posição e os novos methodos de navegação; sobre construcções navaes; sobre os seus estudos no interior da bahia de Todos os Santos; sobre construcções navaes indigenas do Brasil; sobre melhoramentos do porto da Bahia; sobre construcção naval no Brasil e seus progressos, e ainda sobre pescas e peixes da Bahia. Foi membro de quasi todos os institutos scientificos do paiz e desste Instituto foi seu socio honorario. No Imperio, os seus serviços foram galardoados com o gráo de Cavalheiro da Ordem de Aviz e Official da Rosa. Sua vida de marinheiro, transcorrida na paz, porque, mercê de Deus, por cincoenta annos cerca, desde 1870, gosamos da paz entre as nações, foi um bello exemplo de actividade operosa e de serviços patrioticos.

— O Dr. Lino Meirelles da Silva, nosso socio effectivo, fallecido aqui a 4 de Março, exerceu a sua actividade em



theatro bem diverso. Vós bem o conhecestess, se bem que raras vezes aqui o tivéssemos a prestigiar com a sua pessoa as nossas iniciativas. Nascido em 1876, a morte o colheu ainda no maior vigor da idade, quando os ideaes que aca-lentamos, por amadurecidos, vão já tomando a forma das realidades tangíveis. Preparara-se para a vida intensa das industrias, cursara a especialidade nas universidades euro-péas; estivera em Lausanne, Munich e Paris; tirara com o diploma de engenheiro o curso de Hydraulica nas duas primeiras destas cidades e o de Electricidade na ultima. Dedicado á industria fabril dos tecidos, que era tambem a da predilecção paterna, Lino Meirelles, em 1902, substituiu a seu pae, Leopoldo José da Silva, na direcção da Companhia Emporio Industrial da fundação do bene-merito Luiz Tarquinio, um dos espiritos mais emprehen-dedores que já teve a Bahia. Continuou-lhe a obra de engrandecimento da industria dos tecidos entre nós e se impoz ao meio bahiano pela sua actividade, bôa orientação, iniciativa e amenidade de trato. Quando, aos quarenta e tres annos, a morte o colheu em plena actividade, o Dr. Lino Meirelles era o Presidente da Companhia Emporio Industrial e do Centro do Algodão a que patrioticamente e com previdencia dedicava o melhor dos seus cuidados e do seu tempo.

— Arthur Hermenegildo da Silva, engenheiro tambem e como o precedente tambem socio effectivo desta casa, e como elle tambem colhido no vigor da idade, a 4 de Junho, deixou, na Escola Polytechnica onde professava como cathedratico e na sociedade bahiana, um vacuo bem sensivel.

Não foi menor o vacuo, o sentimento de pezar, que nesta sociedade causou a morte do illustre magistrado, Dr. Amancio José de Sousa, Conselheiro do Superior Tri-bunal do Estado, Lente da Faculdade de Direito, lente e director da Escola Commercial, fallecido a 6 de Agosto. Vós bem o conhecestes pelo seu talento, o seu superior pre-paro, a nobreza do seu character, para bem sentirdes o que foi a sua perda para esta sociedade e para o paiz. O Dr. Amancio de Sousa, na judicatura como na cathedra do-cente, era, em verdade, uma força constructiva, uma segu-rança moral nessa democracia nossa, tacteante e tão des-equilibrada ainda. Distribuindo a justiça entre os conci-dadãos, ensinando com a palavra e com o exemplo a mocidade do seu tempo, o nosso illustre consocio soube



bem honrar a sua toga e praticar o bom patriotismo que semeia no futuro.

Direi aqui outro tanto de Francisco da Luz Carrascosa, de Antonino Baptista dos Anjos, de Julio Sergio Palma, socios effectivos deste Instituto, lentes do ensino superior, representando todos o pezado tributo pago á morte pelo corpo docente da nossa Academia de Medicina.

A crueldade desse golpe dóe pelo numero como pela estima dos que perdemos.

O Dr. Francisco Carrascosa, o *Carrascosinha*, como familiarmente o chamavam os seus discipulos, a distingui-o do irmão mais velho, illustre professor como elle e que o precedeu no tumulo, fallecido a 25 de Novembro, ainda na força da idade, era, como mestre, um dos ornamentos da sua classe. A estima dos discipulos conquistou-a elle pela sua notavel competencia na cathedra, pela sua applicação, pela sua habilidade em bem transmittir e não jamais por essa tolerancia suspeita com que se capta popularidade no seio da mocidade academica. Os dous irmãos, professores por vocação e por amor á sciencia, deixaram de si essa boa tradição na Escola.

De Baptista dos Anjos avalie-se-lhe o merito pela larga estima que nesta sociedade adquiriu. Professor na Escola de Medicina, professor no Gymnasio do Estado, medico clinico, com um gabinete dentario bem installado e frequentado, o Dr. Antonino, dispartia a sua actividade de um modo invejavel. Alma bondosa, ameno no tratar, accessivel, o nosso illustre consocio, fallecido de subito a 2 de Abril, era um espirito votado ao bem, uma natureza aberta ás suggestões da amizade.

Não era menos Julio Palma como professor e como cidadão. Em moço, o illustre santamarense tinha procurado na carreira ecclesiastica o futuro a que lhe davam direito os seus talentos. Cursou as lettras sacras até o momento de receber as ordens; chegou até a estrear-se na tribuna sagrada, mas sentiu em breve que a vocação lhe fallecia e se desviou em tempo a outro rumo. Fez-se medico em 1880, com bellissima defesa de these, approvada com distincção. Prestou serviços no exercito e em 1885 foi nomeado Preparador do Laboratorio de Histologia da Escola de Medicina, após brilhante concurso. Por vinte e dous annos exerceu esse cargo, sem que a sorte o favorecesse, vendo passar a lentes cathedratricos não pouco dos



seus antigos discipulos. Emfim, em 1907, coube-lhe a vez de ser nomeado lente substituto da 2.<sup>a</sup> Secção da mesma Escola. Em 1911, era professor extraordinario, effectivo da cadeira de Anatomia e Histologia Pathologicas, mas em pouco era nomeado Professor Cathedratico de Anatomia Microscopica, cadeira em que se jubilou por decreto de Julho de 1914. Por cerca de 29 annos foi um professor exemplar de que os numerosos discipulos se recordam com gratidão e saudade. Era um espirito aberto ás mais vivas impressões da virtude. Religioso, devotado ao bem, mereciam-lhe especial cuidado as instituições pias e filiou-se a muitas dellas. Mordomo do Asylo dos Expostos da Santa Casa da Misericordia, morreu neste cargo como um benemerito.

Tambem devotado ao progresso moral da sociedade era o Dr. Joaquim Ignacio Tosta, fallecido em Londres a 4 de Agosto do anno passado. A politica absorveu-lhe a actividade inteira nos annos em que os ideaes mais nos sollicitam a acabou desenganando-o, atirado para o estrangeiro n'uma funcção administrativa de relevancia.

E' bem verdade que a politica incoherente, sem logica, sem apoio solido na opinião, como entre nós se pratica, não seduz lá muito aos talentos a que a moral tem forrado de escrupulos. Não obstante, a politica é sempre entre nós a incorrigivel seductora da mocidade avida de pensar e a quem um sôpro do ideal impelle para o futuro.

Os desenganos não tardam, é bem verdade; mas os desenganos não nos forram jamais do amargor que nos vem do contraste entre a realidade tangivel, que a politica é, e os ideaes por effeito dos quaes ella nos seduz e nos arrasta no seu cortejo.

O Dr. Ignacio Tosta cortejou, entretanto, a politica, entregando-se-lhe de bem cêdo a gozar-lhe os favores primeiros, Joven, ainda no seu 5.<sup>o</sup> anno de curso juridico no Recife, em 1879, aos 23 annos de idade, pois nascera no municipio da Cachoeira a 12 de Julho de 1856, ja o estudante Tosta era eleito deputado provincial pelos Conservadores, depurado, embora, pelos Liberaes, senhores da situação. Mas em breve, o Dr. Tosta, que, com a morte de seu progenitor, se fizera chefe dos da sua parcialidade no districto, recobrava o perdido; fazia-se eleger victoriosamente para legislatura seguinte e nessa representação popular se conservou por varias legislaturas até que sobreveiu a republica em 1889.



O novo regimen não o perturbou na sua carreira politica. Foi eleito deputado á "Constituinte" e depois reeleito sempre em todas as legislaturas até 1907, quando deixou o Congresso Federal para se candidatar a governador do Estado.

Nessa campanha politica, o Dr. Tosta, candidato da opposição, desenvolveu uma actividade assombrosa; percorreu o Estado levantando as forças do seu partido. Mas foi debalde esse esforço do politico a quem só faltava este ultimo desengano. Com essa candidatura naufragada o Dr. Tosta poz termo á sua carreira politica. Entrou para o funcionalismo publico; foi director dos Correios da Republica, e foi, por ultimo, nomeado para dirigir a Delegacia do Thesouro Nacional em Londres. Foi ahi que a morte de surpresa nol-o colheu, após oito annos de serviços á causa publica.

Dado aos estudos economicos, devotado ao progresso da lavoura cujos interesses sempre defendeu e estimulou, não se limitava o Dr. Tosta a agitar e propagar as boas idéas, entrava em acção directa e da sua iniciativa ou collaboração calorosa, insistente, tivemos o Banco Agricola da Bahia de que foi o fundador; tivemos os congressos assu-careiros no Rio, na Bahia e em Pernambuco; tivemos a Sociedade Bahiana de Agricultura de collaboração com José Marcellino, Carneiro da Rocha, Reis Magalhães, Araujo Pinho e outros; tivemos as cooperativas agricolas, as caixas economicas populares, leis de grande alcance social devidas á sua iniciativa. Foi o mais esforçado propugnador da criação do Ministerio da Agricultura e teria sido certamente o primeiro ministro dessa pasta, si ja desse tempo não lavrasse tão intensa discordia na politica bahiana.

Na politica do paiz era o Dr. Tosta um bello exemplo de laboriosidade fecunda, de iniciativa, de firmeza de principios e de nobreza de character.

Na idade em que a vida se lhe foi, em plena maturidade de seu espirito esclarecido, a sua perda, quando tão pobre de homens de Estado se nos depara a Republica, vale por uma calamidade nacional e para a Bahia a que elle tanto serviu e tanto amou, foi uma desolação, pois era elle uma força com que se contava para a restauração dos nossos costumes politicos.

Dos que a morte nos arrebatou desta vez, ha aqui dous



vultos que na vida modesta do commercio se impozeram á nossa estima: Antonio Francisco Brandão, finado a 3 de Março e Cincinato José Melchiades em Abril deste anno. Conquistaram ambos o seu logar na sociedade bahiana pelo proprio esforço, n'um bello exemplo do poder da vontade.

Cincinato Melchiades foi um luctador que se levantou de simples typographo a industrial acreditado. Homem de acção, espirito aberto aos nobres ideaes, foi ardoroso propagandista da abolição dos escravos. Typographo no "Monitor", ao tempo em que a imprensa liberal aqui tinha echo em todo o paiz; administrador durante desoito annos do "Jornal de Noticias", da "Revista Popular" de Luiz Tarquinio; fundador da "Gazeta de Noticias"; proprietario da "Typographia Bahiana", Melchiades em todas essas etapas de sua vida laboriosa foi um exemplo de iniciativa apoiada no esforço proprio, e da muita estima que logrou no nosso meio o seu character.

Pouco antes, no Rio de Janeiro, a 19 de Março deste anno, finava-se aos setenta e oito annos de idade o Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, bahiano illustre, formado no Recife em 1862, a quem nos prendem os laços de gratidão como Presidente deste Instituto que foi durante tantos annos.

Devemos-lhe aqui as homenagens de Presidente Honorario, de fundador, de cultor desvelado do prestigio desta casa. O que elle fez, quando este Instituto ainda tateava incerto na vida, servindo-o com os seus talentos, com a sua experiencia, com o prestigio da sua individualidade, não pudemos, não o devemos esquecer.

Flores que possam valer as minhas palavras daqui lançadas sobre o seu tumulo; echo altisonante que possa ter a minha voz a proclamar os seus feitos; este retrato pendente nesta sala como que a continuar a presidir-nos, não pensa com isto jamais este Instituto estar quite com a sua memoria, sob estes tectos onde o culto dos grandes homens é perpetuo estimulo para nós.

O Conselheiro Salvador Pires, magistrado que nos veio do tempo do Imperio, onde a justiça tanto subiu no seu prestigio, fez o seu tirocinio na judicatura a percorrer e a conhecer bôa parte do paiz. O juiz era então mais nacional e menos particularista; pairava n'um horizonte mais largo, acima das injuncções da politica de campanario e agia como uma força estreitando os laços da união nacional. Pires de



Albuquerque foi assim Promotor e Juiz Municipal em Jacobina; Juiz de Direito da comarca de Pastos Bons no Maranhão; da de S. José de Mipibú no Rio Grande do Norte e da de Nazareth na Bahia. Dezembargador nomeado para a Relação de Goyaz foi removido para a da Bahia, depois de ter sido chefe de policia das provincias da Parahyba, Paraná e Bahia. Na republica, com a justiça estadual, foi nomeado Conselheiro do Tribunal de Appellação e Revista do qual por escolha dos seus pares foi por alguns annos o Presidente, cargo em que se aposentou.

Quando da primeira vez o conheci no Rio de Janeiro e no Instituto Historico, o velho magistrado, retirado de todas as funções publicas, já não vivia senão do passado. O seu pensamento era todo recordações, todo saudades e saudades desta casa de que elle foi por tanto tempo, em dias difficeis, o guia responsavel. Sabia-lhe da prosperidade crescente, e dos seus triumphos de agora e com isso se alegrava, como das victorias do filho bem amado se rejubila no ancião o amor paterno.

Perdemos na pessoa do Dr. Francisco Gonzales Montes de Oca, consul argentino aqui de tantos annos, fallecido em Fevereiro, um socio effectivo e um amigo. Deixou-nos elle do seu tirocinio nesta terra a impressão de um cavalheirismo impecavel e a demonstração de sincera sympathia por esta casa.

Aos traços biographicos do extincto representante da nação vizinha e amiga, que ora nos fallecem, suppram aqui as manifestações do nosso affecto para com a sua memoria e as nossas demonstrações de pesar pela sua perda.

As mesmas demonstrações estendamol-as á memoria do Dr. Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque, engenheiro bahiano, ha bem pouco fallecido nesta capital.

Bem mais recente ainda foi o golpe que experimentamos com o passamento do Dr. Carlos Chenaud, nosso illustre consocio, e presidente do Tribunal de Contas, fallecido a 21 de Abril, aos cincoenta e dous annos de idade, pois nascera a 1.º de Novembro de 1867.

Das mais sensiveis é a perda que a sua morte representa na intellectualidade bahiana. Possuia todas as qualidades para um successo brilhante na carreira que abraçou: talento, cultura aprimorada, distincção de maneiras, força de vontade, firmeza de principios, honestidade, escrupulos nos deveres, rectidão e respeito á magestade da lei.



Aos 21 annos, em 1888, formara-se em direito no Recife. Foi promotor publico em Cannavieiras e em Nazareth e por cinco annos, desde 1895, foi Juiz Preparador nesta Capital. Por concurso conquistou a vara de Juiz de Direito de Brotas de Macahubas, donde se removeu para a comarca do Remanso, cujos animos perturbados elle pacificou. Foi ainda Juiz de Direito em Camamú e em S. Francisco, sendo em 1906 nomeado Procurador Geral do Estado, cargo que exerceu com brilho não commum.

Os seus pareceres, não raro, eram adoptados sem discrepância, como julgamento para todo o Tribunal, onde aliás havia juizes, por seu saber, e integridade, verdadeiras notabilidades na nossa magistratura.

Em 1915, foi aproveitado para o Tribunnal de Contas de que foi eleito o Presidente e reeleito sempre cada anno.

O magistrado distincto que elle foi pela sua competencia juridica, pela sua independencia e pelo seu escrupuloso respeito á lei, temol-o em evidencia nos seus relatorios annuaes como Presidente daquelle Tribunal, já hoje tão notorios pelo inaudito das reclamações e pelo desassombro com que as fez. O magistrado na sua cadeira de Juiz é o mesmo a manejar a penna de relator. Levanta a voz para que o ouçam, não jamais para aggressões descabidas; profliga os abusos, as transgressões da lei; reclama a applicação das penalidades. Ouçam ou não a sua voz, ella clama sem cessar, clama sempre, sem receios, sem odios, sem acrimonia; clama por que é do seu dever e só do seu dever.

Amemos no magisterio que se finou o seu animo resolutivo diante da lei, a sua fé na justiça, ainda que tarda possa ella vir, como a evolução social que lhe é mistér.

Fechemos aqui esse quadro luctuoso e já bem longo da nossa perda. Curvados reverentes ante esses tumulos que de tão breve se fecharam, sejam aqui as nossas homenagens não tanto lagrimas por entre flores a cobrirem o irreparavel, mas votos da esperanza que da memoria dos extinctos nos acódem, alentos do ideal no melhor e no mais alto, com que os exemplos das virtudes herdadas nos conservam no mundo sensível os typos eternos da belleza.

O dia de hoje, que na Historia assignala o nascimento da nossa nacionalidade, é um dia de esperanças. A memoria dos mortos, que aqui celebramos, só nos póde trazer alentos e coragem na vida, que a memoria delles é sementeira de



virtudes, e a posse dessa vida do intellecto que não termo no futuro.

THEODORO SAMPAIO.

Foi esta a poesia recitada pelo consocio academico Adalicio Nogueira a respeito do grande facto commemorado:

### O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

Lêdo e festivo o Tejo, engalanado,  
Regorgita de velas e de mastros;  
Beija o luso estandarte desfraldado  
A aurifulgente luz do rei dos astros!...

Meiga manhã. N'um osculo macio  
As aguas frisa o vento matinal;  
Rumo do mar, singrando pelo rio,  
Deslisa mansa a frota de Cabral!

Para onde irá? Que incognito destino  
Conduz a armada a regiões extranhas?  
Porque se atira ao pelago argentino,  
Deixando atraz de si patrias montanhas?

Porque transpõe ligeira e destemida  
O horizonte de brumas e mysterios,  
Abandonando a plaga estremecida  
Para buscar ignotos hemispherios?!...

E entretanto partiu; nas nevoas densas  
Sumiu-se a audaz esquadra aventureira;  
E' seu phanal brilhante a luz das crenças  
Por entre as furias da azulada esteira!...

Coêlho, Bartholomeu, Vaz de Caminha,  
Henrique de Coimbra—o guardião—  
A gente, enfim, melhor que o reino tinha  
Toma parte na grande expedição.



Vão longe; muito além das penedias  
 Que se aprumam nas costas Lusitanas;  
 Já desmaiam na vista, fugidias,  
 As serras intrincadas de lianas!...

Eil-os, alfim, no vasto mar deserto  
 Que o horizonte elastico limita!!...  
 Onde o olhar se extasia, errando incerto  
 Nas distancias da abobada infinita!...

E sulcaram, assim, por muitos dias  
 O encapellado e liquido Sahara!...  
 Quantas noites caladas e sombrias  
 A frota lentamente atravessara!...

O oceano outro oceano encadeava,  
 Sem que de terra houvesse um só signal;  
 E o longinquo horizonte recuava  
 Como um enigma intermino e fatal!...

## II

Mas, de uma feita, era á tarde;  
 O sol no mar se escondia  
 E ante a syncope do dia  
 No oriente, a noite assomou;  
 Quando, atravez do silencio,  
 Como um "alerta" de guerra,  
 Um brado, clamando terra,  
 Por toda a armada echoou!...

Terra! Terra! Exclamam todos  
 N'uma surprêsa inquieta,  
 Qual se fôra uma dilecta  
 Paisagem de Portugal!...  
 De facto, ao longe, entre as nevoas,  
 Das vagas, erguendo a fronte,  
 Divisam elles um monte  
 Que denominam Paschoal!...

E logo as ancoras ferreas  
 Os dentes cravam na areia;  
 A noite trevas semeia  
 Tingindo o sidereo anil!...



Ao despontar do outro dia,  
 Sequiosos os tripulantes,  
 Correm ás praias distantes,  
 Em ancia ardente e febril!...

Mas ao chegarem, de subito,  
 Eis que umas gentes extranhas  
 Das enredadas entranhas  
 Do bosque surgindo vão!...  
 —Despidos, de pelle bronzea,—  
 —Tal é a côr d'esta raça—  
 Em tom de hostile ameaça,  
 D'arcos e settas na mão!... .

Porém os lusos com gestos  
 De paz e serenidade,  
 Conquistam logo a amizade  
 Daquelle povo feroz;  
 Subtis, affaveis e meigos  
 Como a brisa nas folhagens,  
 Dois destes homens selvagens  
 A's naus conduzem após!...

Do capitão em presença,  
 Pasmaram estupefactos,  
 Ante os ricos apparatus  
 Dos Portuguezes de além!...  
 E um aureo collar fitando,  
 Acenaram para a terra,  
 Indicando que ella encerra—  
 Muito d'aquillo tambem!...

A pouco e pouco abrandaram  
 Os selvicolas bravios,  
 Educaram-lhes os brios,  
 Tornando-os doceis, fieis;  
 Já havia até um commercio  
 Entre as armas dos vermelhos  
 E os lusitanos espelhos,  
 Chapeus, gorros, cascaveis!

E quando a missa primeira  
 Em terra foi celebrada,



A multidão avultada  
Dos caboclos do paiz,  
Imita os gestos dos lusos  
Na pompa religiosa,  
Curvando-se respeitosa  
Em attitudes servis!...

Brazil, chamaram-te oh! patria!...  
Porque nos teus abundantes,  
Bosques enormes, gigantes  
Que se prolongam sem fim,  
Crescem mattas gigantêscas  
D'esta madeira vermelha  
Rubra, da côr da scentêlha,  
Rosada como o carmim!.

Triumphante voltava a esquadra,  
Depois da posse festiva  
D'aquella dadiva altiva  
D'um mero acaso fatal;  
Levando ao mundo a noticia  
D'um grande descobrimento  
—Mais um sol no firmamento—  
Das glórias de Portugal!

### III

Descobriram-te assim, torrão dilecto,  
No tempo em que inda candido dormias  
Como virgem pudica e vergonhosa,  
Dentro das selvas densas e bravias...!  
Acordaram-te assim do somno augusto  
No berço das florestas seculares;  
De ha muito docemente acalentado  
Pela canção monotona dos mares!...

Viva esmeralda limpida engastada  
No coração da America do Sul,  
Onde o crepuscl'o doira os altos cimos  
Da tortuosa serrania azul!...  
Qual uma noiva eterna, pompeiando  
Um enxoval celeste de verduras,  
Sorris oh! minha terra d'estes thronos  
Talhados dos teus montes nas alturas!...



E que mão derramou tantas riquezas  
N'estas entranhas fulgidas de ouro?...  
N'este seio opulento de jazidas  
Como um cofre ideal d'algum thesouro?...  
Oh! meu Brasil, eleito dos destinos,  
Teus dotes de magia onde estarão?  
Estrella resplendente que mais fulge  
Na immensa e universal constellação!

Salvé! patria dos moços atrevidos  
Que sonharam bem cêdo a liberdade;  
De alcantilados pincaros altivos  
Fitando eternamente a immensidade!...  
Que prodigiosa graça te engalana,  
Tornando-te a maior d'entre as primeiras?...  
—Ninho de heroes sobêrbos e altanados  
Como o perfil das tuas cordilheiras!...

Tu és tão grande quanto eu sou pequeno  
Para elevar-te os dons desnaturaes!...  
Nem um poema esplendido e infinito  
As tuas glorias cantará jamais;  
E se o meu estro morbido e gelado  
Não tem o fogo ardente dos luzeiros,  
Basta que eu diga cheio de ufanía:  
— E's o orgulho immortal dos Brasileiros!—

Bahia, 1º. de Maio de 1920.

ADALICIO NOGUEIRA.





# RELATORIO

das principaes occurrencias da vida do Instituto Geographico e Historico, de 3 de Maio de 1919 a 3 de Maio de 1920, lido pelo Secetario Perpetuo Dr. Bernardino José de Souza, na sessão solemne anniversaria de 3 de Maio de 1920

*Meus dignos ouvintes;  
Carissimos confrades.*

Neste dia de tantas e tão gratas evocações, em que se commemoram as calendas da nossa Historia, quando a sina da cruz drapejou primeiro deante das selvas milenarias do Brasil, desvendando-se aos olhos da maruja de Pedr'Alvares o cimo redondo e alto do monte Paschoal e os pennachos verdes das nossas palmeiras alçadas sobre a terra *toda chan e muita cheia de grandes arvoredos de ponta em ponta*, aqui estamos celebrando pela vigesima sexta vez o anniversario da fundação deste Instituto.

Em 25 dias eguaes se repetiu a honra do vosso comparecimento, mimoseando-nos o vosso amparo, tantas vezes invocado e outras tantas dadivoso, e de 7 é o numero dos desprazeres vossos na ouvida da minha palavra desprimorada, narrando-vos os nossos feitos em 48 semanas vencidas na faina porfiosa que nos aponta o preceituário desta benemerita companhia.

Felizmente, eu vos asseguro, mantivemos por mais 365 dias, integro e integral, o patrimonio de tão alta espiritualidade que um grupo de homens de bôa vontade compoz 26 annos atraz. Em periodos lançados de carreira eu vos darei a ementa dos nossos trabalhos principaes que miram o exacto conhecimento da terra em que nascemos e a busca nos confins longinquos do passado, das raizes da nossa historia e das glorias emergentes dos nossos antepassados.

De feito, continuamos a tarefa nobilissima de inves-



tigar os segredos da vida proterita, perquirindo as origens da nossa sociedade, acompanhando-a no seu evoluer, registando todas as vicissitudes de sua longa existencia: penoso trabalho em verdade, mas de estímulos persistentes, quando se nos desvenda a fieira encadeala de um complexo de altos ideaes e pequeninos meios, de poderosas ambições e inconcebíveis fraquezas, de necessidades prementes e cegas resistencias, de actos magnanimos e acções medrosas, de corrupções e sacrificios, os passos todos, lentos ou rapidos, seguros ou falsos, da nossa romagem em quatro longos evos.

Aqui se tem como axioma que o estudo da Historia Patria é a solida argamassa do edificio das nações jovens: sem elle não se podem formar os pedestaes indestructiveis sobre os quaes se levanta a grandeza nacional, sem elle periga a construcção moral de qualquer Estado.

Dahi o nosso empenho em organizal-a e divulgá-la, ensinando-a como elemento fundamental da educação da mocidade, diffundindo-a como lição positiva de verdadeiro patriotismo, que tem como anelo supremo o engrandecimento moral, intellectual e material da Patria.

Esse o nosso primeiro escopo.

Mas o homem é parte integrante da paysagem: dil-o um dos aphorismos geographicos de Vidal de la Blache. Eis ahi o outro e primeiro sulco da lavoura afanosa que cultivamos: a geographia, synthese dos estudos terrestres, em toda a gamma de seus relevantes problemas, em toda a riqueza de seu encyclopedismo, em toda a magnificencia de suas revelações é lavradio que mondamos dia a dia, na esperança de tiral-a do desconhecido, dissipando as miragens encantadoras e mostrando a terra como ella é. Aqui se pensa que nada poderá contribuir mais para a grandeza intellectual e prosperidade material de um povo que o pleno conhecimento do solo em que vive, do ambiente em que labuta, do mar que sulca e explora, da competição vital que sustenta com os povos de interesses oppostos e raças de aptidões diversas: só assim a Patria será grande e os homens serão ditosos.

Bem vêdes a amplitude das obrigações que contra-himos com a Bahia e saibam todos que são parcissimos os meios de acção de que dispomos: o Instituto é uma sociedade reconhecidamente pobre.

Entretanto o encelleiramento não é tão pouco que nos



faça corar ante a vossa presença e á visita honrosa de quantos aqui vem passar momentos ao contacto de cime-  
lios preciosos e na visão das nossas boas tradições. Se  
tanto conseguimos, leve-se á conta dos liames espirituaes  
que nos enlaçam e da leal fraternidade que nos abraça,  
a nós os trabalhadores desta tenda que tanto merece o  
vosso arrimo.

Não ha vez que neste dia e deste logar vos fale o  
desvalido Secretario do Instituto, que não persista na  
affirmativa do valioso papel social, altamente educador,  
que esta associação desempenha em nosso meio.

Desde a fundação formou-se aqui um vasto campo  
neutro, onde se respiram auras de confraternidade que  
conjuga todas as almas e amplexa todos os corações, une  
todos os pensamentos e irmana todos os esforços, num  
ardente desejo de paz, num abraço forte de sincera con-  
cordia, numa grande aspiração de tolerancia, num excelso  
anhelo de idealidades creadoras. Fizeram-no um santuario,  
em cujas torres baloiça um pendão que acoberta todas as  
crenças, todas as opiniões, todos os ideaes que exalçam e  
nobilitam. Ao penetrarmos aqui, depomos nos umbraes mo-  
destos as armas dos recontros lá de fora, renunciemos  
ás contendias e aos dissidios inevitaveis de qualquer so-  
ciedade: entramos cavalheiros irmãos de um ideal  
superior: nos applicamos aos estudos geographico-his-  
toricos, nossos amores. Elevamos então o espirito a bem  
altas regiões, melhorando o coração e avigorando a  
mente.

Este Instituto, meus nobres ouvintes, é um verdadeiro  
oasis bemfazejo, onde a alma bahiana procura retemperar-  
se e purificar-se, para que se não afunde de todo nas lutas  
inglorias de ambições e vaidades do que, por eufemismo,  
se convencionou chamar politica. Praza aos ceos que  
assim continue a ser: templo em que se veneram com  
respeito e vivos enthusiasmos as memorias sagradas dos  
nossos maiores, altar em que arde dia sobre dia a chamma  
do amor patrio, crisol onde se forje a tempera das velhas  
qualidades da nossa gente, escola onde todos aprendam  
a amar extremecidamente a Bahia, cujo futuro prefigura-  
mos soberbo e magnifico nesse persistente viver de glo-  
rias que não morrem nunca.

Na abrigada da vossa fidalguia comecei a leitura do  
meu obrigado trabalho e, reiterando-vos o pedido de  
indulgencia para o desaire desta solemnidade, que é o



meu dizer, ainda mais emperrado nas pautas de um Relatorio, de força fastiento e chilro, entro a vos dar informações da vida fructuosa do nosso Instituto nos 12 mezes hoje findos, da qual repontam valores de muito preço e acções de largo tomo.

## REUNIÕES E TRABALHOS

De 8 foi o numero das sessões ordinarias, extraordinarias e solemnes que realizamos para o cumprimento de nossos deveres patrioticos. Nellas grangeamos duplicados credits pelo muito que podemos fazer. Attestam-nos os trabalhos que foram apresentados e lidos por illustres confrades, representantes genuinos da intelligencia bahiana, que tem aqui a sombra a que melhor medram os estudos e a sciencia. O mais do tempo de um gyro da terra em volta do sol, tivemos bôa mão nas lidas communs de seareiros da tradição. E o Instituto forceja por ser elle proprio uma tradição ininterrupta de esforços em beneficio da Bahia.

Subiu a mui alto ponto a nossa reunião solemne commemorativa de mais um anno da libertação do escravos. A 13 de Maio de 1919 tivemos aqui uma destas solemnidades memoraveis que tanto fazem realçar a acção educadora do Instituto: rendemos o preito da nossa veneração á memoria respeitabilissima do Visconde de Monserrate, cujos descendentes, em testemunho do apreço ao carinho com que zelamos reliquias bem amadas tiveram a bem depositar no cofre das nossas preciosidades historicas a riquissima corôa de louros em ouro com que os contemporaneos do seu glorioso avoengo homenagearam a integerrima envergadura de magistrado que elle foi. E vestindo de roupagens ineditas e mimosas a nossa festa entenderam de fazer interpretes do seu sentir a dois anjos, Beatriz e Stellita, os mais jovens rebentos do tronco celebrado.

Respondeu-lhes em nosso nome o Dr. Theodoro Sampaio, cuja palavra echoou applaudida nos angulos deste salão, contando-nos a vida copiosa de virtudes do impolluto sacerdote de Themis.

Desde então a galeria de bahianos emeritos ficou enriquecida da effigie do Visconde: em nome de toda a Bahia pagavamos uma divida sagrada.



A 24 de Maio, em reunião civica dedicada aos heroes da maior batalha campal ainda ferida em terras americanas do sul, ouvimos a judiciosa palavra do illustre mestre Professor A. A. Borges dos Reis, recordando as peripecias sangrentas da formidavel peleja de Tuyuty, a maior das nossas glorias militares, arrebatando-nos logo depois os versos encantadores do joven alumno do Gymnasio Carneiro Ribeiro, Adalicio Coelho Nogueira; 16 annos plenos de brilhantes promessas saudando a velhice gloriosa dos veteranos do Paraguay, que então nos davam a honra de suas presenças respeitaveis.

Contaram-se 15 do mez de Junho, quando o nosso muito querido 2º. Secretario o Dr. José Wanderley de Araujo Pinho, lia o seu trabalho em torno da figura do Dr. Cypriano Barbosa Betamio, heroe da caridade em Santo Amaro, na quadra pungente de 1855 a 1856, em que o cholera devastava as terras da Bahia. Illustram-nos, tambem, os Annaes as communicações do mesmo dia, feitas pelos illustres confrades Antonio Vianna, dando-nos a conhecer documentos ineditos da Independencia, e Silio Boccanera, discreteando sobre bandeiras historicas.

Repetiu-se a palavra elegante do 2º. Secretario a 13 de Julho, justificando um programma das festas com que devemos commemorar a primeira centuria da nossa emancipação.

A 24 de Agosto reunimo-nos para a ouvida de duas communicações scientificas de alto porte e de boas paginas de litteratura regional. Estas, linhas ineditas de um trabalho — *Contos do Norte* — do nosso consocio Alberto Rabello, certo triumpho litterario de quem já tantas palmas conquistou. As primeiras devemos-a aos confrades Drs. Pirajá da Silva e Camillo Torrend.

Subordinada ao titulo — Em demanda da Cachoeira de Paulo Affonso — foi a memoria do scientista e abalizado Mestre da Faculdade de Medicina, que por 60 minutos nos deleitou o espirito com as narrativas e judiciosas considerações em torno de sua excursão scientifica pelos sertões de Alagôas até o *Sumidouro*, como chamaram a famosa Paulo Affonso os chronistas primeiros de nossa terra: o sabio professor esteve á altura de seus credits incontestados.

O Padre Camillo Torrend, virtuoso e insigne membro dessa companhia que recebeu ante a crypta sagrada de



Montmartre o nome de Jesus, tece-nos uma extensa monographia a respeito da *Geologia e Flora da zona entre Propriá e a Cachoeira de Paulo Affonso*, illustrada por mais de 30 photographias da zona percorrida, terminando por exaltar a obra civilizadora de Delmiro Gouveia, levantando entre cactus e pedras, em meio da catinga alagoana, uma cidade em miniatura, que é Pedra.

Este trabalho lhe deu entrada immediata em nosso seio, e, para mais nos penhorar, S. Revma. houve por bem ler na sessão de 28 de Setembro a brilhante e profunda memoria a respeito do *Culto das pedras verdes entre os amerindios do Brasil*, versando com proficiencia não commum um dos mais arduos problemas da nossa Prehistoria, o que entende com a reconstituição das crenças totemicas dos nossos aborigenes.

Neste mesmo dia estreou-se applaudido o nosso prestantíssimo confrade, Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha: compaginando narrações rememorativas da Comissão Brasileira que, sob a direcção do glorificado Euclides da Cunha, fez em 1905, o reconhecimento dos rios Purús e Juruá, ao lado de uma Comissão Peruana, contou-nos os pormenores desta viagem scientifica de mais de 1500 milhas atravez da soberba Amazonia, reavivando em nossa memoria a lembrança do sadio patriotismo de seu chefe, mais em relevo no incidente do *caserio* peruano do Curanja.

Em sessão de 16 de Novembro tivemos a honra da palavra sensata e altamente criteriosa do Professor Anselmo da Fonseca, num estudo profundo e documentado a respeito do industrial Delmiro Gouveia na villa da Pedra, precedendo-o de considerações ponderosas sobre o papel da critica historica.

Foi, porém, o Dr. Theodoro Sampaio, nosso Orador e nosso Mestre, que mais mimos de saber nos presenteou durante o anno findo com 6 trabalhos, qual mais attractivo e opportuno, inclusive a conferencia sobre o Visconde de Monserrate, de que vos eu já falei.

*A figura symbolica da Bahia, A' memoria de Euclides da Cunha, A legenda uniforme para mappas archeologicos da Republica Argentina e da America do Sul em geral. Os tremores de terra no reconcavo da Bahia de Todos os Santos até 1918, Os terremotos na Bahia em 1919*, eis os titulos das differentes communicações que,



em nossa honra e para maior renome da nossa instituição, o velho scientista leu em varias das nossas reuniões. Duas vezes ouvimos-o em avisos solicitados e coroados pelos nossos votos unanimes: numa o emerito orador nos disse qual devia ser a figura symbolica da Bahia no projectado monumento a erguer-se nos campos do Ypiranga em commemoração do primeiro centenario da Independencia nacional, noutra nos forneceu a resposta justificada á consulta que nos fez o Professor Eric Boman, do Museu de Historia Natural de Buenos Ayres a respeito da legenda uniforme para mappas archeologicos da Argentina e da America do Sul em geral. A 28 de Setembro escutamol-o na exposição de suas impressões pessoas sobre Euclides da Cunha: uma das mais inspiradas paginas ainda lidas neste Instituto.

Na passagem do decimo anniversario da morte desastrosa do immortal artista dos *Sertões*, não nos furtamos á honra de lhe tributar uma homenagem de saudades e o Dr. Sampaio, interprete do nosso sentir, pronunciou a sua oração cheia de affectos e de admiração pelo amigo glorificado, autor do maior livro da lingua portugueza.

Assumpto de alto relevo, que deve interessar não só as sociedades scientificas mas tambem os poderes publicos da Bahia, e que vae excitando em muito a curiosidade do publico, é o relativo á sismicidade di reconcavo da Bahia de Todos os Santos, ou seja o conjuncto das manifestações de toda a ordem que acompanham os tremores de terra. Sabem todos que nestes ultimos annos se tem registado maior frequencia de abalos e sua crescente violencia, beirando o ultimo que nos estremeceu pelo gráo oitavo da escala das intensidades sismicas. O grave problema que não ha muito era entre nós *terra incognita*, foi objecto de duas memorias do Dr. Sampaio, a quem devemos destarte as primeiras observações e theorias a respeito do complicado phenomeno. Da primeira, já publicado no n. 45 da nossa Revista, disse o eminente e sabio geologo americano John Branner que era o melhor artigo ainda escripto sobre um terremoto no Brasil. A segunda que girou em volta dos tremores de 1919, dos dias 9, 10, 16 e 22 do mez de Novembro, foi lida em nossa ultima sessão de 28 de Março. Vem de molde referir que o Instituto tomou a peito a centralisação das



observações sismographicas, mau grado á falta absoluta do indispensavel aparelhamento que permite medir todas as particularidades dos movimentos sismicos. Ainda em Novembro do ano passado, com os recursos que nos deu o Dr. Pimenta da Cunha, organizamos uma expedição technica para ir observar *in loco* os effeitos do tremor de 22, o mais violento de todos e cuja zona epicentral se localisou na frequezia de N. S. do Monte, no interior do nosso famoso lagamar.

Este Instituto, meus senhores, não descursa oportunidades para prestar bons e reaes serviços á Sciencia e á Bahia.

Eis a resenha dos nosos trabalhos em reuniões costumeiras: pena é que muito lhes diminuisse os meritos a apagada contrastração de seus quilates pela minha voz.

Ahi, porém, se não cerrou a acção benemerita do Instituto: ella se tornou evangelisante, quando promovemos e realizamos quatro festas civicas com os applausos de todas as classes e os auxilios inestimaveis dos poderes publicos do Estado e do Municipio, a quem de publico manifestamos o nosso profundo agradecimento. Trilharmos, neste passo, a mesma estrada dos annos anteriores, lidando com pertinacia e na medida de nossos haveres, por que se enraize e cresça em nossa terra a arvore do verdadeiro patriotismo, a cujos effluvios se sente o sagrado dever de commemorar as inolvidaveis ephemeridas da Patria.

Nesses dias memorandos nos dirigimos de preferencia á mocidade, instillando-lhe no peito o sentimento de admiração ás grandes datas nacionaes, ensinando-lhe a devoção aos nomes insignes dos nossos heroes.

Muito embora certas opiniões em contrario de alguns moralistas, ainda aterrados ante a catastrophe de um quatriennio de sangue e de horrores, que enlutou todos os mundos, não descansaremos os braços na tarefa de ir abrindo um sulco profundo onde deve germinar a sementeira da nobre aspiração do engrandecimento nacional. Somos em verdade uma bella escola de amor da Patria que nasce da educação civica e gera o orgulho nacional. Não nos deixemos embalar nas fagueiras promessas dos *irenistas*, sonhadores de uma paz universal que se distancia de nós em longuras dilatadas, nem nas esperanças de uma quadra proxima de fraternidade an-



gelica entre os homens como pregara o solitario da Iasnaia Poliana, apagando-se as fronteiras, desaparecendo as patrias e raiando a idade de ouro do humanitarismo: toda a historia, todas as realidades da vida actual nos contradizem flagrantemente. Cultivemos pois e sem detença a sementeira bemdita do amor da Patria.

E porque assim entendemos foi que a 13 de Maio, além da sessão solemne que realizamos, prestamos todo o noso modesto concurso para o brilho das festas da inauguração da estatua do mais e mais amado Barão do Rio Branco, erguida numa das praças desta cidade pela benemerita Associação dos Empregados no Commercio da Bahia, que nos confiou a guarda do original da Acta da pomposa solemnidade.

A 24 de Maio organizamos um programma de festas civicas em preito aos batalhadores de Tuyuty: tocante cerimonia que constou de uma sessão assistida por centenas de escolares, vendo-se nos logares de honra os veteranos do Paraguay ainda existentes entre nós, seguindo-se o desfilar das forças militares de bandeiras desfraldadas em continencia ao bravo dos bravos do Brasil, general Osorio, cuja effigie se ostentava aos hombros dos veteranos de peito pendentes de medalhas.

Coroavamos então a gloria e coroal-a "é a maneira mais eloquente de se mostrar digno della".

A 2 de Julho e a 7 de Setembro, as maiores das nossas datas, rememorativas ambas da nossa independencia, effectuamos romarias civicas, em cuja efficiencia educadora acreditamos sinceramente.

No grande dia da Bahia a procissão civico-solemne dirigiu-se á Lapinha, onde levantamos ha dois annos o edificio para a guarda dos symbolos mais queridos do povo bahiano, que o juizo incomprehendido das multidões transmudou no emblema da Bahia redimida. E lá inauguramos os retratos de Lima e Silva, Labatut, Cockrane e Souza Lima, quatro dentre os maiores heroes das lutas sagradas da libertação, epilogadas na magestosa formatura desta praça 15 de Novembro.

Lutamos pelo restaurar dos enthusiasmos de outr'ora, quando toda a Bahia estremecia nas demonstrações de respeito á memoria de 1823: é do meu dever agradecer á Commissão de Moradores de Santo Antonio, que muito nos ajudou na realização das festas do anno passado.



No maior dia da Patria promovemos identica procissão ao soberbo monumento da Independencia, na praça Duque de Caxias: e a Bahia inteira testemunhou os delirios patrioticos do formoso dia.

Em todas estas solemnidades, eu insisto propositadamente em nome do Instituto, nós procuramos desenvolver e avigorar o sentimento da grandeza nacional.

Ainda não é tudo, meus dignos ouvintes. Espraia-se a nossa actividade por outras provincias de uma acção social francamente merecedora dos vossos applausos.

Nos sobejos de tempo trabalha-se aqui na ordenação das preciosidades que nos confiam, na decifração e commento de velhos documentos e dia a dia melhoramos os brios no zelo carinhoso de quantas tradições valiosas que certa gente perversa, invejosa ou ignorante cobre de ridiculo e chrisma de velharias.

## CONGRESSOS E REPRESENTAÇÕES

O Instituto fez-se representar em todas as solemnidades para que foi convidado.

Enviamos ao 6º. Congresso Brasileiro de Geographia, **que** se reuniu em Setembro do anno passado na bella capital mineira, um representante, que foi o Tenente Eng. J sé Bina Fonyat. Por elle mandamos aos congressistas illustres as nossas saudações, honrando-nos em collaborar num certamen, tornado mais brilhante graças á iniciativa patriotica da benemerita Liga da Defesa Nacional, que vae levando de capricho a solução das pendencias inter-estaduaes motivadas por fronteiras não definidas.

## SOCIEDADES CONGENERES

Muito nos esforçamos por manter na mais estreita cordialidade as nossas relações com os 19 Institutos Geographicos e Historicos do paiz: dever que nos impõe a identidade de miras e a semelhança de labores. Assim tambem com as demais sociedades estrangeiras, que nos desvanecem com a sua solidariedade. Ultimamente entramos em frequente e amiga correspondencia com o Centro Bahiano do Rio, fundado em 1919, por feliz iniciativa de illustres bahianos lá residentes e para o cumprimento de uma acção social de alto tomo, qual é o



de "servir patrioticamente a Bahia, elevando-lhe o conceito, tornando-a conhecida e pugnando pelos seus interesses. Já recebemos o primeiro numero do seu Boletim e lhe enviamos as nossas publicações.

Não descabe aqui referir-me a uma Repartição Publica da Bahia com a qual deve ser completo o nosso accordo, crescendo com os dias a ajuda mutua e a reciproca identidade de vistas: o Archivo Publico e Museu do Estado. De feito, visamos os mesmos objectivos, batalhamos pelos mesmos ideaes em nome e pelo renome da Bahia.

Guardas avançadas das tradições, officinas em que se constroe o movimento da nossa historia, impõe-se-nos a obrigação moral de caminhar hombro com hombro na gratissima jornada de reviver o passado preparando o futuro. Ao seu eminente Director o Dr. Francisco Borges de Barros já manifestei estes nossos juizos, de logo approvados sem reservas nem rodeios.

### VISITAS ILLUSTRIS

E' o nosso Instituto logar muito procurado por forasteiros e viajantes que sempre nos cumulam de referencias elogiosas á bôa ordem de nossos haveres e importancia já consideravel de nossas collecções.

Dentre as visitas de muitos homens eminentes nas letras ou no exercicio de actividades outras, cito por mais demoradas e illustres, as dos Exmos. Srs. General Dr. Alberto Cardoso de Aguiar, commandante actual desta Região Militar, espirito superior de cultura invejavel, Dr. Avila Lima, um dos dignos Secretarios do nosso irmão de Sergipe, Dr. Eurico de Goes, historiographo notavel desde a publicação de seu precioso livro—Os Symbolos Nacionaes—, Dr. Henrique Autran, actual Presidente do Centro Bahiano do Rio e medico de larga fama no meio carioca.

### DIRECTORIA E COMMISSÕES

A Directoria, eleita em Dezembro de 1918 para reger os destinos do Instituto no biennio 1919-1920, tem cumprido os deveres que lhe marcam os Estatutos. Sempre que é de mister, aqui se reúnem os seus membros para



a troca de ideas em prol do melhoramento dos serviços differentes que nos incumbem.

Em relação ás Comissões permanentes eu vos informo que os seus trabalhos podiam ser mais effectivos: entretanto e de quando em quando, chamados a postos, aqui estão os seus dignos membros, prestando-nos todo o apoio moral e material.

O Sr. Cons. Presidente tem substituido os logares vagos das permanentes e constituídos Comissões especiaes para a execução de trabalhos extraordinarios, como aconteceu em Novembro de 1919, o que vos foi referido paginas atraz.

A *Comissão dos Monumentos e das Artes*, creada em 1917, continua o seu emerito labor.

## SOCIOS

Somos hoje 520 confrades em marcha para a conquista dos nossos bellos ideaes: 282 effectivos contribuintes, 71 effectivos remidos, 24 honorarios, 142 correspondentes e 1, só 1 benemerito. Nas 48 semanas escoadas associaram-se-nos 32 novos paladinos da santa causa e perdemos a bôa companhia de 21: 2 nos deixaram, 4 nós deixamos e 14 a morte inclemente nos arrebatou para o alem de mysterios insondaveis.

Estes ultimos a cuja memoria rendo neste momento solemne as homenagens piedosas da nossa profunda saudade e de cujas vidas prestantes falará dentro em pouco o nosso illuminado Orador Official, foram os Drs. Lino Meirelles da Silva, Amancio José de Souza, Joaquim Ignacio Tosta, Francisco da Luz Carrascosa, Affonso Pires de Carvalho e Albuquerque, Carlos Chenaud, Antonino Baptista dos Anjos, Julio Sergio Palma, os Srs. Cincinato Melchiades, Antonio Francisco Brandão, Francisco Gonzalez Montes de Oca, o Almirante Antonio Alves Camara e finalmente o Presidente Honorario Cons. Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque.

## VARIAS SECÇÕES DO INSTITUTO

Agora eu vos direi em traços largos o estado actual das varias secções do nosso amado Instituto. Não me permitem os amores que dedico a esta tenda esquecer



uma só das variantes de sua multiforme actividade: excusas merece quem, de tão rasteiro estylo, por tão nobres impulsos, se julga com o direito de vos exigir a bôa tolerancia dos fidalgos para a ouvida de periodos sem linha e sem aprumo.

## BIBLIOTHECA E ARCHIVO

Nos raios das nossas estantes acham-se catalogadas 2109 obras, comprehendendo perto de 3000 volumes. Afora isto temos em deposito e á espera de melhor destino umas duas mil brochuras, inclusive revistas e jornaes. Aguardamos pacientemente a munificencia de alguém ou um rasgo de generosidade semelhante ao do nosso Comendador José Alves Ferreira, benemerito doador dos recursos indispensaveis ao condigno mostruario dos nossos livros e cujo retrato já exorna a Sala Ruy Barbosa.

Ao Dr. Armando Lima cabem hoje as maiores responsabilidades no zelo desta secção e o bom confrade nos dá sempre um pouco do tempo escasso que lhe sobra das occupações prementes de sua vida laboriosa.

O nosso dedicado 2º. Secretario continúa a trabalhar na ordenação do Archivo: elle tem a visão perfeita de que a procura e a conservação de documentos escriptos e estampas é uma das tendencias concretas das perquirições historicas. Devotamo-nos agora á copia de preciosos manuscritos para ulterior publicação em a nossa Revista, com os devidos e necessarios commentos.

## MAPOTHECA

Bem lisongeiras são as palavras que vos direi no tocante á collecção de mappas e cartas geographicas. O trabalho de classificação e catalogação foi iniciado pelo talentoso consocio Tenente Bina Fonyat.

Levamol-o ao cabo em Janeiro do corrente anno, graças aos esforços combinados dos bons companheiros Queiroz Couto, Naylor Villas Bôas, A. de Campos França, Affonso Costa e Armando Lima.

E consoante o criterio adoptado a Mapotheca do Instituto foi distribuida em 4 categorias:

- a) mappas do Estado da Bahia;
- b) mappas dos Estados do Brasil;



- c) mappas do Brasil em geral;
- d) mappas de paizes estrangeiros.

Cada secção destas comprehende dois grupos: um numerado e guardado em 4 pastas especiaes e outro composto de cartas muraes ou mappas em quadros, todos expostos em varias salas do nosso edificio.

Os estudiosos ou interessados encontram agora toda a facilidade no compulsar qualquer documento cartographico entre os que possui o Instituto. O catalogo accusa 229 cartas, assim distribuidas: nas Pastas 170, nas Paredes ou Mostruarios 59, ou mais minuciosamente, da Bahia 26 na Pasta e 21 nas Paredes, dos Estados do Brasil 64 na Pasta e 11 nas Paredes, do Brasil em geral 25 na Pasta e 8 nas Paredes, de Paizes estrangeiros 47 na Pasta e 19 nas Paredes.

### MUSEU

A certa luz, em instituições como a nossa, o Museu deve ter bôa praça entre as preocupações que nos empolgam. E se é verdade o que disse Peladan que o conhecimento das formas é indispensavel á comprehensão das idéas, o museu succede á bibliotheca. Dahi o aturado do nosso esforço no encelleirar em tão curtos espaços tudo o que recorda tempos idos, usanças de outr'ora ou feitos de gloria.

Da mesa annosa ou banco secular aos trajos de uma centuria ou velha joia, das pinturas ou quadros vestutos á baixella idosa e aos objectos todos de quadras que se foram, sellos e armas, moedas e medalhas, curiosidades da nossa terra e peças da nossa gente, o retrato de um heroe, o busto de um genio, a sina de uma tropa, a commenda de um nobre, o livro de um sabio, os tropheus de uma campanha, os louros de um triumpho, tudo isso e o muito mais que for velhice respeitavel ou gloria inamissivel, acceitamos alegres, honrados cuidamos e zelamos entre carinhos e respeitos que medimos a oiro e fio.

Não me escapa este lanço de agradecer a todos os que nos distinguem com oblatas tão bôas e ricas.

### REVISTA

Foi em 1894, anno da fundação desta casa, que se iniciou a publicação da nossa Revista que hoje conta 45 numeros.



Até 1917 era a unica publicação periodica a respeito de assumptos de tanta monta: nesse anno, felizmente, appareceu no mundo da publicidade o 1º. volume dos Annaes do Archivo Publico da Bahia, sob a direcção do illustrado Director da importantissima Repartição, que poudé até agora apresentar 5 numeros repletos de bons informes.

E' francamente muito pouco para uma terra tão opulenta em tradições, a mais antiga do Brasil, a de historia mais cheia entre todas do Cruzeiro.

Em Dezembro passado sahiu a lume o n. 45 da Revista do Instituto, correspondente ao anno de 1919.

Nove monographias historicas, quatro trabalhos geographicos, todos ineditos, varios discursos e conferencias, notas e noticias da nossa vida e da vida da Bahia, o cadastro social e relação das offertas que nos fizeram no ultimo anno, constituem as suas 300 paginas, illustradas por 21 gravuras.

E' o nosso annuario impresso na *Imprensa Official*: reitero hoje o nosso agradecimento, pelo muito de boa vontade e prendada solicitude que têm para conosco, aos trabalhadores da *Imprensa Official*, desde o seu Director, nosso eminente confrade, até o ultimo dos typographos que a compõem.

A' Assembléa Legislativa e ao Dr. Governador, a quem devemos o auxilio inestimavel da publicação da Revista por conta do Estado, manifestamos tambem e primeiramente o nosso profundo reconhecimento.

Bem merecemos esta ajuda, maxima para nós, minima para o Estado: os 45 numeros já publicados compõem o mais abundoso repertorio de ensinamentos em torno da Geographia e da Historia da Bahia.

## FINANÇAS

De referencia ás condições financeiras do Instituto posso repetir a affirmativa que vos fiz ha um anno: na gestão desta casa a Directoria leva em capricho nada dever. E nada devemos. Isso, porém, não nos desafoga da prema de situações difficies que, de onde em onde, nos embarçam os movimentos para a frente. A nossa renda certa é de 1\$000 réis mensaes de 248 socios apenas: um nada ante as obrigações que contrahimos.



A amplitude de nossos deveres contrasta em flagrante cruel com as nossas possibilidades. Se ganhamos energias no ideal que nos congrega, quantas vezes fazemos alto na marcha, pela mingua de recursos que mal chegam para o zelo de já tão formoso patrimonio? Eu não sei por que fados é que, não raro, em dias de desanimo, mãos amigas e largas, nos lançam ancoras de salvamento.

Vem a ponto, registrar, e faço-o com toda a lisura, os valiosos auxilios que recebemos do Governo passado: em commemorações cividas, nas festas patrioticas, na construcção do Pavilhão 2 de Julho, sobretudo no 6º. Congresso Brasileiro de Geographia, tivemos sempre o patrocínio do Dr. Governador e de cada um de seus Secretarios..

Cumprido este dever eu vos informo de que o Orçamento aprovado em sessão ordinaria de 28 de Março prevê uma receita de 6:334\$000, fixando a despesa no mesmo *quantum*.

## CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Approxima-se a data fulgurante em que se ha de contar o fim da centuaria inicial da affirmacção consciente da independencia nacional: dois annos apenas nos separam do centenario da proclamação solemne da nacionalidade brasileira. Impõe-se-nos o dever de demonstrar em commemorações esplendidas o legitimo orgulho de termos nascido sob o firmamento que o Cruzeiro constella de vividos fulgores.

E já se agita o Brasil, dos confins raianos do equador aos rumos froneantes do Prata, gisando planos magnificos das festas do evo glorioso, com a plenitude dos mais nobres sentimentos: governos, assiciações, todas as classes e o povo inteiro já se apuram nos arranjos e aprestos de uma solemnidade, cuja grandeza se deve medir pela longura do caminho percorrido através de vicissitudes polymorphas, em que não faltam as lagrimas da dor e os risos da gloria, os cardos do perigo e os louros do triumpho.

Na Bahia coube ao nosso Instituto tão honrosa iniciativa: em reuniões de sua esforçada Directoria, ainda no anno de 1918, cogitamos do magno problema. Depois, em sessão de 15 de Junho do anno findo, tive a honra de



ler uma proposta, que recebeu a aprovação unanime de meus pares, no sentido de assumir este Instituto o posto da vanguarda em obrigação tão cara. Foi então que resolvemos acompanhar todo o Brasil nas sollemnidades de 1922, reservando-nos porém para maiores demonstrações do nosso jubilo o anno de 1923, centenario da redempção da Bahia. Ao nosso illustrado 2º. Secretario commettimos a empreza de redigir um esboço de programma para as festas da Bahia: aos 13 de Julho ouvimos a leitura do seu extenso e applaudido trabalho.

Dadas as ideas enunciadas, não poderíamos nem deveríamos agir isoladamente em assumpto de tão alto tomo. Aos poderes publicos nos dirigimos: delles será a maior responsabilidade das festas em projecto.

Entendemo-nos com o Sr. Dr. Antonio Moniz, então Governador, e com o seu illustre Secretario do Interior Dr. Gonçalo Moniz, que delegou poderes ao Dr. Braz do Amaral para trocar ideas com a Directoria do Instituto, assentando-se definitivamente um programma que, após elaborado aos 30 de Outubro, foi acceito pelo Governo e pelo Instituto, proclamando aquelle a collaboração de nossa companhia. (\*)

Constituiu-se uma Commissão Executiva do Centenario da Independencia na Bahia, da qual faz parte a Directoria desta casa.

O commettimento é de incomparavel magnitude: tudo nos aconselha uma acção solidaria para que a Bahia vibre num fremito de justo orgulho na contemplação dos fructos do seu trabalho em 100 annos escoados e de salutar confiança na sua finalidade.

## APPELLO

Nas proximidades destas festas que devem ser julgadas como um acto de fé nos destinos superiores da Patria bem amada, neste Estado da Bahia onde os campos de Pirajá e as aguas do Funil parecem recordar a todo instante a epopeia da liberdade na linguagem epica dos ventos e no marulho das ondas espumosas, neste

---

(\*) Vide esta Revista e a Exposição que o Governador Antonio Moniz apresentou a 29 de Março de 1920 ao seu successor Dr. J. J. Seabra.



dia dos gratissimos recordos da madrugada da nossa historia, neste tabernaculo das glorias mais puras da nossa terra legendaria, eu dirijo, em nome de meus confrades, falando pelo passado dos nossos maiores e pelo futuro dos nossos descendentes, um appello solemnisimo aos poderes publicos do Estado e de todos os seus municipios, á Colonia Portuguesa da Bahia, a todos os bahianos aqui residentes ou não, a todos os compatricios de bôa vontade.

Exoro-vos a enchente de vossa generosidade, em prol de um empreendimento muito justo e plenamente amparado no esteio de 26 annos de uma lida sem treguas por formosos ideaes.

Nós do Instituto a boas horas, valemo-nos da quadra propicia do primeiro seculo vencido do nascimento do Brasil soberano para desejarmos obter e em 1922 inaugurar uma séde que melhormente corresponda aos elevados intuitos da nossa sociedade. Não é de mister, meus dignos ouvintes, justificar o empenho em que estamos: a mingua de espaço, o diminuto do material, as aperturas em que vivemos tão bella vida, certo, resaltam e resalteam aos olhos mais descuriosos que passearem os angulos da nossa tenda.

A inauguração de um novo predio, mais amplo, mais proprio, mais condigno, será o nosso numero particular nas festas centenarias por cujos resplendores fomos os primeiros a falar na Bahia: e elle será, meus senhores, um dos monumentos erguidos em memoria do facto culminante da nossa historia, o maior de todos pela idealidade de sua fundação, o mais symbolico, porque fala, sente e produz, o mais duradoiro porque debaixo de suas abobadas adejará sempre o pensamento creador, o mais expressivo e eloquente porque a palavra e o livro hão de memorar na passada dos annos a generosidade dos que o crearam em dias de esplendidas reminiscencias invisas.

*Exmo. Sr. Dr. J. J. Seabra: Dignissimo Governador do Estado e nosso eminente confrade:*

O Instituto unanime appella para a magnanimidade de vossa illustre pessoa: elle vos pede, neste augusto momento, o auxilio do Estado para a consecução do seu legitimo anhelos; elle espera do eminente estadista, sabido



propulsor da cultura bahiana, que já tem a gloria immarcescível de dois bustos merecidos e em preito de actos benemeritos na preclara Faculdade de Medicina e na insigne Escola Polytechnica a affirmativa de patrocínio á santa causa que nos empolga.

Rogamo-vos a honra da vossa palavra que não sabe hesitar nem se veste de enganos. De applausos será coroada essa vossa obra nova em favor das luzes da Bahia, perpetuando-se ainda mais o vosso nome na lembrança piedosa dos posteros.

Favores eguaes pedimos á Assembléa Legislativa do Estado: que as suas dignas Commissões aqui presentes levem ao seio de suas camaras a voz que solicita amparos para uma construcção que entende com o proprio renome e bôa fama da mais famosa heroína da historia nacional.

*Honrada e prestimosa Colonia Portugueza da Bahia:*

Para vós, meus nobres senhores, o segundo e egual appello: não nos bastam os auxilios do governo. Passado um seculo da nossa separação do glorioso Portugal, vimos nós, os mais genuinos representantes do sentir historico da Bahia, appellar para os descendentes dos autores da nossa existencia, filhos do luzido solar da nossa linhagem, aqui identificados nos ideaes da nacionalidade brasileira, com quem nos integramos pelos liames do sangue e pela unidade das almas.

Quando vamos commemorar a mais rutilante ephemerida da nossa Patria, descoberta por vossos marinheiros num dia de sol, povoada por vossos irmãos em extremos de sacrificios, educada por vossos mestres da Companhia de Jesus, colonizada pela raça immortal dos lusitanos, protegida pela vossa bandeira immaculada no rodar de 322 annos, quando cuidamos de tão grandiosos projectos não é de mais que vos imploremos a ajuda na reconstrucção do templo em cujos cofres se abriga o magnifico patrimonio de dois povos irmãos e em cujo adro pompeiam as memorias dos nossos maiores que são vossos tambem.

Ampara-nos ainda a solicitação o pensamento aqui proclamado de que a festa do Centenario da nossa soberania deve ser a festa maior da confraternidade luso-brasileira: e isto porque nos estreitam cada vez mais, num longo amplexo de amor, as mesmas directrizes mentaes,



os mesmos antecedentes historicos, os mesmos interesses concordantes, a liança perenne de filhos e de paes. Se nos separam centenas de milhas da estrada Atlantica, se politicamente somos organizados em nucleos independentes, constituimos tambem de ponto de vista moral e ideal um todo inseparavel: "cidadãos de uma lingua", agentes de uma historia, descendentes de uma só progenie.

Já os vossos conterraneos do Rio de Janeiro tiveram a bem presentear o Brasil, a maior honra de Portugal, em 1922: alinham-se os nomes num livro de dadivas vultosas.

Muito menos vos pedimos: seja o vosso mimo á terra que Portugal divisoou primeiro entre as do Brasil, a oblata que vos exoramos agora. Dar-lhe-emos fama duradoura no marmore resistente, e mais immortal será na gratidão deste Instituto que ha mais de cinco lustros estuda a historia dos dois povos, cuja alliança foi sellada para sempre no pedestal da Cruz que as gentes de Santa Maria *chantaram* nas terras do Brasil.

\* \* \*

Appellamos por fim para todos os bons bahianos e melhores brasileiros; para a Imprensa especialmente, a nossa grande alavanca, o nosso esteio mais forte.

Creamos hoje o *Livro de Ouro do Centenario*, onde lançaremos, dia por dia, os nomes dos doadores magnanimos e as contas das offerendas floridissimas.

O Instituto crê triumphar.

Se os fados me permittirem viver nesse dia, então, delirado de alegrias, recitarei o hymno do perenne reconhecimento da companhia que, com todas as veras d'alma, vos protesta a mais segura gratidão.

### CONCLUSÃO

Bem a ponto sou eu chegado ao termo da narrativa de nossa romagem, onde o vulto podeis fazer as contas do que vale o Instituto Geographico e Historico da Bahia. Rastreado-lhe a carreira, não ha como lhe desattender as rogativas bem justas.

Esta Sociedade tem algo de semelhante ao collegio das Vestaes da antiga Roma. Conta-nos a historia da orgulhosa cidade que o rei Numa, governante dos tempos proximos do *anno urbis conditae*, quando se enovelam a



historia authentica e as lendas maravilhosas, instituirá no recinto sagrado que o Capitolio culmina, o culto de Vesta, personificação do lar publico, onde o fogo, symbolo da alma dos antepassados, ardia e abrazava de sol a sol, por todos os idos, nonas e calendas: alimentavam-no sacerdotisas immaculadas nobres e virgens, que, ademais das chammas do altar, cuidavam nos zelos do *Palladium*.

Onde hoje se elevam as torres altaneiras da La Madonna del Sole, á orilha do Tibre colleante, ostentava-se outr'ora o zimbório sobre 20 columnas corynthias, sob cujos arcos as *Amadas* velavam vigilantes e assíduas pela fortuna dos *quirites*.

Juraram um dia não deixar que se apagasse a luz vital da formidável *urbs*: aí daquellas que esqueciam a jura sacrosanta! Abriam-se-lhes as tumbas do *Campus Sceleratus*, não longe da porta Collina, e lhes compunham os funeraes as maldições de um povo inteiro, temeroso da colera candente dos deuses vingativos.

Levitas da Patria crearam nesta cidade de Deus, e em 1894, este templo, em cujas aras, venerando-se tradições memorandas, se accendem as chammas conservadoras da vida do passado. Somos nós os sacerdotes de tão sublimado culto. Aqui entramos, companheiros de tão bella jornada atravez de 420 annos da nossa historia, prometendo dar o maximo de energias para a consecução dos nobilissimos fins do nosso preceituario.

Empenhamos a palavra por tão soberbo fito e por isso mesmo não diminuiremos um instante a resistencia na guarda de uma instituição que é honra da Bahia e deve ser sua ufania.

Muito fizemos e muito mais queremos. Lustramos por mais um anno a nossa estrada, nem sempre plana e bôa de correr: de passo em passo e á porfia levamos mais 366 dias a enthesourar lembranças de alta memoria, a recordar heroes, a zelar cimelios preciosos, a reviver a existencia passada da Bahia, esmerilhando as virtudes patriarchaes dos nossos avoengos, admirando-lhes o ardente patriotismo e os sacrificios desinteressados na defesa do symbolo feito de esperanças e de raios do sol, registando os anhelos de cultura do nosso povo e as conquistas rebrilhantes de sua intelligencia, a firmeza de suas convicções e a fé nos seus destinos.

Mano a mano procuramos cada vez mais estimular o



conhecimento do nosso torrão, desvendando-lhe as po-  
brezas e as abundancias, os perigos e as delicias, as som-  
bras e as pompas, comprehendendo-lhe o ceo e a terra,  
os ares e as aguas, as formas e os phenomenos, a natureza  
que transborda do bello no constellado das noites e no  
reflorido das veigas, a vida onde se derrama em vigores  
nas mattas opulentas e nos campos desatados entre lindas  
distantes.

Mais um anno gasto em alimentar a centelha do  
amor verdadeiro a esta terra. E outros gastaremos com  
a ajuda dos ceos e o amparo dos homens: cerraremos  
fileiras para a marcha adiante em nome da nossa honra  
e aos reclamos da Bahia grande.

Dos nossos pequeninos trabalhos appellamos para os  
brios das gerações vindouras, que não deixarão crestar-  
se tão bella sementeira. Aos de hoje, que não regateiam  
labores no grangeio de searas tão uteis, eu direi mais uma  
vez: adiante!

Avante, pois, benemerito Instituto na tua nobilissima  
missão: miras ao magnifico porvir a que tem direito quem  
desfia a vida num rosario infindavel de valerosos feitos,  
alma e coração voltados para o passado honroso, espirito  
concentrado nas visões de um futuro scintillante, por cuja  
realidade os teus legionarios se extremam em boas fainas  
e melhores anseios.

Só assim, terás a existencia eviterna de tudo o que  
o que é grande, nobre, generoso e digno.



# Biographia do Dr. Filgueiras Sobrinho

---

O Dr. Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho nasceu nesta Capital aos cinco dias do mez de Janeiro de 1842, e era filho legitimo de Luiz Antonio Filgueiras e D. Carolina de Seixas Filgueiras, ambos já fallecidos.

Mostrando desde tenra idade /gosto e amor aos estudos, aos 12 annos achava-se preparado nas primeiras lettras, nas em que nquella epoca se podia ministrar nas escolas ás creanças. Entrando no estudo de preparatorios e prompto delles, seguiu para o Recife para fazer os respectivos exames, e em todos elles obteve approvação plena.

Matriculou-se na Faculdade do Recife em 1859, e em Dezembro de 1863 era bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Desde o 1º. anno o Dr. Filgueiras Sobrinho tornou-se o primeiro entre os seus collegas. Era sempre escolhido nas sabbatinas (tão celebres e tão uteis naquellas epocas) como arguente ou como defendente com outros distinctos matriculados, como fossem o Dr. Joaquim Emygdio dos Santos e Catão Guerreiro de Castro, homens já maduros e de conhecimentos apurados. Pois bem, o Dr. Filgueiras Sobrinho nunca foi vencido, e o seu nome tornou-se conhecido não só entre os seus collegas, como fóra da escola.

No anno de sua formatura o Dr. Filgueiras Sobrinho, poeta já conhecido, publicou o seu primeiro volume de poesias que elle denominou de "*Auroras e Crepusculos*", que foi optimamente recebido e saudado por toda imprensa do Paiz, e por criticos de elevados merecimentos litterarios, como Nuno Alvares e Guimarães Junior, que a respeito escreveram luminosas criticas litterarias, as mais lisongeiras que um poeta pode desejar de outros distinctos poetas.

Nunca mais descansou elle, a ponto de sacrificar a sua saúde e vida, não deixando passar um só anno sem



publicar, ou pelo menos, escrever uma ou mais obras litterarias ou scientificas, das quaes algumas extremamente importantes deixou ineditas.

Antes mesmo de abandonar os bancos academicos, no mesmo anno, em que deu á luz as suas poesias, e depois de certamens jornalisticos, a que o provocaram seus criticos, quiz o illustre litterato provar o seu gosto variado pelos diversos ramos da litteratura, e publicou uns *Estudos Biographicos* sobre Furtado Coelho, nos quaes antes de se occupar propriamente do homem e do artista, abundou em judiciosas considerações sobre o theatro em suas relações necessarias com a civilisação e sobre a arte dramatica entre nós, revelando uma erudição completa acerca desse genero de estudo.

Ao mesmo tempo publicou diariamente em folhetins n'“O Progressista”, denodado orgão do Partido Liberal de Pernambuco (do qual era um dos collaboradores), um mimoso romance intitulado—*A Phenix do Amor*—trabalho digno de grande apreço, pelo esplendor do estylo ameno e ataviado de phantasticos adornos, a ostentar com uma lucidez deslumbrante o interesse delicado que parece desabrochar do sentimentalismo immerso nas concepções patheticas, que o auctor escolheu para dar ás suas elegantes paginas um realce encantador.

Voltando á sua terra natal em 1864, foi logo nomeado official da Secretaria do Governo, mais tarde Promotor Publico da Capital, Juiz Municipal da 3<sup>a</sup>. vara e 1<sup>a</sup>. da Capital, onde terminou os seus cargos da magistratura, por não ter obtido a reconducção, visto ter subido ao poder o Partido Conservador em 1868.

Não desanimou o Dr. Filgueiras Sobrinho com esse acto de intransigencia politica. Decidiu abrir a sua banca de advogado, onde novos triumphos o esperavam, logrando em bem pouco tempo um renome da mais alta competencia.

Como juiz deixou rastros da mais luminosa justiça, a ponto de serem muitas de suas sentenças transcriptas em Actas do Instituto dos Advogados, no Rio, a requerimento de homens como Thomaz Nabuco de Araujo, e entre ellas a mais importante, pelo ruido que produziu nesta Capital, a referente ao testamento do Casal Passos, odioso crime de um testamento falso.

Como advogado era elle no seu tempo o que mais



questões tinha no nosso Forum, principalmente em assumptos civéis e commerciaes.

Nesse mesmo anno, publicou elle, sob o titulo de pro-verbios, duas pequenas comedias: *Ouro é o que ouro val* e *Amor com amor se paga*, escriptas quando ainda academico, revelando grande aptidão nesse ramo das lettras.

\*\*\*

Em 1870, deveres de família o levaram ao Recife, para tratar de uma acção civil, e não achando nesse meio em que empregar a sua actividade, resolveu sustentar theses e obter o grau de doutor em borla e capello, o que fez com brilhantismo, tendo approvação plena. Foi um verdadeiro triumpho, porque naquella epoca muito difficil era obter uma tal approvação. Ainda mais o seu triumpho, quando terminado o acto, abraçado por todos os seus juizes, estes solicitavam que se inscrevesse elle para qualquer das cadeiras vagas, proximas a concurso. Mas a politica o chamava á Bahia, onde as suas aspirações politicas o fascinavam. Deputado provincial em diversas legislaturas, preparava-se elle para a deputação geral, animado e sempre festejado por seus chefes: Saraiva, Dantas, Nabuco de Araujo. Não logrou este desideratum, a morte cortou-lhe cedo a vida.

\*\*\*

Aqui chegado, porém, no meio de tantos assumptos que lhe preocupavam o tempo, não se esqueceu da vida litteraria: escreve e publica uma comedia intitulada *A Escola dos Paes*, que é incontestavelmente uma obra primorosa de theatro, senão a sua obra prima de litteratura. Nella dá-nos o auctor um exemplo vivo de uma rarissima inspiração humoristica, a par de um admiravel talento de applicação das regras artisticas, a cujo influxo nas inesperadas o interesse da concepção moral que serve de substancia a essa comedia. Foi ella representada em diversos theatros, como no Recife e em algumas cidades deste Estado. Infelizmente não foi nesta Capital representada.

\*\*\*

Em 1865 escreveu a *Legenda de um Pariá*, drama historico em um prologo e tres actos. Comquanto não fosse elle publicado até hoje, não é desconhecido inteiramente esse drama. Nesta Capital teve o auctor de lel-o



no extincto Conservatorio Dramatico, quando desejou que fosse levado á scena no dia 2 de Julho, daquelle anno, no nosso Theatro S. João.

No Ceará quando alli foi em 1875 em busca de lenitivos aos seus soffrimentos physicos, não só o leu uma vez, deante de um auditorio numeroso e illustrado, como tambem manteve pela imprensa uma longa discussão a respeito do seu assumpto com o Dr. Rocha Lima.

E' inegavelmente este drama uma obra prima de litteratura dramatica, commemorativa da nossa Independencia.

De volta de sua primeira viagem da Europa, em 1872, escreveu ele uma nova producção intitulada *Curso Elementar de Direito Penal*, para uso da instrucção primaria e do povo, que foi geralmente conhecida utilissima e até adoptado pelo Governo de algumas provincias para as escolas primarias: Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Santa Catharina; só aqui não o foi porque a politica se oppoz: sempre este estorvo ao progresso, tanto material como litterario.

De estylo puramente didactico e quasi infantil, de modo que pode ser bem comprehendido por qualquer pessoa do povo e por qualquer creança, esse opusculo tem o merito de ser o *unico* naquelle tempo em seu genero, quer pela concisão das ideas de que se compõe, quer pelo methodo que seguiu o auctor, quer pelo fim humanitario e ao mesmo tempo patriotico, que teve em vista.

Realmente, quanto se estreitariam os laços da sociedade humana se as creanças aprendessem, e portanto, se habilitassem a respeitar, pelo conhecimento das leis do seu paiz, os direitos naturaes e adquiridos dos seus semelhantes? Não é o futuro, como já disseram, a obra da escola? Quantos crimes deixariam de ser perpretados si todos possuissem a noção clara do interesse social que deve prevalecer ao interesse individual? Não é geralmente acceito que a moralidade da lei penal consiste antes em contribuir esta para prevenir os delictos, de que em destinar-se tão sómente a punil-os?

\* \* \*

Em 1875, estando em Paris, por occasião de sua segunda viagem á Europa, ali publicou o seu 2º. volume de poesias, a que deu o titulo de *Consoladoras*.



Nelle vemos que o illustre e incansavel escriptor não só não abandonou a musa, que lhe bafeijou o primeiro albor de sua vida litteraria, mas ainda achou no povo, nas suas dôres, nas suas aspirações, essa poesia elevada e ao mesmo tempo sentimental e até lacrimosa, de que se compõe o seu 1º. volume.

Essa publicação, veio, além disso, provar que se podia sobreviver ao naufragio da vida positiva. Sim, os nossos poetas apparecem brilhantemente e cheios de vigor na primavera academica, florescem, produzem um volume de versos, e nelles exprimem a exuberancia dos sentimentos generosos e das ideas magnanimas, que são o patrimonio da mocidade. Entram na vida positiva, na clinica, no forum ou na politica sem o ambiente perfumado da poesia.

Verdade é que a Musa moderna abriu campo vastissimos de horisontes novos á imaginação do poeta, de modo que em qualquer situação da vida social elle pode encontrar em sua alma, no espectaculo da vida humana, na sciencia, nas artes e na politica, no lar, no bello ou no feio, no justo ou no injusto, na paz ou na guerra, uma viração inspiradora e assim contar o que elle e todos sentem, pensam ou aspiram, instruindo, criticando, discutindo ou commovendo.

A primeira parte das *Consoladoras* resente-se desse individualismo byroniano, de que têm sido fervorosos adeptos quasi todos os nossos poetas; mas na segunda parte encontramos poesias inspiradas no trabalho, na paz, na liberdade, no amor unido de ternura pelo menino, pela mulher e pelo povo, esses tres martyres de todas as civilizações incompletas, na compaixão pelo infortunio e pela fraqueza, na esperança e na immortalidade coroadando o amor e a justiça.

No mesmo anno, encarregado do ensino de philosophia no "Collegio 7 de Setembro", publicou um compendio desta sciencia, que intitolou *Resumo de um curso de Philosophia Elementar*, adaptado ao preparo dos candidatos aos exames dessa materia em nossas Faculdades scientificas. Este compendio, não só na Bahia, como em muitos outros Estados, antigas provincias, foi adoptado. Pretendia o seu auctor melhora-lo e augmenta-lo e addicionar-lhe a parte complementar da Historia da Philosophia.

Foi este compendio bem recebido pela mocidade, fi-



cando por esse facto provada a sua incontestavel utilidade. Seu methodo consiste em definições e exemplos e, como bem pondera o auctor, quem sabe definir e exemplificar sabe, ao menos, elementarmente a sciência.

No anno seguinte inaugurou no Lyceu de Artes e Officios as conferencias philosophicas, as quaes foram de grande concorrência, e esta do que melhor continha o nosso meio. E por este mesmo tempo publicou as celebres conferencias do Padre Jacintho Lyson, sobre o espirito da verdade, a reforma da familia e a crise moral, e deu começo a uma obra, intitulada o *Syllabus* e a *Encyclica*, que deixou sem publicar, por tel-o interrompido a grande enfermidade que o fez succumbir. A primeira parte deixou completa.

Cremos, que tudo isto é bem sufficiente para que não seja esquecido o nome do Dr. Filgueiras Sobrinho e para que lhe tributemos á illustre memoria um terno reconhecimento, porque tudo isto prova pelo menos desejo afanoso, que lhe ardia n'alma de ser util á sua patria, engrandecendo-a.

Sob a viva impressão dos profundos estudos que fez para escrever o *Syllabus* e a *Encyclica*, a que já me referi, dispensava o Dr. Filgueiras Sobrinho algumas horas do dia em que um pouco alliviado de seus constantes soffrimentos physicos, para escrever uma nova e ultima obra intitulada *O Inferno*, onde trata de negar esta crença, perante a Theologia, Poesia e Philosophia.

Esta obra estava quasi impressa: foi suspensa pelo auctor a sua conclusão, pela urgente viagem á Europa. Innegavelmente esta obra é uma copia da grande erudição do seu auctor na litteratura, na philosophia e outros conhecimentos humanos.

O *Syllabus* e a *Encyclica* desapareceu, entregue a um seu filho, já fallecido: não se encontrou mais. Existe, pois, ineditas, as suas obras—*A Legenda de um Pariá* e o *Inferno*.

\* \* \*

Como politico era um liberal em extremo, sempre fiado ao seu Partido desde academico, quando foi um dos collaboradores do *Progressista* no Recife. Eleito deputado em diversas legislaturas, pelo 3º. districto da antiga provincia, hoje Estado da Bahia, exerceu estas funções até que retirando-se do poder o Conselheiro



Zacharias, no ministerio de 3 de Agosto, cahindo o Partido Liberal, subindo ao poder o Ministerio Conservador, presidido pelo Visconde de Itaborahy. Não desanimou nem tergiversou; eil-o no seu posto de honra, o *Diário da Bahia*, onde escrevia artigos de fundo, sobre assumptos do dia, e de principios de administração, em todos



. D<sup>r</sup>. F. Igaziras Sobrinho

os seus ramos, principalmente em materia de instrucção publica, onde mostrava os mais altos conhecimentos da materia e sobre finanças.

Era um verdadeiro orador e em extremo eloquente.

Falleceu no dia 18 de Abril de 1878, em Paris, na casa de saúde "Maison Dubois", e os seus restos foram



transportados para a sua terra, e acham-se numa cava, n. 21, á Matriz de Sant'Anna, nesta Capital.

Longe e bem longe dos seus, exhalou elle os ultimos suspiros, com os nomes de seus idolatrados filhos, e parentes amigos, que tanto os amava.

Muito teria que accrescentar a este trabalho, se não fosse o testemunho dos seus contemporaneos, que ainda hoje existem, que foram conhecedores do poeta insigne, do existem, que foram conhecedores do poeta insigne, do escriptor soberbo, do orador tão festejado que foi o Dr. Filgueiras Sobrinho.

Agosto — 30 — 920.

Pharm. LUIZ ANTONIO DE FILGUEIRAS.

*Abaixo damos esta illustre opinião a respeito do poeta e litterato biographado.*

## AURORAS E CREPUSCULOS

*Poesias do Sr. Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho*

E' debalde que entre nós se suppõe extincto o fogo sacro-santo da poesia, e que, no meio dos progressos materiaes que preoccupam todos os espiritos, crê-se amortecido o gosto pelas letras.

A mocidade não se deixou ainda eivar por esse descer amargo e bello, por esse duvidar ironico desses homens positivos que, na verdadeira phrase de um escriptor moderno, são os symbolos da mythologia, os verdadeiros bezerros de ouro.

A poesia será eterna, na mais alta e elevada accepção da esthetica? ou a pobresinha, espantada pelo sibillo agudo das locomotivas, pela fumaça do carvão de pedra, deixará de uma vez as montanhas e as florestas para ir abrigar-se eternamente no céu?

O que nos importa a nós os pobres sonhadores que o mundo ria-se e escarneça quando as nossas almas se abrem livres e adejam á procura de uma patria bella!

Canta poeta! abre a tua alma ás harmonias mais puras da criação, deixa que os teus sonhos se transfor-



mem nessas crysalidas purissimas, que substanciam os versos, para nellas espelhar-se os teus sentimentos, como as estrellas se espalham livremente nos lagos.

A poesia, alguém o disse, é a flor mais delicada dos sentimentos, é por isso talvez que a pobresinha é tão raramente querida e acariciada. Nem todas as almas podem comprehender essa triste e pallida moça, tão caprichosa e tão vaga nos seus affectos, tão melindrosa e susceptivel nos seus devaneios.

Vêde-a mirando seu lindo rosto na limpida corrente que sussurra pelos matos agrestes, e vae sumir-se nas brenhosas florestas. Vêde-a como vae caprichosa por entre as relvas orvalhadas, sorrindo aqui e alli a uma flor agreste, a um timido insecto ou ao medroso passarinho, que colhe os ramos dessecados para o fabrico do ninho.

Contemplai-a ainda assentada sobranceiramente nas ruínas de um monumento; que magestade nos gestos! que nobreza no porte!

Ahi perdeu ella de todo a garridice dos modos, e naquella estranha tristeza vae um profundo sentir, que faz reviver dos seculos e dos annos volvidos, as bellas columnas doricas e os capiteis bysantinos que tantos olhos enlevavam de admirados.

A poesia é eterna e profunda embora outros a neguem; ella ahi vive sempre pura e immaculada como os raios de sol multicores da aurora.

E' sempre com um enthusiasmo crescente e com a fé mais viva do que ella vale e do que pode, que saudamos o apparecimento de um novo poeta. Bemvindo sejas entre nós, pobre alma que ainda sonhas com o bello e crês na existencia de um bem que, para os filhos do ouro, é uma utopia completa!

E nem tremeste no meio da jornada, antevendo o cadaver de Bocage, envolto na miseria, nem recuaste, ao esmolar de Camões pelas ruas? Peregrino da desventura, onde foste colher essas palmas tão virentes e tão bellas que entretecem a tua corôa? Como é que o sol ainda as não murchou e resequio? Tens ainda o manto tão novo? ainda os espinhos não esgarçaram? Continúa poeta.



## II

Deixamo-nos arrastar insensivelmente para o mundo das divagações, querendo narrar as impressões que deixou-nos as "Auroras e Crepusculos" do Sr. Filgueiras Sobrinho.

"Auroras", de um futuro cheio de esperanças são algumas paginas do seu volume. Lindas mesmo como as manhãs do nosso céu, cheias de perfumes e de encantos.

Duvidosos como o crepusculo, phantasticos, como essa hora de martyrios, são tambem alguns de seus cantos em que repassou mais de uma vez a imagem febril de Alvares de Azevedo, esse moço poeta, phantastico ás vezes como o bardo de Morvem e sombrio nos seus cantos como o cantor de D. Juan.

Ha muito no volume do Sr. Filgueiras dessa escola da febre e das paixões, tão solememente representada em França por Alfredo de Musset, e a encantadora amante do abbade Laménais. Não somos daquelles que a condemnam, admiramos o genio seja qual fôr a forma sob que se apresenta; para os verdadeiros talentos os moldes são simples accessorios.

O volume das "Auroras e Crepusculos" é precedido de um longo prefacio do autor; achamos por demais essas paginas, que, perdoe-nos o poeta, parece que ahi se acham como simples ostentação do seu cabedal litterario.

Abre o volume uma outra amostra do prefacio, é uma poesia em versos soltos, intitulada—"O poeta": tem algumas imagens bonitas que, no entanto, se empanam com a interminavel lista de mais de trinta nomes proprios, que se distinguiram na vida.

Ainda bem que o poeta teve o bom gosto de terminá-la com algumas oitavas lindissimas:

Poeta, levanta a fronte  
Perante os povos e os reis,  
Tu exalta com teus hymnos  
Ao bello, ao justo, á razão,  
Se o povo está corrompido  
Tu exaltas com teus hymnos  
Os sentimentos divinos,  
Que novo evangelho são.



Ainda ha uma oitava tão cheia de encanto que não nos podemos furtar ao desejo de transcreve-la: é o grito sublime e evangelico que sahe expontaneo do coração do poeta.

Não agrade embora a essas almas embotadas pela ambição servil e egoista, ha de agradar por força aos amigos da liberdade e das instituições livres e generosas:

Aos tyarmnos, odio e guerra,  
A todos a liberdade;  
E grandeza á moralidade  
Que cumpre de Deus as leis  
Tua missão é, pois, esta!  
Ensina aos homens e canta,  
Poeta, a fronte levanta  
Perante os povos e os céos.

Entre os cantos de que se compõe o volume sobressahem alguns muitos felizes pela concepção e colorido da phrase; no emtanto o Sr. Filgueiras tem um descuido, que na poesia, assim como na prosa, é a continua e fastienta repetição de um mesmo termo: sirva de exemplo uma das estrophes do "Anjo de salvação":

.....Ver julgava  
Passar um enterro, ouvir os sinos tristes,  
De sua mãe ver o cadaver frio.....

Ha um defeito que se nota tambem em alguns dos seus versos mais adiante, nas mesmas estrophes, diz elle:

Co'um crepe negro e lagrimas nos olhos.

Concebemos a liberdade da poesia, mas não queremos ve-la em luta aberta com a philologia.

São leves essas manobras, dirão: por Deos! que assim o pensamos tambem, porém, que mal pode haver para o poeta lembrar-lhe esses leves descuidos em materia de estylo que, no profundo dizer do Sr. Dr. Macedo Soares, é mais mechanico do que racional.



Ha uma poesia entre as "Auroras e Crepusculos" de um encanto indisivel.

"Traviata". E' um conto ungido de mystica ternura, repassado de uma dôr pungente que se traduz em bellos e harmoniosos versos.

Ouçamos o poeta: é á mulher repellida pela sociedade, atirada ao vertice das orgias e das noites indormidas, a quem elle fala:

Inda ha pouco trajavas—innocente—  
As brancas vestes, a grinalda olente  
De virgem que tu eras:  
Inda ha pouco o pudor do teu semblante  
Fazia-te vermelha; eras infante  
Cheia de mil chimeras.

E agora? diz o poeta:

—E agora mulher vês inodóras  
As flores da corôa qu'hoje choras  
Na pallidez da orgia.  
Mareaste essa perola brilhante  
Do céu de teu futuro radiante,  
Qu'hoje choras, Maria!

Ha uma unica cousa nesses versos que me desagrada, talvez devida á necessidade da rima:—Maria, vem-nos á idéa a loura e formosa amante de Jacques Rolla, essa poetica Marion que assistiu á sua ultima agonía.

Como é mimosa essa estrophe! como o poeta divinisou em tão poucas linhas o mais doce de todos os lenitivos, as lagrimas!

—Oh! chora! qu'estas lagrimas são puras!  
Tu verás que no fel das amarguras  
O pranto extingue a dôr,  
Muitas vezes a flor cedo myrrada,  
Co'os orvalhos gentis da madrugada  
Toma novo frescor.

—Não vês no lodo a perola escondida?  
Póde a chuva faze-la mais luzida,  
Com estrella no mar.



Depois do estio refloresce o prado,  
Depois da chuva o céu mais azulado  
Se parece mostrar.

Se não temessemos fatigar, copiaríamos toda por inteiro essa poesia.

### III

Em uma das notas que fecha o seu volume, lastima o Sr. Filgueiras o abandono dos nossos poetas pelos poemas intimos que tanto abundam na litteratura dos povos do meio dia da Europa; inspirado por elles escreveu os "Amores da Terra".

Pelo que o poeta havia de desperdiçar os thesouros da sua bella imaginação nesses quadros em que, permittamos dizer, são imagens descoradas dos bellos poemas de Musset, fundidos com os graciosos e purissimos contornos desenhados pelo conde de Vigni?

Pelo que não havia de apresentar o seu talento transladando para os mimosos versos que sabe escrever as "lendas" da sua provincia tão lindas que andam perdidas na memoria do povo? (\*)

O auctor das "Auroras e Crepusculos" é um talento que muito honra a bella provincia da Bahia. Oxalá que, ao deixar os bancos academicos e ao entrar na vida real, não se esfolhem para sempre as flores de que é tão mimoso cultor!

NUNO ALVARES.

Rio, 1863.

(Do "Diario do Rio de Janeiro", de 30 de Abril de 1863.)

---

(\*) Ao nosso amigo illustrado, o Sr. Padre Bernardino de Souza, devemos o conhecimento de algumas dessas lendas que descreveu com a belleza de estylo que possue.



# A lenda indigena da origem da mandioca

A respeito da origem da mandioca, que tão importante papel representa na vida dos indios, constituindo o alimento principal, ha uma lenda que apparece sob differentes moldes entre as tribus dos caboclos brasileiros.

No "O Selvagem", de Couto de Magalhães, lemos a seguinte lenda de Mani:

"A mandioca é não só o pão do nosso selvagem, como também a substancia de que tiram diversos vinhos, como o kauin, a maniquera, o puchurum e outros. Sua descoberta foi para elles mais importante do que a do trigo o foi para os aryaes. Se bem que esta lenda pertença mais ao dominio da poesia do que ao da sciencia, eu não posso furtar-me ao desejo de inseril-a aqui, como um especimen curioso do producto da imaginação de nossos selvagens. Ejl-a, tal qual me foi referida pela mãe do Sr. Coronel Miranda, ex-thesoureiro da thesouraria da fazenda do Pará, senhora respeitavel, de cerca de 70 annos de idade e que reside em Belém. A lenda diz que a mandioca foi descoberta assim:

"Em tempos idos appareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas immedições do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quiz punir no autor da deshonra de sua filha, a offensa que soffrera seu orgulho e, para saber quem elle era, empregou, debalde, rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos a moça permaneceu inflexivel, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matal-a, quando lhe appareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ella effectivamente era innocente, e não tinha tido re-



lação com homem. Passados os nove mezes, ella deu á luz uma menina lindissima e branca, causando este ultimo facto a surpresa, não só da tribu, como das nações visinhas, que vieram visitar a creança, para ver aquella nova e desconhecida raça. A creança, que teve o nome de Mani, e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um anno, sem ter adoecido, e sem dar mostras de dôr.

“Foi ella enterrada dentro da propria casa, descobrindo-se-a, e regando-se diariamente a sepultura, segundo o costume do povo. Ao cabo de algum tempo, brotou da cova uma planta, que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu fructos. Os passaros que comeram os fructos se embriagaram, e este phenomeno, desconhecido dos indios, augmentou-lhes a superstição pela planta. A terra afinal defendeu-se; cavaram-n’a e julgaram reconhecer, no fructo que encontraram, o corpo de Mani. Comeram-n’o e assim aprenderam a usar da mandioca.”

O fructo recebeu o nome de Manioca, que quer dizer: casa ou transformação de Mani, nome que conservamos corrompido na palavra mandioca, mas que os francezes conservam ainda sem corrupção.

Esta lenda encerra duas cousas communs a todas as religiões asiaticas: 1.º o attribuir a um deus o ensino do uso do pão; 2.º a concepção sem perder a virgindade. Será isto um simples producto da imaginação, será uma lei a que o entendimento humano está sujeito, ou será alguma recordação de velhas crenças asiaticas, conservada confusamente pela tradição oral? Qualquer d’essas cousas é possível, mas, por enquanto, não passa de simples conjectura.

\* \* \*

Na “A Informação Goyana” de 15 de Abril de 1920, encontramos a seguinte variante dos amerindios do Araguaia:

“Ha muitos annos, muitissimos annos, vivia no seio de uma tribu selvagem uma joven, mais notavel pela sua innocencia e virtude do que pela sua belleza. Quando chegou a idade de casar, escolheu-se-lhe para esposo o joven mais bonito da tribu, o mais destro para



a caçada, o mais bravo para a guerra. Mas, com geral surpresa, ella o recusou e declarou que queria ficar virgem. Os indios, assim como os antigos judeus, encaram a virgindade como um opprobrio e forçaram-n'a a escolher um esposo. Ella obstinou-se na recusa e, cansados, deixaram-n'a em paz.

Entretanto, ao cabo de algum tempo, ella apresentou todos os signaes de que ia ser mãe. Foi um escandaloso, e os chefes se reuniram para deliberar o que fosse conveniente. Fizeram comparecer a joven e obrigaram-n'a a explicar-se. Ella declarou então que não era absolutamente á maneira das outras mulheres, e que o filho que tinha nas suas entranhas seria um dia a salvação da sua nação.

Não se sabia como dar credito á sua palavra, e como não chegavam a um accordo sobre o que convinha fazer-se, decidiram deixar que as cousas corressem naturalmente. No preciso tempo, a joven deu á luz uma creança do sexo masculino, que foi creada como os outros meninos selvagens, mas que se parecia com sua mãe, e que, como ella, possuia n'um grau admiravel as mais bellas qualidades moraes. Cresceu e chegou á idade varonil.

Ora, por esse tempo os indios experimentaram toda sorte de desgraças: soffreram fome, foram infelizes na guerra e dizimados pelas doenças. Não sabendo o que fazer, os chefes se reuniram e um d'elles emittiu a opinião de que todos aquelles males eram um castigo do ceu e que era preciso attribuir a sua causa a esse joven, cujo nascimento fôra mysterioso, e concluiu dizendo que era preciso matal-o, para abrandar a colera celeste. Concordaram todos e fizeram comparecer o filho da virgem para ouvir a sua sentença. Não se defendeu e acceitou a morte pelo seu povo. Inflingiu-se-lhe o mais cruel tormento e, depois de morto, sua mãe o enterrou. No fim de algum tempo viu-se nascer sobre o seu tumulo uma planta desconhecida e mysteriosa.

Os chefes chamaram a mãe e perguntaram que se-mente ella tinha lançado na sepultura do filho. Respondeu que aquella terra não continha outra semente senão o cadaver da sua victima, que esperassem e que logo teriam a explicação do mysterio.

Quando a planta attingiu todo o seu crescimento



e chegou á maturidade, abriu-se a sepultura e em lugar do cadaver, encontrou-se um bello tuberculo, da grossura de uma côxa e branco como a neve. Era a mandioca.

A virgem, então, dirigindo-se aos chefes e a todos os homens da tribu, disse-lhes: Eis aqui a vossa nutrição, e de hoje em diante não dependerá senão de vós o nunca mais soffrerdes fome, porque esta planta podeis multiplicar-a tanto quanto vos approuver, sem trabalho, e ella vos fornecerá uma nutrição sã e substancial, que vos preservará contra as doenças e vos dará força e vigor para combater os vossos inimigos."





# A GUERRA DA INDEPENDENCIA NA BAHIA

PELO BARÃO DE LORETO

*(Franklin Americo de Menezes Doria, barão de Loreto, prosador e poeta brasileiro, nasceu na Bahia, em 1836, e morreu em 1906. Era Bacharel em Direito, duas vezes foi ministro, presidente das provincias de Piauhhy, Maranhão e Pernambuco).*

Proclamada a Independencia do Brazil pelo grande principe que esposára a causa della, não ficaram logo emancipadas politicamente as provincias, onde as autoridades superiores, civis e militares, continuaram a obedecer ás Côrtes constituintes e ao governo de Portugal. Essas provincias foram: o Piauhhy, o Maranhão, o Pará, a Cisplatina e a Bahia. Todas, portanto, mais ou menos, tiveram de lutar pela sua separação definitiva da metropole.

Afim de abater o predominio do governador portuguez João José da Cunha Fidié, tomou as armas o Piauhhy, e muitos de seus filhos, em temerario recontro, pagaram com a vida o patriotico arrojo. No interior do Maranhão deu-se mais de um combate, por motivo do novo regimen, e tornou-se notavel o sitio que em Caxias aquelle official soffreu com a sua gente, obrigando-o a capitular. Na cidade de Belém do Pará tramou-se, a favor da nossa autonomia, uma conjuração, que se mallogrou em consequencia de aleivosa denuncia, sendo os seus autores duramente punidos. Para expellir de Montevideu as tropas lusitanas, o governo brasileiro impoz áquella praça rigoroso assedio e bloqueio.

Mas foi na provincia da Bahia onde a independencia nacional encontrou a mais viva resistencia, que ateou prolongada guerra.



Esboçarei este bello e proeminente capitulo da historia patria.

Desde que naquella provincia o brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello tomara illegalmente posse do cargo de governador militar, concentrou nas suas mãos toda a autoridade, arrogando-se as funcções da junta administrativa. Subserviente ás Côrtes da nação portugueza, de accordo com ellas exercia a dictadura. Longe, pois, de cumprir a carta regia de 15 de Junho de 1822, pela qual D. Pedro lhe ordenara que se recolhesse a Portugal com as tropas do seu commando, Madeira de Mello persistiu em oppôr-se a que o Principe fosse reconhecido então como regente, depois como imperador.

A provincia da Bahia, porém, determinou-se a reagir, appellando para a revolução.

Esta revolução teve origem na villa de Santo Amaro, onde foi delineada por varões prestantes, convocados pelo corregedor Antonio José Duarte de Araujo Gondim em cuja casa se reuniram. Outras pessoas gradas, breve, lhe coadjuvaram a iniciativa, na vizinha villa de S. Francisco, sob a direcção do juiz de fóra Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos—Visconde de Monserrate. A todos animou, então, com a sua eloquente palavra, Miguel Calmon du Pin e Almeida, Marquez de Abrantes, o qual acabava de chegar de Lisbôa e fóra portador de uma carta que Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra-Branca, e outros deputados pela Bahia ás Côrtes de Portugal endereçaram em commum ás municipalidades da provincia, consultando-as acerca da conveniencia e do modo de delegação do poder executivo no Brazil, assumpto pendente de deliberação daquelle congresso.

Rompeu a revolução na villa da Cachoeira, promovida, além de outros cidadãos, pelo Coronel José Garcia Pacheco e o Tenente-Coronel Rodrigo Antonio Falcão Brandão, Barão de Belém. A camara municipal daquelle villa, em sessão de 25 do mencionado mez de Junho, presidida pelo juiz de fóra Antonio Cerqueira Lima, acclamou, com o povo, D. Pedro de Alcantara regente constitucional e defensor perpetuo do Brazil.

Provocou este successo as hostilidades do commandante e tripulação de uma canhoneira de guerra, por



ordem do General Madeira de Mello, estacionada no rio Paraguassú, defronte da villa, afim de vigial-a; mas, depois de um tiroteio de três dias, bateram os nossos o navio aggressor, que se rendeu á discrição. O exemplo da Cachoeira foi seguido successivamente pelas villas de Santo Amaro, de S. Francisco, e as demais da provincia. Nesta, por conseguinte, não tardou em tornar-se geral a adhesão á regencia de D. Pedro, ficando circumscripta á capital a dominação portugueza.

Desde a primeira phase da lucta, o desejo de revindicta abrazava todos os corações. As mães mesmas embalavam os filhinhos com a popular cantilena:

“Acalenta-te, ó menino,  
Dorme já, para crescer;  
O Brazil precisa filhos;  
Independencia ou morrer!”

Entretanto, os habitantes da Bahia, aos quaes D. Pedro em uma proclamação havia exhortado á resistencia, dispuzeram os primeiros meios de leval-a a effeito. Fortificaram-se alguns pontos do littoral, desde a entrada da Bahia até o reconcavo; ergueram-se presidios na ilha de Itaparica, reductos na villa de S. Francisco, baterias nas margens do rio Sergy, na ilha de Canaiba, na ilha dos Frades e noutras dos arredores, como ainda na costa da Saubara. Tamanho era o ardor com que se entendia em taes aprestos, que até os frades franciscanos do convento daquella villa ajudavam ahi a carregar materiaes para construcção das obras de defesa.

Tinhamos carencia absoluta de armas e munições de guerra, mas os senhores de engenho suppriram em parte esta falta: fizeram arrancar as peças de bronze empregadas nas suas fabricas e montal-as em carretas, assim como fundir em projecteis o ferro, o cobre e o chumbo das suas machinas eapparelhos industriaes. Succedeu muitas vezes que as balas arremessadas pelos canhões das barcas portuguezas contra os defensores da ilha de Itaparica foram por mulheres e meninos extraídas da areia da praia, onde se enterravam, e recambiadas pelos nossos artilheiros no meio de um nutrido fogo.

Na ausencia de qualquer tropa nossa, o Tenente-



Coronel Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde de Pirajá, depois de ter proclamado aos seus conterraneos, reuniu com a possível feição militar, os milicianos do districto do seu commando. A elles aggregaram-se os magotes de indios, arrebanhados de aldeas diversas da provincia, e cujas mulheres os acompanhavam nas refregas, como lembra o poeta-soldado, testemunha presencial da campanha:

“Occorre-lhe tambem falar d’aquelles,  
Tupica multidão, nas flechas destros,  
Que do arco teso, com vigor, travando,

As tabas deixam, mais que muito amadas,  
E em tribus varias a reunir-se marcham  
E a todos, quais na paz, seguem nos prelios,  
Oh conjugal ternura!—as leaes consortes,  
Que a extremos dados ancia põem inteira  
Em ir com elles ao triumpho, á campa.”

Apezar de bisonha e pouco numerosa, aquella rustica phalange sahia ao inimigo entrincheirado na capital. Distribuida em guerrilhas, frequentemente o accommettia e dispersava até junto ás fortificações dos subúrbios. Manejando o arco e a flecha, avantajavam-se ás demais as guerrilhas dos indios. Guiava-os um delles, de nome Bartholomeu, e appellidado Jacaré pela sua gente, o qual, não só então, mas até o derradeiro combate, mostrou o valor indomavel proprio da sua raça.

Taes foram os preliminares da guerra da independencia na Bahia.

Referindo-se á situação politica desta provincia, disse D. Pedro no seu manifesto de 1.<sup>o</sup> de Agosto de 1822, dirigido aos brasileiros: “Illustres bahianos, porção generosa e malfadada do Brazil, a cujo sólo se teem agarrado mais essas famintas e emprestadas harpias, quanto me punge o vosso destino! Quanto o não poder, ha mais tempo, ir enxugar as vossas lagrimas e abrandar a vossa desesperação! Bahianos, o brio é a vossa divisa! Expeli do vosso seio esses monstros que se sustentam do vosso sangue; não os temais; vossa paciencia faz a sua força. Elles já não são Portuguezes; repeli-os, e vinde reunir-vos a nós, que vos abrimos os braços”.



Para ligar os revolucionarios a um centro commum de administração, criou-se o concelho interino de governo, instituição devida igualmente á iniciativa das villas de Santo Amaro e S. Francisco. Composta de deputados, eleito cada um por uma camara municipal, aquella corporação, a 22 de Setembro de 1822, se estabeleceu na Cachoeira, sob a presidencia de Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, barão de Jaguaripe, sendo seu secretario Francisco Gomes Brandão Montesuma, visconde de Jequitinhonha.

Por outro lado, o principe regente confiou o commando das nossas operações militares ao brigadeiro Pedro Labatut, laureado nas campanhas de Napoleão I na guerra da independencia de uma das colonias hespano-americanas.

Do Rio de Janeiro partira o general com alguns contingentes, mas, coagido por caso fortuito a desembarcar em Alagôas, conciliou os animos, tanto nessa provincia como nas de Pernambuco e Sergipe, donde foi por terra á Bahia. Ahi, depois que chegou, no fim de Outubro, organizou o exercito brasileiro, ao qual deu o titulo de exercito pacificador! Teve assim poderoso incremento a revolução, já favoneada pela proclamação da independencia.

Este exercito, cujo principal ponto de apoio era Pirajá, pequena povoação que demora a poucas milhas da capital, na maior parte compunha-se de Bahianos, e dia a dia engrossava. As circumstancias extraordinarias não consentiam que elle apresentasse um conjuncto harmonico de tropas bem fardadas, armadas e equipadas, como as de um exercito regularmente constituido.

Entre as primeiras forças que nelle se encorporaram, havia duas companhias criadas na Cachoeira, uma com a denominação de Belona e outra de Mavorte, cujos officiaes e praças se fardaram a suas expensas e renunciaram o soldo e a etapa. Nota-se tambem a companhia de cavallaria de voluntarios dos Pedrões, conhecidos pelo nome de Encourados, porque usavam trajos de couro.

Um clerigo, Frei José Maria Bravner, a tinha formado e era commandante della. Além disto, um troço de sertanejos, procedentes do Rio de Contas, e fardados de panno de algodão, tecido no mesmo lugar, alistaram-se



nas nossas fileiras. Nellas figurava ainda um corpo de libertos, que tiveram ao mesmo tempo a fortuna de sahir do captiveiro e de arriscar a vida pela patria. Muitos escravos até se arvoraram em soldados, e, á sombra da bandeira nacional, reconquistaram a liberdade. Demais, pertencia ao nosso exercito o batalhão de infantaria dos voluntarios do Principe D. Pedro, batalhão chamado dos Periquitos, por serem de côr verde as golas e os canhões das fardas das suas praças.

Neste batalhão, commandado pelo Major José Antonio da Silva Castro, sobresahia como soldado Maria Quiteria de Jesus. Era uma joven nascida de paes portuguezes no reconcavo da Bahia. Dotada de physionomia sympathica e maneiras agradaveis, o seu talento natural de alguma sorte lhe atenuava a falta de instrucção. Vivía na companhia do velho pae, numa fzena que elle possuía no sitio do Rio do Peixe, longe da villa da Cachoeira. Applicava-se ás occupações domesticas, e nos seus lazeres distrahia-se com o exercicio da caça, no qual se afez ao manejo das armas de fogo.

Certo dia, um emissario, encarregado de angariar voluntarios para o nosso exercito, appareceu na casa do fazendeiro, onde foi agazalhado. Como o hospede, na intimidade da conversação, encarecesse as vantagens da independencia nacional, inflammou-se o coração da moça em patriotico enthusiasmo. Resolvida, apesar da sua condição, a ir tambem combater pela liberdade, ella, sem detença, partiu occultamente para aquella villa e, disfarçada em trajos de homem, assentou praça num regimento de artilharia, do qual, por lhe ser muito pesado o serviço, passou para o batalhão dos Periquitos.

Durante a guerra, com seu uniforme graciosamente modificado, em attenção ao sexo, pelo appendice de um saiote de estofo escossez, semelhante ao de "higlander", a varonil camponeza entrou nas mais arduas pelepas, fazendo prodigios de bravura.

No Rio de Janeiro, onde ella esteve depois da campanha, D. Pedro I, informado, como diz o decreto de 20 de Agosto de 1823, do decidido valor, denodo e intrepidez com que Maria Quiteria de Jesus se distinguira em occasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portára heroicamente, concedeu-lhe a patente e o soldo de alferes de linha. Noutro decreto da mesma



data se lê que, para assignalar os serviços militares que com denodo, raro entre as demais do seu 'sexo, prestára Maria Quiteria de Jesus á causa da independência na porfiosa restauração da Bahia, lhe era concedido o uso da insignia de cavalheiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. Resta acrescentar que o primeiro Imperador, com a sua propria mão, lhe pendurou no peito a preciosa insignia.

Em socorro dos seus irmãos da Bahia, acudiram tropas das provincias de Pernambuco, Parahyba, Alagoas e Minas Geraes. Do Rio de Janeiro, além das praças que acompanharam ao General Pedro Labatut, o governo expediu o batalhão do Imperador, sob o commando do Coronel José Joaquim de Lima e Silva. Na partida deste distincto batalhão de caçadores, Evaristo da Veiga dedicou-lhe um hymno que exorna a seguinte estrophe:

Do Brazil a mãe primeira,  
Formosissima Bahia,  
Da feroz aleivosia  
Quer os vis grilhões quebrar.  
Bravos filhos de Mavorte,  
Já no campo estaes da gloria!  
Vamos, vamos á victoria,  
Combater e triumphar!

Dividido a principio em duas brigadas, depois em três e por ultimo em quatro, que formavam duas divisões, o exercito pacificador, no fim da guerra, constava, pouco mais ou menos, de 9.000 praças. Suas crescentes despesas de fardamento, soldo, alimentação, curativo e transporte, quasi exclusivamente se effectuavam á custa de donativos e emprestimos de dinheiro, feitos por particulares, cuja liberalidade não conhecia limites. Foi comtudo impossivel evitar que algumas vezes faltassem ração e roupa aos nossos soldados, assim como remedios aos doentes, e fios para pensar os feridos. Taes privações não afrouxaram certamente a energia desses lida-dores; ao contrario, serviram para lhes pôr á prova a firmeza e a resignação.

O exercito portuguez, encerrado no recinto da capital, sob a protecção de bem artilhados fortes e solidas



trincheiras, recebeu varias vezes de Portugal copiosos reforços, até as proximidades da evacuação da praça. Suas cinco brigadas poderiam então pôr em linha de combate cêrca de 10.000 homens. Privado do abastecimento de viveres proveniente dos outros logares da provincia, este exercito foi bem cedô flagellado pela fome.

Não só para apprehender mantimentos, transportados do reconcavo por pequenas embarcações, mas tambem para cortar a communicação maritima entre diversos pontos do littoral, uma esquadilha de vasos de guerra lusitanos cruzava continuamente as aguas do perimetro da Bahia de Todos os Santos. Além de outras paragens á beira mar, a fazenda de Loreto e de Guadalupe, na ilha dos Frades, e bem assim as ilhas circumvizinhas, já pela sua situação geographica, já pelos seus excellentes attributos, tornaram-se alvo de amiudadas investidas daquelles navios. Elles, porém, foram sempre galhardamente repellidos pelos animosos insulanos, que tinham por commandante o Capitão João Francisco de Menezes Doria.

Cumpria apparelhar alguma força naval que auxiliasse a rebater semelhantes aggressões. Armou-se, pois, com um peça de rodizio á prôa, um barco denominado Pedro I, e commandado pelo Tenente João de Oliveira Bottas, o qual deu repetidas provas de pericia e coragem. Alguns outros barcos de navegação interna foram tambem guarnecidos de canhões. Improvizou-se assim uma flotilha, que arrostando os principaes ataques por mar. Destes ataques o mais famoso foi o do dia 7 de Janeiro de 1823.

Então quarenta barcas e lanchas canhoneiras e vinte e seis brigues da esquadra portugueza, ás ordens do chefe de divisão João Felix Pereira de Campos, accometteram a ilha de Itaparica, uma das melhores posições estrategicas da bahia. Ao cabo de um pelejar que se prolongou das nove horas da manhã ás seis da tarde, os navios assaltantes foram rechassados pelas baterias sobranceiras ás costas da ilha, da qual era commandante o intrepido Major Antonio de Souza Lima. e pela flotilha brazileira, a cuja frente Oliveira Bottas, só por si, metterá a pique duas barcas.

Em terra, desde que Pedro Labatut organizára o



exercito pacificador, succederam-se diversos combates. Merece especial menção primeiramente o de 8 de Novembro de 1822, que se concentrou no ponto do Cabrito, a pouca distancia de Pirajá. Uma legião portugueza de 1600 homens, augmentada de uma companhia de voluntarios, depois de cinco horas de incessante fogo, avançando acceleradamente, tentou cortar a rectaguarda ás forças brasileiras que occupavam aquelle ponto, sobre as quaes carregaram em columna cerrada. O destroço total destas forças parecia imminente. Para evital-o, o Major José de Barros Falcão que as dirigia, mandou tocar á retirada. Mas, o corneta, de nome Luiz Lopes, a quem cabia dar o signal ordenado, invertendo-o, de proposito ou não, toca a avançar e, em seguida, toca a degolar, com um clarim de que usava para os toques da ordenança de caçadores. Enganados assim, cuidam os contrarios que a nossa tropa havia recebido cavallaria de reforço, e são elles que em desordem se retiram, deixando a victoria aos nossos. Infelizmente, cahiram mortos no campo da batalha os valentes officiaes bahianos Capitão Cypriano Justino de Siqueira e Alferes Pedro Jacome Doria.

Noutro combate, a 29 de Dezembro, quando o General Madeira de Mello e as autoridades civis acabavam de jurar na capital, com toda a pompa e solemnidade, a Constituição havia pouco votada pelas Côrtes de Portugal, o General Pedro Labatut incommodou seriamente o exercito portuguez, atacando-o nas suas linhas defensivas e mettendo-o entre dois fogos.

A 15 de Fevereiro do anno seguinte, as nossas forças, em audaciosa sortida, ainda se mediram com as lusitanas, cujas trincheiras se tinham triplicado.

Em principio de Maio desse mesmo anno surgiu á barra da Bahia a esquadra brasileira, pelo governo imperial aprestada e entregue ao commando do Almirante Lord Cochrane, que se assignalára na guerra da independencia do Chile e do Perú. Apoiado nesta esquadra, Pedro Labatut, a 3 do referido mez, dirigiu uma acção geral contra o exercito inimigo e lhe inflingiu completa derrota. O susto que teve então Madeira de Mello foi tal que, depois de mostrar-se com vistoso estado-maior no theatro das operações, fugiu tão desas-



tradamente que cahiu do cavallo e perdeu o chapéu armado.

A 3 de Junho, deu-se outra acção geral contra os entrincheiramentos lusitanos. Ella, porém, foi dirigida pelo Coronel José Joaquim de Lima e Silva, o qual substituiu no commando em chefe do exercito pacificador ao General Pedro Labatut, poucos dias antes preso e demittido, com tanta injustiça quanta ingratição. Este combate, ainda coroadado com a victoria das nossas armas, foi o ultimo que se feriu durante a guerra da independencia na Bahia.

Depois d'elle, a junta administrativa, obediente ao governo da metropole, reunida com a vereação, debalde tentou propor medidas adequadas á continuação da lucta.

Na capital, desde muito sitiada e bloqueiada, era angustiosa a posição do inimigo, que estava reduzido ao extremo da fome.

Assim que, no silencio da madrugada do dia 2 de Julho de 1823, o General Madeira de Mello, com o seu exercito, além de muitas familias, abandonando aquella capital, partiram para Lisbôa, nos navios da esquadra portugueza e noutros mercantes. A todos deram caça e fizeram abundante prezas a capitanea e mais vasos da nossa esquadra, ousando o commndante de um d'estes, Capitão João Taylor, levar a perseguição até á foz do Tejo.

D'ahi a poucas horas entrava o exercito brasileiro triumphantemente na cidade da Bahia, onde pela primeira vez tremulava a bandeira imperial. Através de arcos, entrelaçados de viçosas folhas, ao estrepito de reiterados vivas, repiques de sino e salvas de alegria das fortalezas, desfilavam os nossos batalhões pelas ruas. Sobre elles, a cada passo, choviam flores, atiradas das janellas das casas, por centenares de senhoras, que trajavam as cores symbolicas, verde e amarello. Possuidas de piedoso jubilo, por seu turno, as freiras do convento apparecendo ás portas do claustro, tambem os cobriam de flores, e lhes offertaram significativas grinaldas, tecidas com ramos de cafeseiro.

Entretanto, a junta que, nomeada por D. Pedro, ao terminar a guerra, substituiu ao conselho interino do governo, e do qual fez parte ainda como presidente



Francisco Elesbão Pires de Carvalho e Albuquerque, e como secretario Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos, tendo-se empossado na Cachoeira, se transferiu para a Capital. Dentro de pouco, a festiva aclamação do Imperador, em sessão da camara municipal desta cidade, asselou a independencia na provincia da Bahia.

Além das congratulações officiaes de D. Pedro I e das mercês honorificas por elle concedidas não só aos corpos do exercito pacificador, como ainda a todos os officiaes e praças que os compuzeram, os feitos dos bahianos foram particularmente celebrados, perante a nossa primeira assembléa constituinte, nas seguintes palavras insertas num projecto de proclamação lido áquelle mallogrado parlamento:

“Louvores sejam dados aos briosos habitantes da Bahia, que em porfiosa lucta, apesar dos maiores sacrificios, e com soccorro das valorosas tropas das leaes provincias que os auxiliaram, souberam dignamente ostentar o seu patriotismo, defender a honra das suas pousadas e vencer com o mais denodado heroismo a pertinaz resistencia do vandalismo lusitano.”

As tres provincias, porém, que ainda se debatiam sob o jugo de Portugal, , delle brevemente se libertaram. Tendo descoberto, quando acossavam os navios da fugitiva esquadra que pretendiam alguns ir em auxilio á praça de S. Luiz do Maranhão, Lord Cochrane demandou na sua não o porto daquelle cidade, e alli, depois de ardilosa ameaça de immediato bloqueio, induziu os membros mesmos do governo a proclamarem a independencia. Ella, pouco tempo depois, igualmente se jurou na cidade de Belém do Pará, graças ao estratagema pelo qual o capitão-tenente Greenfell, commissario do almirante inglez, fizera acreditar na presença de temivel força naval. Finalmente no mez de Novembro, o general D. Alvaro da Costa, com a sua divisão, evacuou a cidade de Montevideu e navegou para o seu paiz.

Estava assim consummada a independencia do Brazil, para a qual cooperou gloriosamente, como se viu, a provincia da Bahia.



# Dois de Julho

UMA HEROINA DA EPOPEIA

## Maria Quiteria de Jesus Medeiros

Foi na Bahia onde a guerra da Independencia se travou primeiro e mais cruenta. O Grito do Ypiranga—Independencia ou Morte—foi precedido pelo brado de Cachoeira—Independencia ou morrer—, repêtido na cantilena patriótica:

Acalenta-te, oh menino,  
Dorme já, para crescer;  
O Brasil precisa filhos;  
Independencia ou morrer!

Desde Junho de 1822 combatia-se na provincia da Bahia: formavam-se batalhões patrióticos, juntavam-se clementos, apercebiam-se os bahianos para a lucta que se havia de prolongar até 2 de Julho de 1823.

E quando o estudioso da nossa historia volve olhos aos tempos heroicos da libertação, divisa o patriotismo immaculado da mulher bahiana, ora enviando por Manoel Innocencio Pires Camargo á Princesa Leopoldina, depois Imperatriz do Brasil, as suas joias para auxiliar a despesas oriundas da guerra, ora surgindo em meio dos soldados, empunhando tambem uma carabina e uma espada, na defesa do sagrado ideal da Independencia.

A mais gloriosa de todas foi Maria Quiteria de Jesus Medeiros: violentando o destino sublime e pacifico do seu sexo, ao influxo de injuncções superiores da vida, inspirada por ideaes alevantados, abandona o ninho do seu honrado lar e, qual Judith renascida, brande a arma libertadora de



sua patria. Immortalizou-se pelo heroismo: por isso mesmo o seu nome está sempre presente na justa retentiva dos posterios e merece relembrado, com a uncção do nosso agradecimento, nos dias proximos de mais um anniversario da maior gloria da Bahia.

\* \* \*

Maria de Jesus nasceu no interior da Bahia, numa fazenda do actual districto de S. José de Itapororocas, á margem do rio Peixe, tributario do Jacuhype, o maior affluente da esquerda do Paraguassú: terras que naquelles tempos pertenciam aos famosos *Campos de Cachoeira* e hoje ao prospero municipio da Feira de Sant'Anna. Seus progenitores eram portuguezes: em 1822 já era fallecida sua mãe e o seu pae, Gonçalves de Almeida, casado então em segundas nupcias, creava gado e cultivava algodão nos ubertosos terrenos de S. José. Parece que era abastado: do gado não lhe sabia a conta e do algodão, nos annos bons, tirava 400 arrobas, que valiam de 4 a 5 mil réis. Possuia 26 escravos empregados no pastoreio das animaes e no amanho das terras.

Estas informações colhemos no livro de Maria Graham, ingleza que viveu alguns annos na Côrte e em 1824 publicou o seu *Journal of a voyage to Brazil and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, (London, 1824).

Visitada por Maria de Jesus no dia 29 de Agosto de 1823, a escriptora ingleza, assim inicia o diario desse dia: "Visitou-me hoje Dona Maria de Jesus, a moça que ultimamente se distinguio na guerra do Reconcavo. Seus trajes são os de um soldado dos batalhões do Imperador, accrescidos de uma especie de avental curto, de lã, que ella me disse haver copiado de uma gravura representando um *high lander* porque bem se adaptava a um traje militar feminino"... "As feições de Maria, especialmente olhos e testa, apresentam accentuados traços indigenas".

"D. Maria narrou-me diversas particularidades relativas ao paiz e ás suas proprias aventuras".

\* \* \*

Os acontecimentos de Fevereiro e Junho de 1822, nesta Cidade e em Cachoeira, determinaram a criação de um Conselho interino de Governo, definitivamente fundado aos





*Maria Quiteria*

6 de Setembro na então villa da Cachoeira, sob a presidencia de Francisco Elesbão Pires de Carvalho, depois Barão.



de Jaguaripe, secretariado pelo insigne Francisco Gê Acayaba Montezuma.

Este Conselho tomou a providencia de enviar emissarios por todos os quadrantes afim de obter adhesões e milicianos voluntarios para engrossar as tropas libertadoras, cujas companhias se formavam nas villas de Cachoeira, Santo Amaro, S. Francisco, em Itaparica, etc. Um delles pernitoitou em casa de Gonçalves de Almeida, na fazenda do rio do Peixe. Segundo narrativa da heroína Maria Graham, o velho coleno convidou-o para a mesa e após a refeição confabularam sobre o motivo da viagem, figurando o emissario a grandeza e a riqueza do Brasil, e a felicidade que poderiam alcançar com a independencia, insistindo sobre a longa e oppressiva tyrannia de Portugal e a covardia em se submeterem ao governo de paiz tão pobre e degradado.

Seu pae, disse ainda Maria de Jesus, "não era accessivel ao enthusiasmo: velho, não poderia juntar-se ás forças imperiaes, nem tinha filho que dêsse; quanto a fornecer um escravo, que interesse poderia ter um escravo em lutar pela independencia do Brasil? Esperaria, pois, com paciencia o resultado da guerra e seria um pacato subdito do vencedor".

Ella não, que assim falou ao emissario—"eu sinto o coração arder no meu peito.

Refere-nos Joaquim Norberto de Souza Silva, em seu precioso livro *Brasileiras Celebres*, que a joven camponeza ao ouvir as palavras do seu pae dissera immediatamente: "E' verdade que não tendes um filho, meu pae, mas lembrae-vos que as Bahianas do Reconcavo manejam as armas de fogo, e o exercicio da caça não é mais nobre do que a causa da Patria. Tenho o coração abrasado; deixae-me ir disfarçada empunhar as armas em tão justa guerra".

—"As mulheres, respondeu o velho, fiam, tecem e bordam, e não vão á guerra".

Retirando-se o emissario, Maria Quiteria dirigiu-se á casa de sua irmã casada, que morava perto, narrando-lhe o succedido, dizendo-lhe que "sentia não ser homem para juntar-se aos patriotas". Ao que respondeu a irmã "se eu não tivesse marido e filhos, por metade do que estás a dizer, corria a alistar-me nas fileiras do Imperador".

E M. Graham nos informa: Maria tomou algumas roupas do cunhado e equipou-se; e como o pae estava de viagem para Cachoeira, afim de vender algodão, resolveu



aproveitar a oportunidade e acompanhá-lo—perto o sufficiente para recorrer a elle em caso de perigo, e longe o sufficiente para não ser pillhada”. “A’s portas de Cachoeira parou; embrenhou-se no matto, vestiu-se de homem, e entrou na cidade, numa sexta-feira”.

Apresentando-se á autoridade competente, demonstrou a sua capacidade no manejo das armas e no domingo seguinte assentava praça no regimento de artilharia, passando-se depois de alguns dias para a infantaria por ser muito pesado o serviço do primeiro.

Em fins de 1822 figurava D. Maria Quiteria de Jesus Medeiros entre os soldados do batalhão de caçadores, denominado Voluntarios do Principe D. Pedro, que havia sido organizado pelo bravo major José Antonio da Silva Castro e fôra depois incorporado á briosa Primeira Divisão da Direita, commandada pelo Tenente Coronel José de Barros Falcão de Lacerda—E’ este mesmo batalhão que mais tarde toma o nome de Periquitos, por serem de côr verde as golas e os canhões das fardas das suas praças; foi o mesmo corpo que causou as scenas luctuosas de 1824 nesta cidade.

O disfarce da abnegada sertaneja foi logo revelado: foram infructiferos os esforços de seu pae para retirá-la das fileiras. Começa em breve trecho a sua vida de heroína relembrada por quantos já escreveram a respeito da pugna memoravel. Desde os primeiros recontros se mostrou qual veterana habituada aos fragores das batalhas. Entrou nas mais arduas pelejas, fazendo prodigios de valor, diz-nos o Barão de Loreto em sua *Historia da Independencia*.

O primeiro rasgo de sua audaciosa valentia foi a empreza temeraria da defesa da foz do Paraguassú, quando alli tentavam desembarcar soldados de Madeira de Mello: capitaneando um grupo de outras mulheres heroicas, que combateram com agua até os seios, electriza os soldados do denodado official Victor José Topazio, encarregado da defensão da barra do grande rio.

De seu heroismo nesse recontro fala o commandante, em parte official, e a musa epica de Ladislau dos Santos Titara, vate soldado da guerra da Bahia, consagra-o em estrophes immortaes:

.....Por fim investem  
A do Paraguassú foz, em que o Victor,  
Valente defensor, vigia activo



As tretas abrogar-lhes. Mas reteimam  
 Aqui as hostis proas; porém forte  
 Barreira oppõe-lhes os patricios peitos  
 E armigeras bahianas, que, terriveis.  
 Do fragil sexo deslembrando o mimo,  
 Os aguardam na praia, iras nutrindo.  
 Tu, destemida Penthesilea heroica,  
 Tinta de iras, rancor e toda fogo,  
 Mais e mais n'alma d'ellas sopras flammias—  
 E, exemplar conductora, a todas bradas:  
 “—Jurae de coração, oh feliz sexo,  
 “(Deus em vão não chameis!) jurae commigo  
 “Justas penas tomar da raça iniqua,  
 “Que, o recinto da paz violar ousando,  
 “A' vil sanha immolarão vestal pia:  
 “E, entre pilhar infame, á patria ultraje,  
 “Massacrando feroces, roubar tentão  
 “Joias, que a vida de mais alta estima!  
 “Como, oh como vereis dos brutaes gumes  
 “Pendente espedregar, morrer a prole;  
 “Roto o peito, morrer o pae querido,  
 “Morrer o esposo terno e o terno amante?  
 “Como, guerreiras! Ah! võe-se as aguas!...  
 Cessaste; mais que todas pressurosa  
 Té nas ondas, que o seio alvo te afogam,  
 Penetras guerreando, e dos pelouros  
 Não te acurvam relampo e tempestade  
 Oh fervida amazona, quem primeiro,  
 Quem derradeiro ao Orco lançarias,  
 Mil chaviraços disparando a frouxo?  
 Já mastros mordem os rompídos lúos,  
 Outros sumir-se e as vidas vão no pego,  
 E as Bahianas d'aqui realça a gloria.  
 Renegado o inimigo abrindo as velas  
 Cedem a palma e o passo, e vão em gyro  
 Sítios outros tentando; mas em todos  
 Caloroso sofrea-os patrio brio,  
 Que em patrio peito, liberdade geras.

Por ordem de 31 de Março de 1823 mandou o Conselho Interino do Governo da Provincia entregar a D. Maria de Jesus, já então cadête, uma espada e o seus accessorios. Acompanhando o seu batalhão até os campos de Pi-



rajá, em combates travados para os lados da Conceição e Itapoan, em Fevereiro de 1823, Maria Quiteria é citada, em partes officiaes, como tendo atacado uma trincheira inimiga, tomando-a, e fazendo ella mesma 2 prisioneiros, que recolhera ao acampamento brasileiro.

E dos seus assentamentos constam varios elogios dos Commandantes das tropas, de Labatut a Lima e Silva: este, em Officio de 24 de Julho de 1823, affirmava que “D. Maria Quiteria havia entrado tres vezes em combate” e “em toda a campanha se distinguira por indizivel valor e intrepidez”.

E a voz dos coetaneos repetia sempre que nos campos de batalha, ao resoar dos primeiros canglores do clarim guerreiro, em frente ás sinas do inimigo, ninguem mais impavido, sereno e abnegado na conquista da liberdade de sua Bahia.

Franklin Doria, barão de Lorêto, insigne poeta e litterato bahiano, operoso Ministro da Guerra em 1881, em seu livro—Enlevos—depois de recordar o admiravel patriotismo da ousada sertaneja, dedicou-lhe os seguintes inspirados versos:

### A' HEROINA

Vede-a tão joven, coração virgineo,  
O amor da Patria vehemente o alaga:  
Ella agora só cuida no exterminio  
Dos que tomaram-lhe a risonha plaga.

Deixa de parte fascinantes galas;  
Os doces seios lhe comprime a farda:  
E, perfilada ante as imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.

Nasceu, criou-se no sertão adusto,  
A duros transes, a brincar se affez,  
Callejou no lavor braço robusto;  
Ao sol expoz-se que tisnou-lhe a téz.

Um dia soube de infernaes cabalas;  
Guerra! exclamaram; a partir não tarda:  
E, perfilada ante imigas alas,  
Não sabe trepidar, não se acobarda.



A's intemperies abandona a roça,  
 Onde verdeja o arrozal formoso :  
 A porta fecha da rasteira choça,  
 E diz adeus ao sabiá queixoso.

Longe inda excuta-lhe as saudosas fallas ;  
 Mas segue, sobre o hombro uma espingarda ;  
 E, perfilada ante as imigas alas,  
 Não sabe trepidar, não se acobarda.

Tem no semblante varonil reflexo ;  
 Tem nos seus olhos faiscar de féra ;  
 Santo respeito lhe grangeia o sexo,  
 Sua bravura mil espantos gera.

Suas proezas não sei eu contal-as,  
 Por mais que o labio por contal-as arda.  
 E, perfilada ante as imigas alas,  
 Não sabe trepidar, não se acobarda.

Não era mais a tabaroa amavel,  
 Cheia de graças, cheia de ademães ;  
 Era a amazona a executar notavel  
 As "vozes" dos valentes capitães.

Por sobre os hombros lhe zuniam balas,  
 Que vomitava a colossal bombardar :  
 E, perfilada ante as imigas alas,  
 Não sabe trepidar, não se acobarda.

Firme no posto, viu pender ferido  
 Mais de um valente que animava a Gloria.  
 Emfim, o estranho foi por nós vencido,  
 E ella partilha de immortal victoria.

Roça e cabana vae de novo armal-as,  
 Mas nunca despe a agaloada farda :  
 E já desfeitas as imigas alas  
 Não sabe trepidar, não se acobarda.

---

Alvaro Reis canta-lhe o valor na segunda estrophe do soneto—Ao Sol das Batalhas—do seu bello livro Patria (Bahia 1914, Pag. 29).



Joven, electrizando os homens, sempre ao lado  
 Das bandeiras se via, entre o fumo e o fragor  
 Das carretas, viril, o vulto delicado  
 De Maria Quiteria, incitando o valor!

Quando a 2 de Julho de 1823 entrou nesta leal e valorosa Cidade do Salvador o Exército Pacificador, nome que lhe appuzera o glorioso Labatut, Maria de Jesus, marchando com o seu batalhão, fazia parte da Brigada que, de Pirajá se dirigiu ao Terreiro de Jesus, pela estrada das Boiadas, Lapinha, Soledade e Barbalho. Estava ao lado do General Lima e Silva, então commandante de todo o exercito, quando com os seus officiaes, foi agradecer nas portas do claustro da Soledade a saudação que lhe fizeram as ferirras do mesmo Convento pela palavra do padre vigario e capellão interino das religiosas Antonio José Gonçalves de Figueiredo.

Narra um testemunho do mais glorioso dia da nossa Historia que as religiosas collocaram na frente de Maria Quiteria uma grinalda entrançada de flôres verdes e floridas do cafeseiro.

Terminada a campanha, a heroína embarcou para o Rio de Janeiro: desejava ser um dos portadores da gratissima nova da restauração da Bahia. A sua presença na Côrte causou grande successo: o seu curioso uniforme militar, calça, saiote de lã, fardila, kepi e espada, e o distinctivo dos Voluntários do Principe, e a fama que de logo se espalhou de sua coragem e de seus feitos, tudo isso, attrahia a attenção dos habitantes da Capital do Imperio.

Recebeu-a em audiencia especial o joven Imperador, que, sabedor do vulto de suas proezas, mais realçadas pela honestidade exemplar e virtudes muito puras, colloca em seu peito a insignia dos Cavalheiros da Imperial Ordem do Cruzeiro, dizendo-lhe as seguintes palavras: "Concedo-vos a permissão de usar esta insignia como um distinctivo, que assignale os serviços militares que, com denodo raro entre as mais do vosso sexo, prestastes á causa da independencia do imperio, na porfiosa restauração da Bahia".

Fez-lhe ainda mercê da graça constante do seguinte Decreto, que transcrevemos das Memorias Historicas e Politicas de Ignacio Accioli—Tomo II—Pag. 177:

"Fazendo constar na minha imperial presença o Commandante em Chefe do Exército Pacificador da Bahia, o



decidido valor, denodo e intrepidez com que Maria Quiteria de Jesus, natural daquella provincia, se alistara nas fileiras do exercito, para debellar os inimigos da Patria, e se distinguira em occasiões as mais arriscadas de combate, em que sempre se portara heroicamente; e por quanto feitos taes merecerão um lugar distincto na minha imperial consideração; hei por bem de conceder á referida Maria Quiteria de Jesus o soldo de alferes de linha, pago na sua respectiva provincia.

Manoel Jacintho Nogueira da Gama, do meo conselho d'estado, ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, e presidente do thesouro publico, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necassarios. Paço, em 20 de Agosto de 1823. 2.<sup>o</sup> da independencia e do imperio. Com rubrica de S. M. I, *João Vieira de Carvalho*".

\* \* \*

Foi nesse tempo que a conheceu a escriptora ingleza Maria Graham, de quem já citamos trechos, e que ainda accrescenta a respeito da celebrada heroína: "Maria de Jesus é illetrada, mas viva. Tem a intelligencia clara e a percepção aguda. Penso que, se a educassem, viria a ser uma personalidade notavel. Nada se nota de masculino nos seus modos, antes os possue gentis e amaveis. Não contrahiui nenhum habito grosseiro ou vulgar durante a vida de acampamento, não se apontando nada que lhe desabone a honestidade".

"Nada notei de peculiar no seu procedimento á mesa, a não ser que come ovos ao almoço e peixe, ao jantar, com farinha e nunca com pão; e que fuma um cigarro após cada refeição. No mais, muito moderada".

Foi no livro citado de M. Graham que encontramos o retrato de Maria de Jesus, mandado gravar especialmente pela illustre escriptora: reproducção do mesmo são todos os que apparecem em livros brasileiros e o que, em ampliação photographica, foi inaugurado no dia 2 de Julho deste anno, no Pavilhão dos Caboclos, pelo Instituto Geographico e Historico da Bahia e patriotica offerenda do Centro Operario desta Cidade.

\* \* \*

Joaquim Norberto, um dos grandes estudiosos da nossa

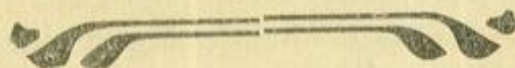


historia e cujos trabalhos tanto opulentam as paginas da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, depois de realçar o valor guerreiro de Maria Quitéria, diz:

“Já quasi que todos os heróes dormem no seu leito de gloria, entre os tropheus em que nascera o imperio americano. Que a Patria, reconhecida, jamais se esqueça de seus nomes, e que, ao repetil-os, rememore tambem algumas vezes o nome da mulher guerreira, que combateu pela sua liberdade, o nome de Dona Maria de Medeiros. Porque não soará tambem elle entre os hymnos e as ovações de 2 de Julho? Porque a nossa historia, muda para ella, não lhe consagrará tambem uma de suas brilhantes paginas?”

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, promoveu, 97 annos depois dos feitos sublimados da nossa compatricia sertaneja, uma homenagem modesta: inaugurou o seu retrato no Pavilhão 2 de Julho, onde se guardam os queridos symbolos da emancipação da Bahia, distribuindo ao povo, no dia 2 de Julho do corrente anno, em meio das festas pomposas que o solemnizaram, dois mil exemplares da effigie da heroína bahiana. Fazendo-o, tributou-lhe devido preito de gratidão; porque, de feito, o seu nome é digno de figurar no Pantheon da Patria, entre os applausos da Historia e a veneração dos posteros.

Prof. BERNARDINO DE SOUZA





# O VALOR DAS TRADIÇÕES

Meu illustre Secretario Perpetuo.

Pedi-me o digno amigo a realização de uma palestra ou conferencia, no Instituto, sobre o *Valor das tradições*; essa palestra seria a modesta despedida que eu houvesse de fazer á gloriosa terra de que somos igualmente filhos.

Por infelicidade nossa, a desejada palestra não se realizará. Com isso perdem apenas a sua iniciativa e o meu desejo em servil-a, e lucram os homens cultos pelo insipido quarto d'hora que eu lhes reservaria, com o meu arrependido.

Demais disto, meu illustre amigo, que prazer poderíamos nós ter, neste momento, em falar de valor das tradições, quando, de toda parte, o chamado espirito novo, de intelligencia ou de cultura, se rebella contra ellas, por consideral-as incompativeis com a civilização, e fonte do ridiculo para a nossa evolução, ás vespervas do primeiro centenario da independencia nacional?

De visita á cidade do meu berço, donde lhe escrevo, eu tive, hontem, uma indisivel amargura. Existe ali, ás portas da radiante terra dos poetas e dos tribunos, dos fidalgos de sangue e dos homens de Estado, uma ruina veneranda: a derruida e escombrada igreja do Partido, perpetuada nos versos de João de Britto. Ha tempos, quando aqui estive, ainda se erguiam, negras, esborcinadas, mas erectas e firmes, no seu amago de pedra, as duas esguias torres do templo esboroado. Pois agora que o torno a ver, cingindo-o da luminosidade que a saudade empresta ás cousas queridas, doe-me o verificar que uma das velhas torres desabou tambem... Como a igrejainha do Partido, em minha terra, são, meu caro amigo, as nossas tradições... Dellas, uma aqui, outra acolá, todas se nos vão indo nesse turbilhão da irreverencia que fala em nome do progresso humano...

Mas, esse odio ao passado? Pois já o immenso espi-



rito de Gustavo Le Bon não assignalou a grande verdade de que o passado é immortal, por isso que se não destróe?

Em 1916, quando das estupendas festas centenarias argentinas, surprehendeu-me, destacando, pelas suas côres violentas e longos penachos aggressivos, da harmonia geral dos uniformes do soberbo exercito de parada, um regimento de soldados a cavallo, á cuja apparição a multidão frenetica atroava as avenidas com o clamor de suas ovações. Ao meu lado, enternecido até as lagrimas, um illustre argentino me explicou:—aquelle regimento trajava á maneira da velha guarda de San Martin, e ali se concentrava a elite das armas do paiz irmão!

Era o valor das tradições... Mas, aqui, a idéa de se crear um regimento de escol, trajando á maneira dos dragões do primeiro imperador, caiu fragorosamente com o projecto que Gustavo Barroso apresentára...

Era a Bahia uma terra por assim dizer sonóra de tradições. De cada recanto da urbs como que irrompe aos ouvidos dos que aprendem a historia, uma harmonia mysteriosa, uma voz desse passado immortal. Quem as apanhou, já, para as ensinar ás multidões? Quantos saberão, aqui, que nesse alto de São Bento, por onde cruzam os autos da civilização, corriam os muros da cidade, e que ahi se feriu um dos mais rudes encontros entre os batavos desembarcados nas enseadas da Barra e os portuguezes que bravamente defendiam a terra prestes a cahir sob as aguias da Hollanda?

E quem lhes terá avisado de que, naquella baixada distendida entre Cabrito e o Tanque da Conceição, dormem centenas de nossos avós, tombados em combates com o invasor?

Tudo, aqui, é tradição, e tradição brillantissima; tudo, porém, se vae, se escombra, se apaga, óra sob o alvião das remodelações, como a igreja da Ajuda, onde pregára Vieira, óra sob a critica impiedosa e implacavel.

Pois não era dever do Estado transformar em sitios destinados ao culto civico a casa onde nasceu Castro Alves, em monumento escolar o berço de Ruy Barbosa, marcar com um bronze o ponto do Campo da Polvora onde a tyrannia fuzilou o Padre Roma, apontar ao culto publico o ninho onde se emplumou a aguia do Direito que foi Teixeira de Freitas, e reunir, arrumar, empilhar, no ponto culminante da cidade, como o mais natural e mais imponente dos



monumentos commemorativos da independencia, esses feios canhões abandonados que dormem nas areias de Itaparica, nos velhos fortins que nos asseguraram a nacionalidade?

Se as tradições valem, se ainda não pereceu, aqui, a chamma bemfazeja de seu culto, o Instituto Historico, piedoso restructor dessas ruinas, saia a peregrinar por essas praias e encostas, recolha toda essa preclara artilharia, e a exhiba para lição do presente, e do futuro, sobre os alcantis de algum penhasco erigido pela mão de estatuario, symbolizando, elles, a ilha gloriosa que tanto pelejou e soffreu pela causa da Patria. Mas, não durma sobre esses louros o Instituto, se lograr a realização do esboçado monumento, sobre o qual se plantaria, moldada em bronze como a que figura no de Floriano, a bandeira nacional, a bandeira do imperio, grandiloqua testemunha dos feitos que elle commemore.

Não durma, porque a onda da idéa nova ahi está eschoando sobre as nossas mais puras tradições, e agora mesmo escabuja aos flancos do mosteiro de Olinda, aquelle extraordinario alfóbre das tradições brasileiras. Eu li, ha poucos dias, uma pagina do jornalista Henrique Cancio.

Contra o que se insurgia elle?... Contra o caboclo como symbolização da Patria brasileira... E, como remate á sua idéa, propunha que se derribasse o caboclo da columna do Campo Grande para erguer sobre ella o vulto de José Bonifacio.

Não nego ao incomparavel santista o direito a um monumento; direito a um monumento pelo seu papel, pela sua obra, na organização da patria, esse direito elle o tem em cada nesga do nosso territorio. Mas eu me insurjo contra ambas as idéas do meu festejado antagonista: nem derrubemos o caboclo, nem, caso o derribassemos, deveriamos buscar José Bonifacio para encimar a columna de 2 de Julho.

Sejamos brasileiros em todos os nosso actos e pensamentos; mas, em verdade, não nos esqueçamos dessa extraordinaria Bahia, tão grande quanto infortunada! O monumento do Parque Duque de Caxias é um monumento aos heróes bahianos da independencia; é nesses heróes que ali se cultúa a geração dos heróes nacionaes que fizeram a independencia. Ora, José Bonifacio é, sem duvida, o vulto maximo, dentre os homens que se exhibiram nessa época memoravel; mas, se a Bahia tivesse de symbolizar a inde-



pendencia num homem, não teria ella vultos seus, ou que se fizeram immortaes guiando as suas hostes, para os elevar e os consagrar no marmore ou no bronze?

Porque, entretanto, repellir o caboclo como symbolo da patria?

Que patria será essa a que a geração autora dessa homenagem pretendeu symbolizar?

A das avenidas, dos jardins suspensos, da irreverencia e dos attentados contra o direito e contra a lei?... Ah, posso affirmar que não. A patria que o caboclo encarna, do alto da sua esplendida column, é a patria nas suas forças naturaes, nas suas energias nativistas, a patria moça, alegre, sadia, generosa, immaculada, que deixava cantando o pudôr das selvas tropicaes e entrava d'armas em riste nas batalhas para se libertar do jugo dalém-mar. Esta patria, meu amigo, fica bem no symbolo que lhe deram. Não ha porque nos envergonharmos do caboclo. Que culpa teve elle de não vir a civilização despertal-o mais cedo para a luz do progresso universal?

E que culpa seria a delle por tel-o a raça invasora, senhora de elementos maiores de destruição, trucidado e renegado de seu convivio, assim senhoreára a terra cubiçada?

Caboclo brasileiro, ahi o teem os que o flagellam sem piedade:—leal, da lealdade mais para louvar; forte, como eram fortes os troncos de seus jequitibás; altivo na guerra de suas tribus como é altivo o caule das palmeiras das nossas mattas virgens; valente e intrepido como foi Potyguara. Conforme a sua crença no valor de cada qual, pelejaram os cabôclos, aqui, com os portuguezes contra os invasores, os cabôclos, aqui, com os portuguezes, na extrema do nordeste alliados aos hollandeses: em todos os recontros, firmes, denodados, masculos, bravissimos. Que melhor symbolo para essa patria que despertou com a puberdade, e, sentindo-se varonilizada, deu o braço ás armas, até expugnar o estrangeiro?

Assim pudesse o mundo, debruçado sobre as collinas bahianas, ver o povo a cantar seus hymnos civicos no sopé do monumento sobre o qual se altana o vulto do cabôclo, ferindo com a flexa do nativismo fecundo a tyrannia que tomba para sempre; e, relanceando o olhar em derredor, sentisse, como Dicey escreveu da Inglaterra, o ambiente impregnado de liberdade; e encontrasse, varando os ceos



do nosso incomparavel azul, as flexas dos verdadeiros monumentos que os povos levantam ao progresso, torres de universidades, chaminés de fabricas; e escutando, subindo de todas as suas casas, da choça humilde ao paço da abundância, o mesmo cantico axaltado e communicativo, perguntasse:—Que significa elle?... E de todas as boccas satisfeitas irrompesse essa resposta unica:—

—Este canto é o canto da felicidade humana. Aqui não se conhecem as revoltas das multidões, os odios de classes, as lutas de partidos, as recriminações e os doestos, porque aqui é a terra do trabalho, da ordem e da lei. Tudo, neste ambiente doirado pelas radiações do sol, respira o halito divino da justiça. O amor guia, conduz as almas. A transparencia do ambiente que nos cerca é menos luminosa que a do nosso ideal”.

E não escutasse, sobre os destroços do cabôclo derribado, a voz de agonia que sóbe de todas as gargantas como um triste prenuncio de desmoronamento e da morte!

Muito obrigado, meu illustre confrade, pela sua idéa e pela inalteravel confiança do Instituto. Muito obrigado. Muitissimo obrigado.

Santo Amaro, 24 de Julho de 1920.

LEMOs BRITTO.





## Traços biographicos do Cons. Manoel Vieira Tosta, Marquês de Muritiba

Nasceu na então Villa de Cachoeira, n'este Estado, a 12 de Julho de 1807. Foram seus progenitores o abastado Sr. de engenho Manoel Vieira Tosta e D. Joanna Maria da Nactividade.

Curso humanidades na Villa Natal, e em 1824 seguiu a estudar direito na Universidade de Coimbra.

Ali, tendo pegado em armas com outros brasileiros, entre os quaes o Visconde do Uruguay, foi riscado da lista dos estudantes, quando concluiu o 4.º anno, emigrando depois para a França, onde seguiu o curso de Economia Politica.

Voltando ao Brasil, ao serem creados os cursos juridicos de S. Paulo e Olinda, matriculou-se no 5.º anno e, obtendo um dos premios então existentes, formou-se em 1831.

Foi então nomeado Juiz de Cabo Frio e Macahé (1832) e depois, successivamente, Juiz de uma das varas civeis da Côrte e logo da comarca de Cachoeira, onde prestou relevantes serviços, combatendo a propagação da revolta conhecida pelo nome de Sabinada.

Conсорciou-se a 7 de Dezembro de 1836 com D. Izabel Pereira de Oliveira, filha do capitalista José Antonio Ribeiro de Oliveira, de cujo enlace teve varios filhos, quasi todos fallecidos, existindo apenas um, que é o Dezembargador Manoel Vieira Tosta (Barão de Muritiba), residente em Paris.

Eleito deputado provincial, depois do Acto Addicional, foi, em 1838, eleito deputado á Assembléa, na qual teve assento em diversas legislaturas, até ser escolhido Senador, em 1851.

Na carreira da magistratura, foi Juiz dos Feitos da Fazenda da Bahia (1842); Dezembargador e Chefe da Policia de Pernambuco (1843); passando depois para a



Relação da Bahia e d'esta para a da Côrte, na qual se aposentou em 1857, com as honras de Ministro do Tribunal Supremo da Justiça.

Foi Presidente da Provincia de Sergipe em 1844 e da de Pernambuco, em 1848 a 1849, tendo por missão debellar a chamada Revolução Praieira, o que levou a effeito, tendo tido que repellir, com o mais brilhante resultado, o ataque de 2 de Fevereiro de 1849, dado pelos rebeldes á capital da alludida Provincia.

Em 1855, como Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, teve que arcar com a epidemia do cholera morbus, prestando n'esta occasião assignalados serviços.

De 1849 a 1852 foi Ministro da Marinha e lhe coube organizar a esquadra em operações contra o tyranno Rosas, que effectuou o brilhante feito d'armas da Passagem de Tonelero (17 de Dezembro de 1851).

Em 1859, foi durante alguns mezes Ministro da Justiça, no gabinete de 12 de Dezembro de 1858, presidido pelo Visconde Abaeté.

Chamado a fazer parte do gabinete Itaborahy (16 de Julho de 1868), como Ministro da Guerra, foi durante a sua administração que terminou a longa campanha do Paraguay, levada ao cabo sob o commando em chefe do Principe Conde D'Eu.

Foi Presidente da Associação Central de Colonização até 1859, e em 1860 foi nomeado membro do Conselho Naval, recentemente creado.

Commendador da Ordem de Christo, em 1841 recebeu Manoel Vieira Tosta, em 1849, pelos serviços prestados em Pernambuco, a dignitaria do Cruzeiro e a Carta de Conselho, sendo tambem agraciado com a commenda da Rosa, pelos beneficios que prestou no Rio Grande do Sul.

Em 1866, foi nomeado Conselheiro de Estado extraordinario, passando a ordinario em 1870.

Creado Barão com grandeza em 1855, foi elevado a Visconde em 1872 e a Marquez, finalmente, em 1888.

Proclamada a Republica, recolheu-se á vida privada, vindo a fallecer em 22 de Fevereiro de 1896, no Rio de Janeiro, onde se acha sepultado.



## BARÃO DE MURITIBA

(TRAÇOS BIOGRAPHICOS)

Nasceu na capital da Bahia, em 14 de Outubro de 1839, sendo seus Paes o Cons. Manoel Vieira Tosta (Marquez de Muritiba) e D. Izabel Pereira de Oliveira.

Começou os seus estudos na cidade onde nasceu, terminando-os no Rio de Janeiro. Formou-se em direito na capital de S. Paulo, em 1860.

Em 1862, foi nomeado Juiz Municipal da 3.<sup>a</sup> Vara da capital de sua Provincia e em 1866 Juiz de Direito da Comarca de S. Miguel, em Santa Catharina e depois Chefe de Policia e Vice-Presidente d'essa Provincia. Em 1871, foi removido para a Comarca de Parahybuna (Juiz de Fóra) em Minas e depois, em 1875, para a de Petropolis, no Rio de Janeiro.

Em 1866, foi nomeado Dezembargador da Relação da Côrte e em 1888 passou a Procurador da Corôa, Soberania e Fazenda Nacional, recebendo por este motivo a Carta de Conselho, em 1889.

Foi nomeado Veador da Imperatriz, em 1868. Consorciou-se em 1869, com D. Maria José Velho de Avellar, filha do Tenente-Coronel Joaquim Ribeiro de Avellar (Visconde de Ubá) e de D. Mariana Velho de Avelar, dama de honra da Imperatriz e da Princeza Imperial. Foi condecorado com a Gran-Cruz da Ordem de S. Gregorio Magno e é dignatario da de Pio IX.

Em 1888, como recompensa aos seus bons serviços, recebeu o titulo de Barão com grandeza.

Proclamada a Republica, em 1889, acompanhou ao exilio a Familia Imperial, a bordo do historico vapor Alagôase, após a morte do Imperador, fixou residencia em Boulogne-sur-Seine (França), onde se acha actualmente.



# A GEOGRAPHIA E O DIREITO

Para estabelecer a relação que expressa o enunciado deste artigo, cingimo-nos ao conceito real do Direito, ao Direito positivo. Assim, fica de parte o conceito philosophico ou Direito natural.

Historicamente o Direito se accommoda ás idéas e sentimentos da época. As instituições juridicas variam com os tempos; mas, apesar das mudanças ou transformações, persiste nellas um modo de ser particular e local, correspondente ao typo de homem criado pelas condições naturaes do lugar em que aquelle vive.

Por isso, a chamada Escola historica carece de base, se não assenta em dados geographicos. Considerados estes, reforçam-se os motivos da animadversão de Savigny e seus discipulos contra a Codificação scientifica.

As necessidades de ordem civil, social e politica não de satisfazer-se mediante as instituições juridicas. Essas necessidades e os meios de satisfaze-las differem, segundo as circumstancias do lugar e criam modos especiaes de vida humana apropriados áquellas.

A vida é distincta entre os homens que habitam os oasis do deserto, as ilhas, costas, planicies, bosques, valles fundos ou valles de alta montanha. Variam as suas necessidades e aptidões; logo não podem ser as mesmas as instituições que as regem.

Assim, diz-se, e com razão, que o direito se forma de baixo para cima. Os de cima, os que representam a autoridade que dita a regra ou lei, têm que inspirar-se no que são e no como são os de baixo. Nestes, no povo, reside o principio do direito positivo e esse principio não é arbitrario. Cria-o o factor geographico.

Esse aspecto geographico do direito obriga a delinear e resolver o problema do Direito regional em face da unidade do direito.

Dentro de uma unidade politica ou nacionalidade, po-



dem existir factos juridicos distinctos, consequencia dos respectivos factos geographicos differentes. A lei, para ser justa, deve afinar-se por elles.

Lei que contradiga o costume ou tradição criada e mantida pelo facto geographico é lei injusta.

Com effeito, o costume, fonte primeira do Direito, é um facto local ou regional. Por sua vez, a Geographia é uma das causas primarias do costume, origem esta das leis que vêm sancionar, immediatamente, o valor do facto geographico.

Em unidades, geographicas politicas, cujo territorio offerece diversidade de formas e relêvo, cujo sólo e cujo ambiente physico têm condições naturaes distinctas para a vida familiar, social e economica, a vida humana, em geral, diversifica-se tambem, e, forçosamente, terão que ser differentes as instituições juridicas.

Devemos adaptar a vida á estrutura e natureza do meio em que vivemos; igualmente, havemos de adaptar o Direito á vida.

O facto geographico, pois, é o factor inicial do facto juridico.

B. BELTRÁNY RÓZPIDE.

(Traduzido do "Boletin de la Real Sociedad Geografica—Tomo XVII—Febrero e Marzo—1920—Madrid)."





# A Ilha dos Frades

A Ilha dos Frades é a maior das que se compõe a Freguezia de Madre de Deos do Boqueirão, está situada, bem como as outras, dentro da bahia, a seis leguas de distancia da Capital da Provincia, tem uma legua de comprimento e meia de largura; é montanhosa e pouco fertil, mesmo nos valles. Do lado do poente e em igual distancia das extremidades, sahe uma lingua de terra de arêa solta, que entra pelo mar, sempre na direcção do poente, a que chamam Cabossú. Esta lingua de terra é corôada por uma serie de pequenos rochedos submarinos, que se descobrem nas marés baixas e formam a ponta que se chama Guarahiuba. O lado do norte é banhado pelas aguas do riacho Tororó que separa o Cabossú da península chamada Itapipuca. Em continuação desta, ha outra península denominada Santo Antonio cuja extremidade fórma a ponta da Quizanga.

O intervallo que fica entre esta ponta e aquella da Guarahiuba é um baixo, todo de arêa, denominado a Passagem, pelo qual se passa a pé enxuto, quando vasa a maré.

Consta por antigas tradições que a Ilha dos Frades se ficou assim chamando, depois que os Tupinambás, que nella habitavam, assassinaram dois Frades que para alli foram mandados, com o fim de catechisal-os.

As fazendas, que existem na Ilha, têm o nome da maior parte dos diversos personagens, que representam nesta Metamorphose.

---

## METAMORPHOSE DE GUARAHUUBA E CABOSSÚ

Coitada de Guarahiuba  
Que Tororó viu morrer;  
É sua mui linda fórma  
Em pedra vae converter!



Lá na curva Bahia, immensa parte  
 Do Brazil, abundante em ouro, em gemmas,  
 Muitas e várias Ilhas collocadas  
 Jazem no salso mar, que as cerca e banha:  
 A todas occupára horda selvagem  
 De Tupys, Camacans, Tupinambás,  
 Mongoyós, Maracás e Tobayaras;  
 Alguns do mesmo sangue e descendentes  
 Dos Tapuyas, que as pontas envenenam  
 Das leves frechas dos curvados arcos;  
 De feios, traçoeiros Botocudos,  
 E de antigos, ferozes Pataxós.

Habitavam naquella, que dos Frades  
 Depois tomou o nome, alguns Caciques,  
 Famosos, entre os outros, porque tinham,  
 Além de mais trophéos, damplas victorias,  
 Melhor plumagem de pintadas aves,  
 Mais anneis de tatús, óssos de paca,  
 Mais dentes de cotia e capivara,  
 Mais pelles de giboia e jararaca.

Soberbo, além dos outros, se ostentava  
 O velho Cabossú, progenitor  
 Da devota Velóza, e linda Oitinga,  
 Do bravo Tororó, d'herculea força,  
 De coragem maior de que a d'Heitor.  
 Na mente tinha o Pae já projectado  
 De unil-o para sempre, em sacro laço  
 A' Quizanga (seu nome luzitano  
 De Mathilde perdeu, perdendo a patria),  
 Qu'inalteraveis fados arrojaram  
 Da culta Europa, em naufragado lenho  
 A's praias da península visinha;  
 Onde acolhida foi pelo Cacique,  
 Que nella dominava e se dizia  
 Alliado fiel de Cabossú.

Essa bella Quizanga, cujas graças  
 Tinham rendido o moço Itapipuca,  
 Por quem já suspirava a linda Oitinga,  
 Amava o Tororó, que indifferente  
 A's seduccões de amor, nos exercicios  
 Da caça e pesca, todo se entregava.

Proximo a Cabossú se descobria  
 Do grão Tapera, a forte habitação,



Que em frente o mar defende  
É d'outro lado, escarpados rochedos:  
Rival daquelles, contra quem nutria  
Antigos odios, já de paes herdados,  
Que intervallos de paz nunca poderam  
Das irritadas almas apagar,  
Guarahiuba por prole apenas tinha,  
Donzella, em verdes annos, a mais bella  
É já por elle, ha muito afiançado  
Ao feliz Itapema, unico filho  
Do rico e poderoso grão Tobá.  
Guarahiúba innocente se entretinha  
Nos dias mais calmosos do verão  
A juntar lindas pennas de tucanos,  
E d'outras aves de avivadas côres,  
De que seus aventaes, ricos toucados  
Fabricava engenhosa; ás manhãs frescas  
Na caça de silvestres animaes  
Passava alegre e livre de cuidados.  
Um dia, perseguindo veloz paca,  
As silvadas montanhas, os rochedos,  
Valles extensos percorreu debalde,  
Té que nas margens frescas de um regato,  
Coberta de suor, parou cançada,  
Tão bella, como a flôr, que rociada  
Dos orvalhos da noite, o sól aquece.  
Apenas da fadiga se restaura,  
Já da mente as funcções desalteradas,  
Desta arte exclama "Oh! se dado me fôra  
"Ter na carreira igual velocidade  
"A' corça brava, ou gamo pernilongo,  
"Minha empreza frustrada, eu não viria  
"Nem d'outra caçadora ironeo riso  
"Teria de soffrer; entre ellas todas  
"O primeiro lugar me competira".  
Calou-se. É logo do embrenhado bosque  
Vê que a si, se approxima alto mancebo  
Gentil, porém tostada a côr do rosto,  
Grosso e negro o cabello, os olhos negros,  
Largas espaduas e nervudos braços.  
Seu nome é Tororó, nome que tinha  
O regato que alli manso corria.  
Dos caçadores rei, por fama nóto,



O tatú mais ligeiro, a veloz paca,  
 Prolongando a carreira, ás mãos afferra.  
 Este, tendo no bosque a mesma paca,  
 A' donzella escapada, as mãos colhido,  
 Aos pés lh'a deposita ufano, ovante,  
 E mais porque das queixas, que lhe ouvira,  
 Empenhado na prêza, assás o julga.  
 Brilhavam da modesta Guarahiuba  
 O gesto, a graça, o meigo olhar e os annos,  
 O virgineo pudor lhe cõra as faces,  
 E o que sente o peito, as faces mostram,  
 Em seu rubro semblante se divisa,  
 Que amor e gratidão c'o pêjo lutam.  
 Entende o Tororó o mudo affecto,  
 Que a donzella em seus olhos lhe exprimia,  
 E posto que de amor lhe falte o uso,  
 Confissão ingenua não exige.  
 "Oh! dia afortunado" (exclama o joven  
 Infeliz, que nos males não previa!)  
 "Que presagio, ou que estrella protectora  
 "Aqui me conduziu, guiou meus passos?  
 "Como co'a mais formosa, a mais honesta  
 "Divinal caçadora, encontrar pude?  
 "E' certo que o Destino invariavel  
 "A risonha ventura aos seus depara",  
 (Essa, com quem brincara, ha já dez annos.  
 Na pueril idade, então conhece!)  
 Qual como o forte Alcides, que encantado  
 Da Lydica rainha, a massa em róca,  
 Esquecido de si, converte louco:  
 Tal o mancebo, a fama já ganhada,  
 O despeito do Pae, ao grão Tapera  
 Os trophéos da victoria... tudo, tudo  
 A donzella amorosa sacrifica.  
 Mas, como se haverão com taes amôres?  
 Como dos Paes vencer antigos odios,  
 E delles alcançar para o consorcio  
 Amiga approvação? Por fim concordam  
 Em celebrar alli, sacra união,  
 Alli permanecer, até que o tempo  
 E paternal amor os conciliem,  
 E o perdão lhes outorguem humilhados!  
 Já tres vezes o sól, a vasta esphera



Com seus raios brilhantes, tem dourado,  
Da mata escura as trevas dissipando,  
Quando erguido mais cedo, o Pae afflicto,  
De tão longo esperar, desesperado,  
O arco toma, e frecha acicalada,  
E arrimado ao cajado, a custo move,  
Para os visinhos bosques, frouxos passos.  
Aqui, a mata explora, alli ao campo  
Por cima dos agrestes arvoredos  
A curta vista lança, e logo pára.  
De terriveis ideias assaltado.  
E de encontrar o filho quasi murcha  
A fallaz esperança já sentindo,  
Ao Céu taes preces levantou tristemente:  
"Oh! Deoses immortaes, a cujo acêno  
"Arrebenta o trovão, estala o raio,  
"É lasca a sucupira a mais robusta  
"Vós, que o véu do futuro impenetravel  
"Poderosos rasgaes, o sitio onde  
"Ou vivo, ou morto o meu filho se occulta,  
"Mostrai-me compassivo: seu cadaver  
"Com lagrimas régar, ao menos possa  
"O consternado Pae, desventurado!"  
Já segue, pondo termo a seus lamentos,  
Eis ouvir, lhe parece, do rafeiro,  
Guia sempre fiel de Tororó,  
Compassados latidos, não mui longe.  
Um raio de esperanza o reanima,  
E para o bosque espêso, onde confusa  
Trôa a canina vóz, os passos volve:  
Por entre a verde rama, ora se abaixa,  
Ora sobre os acentes seccos trocos  
Cavalgando transpõe o corpo annôso,  
Outras vezes, na ponta do cajado  
Desvia a silva da rugosa fronte.  
Com surpresa e turbado então descobre  
Na margem do regato, que elle amava,  
De Guarahiúba ao collo reclinado,  
Prisioneiro de amor, o filho ingrato!  
Por um pouco, a paixão lhe offusca a mente,  
Depois reflecte, que frustrada fica  
A feliz alliança com Quizanga,  
Por quer se jacta nettia, alem do sangue



Que rãs veias dos netos, correria,  
 vantajoso commercio c'os d'Europa,  
 Aos quaes com larga mão podiam dar,  
 Entre outras producções, que elles estimam  
 Ricas pedras, e ouro, e finas tintas,  
 Por instrumentos uteis, que cortassem,  
 Madeiras, de que as casas se jangadas,  
 E moveis, de que usavam, fabricassem:  
 Por armas para a guerra e por tecidos,  
 Que a si, e aos seus vestisse em tempo frio,  
 Como a bella Estrangeira o instruíra.  
 Sem romper o silencio, a vista firma,  
 Pondo a mão descarnada, nos sobrôlhos,  
 E claro reconhece de Tapéra  
 A filha, que do filho a mente enlêia;  
 "Progenie de Tapéra, em tuas veias  
 "Nunca verás pulsar, verás correr  
 "Sangue de Cabossú! (diz entre si)  
 Depois convulso e de furor tomado  
 A frecha no arco embebe e a vóz alçando,  
 Ameaças fataes fulmina horrivel:  
 "Pela terra se espalhe o negrao sangue,  
 (Balbucia e profere o desalmado)  
 "Dessa, que meus projectos quer baldar,  
 "Ardilosa e fallaz jamais se atreva  
 "Outro filho inexperto a seduzir".  
 E nisto ao peito (Oh! barbaro, inhumano!)  
 Da donzella infeliz, a frecha aponta,  
 De repentino susto, os dois tomados  
 Da terra se levantam—Tororó  
 Então com turva vista, o Pae encára,  
 E vê do arco já têso, a frecha aguda  
 Prestes da amada, ao peito a despedir-se  
 Ante a sangrenta ponta afoitamente  
 Se arremeça, clamando espavorido:  
 "Suspende, oh! Pae tyranno..., e mais não disse  
 Que a voz lhe corta a disparada frecha.  
 No chão baquêa, traspassado o peito,  
 Vertendo em borbotão o rubro sangue,  
 Préga na amada os olhos, já sem vista!  
 Estrebuxa, bracêa, e geme e morre.  
 Sobre o do joven, palpitante corpo  
 Cahe miseranda a triste Guarahiúba,



Abraça-se ao cadaver, inda caro,  
 É o beija e réga de sentido pranto.  
 Depois, qual furia, palida, eriçada  
 Invoca as malfazejas Divindades,  
 É ao Pae, que immovel qual penhasco fica,  
 Taes, raivosa, soltou terriveis vozes:  
 "Sim, barbaro, inhumano, sim, oh! monstro,  
 "Da natureza horror, teu proprio filho  
 "Com sacrilegas mãos assassinaste,  
 "Mas, se os Deoses tão justos inda forem,  
 "Ou de Deoses, perdido não tiverem,  
 "O sublime poder, hão de severos,  
 "As leis, que violaste, sacrosantas,  
 "Inexoraveis vingar, punir teu crime:  
 "Exemplo aos homens, como tu, malvados  
 "Mudando a tua forma, a tua essencia  
 "Em teu justo castigo, deixarão  
 "De tuas mãos brutaes, victima escapa  
 "Quizera dos Infernos, ser tormento,  
 "É de ser, houvesse convertido  
 "Em secco tronco, ou monte, ou valle esteril  
 "Noite e dia velando, atormentar-te".  
 "Ou medonho trovão, rompendo os ares,  
 "Com crepitantes raios, assollar-te".  
 Da propria Divindade, que outr'ora  
 Consagrado já foi aquelle bosque  
 As vingativas preces são ouvidas.  
 Já de bruços ao chão se arroja o corpo  
 Do criminoso velho abominavel,  
 Pouco a pouco se achata, estende e alonga  
 Para a parte, onde o sol põe termo ao dia:  
 Em arido terreno convertido,  
 Ingente cabo forma, e toma o nome  
 Que antes de cabo ser elle já tinha,  
 Esteril como o Sahara, apenas raros  
 Produz silvestres, resinosos fructos;  
 O cajú que se ufana pelo adorno  
 Da cinzenta castanha, que o corôa,  
 O louro gravatá, que a lingua fere,  
 A murta, que nos labios e nos dentes  
 Imprime a negra côr, de que se adorna,  
 O nojento juá, bravo annanaz,  
 Rochedos airús, agrestes cardos.



As agüas do regato, inda coradas  
Pelo sangue do filho desditoso  
Banham de um lado, e volvem as arêas  
Do convertido cabo, que foi Pae,  
Como para lembrar-lhe o crime atroz!  
Depois, co'as salças ondas misturadas  
Vae perder-se no seio do Oceano.  
Guarahiúba, que a vida já não presa,  
Despe tambem a humana, linda fôrma,  
Em pedregosa ponta se converte,  
Que della inteiro o nome inda conserva  
É a que fôra cabeça, outr'ora, cerca  
Do terreo Cabossú: Do mar banhada,  
Ora nelle se esconde, ora apparece,  
Quando pelas aldêas, pela choças,  
O caso memorando se divulga  
Diversas sensações em todos causa,  
Relativo á paixão, que os predomina  
O grão Tapéra, que prantêa a filha,  
Esmorecido o odio e quasi extincto,  
Já do moço infiel lastima a sorte,  
Enlouquece, definha, e depois morre,  
De Guarahiuba o nome proferio!  
Diverso sentimento o grão Tobá,  
Com seu filho Itapema manifestam,  
Pois, antes a desgraça alheia, estimam,  
Que a ventura, de que elles não partilhem  
A devota Velóza e linda Oitinga.  
Lgrimas ao irmão, ao Pae sem conta,  
Dão solitarias: miserandas orphans!  
E quando cessa o pranto, ainda Oitinga  
Sente no coração, bater-lhe amôr:  
Mas Velóza com rezas, com affagos  
Lhe pede, e roga e insta que desame  
Esse ingrato mancebo, que a despreza,  
E para que o não veja, inda de longe,  
Cérca de mangues, o funesto espaço,  
Que dellas o separa—Itapipuca.  
Lisongeira esperança agora cobra  
De que a Lila Quizanga o corresponda.  
E quando o mar descobre essa passagem,  
Que os passos lhe fraquêa, segue e volta,  
Até que permissão de recebel-o,



Venha dessa Estrangeira, que elle adóra!  
 Mas Quizanga, que o fado inda persegue,  
 E sabe, e vê, que amante e desditosa,  
 Nos dois mundos, o amôr lhe foi funesto,  
 As mundanas paixões retira d'alma,,  
 Resiste a Itapipuca impertinente,  
 E da lembrança apaga Tororó.

VISCONDE DE MONSERRATE

(Na Ilha de Santo Antonio, em 1845).

## NA PROXIMIDADE DE UMA VIAGEM A' ILHA DE SANTO ANTONIO

Vou descansar das chicanas,  
 Na ilha de Santo Antonio,  
 Ali, não vão demandistas,  
 Ali, não entra o demonio.

Ali, a fructa, o bom peixe,  
 Restauram forças perdidas,  
 Respira-se um ar, mais puro  
 Prolongam-se mais as vidas.

Que distracções; que recreio  
 Em minh'alma não desperta,  
 Brando murmúrio das ondas,  
 Que o coração desaperta?!

Ora soberbo, ora humilde,  
 Rolando louras conchinhas,  
 Vejo o mar, que lambe as praias  
 Das outras Ilhas visinhas.

Aqui, mariscos apanha  
 Mulher negra, como o Demo,  
 Ali, canta o pescador  
 Ao som do môroso remo.

Acolá, veloz barquinho  
 Bordeja, com vento em prôa,  
 E pouco alcança nos bordos,  
 Trazendo o batel á tóa.



Mais além, segue o vapor,  
Que aqui recebe, ali, deixa  
O passageiro, e só lança  
Em Santo Amaro, a fateixa.

Depois, passa embandeirado,  
Com zabumbas, com trombetas  
O bardo, c'os que vão ver,  
Festas, bailes e caretas.

De tanta variedade  
Gozando alegre e tranquillo,  
Passarei felizes horas,  
Quaes passa alegre pupillo.

E pois que não prejudico  
Ao serviço Imperial,  
Não deixarei de ir á Ilha  
Passar folgado Natal.

VISCONDE DE MONSERRATE





# A TACHAUA DAMASIA NO PARÁ

No N. 43 da nossa Revista—Pag. 231—publicamos uma nota a respeito da bahiana Damasia da Silva Ramos, digna de menção por serviços prestados em terras do Pará.

A' gentileza ainda do nosso confrade R. C. Alves da Cunha devemos o transcrever para as paginas do numero presente mais algumas informações a respeito da nossa compatricia.

## A TUCHAUA DAMASIA EM BELEM

Esteve hontem pela manhã em palacio, para falar ao Dr. Lauro Sodré, Governador do Estado, a tuchaua Damasia, da tribu dos Managés, indigenas localizados nas cabeceiras do rio Capim.

A tuchaua Damasia se fez acompanhar dos indios Raymundo, Augusto, Joaquim Marinheiro e Isabel, os tres ultimos de menor idade, não tendo podido realizar o seu desejo, por não ter S. Exa. sahido hontem da sua residencia particular.

Ali, no emtanto, enquanto aguardavam informações sobre a possibilidade da presença do Governador, conseguimos approximar-nos da tuchaua Damasia e dos seus indios.

Contou-nos ella, em regular portuguez, que teve ha muito tempo uma irmã que foi casada com um indigena. Desejando este visitar e conhecer a familia de sua mulher, levou-o esta ã Bahia, seu Estado natal, onde residia a mãe de Damasia em companhia da futura tuchaua, então ainda creança de peito.

Enthusiasmada ficou a mãe de Damasia pela vida dos sertões, e com suas duas filhas e genro partiu para o seio dos selvagens. Damasia não tem recordação alguma dessa época da vida. Sabe-a por tradição oral que encontrou na maloca em que se criou.



Depois de moça, casou-se como tuchaua dos Managés e com a mote deste ficou soberana entre o seu povo. Acossados pelos roubos e pilhagens de commerciantes sem consciencia, vieram batidos os indigenas das margens do Pindaré, até o Gurupy, nos limites deste Estado com o Maranhão e dalli se passaram ha muitos annos para o Capim.

Perseguida pelas explorações, Damasia resolveu vir a esta capital vender 40 canadás de oleo de copahyba, fugindo assim ao roubo do que é victima com sua gente.

A epidemia da gripe assolou a tribo dos Tembés e estes indigenas, depois de perderem todos os chefes, foram prestar obediencia a Damasia, que, assim, governa para mais de 200 indios.

Aldeou-os no lugar denominado "Garrafão", a mez e meio de viagem em canôa, desta capital.

Dois indios que a acompanharam, nenhum fala o portuguez, existindo, porém, no aldeamento, alguns que se fazem entender perfeitamente no nosso idioma.

Para dar-nos uma idéa da exploração de que são victimas, disse-nos Damasia que os commerciantes lhe vendem uma calça ordinaria de riscado por dois tóros de cedro, do valor de sessenta mil réis!

Os seus indios estão na miseria e ella, então, resolveu tentar um ultimo esforço, para ver se colloca os productos da maloca, vindo a Belem.

—Damasia e seus indios, acompanhados pelo Dr. Cesar Coutinho, delegado do P. R. Federal do municipio de S. Domingos da Bôa Vista, estiveram hontem á tarde na residencia do Dr. Governador, communicando a S. Exa. as suas queixas e pedindo providencias e algum auxilio de ferramentas, generos, etc.

Hoje Damasia concluirá os negocios que a trouxeram a Belem e regressará ao aldeamento em uma pequena canôa que a serve nesta longa viagem.

—A tuchaua Damasia é de côr preta e apresenta signaes de ser victima do "barbeiro", pois exhibe um grande bocio que lhe deforma o pescoço.

—O indio Marinheiro tomou este nome da sua côr clara. Damasia, como bôa bahiana que é, guarda assim a tradição de sua terra, de alcunhar de marinheiros os homens de côr branca. Restos das luctas da independencia, isto é, do odio nacional contra os portuguezes.



# Sessão Magna Anniversaria de 3 de Maio de 1920

---

*Aos 3 de Maio do anno corrente, como é de lei, celebrou o Instituto o seu 26º anniversario, com uma sessão solemne, assistida por mais de 100 pessoas, inclusive autoridades publicas.*

*Abrindo a Sessão o Presidente Cons. Carneiro da Rocha pronunciou algumas palavras relembrando o nome do Cons. SALVADOR PIRES DE CARVALHO E ALBUQUERQUE, fallecido no Rio de Janeiro, e que foi, por muitos annos, Presidente desta casa, onde prestou relevantes serviços.*

*Terminou declarando inaugurado no Salão Nobre o retrato a oleo do eminente bahiano a quem o Instituto tributava, saudoso, a pequena homenagem.*

*Em seguida teve a palavra o 1º. Secretario Perpetuo Dr. Bernardino José de Souza, que leu o Relatorio dos principaes acontecimentos da vida do Instituto de 3 de Maio de 1919 a 3 de Maio de 1920.*

*O talentoso academico de Direito Adalicio Coelho Nogueira recitou um bello poemeto sobre o Descobrimento do Brasil.*

*Com a palavra, o Dr. Theodoro Sampaio, Orador Official do Instituto, pronunciou o seu discurso.*

*Abaixo, publicamos estes trabalhos, que tornaram a Sessão realmente digna do renome do Instituto.*

## DISCURSO DO ORADOR OFFICIAL

Meus senhores.

No perseguir uma idéa, no culto de um ideal elevado é que o homem se torna capaz de sacrificios, superior até as proprias forças da natureza.

Soffrer pelo seu ideal, luctar por elle, empenhar a propria vida para seu triumpho, bater-se denodadamente pela



e dos povos que nos legaram, atravez de tantos seculos, a cultura e a civilisação.

Estou certo, entretanto, que não extranhareis aqui, tambem, resoe, em rythmos suaves, muita estrophe de amor. São echos da adolescencia, hymnos da juventude; canticos e offerendas do culto que consagro á mais pura, serena e compassiva das musas.

\* \* \*

O Dr. Affonso de Castro Rebello Filho foi applaudidissimo por todos os presentes, propondo o presidente lançar-se na Acta dos trabalhos um voto de louvor pela honra que deu ao Instituto das primicias de um livro que terá um certo triumpho litterario.

\* \* \*

O Sr. Bernardino de Souza usou da palavra sobre os

## DESPOJOS MORTAES DE D. PEDRO II

*Meus Senhores:*

Commemoramos agora, na modestia desta reunião, a gratissima ephemerida que relembra a maior gloria do regimen passado: recordamos-nos todos e todos nos voltamos para aquelle dia rebrilhante de Maio de 1888, quando a *Redemptora* assignou em pergaminho sagrado a *Lei Aurea*, a cujos effluvios se derramou sobre todos os espiritos a luz da liberdade e a nação inteira estreitou-se no mesmo abraço paternal.

Em meio de tão doces lembranças vem a ponto reclamar a vossa attenção para o remate magnifico que o Sr. Presidente da Republica houve por bem dar á sua Mensagem de 3 de Maio, apresentada ao Congresso Nacional.

\* \* \*

“*Despojos mortaes do Imperador.*—A commemoração do centenario da Independencia offerece oportunidade feliz para a pratica de um acto de elevação moral, que revelará a consciencia da nossa continuidade historica. O progresso das instituições politicas não exclue o reconhecimento dos serviços dos nossos antepassados, ainda quando as nossas idéas diverjem radicalmente das que elles re-



presentaram na sua epoca. Obraram então conforme o espirito do seu tempo, e é levando em conta o estado de civilização desse momento que todos teem de ser julgados pela posteridade.

D. Pedro I foi grande elemento de exito para a obra da Independencia.

O seu concurso foi procurado e considerado decisivo por todos quantos a promoviam, ao menos para facilitar uma operação que sem elle teria talvez como nas antigas colonias hespanholas, custado perturbações politicas prolongadas senão grandes sacrificios de sangue.

Os liberaes, que precipitaram o termo do primeiro reinado, consideraram não obstante a monarchia um elemento de cohesão nacional, que era preciso manter exactamente quando mais facil era substituil-o.

O novo soberano, de cinco annos de idade passou por isto a representar uma especie de symbolo do nacionalismo intransigente, resentido do patriotismo bifronte do primeiro Imperador, de cuja origem e cujas preocupações de além mar tinham acabado por fazel-o suspeito á susceptibilidade exigente de uma nação apenas formada.

As agitações que se produziram durante os novos annos da Regencia encontraram sempre nessa criança a inspiração de uma grande força reparadora.

Para esta força, por fim, appellaram definitivamente os exaltados: ao filho de Pedro I anteciparam a maioridade e entregaram o governo da nação, na esperanza de verem removidas tantas dissensões irreconciliaveis.

A personalidade de D. Pedro II enche desde então quasi meio seculo da existencia do Brazil.

A Historia dirá se elle podia ter feito mais pelo bem do paiz ou se apenas poudo fazer quanto nos legou ao findar a sua missão; mas já hoje ninguem deixa de reconhecer que elle prestou notaveis serviços á nação sobretudo no tocante á moralização do poder publico, ao desenvolvimento das letras e á defesa nacional.

Nada portanto faz que não mereça pelo menos o apreço que a nação sempre tributou aos outros grandes homens de Estado a quem o Brazil deveu a posição que occupou no mundo naquelles cincoenta annos de vida politica.

Commemorando o centenario da Independencia, va-



mos, como disse, lembrar a nós mesmo tudo quanto fizemos nesses cem annos de vida onde a figura de D. Pedro II se destacou em logar tão conspicuo.

Parece-me, pois, que seria acto de justiça nacional promover-lhe a volta dos despojos mortaes, guardados longe daqui de modo que naquella data possam já repousar em jazigo condigno, na terra onde elle nasceu.

Seu pai desligou-se de nós por acto voluntario e re-assumiu nos factos do seu paiz de origem o papel que o logar do rei de Portugal lhe restituira. Relembrando embora a acção politica de D. Pedro I entre nós não poderíamos pretender desligal-o do destino final por elle proprio escolhido. Pedro II, porém, ficou entre os seus compatriotas e foi o representante verdadeiramente nacional dessa dynastia, sob cuja influencia nasceu a nossa Patria, que ella propria por fim ajudou a fundar.

A medida que surgira no alto espirito do Congresso Nacional e que, para ser completa, deverá estender-se aos restos mortaes da imperatriz, estou certo que nenhuma influencia terá nociva ás instituições adoptadas pela nação ha mais de trinta annos; pelo contrario, servirá para mostrar quanto ellas se radicaram em todo o paiz apaziguando as paixões e fazendo revigorar a tolerancia, a cuja sombra podem medrar e crescer os mais alevantados sentimentos de generosidadê.

E' verdade que só a familia dos fallecidos soberanos pode dispôr dos seus restos mortaes, mas é de esperar que ella corresponda ao nosso desejo e o receba como a expressão da vontade nacional.

O luto que a tem affligido ultimamente ainda mais lhe disporá o coração para tudo quanto venha do Brazil e possa converter-se numa especie de reconciliação entre o passado e o presente em que em todos os paizes a evolução das idéas, as aspirações dos povos conseguem separar segundo as exigencias politicas das differentes épocas, mas o destino commum das nações sabe unir e ligar para brilho maior e mais glorioso da Historia".

\* \* \*

Bem vêdes, meus caros confrades, a bella nota affectiva que se encontra nesses periodos de ouro, preiteando uma homenagem justissima a quem tanto fez pelo Brazil.

Uma enchente de jubilos transbordou-me o coração.



de brasileiro ao ler esse capitulo da Mensagem do mais alto magistrado da Republica, de onde se irradia, serena e opportuna, a justiça historica que de ha tempos vem cobrindo de benções a memoria querida e respeitada do maior dos brasileiros do Imperio.

O actual Presidente da Republica, menos entrado de preconceitos que os seus antecessores, num generoso e nobilissimo apello, pede a repatriação dos restos mortaes do glorioso Imperador, cujo nome cada vez mais cresce no rodar dos dias.

Estou certo de que o Instituto Geographico e Historico da Bahia não regateará ao primeiro magistrado da Nação os mais sinceros applausos, enaltecendo-lhe o acto que flagrantemente revela a elevação moral do ambiente republicano no Brazil e que visa a uma instante aspiração nacional.

Por isso é que, julgando interpretar o sentimento unanime deste Instituto que é o de toda Bahia e o de todo o Brazil, proponho que se insira na Acta dos nossos trabalhos o seguinte voto de applausos, dando-se d'elle conhecimento ao Exmo. Sr. Presidente da Republica e ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro, a primeira instituição que pleiteou a idéa nobilissima.

### VOTO

O Instituto Geographico e Historico da Bahia, reunido em sessão extraordinaria commemorativa do anniversario celebrado da emancipação dos escravos, applaude calorosamente a generosa e nobilissima iniciativa da repatriação dos despojos mortaes de D. Pedro II, constante do ultimo capitulo da Mensagem que, ao Congresso Nacional, enviou a 3 do corrente, o Exmo. Sr. Dr. Epitácio Pessoa, dignissimo Presidente da Republica.

A' S. Exa. o Instituto envia os melhores louvores pela patriotica, nobre e eloquente prova de civismo que acaba de dar á toda a Nação, concorrendo dest'arte para que ella se desobrigue da sua maior divida.

Sala das sessões do Instituto Geographico e Historico da Bahia, 13 de Maio de 1920, 32.º anniversario da Emancipação dos Escravos.

BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA  
1.º Secretario perpetuo



Foram em seguida expedidos os dois telegrammas a que se referem as linhas acima e mais dois ás Mesas das duas casas do Congresso Nacional segundo proposta do Dr. Pedro Mello, unanimemente approvada. Tambem foi approvada a proposta do Dr. Braulio Xavier relativa a revogação do banimento da familia imperial, o que foi tambem enviado ás duas camaras.

\* \* \*

Vem de molde recordar que em Sessão Plena do 5.º Congresso Brasileiro de Geographia, reunido nesta cidade do Salvador em Setembro de 1916, no dia 15 do referido mez, o Dr. Adolpho Devoto Valente, nosso illustre confrade, apresentou uma moção no sentido de se pedir ao Congresso Nacional a medida patriotica da repatriação dos restos mortaes de D. Pedro II. (Vide Annaes do 5.º Congresso B. de Geographia, vol. I, pag. 52).

\* \* \*

Quanto á acção do Instituto Historico e Geographico Brasileiro conhecemos o seguinte de referencia á trasladação de tão preciosas reliquias.

Em sessão de 26 de Agosto de 1916 o socio effectivo, Sr. Basilio de Magalhães, obtendo a palavra para fundamentar uma proposta, disse que, tendo sido apresentado á Camara Alta da Republica, em 7 de Julho de 1906, um projecto firmado por quinze senadores, entre os quaes varios propagandistas do novo regimen, para que fossem aqui inhumados, os restos mortaes de D. Pedro II e de D. Thezeza Christina, projecto sobre o qual se manifestava a Comissão de Legislação do Senado—vinha o orador, uma vez que eram já passados dezeseis annos, apresentar uma indicação com o intuito de dirigir-se o Instituto Historico ao Sr. Presidente da Republica, que é tambem Presidente honorario da associação, solicitando do mesmo promova os meios conducentes áquelle alto fim.

A indicação foi a seguinte:

“O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, que, na sua divisa e nos artigos 67 e 68 de seus Estatutos, consigna imperecivel gratidão e reconhecimento á memoria de seu grande protector o Sr. D. Pedro II, tem a honra de pedir ao seu Presidente honorario, Exmo. Sr. Dr. Wen-



ceslau Braz Pereira Gomes, muito digno Chefe da Nação, que, reproduzindo o nobre exemplo dado pelo Governo da Republica, quanto aos ossos de Saldanha da Gama, faça vir para terra patria os restos mortaes do finado Imperador e sua virtuosa consorte, como tanto desejava o honesto e patriotico servidor do Brazil. Sala das sessões do Instituto, em 26 de Agosto de 1916.—*Basilio de Magalhães*”.

Em sessão de 7 de Setembro do mesmo anno de 1916, o socio Sr. Alfredo Valladão, justificando uma proposta relativa ao Congresso Internacional de Historia da America, convocado pelo Instituto para o dia 7 de Setembro de 1922, disse:—“Proponho ainda que, confirmando o voto do Instituto em sua ultima sessão, se entenda a referida commissão com o Governo Federal; para que a 7 de Setembro de 1922 já estejam agazalhados no Brazil os restos preciosos de D. Pedro de Alcantara, de D. Thereza Christina”.

Em 11 de Setembro, tambem de 1916, o Sr. Conde de Affonso Celso, Presidente Perpetuo do Instituto, dirigiu ao Sr. Conde d’Eu a seguinte carta:

“A’ Sua Alteza o Principe Gastão de Orleans.—Conde d’Eu. O Instituto Historico e Geographico Brasileiro, do qual é V. A. mui digno Presidente Honorario e segundo socio em antiguidade, tem a subida honra de dirigir-se a V. A. para levar o seu conhecimento que, em sessão de 26 de Agosto ultimo, votou uma moção apresentada pelo Sr. Professor Basilio de Magalhães, no sentido dessa associação tomar a iniciativa perante os Poderes Publicos da Nação, para que sejam trasladados á Patria os restos mortaes do saudoso e benemerito Imperador Sr. D. Pedro II e sua inolvidavel esposa. Tal indicação encontrou, no seio do Instituto Historico, o apoio que era de esperar de suas tradições de reconhecimento e gratidão á imperecível memoria daquelle que foi seu grande Protector.

Entretanto, para tornal-a effectiva, a associação necessitaria antes de qualquer intervenção sua junto aos poderes publicos, que a excelsa Sra. Princeza Imperial D. Izabel, a Redemptora, directamente autorizasse para esse fim o Instituto. Assim é que, Sr. Principe e benemerito consocio, me dirijo a V. A. para rogar essa sancção, que servirá de base ao procedimento do Instituto, que muito honrado e feliz se sentirá se poder entre os seus serviços



ao Brazil, contar mais esse de restituir á patria os restos de seus magnanimos imperantes. Deus guarde a V. A. Sr. Principe Gastão de Orleans, Conde d'Eu, M. D. Presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. —*Conde Affonso Celso*, Presidente perpetuo.

O Sr. Conde d'Eu respondeu desta forma:

“Boulogne sur Seine, 18 de Outubro de 1916—Exmo. Sr. Conde de Affonso Celso, Presidente perpetuo do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Com muita satisfação tomamos, a Princeza Sra. D. Isabel e eu, conhecimento do officio que o Instituto me dirigiu, assignado por seu digno Presidente perpetuo, communicando que em sessão de 26 de Agosto votou o Instituto, do qual me ufano de ser Presidente honorario e segundo socio por antiguidade, uma moção, no sentido de tomar essa benemerita associação a iniciativa perante os Poderes Publicos da Nação para que sejam trasladados á Patria os restos mortaes do saudoso e benemerito Imperador D. Pedro II e sua inolvidavel esposa; e que tal indicação encontrou no seio do Instituto o apoio que era de esperar de suas tradições de reconhecimento e gratidão á imperecivel memoria daquelle que foi seu grande protector. A Princeza, grata á iniciativa dessa illustre e benemerita corporação, não hesita em autorizar-o, conforme lhe é attenciosamente pedido no officio a que respondo. Devo, entretanto, accrescentar que esta annuencia fica sujeita á condição de serem os preciosos restos trasladados para lugar sagrado, onde deverão ficar, condição da qual nos é garantia a religiosidade do digno Presidente do Instituto. A Princeza me acompanha em pedir-lhe, Sr. Conde de Affonso Celso, que receba as expressões da nossa mais cordial estima e muito affectuosa lembrança. Gastão de Orleans, *Conde d'Eu*”.

Em 20 de Março de 1917 foi pessoalmente entregue pelo Sr. Max Fleiuss, Secretario Perpetuo do Instituto Historico, ao Sr. Coronel Maggi Salamon, que servia de secretario do Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, Presidente da Republica, o seguinte officio:

“Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, M. D. Presidente da Republica e Presidente honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Tenho a honra de communicar a V. Exa. que, na sessão do Instituto de 26 de Agosto de 1916, o consocio Sr.



Professor Basilio de Magalhães, apresentou a seguinte indicação: "O Instituto Historico e Geographico Brasileiro que, na sua divisa e nos artigos 67 e 68 dos seus Estatutos, consiga imperecível gratidão e reconhecimento á memoria de seu grande Protector, o Sr. D. Pedro II, tem a honra de pedir ao seu Presidente Honorario Exmo. Sr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes, M. D. Chefe da Nação, que, reproduzindo o nobre exemplo dado pelo Governo da Republica, quanto aos ossos de Saldanha da Gama, faça vir para a terra patria os restos mortaes do finado Imperador e de sua virtuosa consorte, como tanto desejava o honesto e patriotico Imperador do Brazil".

Esta moção foi approvada por numerosos socios presentes, com impugnação, apenas de tres que, tributando, aliás, maximo respeito á memoria de D. Pedro II, e não se oppondo á trasladação, se enunciamam em sentido de haver uma manifestação positiva de annuencia por parte da familia do ex-Imperador, antes de ser dado qualquer passo tendente á remoção dos ossos.

Communicada esta deliberação do Instituto ao seu Presidente Honorario e segundo consocio em antiguidade S. A. o Sr. Conde d'Eu, respondeu o marido de Izabel, a Redemptora, que esta e toda a familia, grata á iniciativa da veneranda Corporação, autorizam a promover a realização do projecto, com a condição unica de serem os despojos humanos do Imperador e da Imperatriz depositados no Brazil em logar sagrado.

Certo de que V. Exa. acolherá esta participação com o costumado, alto e esclarecido criterio, prevaleço-me do ensejo para reiterar a V. Exa. as seguranças de perfeito acatamento.—O Presidente Perpetuo, *Conde de Affonso Celso*". (Notas até Junho de 1920).



# Lista das ofertas feitas ao Instituto

DE OUTUBRO DE 1919 A NOVEMBRO DE 1920

919. *Tenente Coronel Alberto Teixeira Ribeiro*—Um documento de 1884 do antigo 16º Batalhão, com autographos dos seguintes officiaes: Buys, proclamador da Republica na Bahia, marechal Tude Neiva e Marechal Francisco Paula Argollo, naquella então, respectivamente, Tenente Coronel, Major e Capitão.
919. *Dr. Caió Octavio Moura*—Um apparelho para fabricação de pennas de pato, no tempo em que ellas eram usadas.
919. *Francisco de Sant'Anna*—1 chapéu coreano, usado pelos homens de maior importancia, com a sua respectiva cobertura para os dias de chuva; 1 barrete usado pelos chinezes de bom tom; 2 pausinhos com que os coreanos comem arroz; 2 ditos da gente mais rica; 1 cachimbo coreano usado pelos nobres da terra; 1 par de sapatos de cordão também usados pelos nobres da Coréa.
920. *Pedro Manot Sarrat, Capitão de Fragata e ora Capitão do Porto da Bahia*—Um retrato a óleo do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca. Um relógio solar, em bronze, antigo, que esteve no Arsenal de Marinha desta capital, feito nas officinas do mesmo Arsenal.
- Manoel Dias da Silva*—Original do Relatorio dos estudos e projecto de uma cidade nova (a Cidade da Luz) na Pituba, autographo do eminente Engenheiro Sr. Dr. Theodoro Sampaio.
- Dr. Epaminondas Torres*--Um stalactite de uma gruta do rio Salitre, affluente da direita do rio S. Francisco.
- Domingos Nogueira Garrido*--Uma medalha de cobre encimada por um sol de ouro e passador vermelho, tendo no verso a inscripção: "*Campanha del Paraguay, 1865 a 1869*" e no reverso: "*Republica Oriental del Uruguay--A Las Virtudes Militares*". Uma medalha de prata e passador com uma lista branca central e duas azues lateraes, tendo



no verso o escudo argentino encimado com o titulo—" *Republica Argentina*" e a legenda: "*Al Ejercito Aliado en Operaciones Contra El Gobierno Del Paraguay*," e no reverso a legenda: "*Al Valor y A La Constancia, La Nacion Agradecida*". Uma medalha dourada do Imperial Lyceu de Artes e Officios da Bahia: "*Honra ao Genio*". Uma medalha de prata do Tiro Bahiano ao vencedor da prova de resistencia realizada nesta capital em 13—5—912. Uma medalha de cobre commemorativa da pedra fundamental da Sociedade Scientifica Argentina em 28 de Julho de 1886.

*Um viajante belga*—Uma moeda de estanho, da Belgica, no tempo da grande guerra, de 10 centimos.

*Capitão Tenente Alfredo Pereira da Motta*—Um velho numero do *Diario da Bahia*, de 10 de Dezembro de 1835 e um medalhão com a effigie do glorioso brasileiro Barão do Rio Branco, cunhado no Rio de Janeiro em 1910 por occasião do anniversario do insigne cidadão.

*J. Pedreira Franco. Secretario da Agricultura do Estado da Bahia*—Um banco secular, de 1806, que pertenceu á antiga Relação da Bahia, restaurado por ordem do governo do Estado.

*General Alberto Cardoso de Aguiar*—Uma moeda de prata de 1819, valor 960 réis, tempo de D. João VI.

*Francisco Pereira Junior*—(da Loja Adelino Viegas)—Novo mappa geral da Europa, indicando os novos Estados que surgiram após a conflagração européa. Edição de 1920 de Kunzli—Hermanos S. A. Zurich—Suissa. Escala 1:5000000.

*Tenente Manoel Alexandrino da Luz*—Uma carabina antiga, usada nos tempos da guerra do Paraguay.

*Dr. Affonso de Castro Rebello Filho*—Um livro de trabalhos litterarios do poeta bahiano Plinio de Lima, por elle mesmo colleccionados e corregidos pelo poeta, tambem bahiano, e amigo do autor, João Baptista Castro Rebello.

*Antonio Lopes Rodrigues*—Varios objectos do antigo couraçado brasileiro Cabral, que tomou parte em varios combates da guerra do Paraguay e que foi desarmado neste porto: 2 espingardas com 10 cargas; 1 lança de abordagem; 2 punhaes de abordagem; 1 revolver calibre 9; 1 tirante ou haste de signaes; 1 caixa com espoletas para espingarda de ouvido, fabricadas na Inglaterra; 1 pacote de espoletas nacionaes; 4 espoletas de fricção; 6 espoletas



de tempo para obuz; 6 fogos para signaes de bordo ou tigellinhas.

*João Pedrozo de Siqueira*—Uma bussola muito antiga, isto é, um antigo relógio de sol com bussola de orientação, caixa de marfim.

*Dr. Antonio Moniz Sodré de Aragão*—a) Planta da cidade do Salvador, organizada pelo Engenheiro Morales de los Rios em 1894; b) Panorama da Bahia do Rio de Janeiro por ocasião da revolta da Marinha, tomado do alto do observatorio de Petropolis; c) Mappa da Republica dos E. Unidos do Brasil publicado por ocasião da Exposição nacional de 1908; d) Mappa do Estado de Sergipe e da parte nordeste da Bahia pelo Engenheiro Ralph Lopes (Inspectoria de Obras contra as Seccas); e) *Original* do Dr. Teive e Argollo—Carta da região nordeste da Bahia. Escala de 1:500000, desenhada pelo agrimensor Quintino Soares de Pinho, conductor de linha na Estrada de Ferro da Bahia ao S. Francisco; f) Tres outros mappas da Bahia, em duplicata na nossa collecção.

*Coronel Jeronymo Coimbra*—The Cambridge Modern History em 12 volumes encardoados e mais 1 de taboas e indice geral. A obra de Albert Vandal—L'avenement de Bonaparte, em 2 volumes. A obra de A. Vandal—Napoleon et Alexandre I. Atlas Historique de Schrader em um grosso volume.

*Ulysses Dantas de Oliva*—Uma pelle de onça vermelha.

*Silio Boccanera*—Tres clichês, representando um a casa em que nasceu Ruy Barbosa, na rua dos Capitães, hoje rua Ruy Barbosa, outro a fachada do Instituto Historico e outro a planta do novo Pavilhão 2 de Julho que foi modificada na construcção do mesmo.

*Dr. José Joaquim Seabra, Governador do Estado*—Um riquissimo mostruario para exposição de objectos raros e historicos.

*Pharmaceutico Lycurgo Araujo*—Uma cedula antiga do Imperio do Brasil, valor de 10\$000 réis

*Dr. João Gonçalves Tourinho*—Varios documentos antigos, diplomas e cartas que pertenceram a João Vicente Vianna, inclusive o diploma de Bacharel na Faculdade de Canones, da Universidade de Coimbra—Anno de 1774.



*Dr. Pedro Julio Barbuda*—Um velho numero do *Diario da Bahia* de 13 de Julho de 1837, n. 146.

*Dr. Alvaro Reis*—Tres partes da ossada de um fossil (provavelmente megatherio precursor do actual Tamanduá) encontradas em uma gruna, leguas acima do arraial Catinga do Moura, termo de Jacobina, no curso de uma diligencia medico-legal em Abril de 1920.

*Sebastião de Queiroz Couto*—Uma antiga pistola, modelo primitivo.

*C. D. Satyro Soares da Cunha*—Uma moeda de cobre, turca.

*Dr. Cleophano Meirelles*--Uma moeda antiga de cobre.

*Alencar Baptista Rezende*--Uma cachimbo de caboclos encontrado na Fazenda Cachoeira, da Nova Lage.

*Engenheiro Oscar Amarante*—Duas flechas dos indios do Gurupy no Pará, com que os mesmos assassinaram duas mulheres em ataque de 18 de Novembro de 1313.

*Um anonymo*—Recibos de assignaturas de velhos jornaes da Bahia, a saber: 1 do *O Medico do Povo* (1853), 1 do *Guaycurú* com a assignatura de Guedes Cabral, 1 do *O Argos Bahiano* de 1851, 1 do *Jornal da Bahia* (1853), 1 da *A Opposição* de 1852, 1 da *A Epocha* (1856), 1 dos *Cantos Brasileiros* de 1851.

*Rogociano Pires Teixeira*—Uma bandeira do Brasil Imperio, especialmente feita para servir no grande baile da Ilha Fiscal, dado pelo governo imperial á officialidade chilena no dia 9 de Novembro de 1883. Serviu ella de reposteiro na principal porta do bello edificio da Ilha Fiscal, e sob ella passaram todos aquelles que compareceram á sumptuosa festa, ultima dada pela monarchia, que poucos dias após baqueava. / 10

*Dr. Aurino Augusto Pereira*—Uma carta de 1825 referente a negocios de escravos.

*Dr. Manoel Cordeiro da Silva*—1 arco, 6 flexas, 1 saccola, apetrechos de caça dos indios Machacalis da aldeia proxima ao arraial *Rubim* do Municipio de Villa de Jequitinhonha em Minas Geraes.

*Jonas Hortelio*—Um seixo rolado, pezando 1450 grammas, encontrado no rio Campinas, no Morro do Chapéu—Bahia.

*Dr. Reis Magalhães*—Medalha de congressista, do Congresso medico reunido em Londres em 1913.

*Sargento Cicero Lingrens Passos*—Um bello bloco de



chrystal de rocha, encontrado nas visinhanças de Pilão Arcado.

*Coronel José Luiz Marques*—Tinteiro da banca de trabalho do Dr. Cezar Zama, illustrado e vigoroso jornalista bahiano, quando redactor chefe do *Pequeno Jornal*.

*Dr. Joaquim Arthur Pedreira Franco*—2 medalhas commemorativas, sendo uma da Proclamação da Republica e outra em homenagem á Commissão Militar da Republica do Uruguay em 1834.

*Engenheiro João Pimenta Bastos*—Collecção completa do *Correio*, pequeno jornal hebdomadario que surgiu no districto de Santo Antonio desta capital em 20 de Abril de 1907 e terminado em 17 de Julho de 1911 com o nome de *Correio Popular*.

*Dr. Ubaldino Gonzaga*—autographo do Dr. Severino dos Santos Vieira, inedito, em que fez a historia do *Diario da Bahia*, reconhecida a lettra pelo tabellião Affonso Pedreira. O escripto é de 1917.

*Dr. Acrisio Bezerra*—Varios objectos da tribu dos Poiananas, do alto Juruá, no Territorio Federal do Acre.

São os seguintes designados na lingua da tribu do modo que se segue: Tecontê—arco; Piá—flexa; Iundô—tacape; Achi—lança; Bapôraiá—fuso, de bapô—algodão e raiá (r brando) trabalhar.

Esta tribu tinha antes da catechese o costume de incinerar os parentes que morriam. Nota do offertante.

*Coronel Manoel Alcantara de Carvalho*—Um carbonato extra de tres grãos do garimpo Santo Ignacio do Assuruá (Gamelleira do Assuruá).

*Dr. Eduardo Vasconcellos*—1 espada do Norte da Africa, 1 espada do tempo de D. João VI, 1 yatagan japonéz trazido do Japão pelo official de marinha Francisco Nobre, em sua viagem de circumnavegação no Barroso, sob o commando do Almirante Custodio José de Mello, 1 espada da guarda de honra do Club Carnavalesco Fantoches da Euterpe, quando sahiu pela primeira vez na Bahia, 1 florete de Toledo da Hespanha e alguns numeros de jornaes antigos da Bahia

*Jonas Hortelio*—Arma de que usaram os bandoleiros de Serrinha chefiados por José Joaquim de Almeida.

*Karlos Weber*—Uma nota papel moeda da Austria Hungria em 1916, de uma corôa; uma nota de 50 pfemig

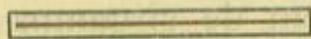


de Hamburgo, emittida em Junho de 1920; uma nota de Bremerhaven de 25 pfenning.

*Dr. Americo Pereira da Silva*—medico clinico na cidade e municipio de Minas do Rio de Contas—Uma cunha de nephrite encontrada no riacho da Vereda, affluente do rio Brumado; um antigo documento sobre os antigos eleitores da então villa, em 1846.

\* \* \*

Tambem, neste periodo offereceram livros á Bibliotheca os senhores: Silio Boccanera, Dr. Nelson de Senna, Lindolpho Azevêdo, Prof. Pirajá da Silva, Chrispin Mira, Liga pró-Alliados, Simoens da Silva, Dr. Alexandre Góes, Dr. Francisco de Aquino, Reis Carvalho, José Boiteux, o Sr. Ministro da Venezuela no Brasil, E. de Carvalho, Departamento de Bellas Artes do Mexico, Noronha Santos, E. Ramos, R. Eitzel, Dr. G. Moniz, Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, Ribeiro de Argollo, Mario Mello, Coronel Jeronymo Coimbra, Engenheiro Antonio Amaral, Dr. Deraldo Moraes, Livraria Catilina, Weisflog Irmãos, Dr. Lemos Brito, Carlos de Laet, Dr. MacDowell, Rogociano Feixeira, Americano de Assis, Ivo do Prado, Celso Vieira, Emilio Kemp e Rodolpho Jacob. O Instituto continúa a receber grande quantidade de revistas e jornaes, nacionaes e estrangeiros.





# CADASTRO SOCIAL

EM 20 DE DEZEMBRO DE 1920

---

## SOCIOS EFFECTIVOS

### *Contribuintes*

Abilio Pinto Coitinho  
Dr. Accacio Manuel de Campos França  
Coronel Achilles Benjamin Cardoso  
Engenheiro Adolpho Pinto de Vasconcellos  
Dr. Adolpho Devoto Valente  
Acad. Adalicio Coelho Nogueira  
Dr. Adhemar de Mello  
Dr. Adriano dos Reis Gordilho  
Affonso Costa  
Coronel Affonso Pedreira de Cerqueira  
Agretencio Pinto de Andrade  
Dr. Ajuricaba Aprigio de Menezes  
Coronel Alfredo Carvalhal França  
Coronel Alfredo de Queiroz Monteiro  
Coronel Dr. Alberto Teixeira Ribeiro  
Dr. Alfredo do Couto Britto  
Dr. Alfredo Gonçalves de Amorim  
Professor Alfredo Rocha  
Professor Alberto de Assis  
Dr. Agenor Augusto de Miranda  
Dr. Alvaro de Britto  
Dr. Alexandre Porphyrio de Almeida Sampaio  
Pharmaceutico Alvaro Pimenta da Cunha  
Dr. Alvino Pires Argollo  
Conego Alberto Christiano Muller  
Alvaro Augusto Bittencourt Leite  
Pharmaceutico Alberto Rabello  
Dr. Alberto Muylaert



Pharmaceutico Americo Jorge da Silva  
Dr. Americo Furtado de Simas  
Dr. Americo Correia da Silva  
Dr. Antonio Pacifico Pereira  
Engenheiro Antonio Figueiredo de Souza  
Dr. Antonio Garcia Medeiros Netto  
Dr. Antonio Borja  
Dr. Antonio Mariani Lopes  
Padre Antonio de Menezes Lima  
Antonio Navarro Lucas  
Coronel Antonio Vianna  
Dr. Antonio do Prado Valladares  
Dr. Antonio Marques dos Reis  
Engenheiro Amelio Dias de Moraes  
Dr. Antonio Ignacio de Menezes  
Coronel Antonio Muniz do Amaral  
Antonio Jorge Franco  
Anselmo Pires de Albuquerque  
Anisio Ramos de Queiroz  
Anisio Massorra  
Dr. Alfredo Ferreira de Magalhães  
Dr. Alvaro Pedreira de Cerqueira  
Conego Appio Pereira da Silva  
Engenheiro Arthur de Sá Menezes  
Dr. Arthur Palacio  
Arthur Arezio  
Arthur Santos  
Dr. Arthur Lustosa de Aragão  
Dr. Arthur Cesar Rios  
Dr. Archimedes de Siqueira Gonçalves  
Padre Arthur Afranio Peixoto  
Coronel Arthur Gomes de Carvalho  
Dr. Armando Rebello Vieira Lima  
Dr. Augusto Cesar Vianna  
D. Aurea Anna de Miranda  
Dr. Ariston Martinelli  
Dr. Aristides Pereira Maltez  
D. Aurino Augusto Pereira  
Capitão Dr. Augusto dos Santos Moreira  
Dr. Aurelio Rodrigues Vianna  
Engenheiro Augusto Maia Bittencourt  
Augusto Seixas Pereira  
Dr. Bernardino Madureira de Pinho



Dr. Bellarmino Passos da Costa  
Dr. Braulio Xavier da Silva Pereira  
Dr. Clodoaldo de Andrade  
Dr. Candido Cesar da Silva Leão  
Dr. Caio Octavio Ferreira de Moura  
Dr. Cleophano Meirelles  
Dr. Claudelino Sepulveda  
Dr. Cicero Dantas Martins  
Dr. Clovis Spinola  
Dr. Clementino Fraga  
Dr. Carlos Levindo de Moura Pereira  
Camillo de Araujo Borges de Barros  
Capitão Dr. Custodio dos Reis Principe  
Cosme de Farias  
Carlos Amoroso  
Almirante Caio Pinheiro de Vasconcellos  
Padre Camillo Torrend, S. J.  
Engenheiro Custodio Ferreira Bandeira  
Almirante Cleto Ladislau de Figueiredo Japiassú  
Coronel Carlos Pinto  
Dr. David Gonçalves Bastos  
Dr. Deraldo Dias de Moraes  
Dr. Descartes Drummond de Magalhães  
Dr. Demetrio Cyriaco Tourinho  
Dr. Durval Gama  
Dr. Durvaltercio Bolivar de Aguiar  
Pharmaceutico Domingos Candido de Oliveira  
Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho  
Dr. Eduardo Diniz Gonçalves  
Dr. Eduardo Cesar Rios  
Dr. Eduardo Guinle  
Dr. Euvaldo Diniz Gonçalves  
Dr. Egas Muniz Barretto de Aragão  
Dr. Ezequiel Pondé  
Dr. Eduardo Vidal da Cunha  
Dr. Eugenio Teixeira Leal  
Dr. Ernesto Simões Filho  
Dr. Eduardo Dias de Moraes Netto  
Dr. Ervidio de Souza Velho  
Dr. Ernesto Sá Bittencourt Camara  
Dr. Eduardo Pinto de Vasconcellos  
Eduardo dos Santos Maia  
Dr. Edgard da Silva Travassos Pitangueira



D. Eufrosina Miranda  
Eduardo Augusto Camará  
Conego Elpidio Ferreira Tapiranga  
Professor Elias de Figueiredo Nazareth  
D. Elisa Pereira  
Ezequiel Baptista da Silva  
Coronel Epiphanyo Fernandes de Souza  
Coronel Eudoro Tude de Souza  
Eduardo José Fernandes  
Coronel Eduardo Dias de Moraes  
Acad. Edistio Pondé  
Dr. Francisco Alexandre de Souza  
Dr. Francisco Prisco de Souza Paraizo  
Dr. Francisco Cardoso e Silva  
Dr. Fernando Caldas  
Dr. Felipe Wanderley de Araujo Pinho  
Dr. Frederico de Castro Rebello  
Dr. Francisco Gomes de Oliveira  
Francisco Ferraro  
Francisco José Rodrigues Pedreira  
Francisco Martins Junior  
Professor Francisco Henrique da C. Menezes  
Francisco Marques  
Engenheiro Francisco Souza  
Monsenhor Dr. Flaviano Osorio Pimentel  
Cirurgião-Dentista Fernando Reginaldo Teixeira  
Dr. Fernando S. Paulo  
Dr. Fernando Luz  
Engenheiro Genesio Sampaio Neves  
Dr. Guilherme Guinle  
Dr. Gothardo Correia de Araujo Junior  
Dr. Guilherme Lassance Marbach  
Dr. Gonçalo Moniz Sodré de Aragão  
Dr. Genesio Salles  
Dr. Genesio Silva  
Dr. Gonçalo Porto de Souza  
Henrique Cancio  
Coronel Heron Augusto Mendes  
Dr. Hermano de Sant'Anna  
Engenheiro Helvecio Carneiro Ribeiro  
Dr. Isaias Alves  
Illidio Fortuna  
Conego Ildefonso Nunes de Oliveira



Coronel Ignacio Paschoal Bastos  
Dr. Josué Barretto de Almeida  
Dr. José Nivaldo Allione  
Dr. João da Costa Pinto Dantas  
Coronel José Abraham Cohim  
Dr. José Adeodato de Souza  
José Augusto Ventim  
Dr. João Pacheco de Oliveira  
Dr. João Pedro dos Santos  
Dr. João Americo Garcez Fróes  
Dr. João Evangelista de Castro Cerqueira  
Dr. João Marques dos Reis  
João Gama  
Dr. João Martins da Silva  
Dr. João Gonçalves Tourinho  
Dr. João Noronha Santos  
Dr. João Pondé  
Dr. João Ferreira de Araujo Pinho Junior  
Dr. João Florencio Gomes  
Padre João de Barros  
Dr. João Ferreira Canna Brasil  
Coronel Joaquim Carneiro de Campos  
Dr. Joaquim Celso Moreira Spinola  
Dr. José Olympio da Silva  
Dr. José Rodrigues Mauricio  
Dr. Joaquim Licinio de Souza Almeida  
Dr. Joaquim Arthur Pedreira Franco  
Dr. José Sabino Pereira Filho  
Monsenhor Dr. José Basilio Pereira  
Dr. José Gonçalves de Castro Cincurá  
José Teixeira Barros  
Dr. José Carlos Junqueira Ayres  
Dr. João da Rocha Ferreira Bastos  
Dr. Joaquim da Silva Peixoto  
Dr. José Botelho Benjamin  
Dr. José Wanderley de Araujo Pinho  
Dr. José de Aguiar Costa Pinto  
Dr. José Pondé  
Dr. José Joaquim Landulpho Medrado  
João Firmo de Magalhães  
José Elesbão de Castro  
Joseph Dorea Netto  
Dr. José Pereira de Almeida



Dr. José Marques dos Reis Junior  
Dr. José Fernandes Dias  
Dr. José Antonio da Costa Dorea  
Engenheiro Tenente José Bina Fonyat  
José de Mesquita Serva  
Julio Janot  
Dr. José Rosendo da Silva  
Jonas Hortelio da Silva  
Monsenhor João Gonçalves da Cruz  
Engenheiro Justino da Silveira Franca  
Coronel João Paulo da Silva Carneiro  
Bacharel João Luiz Pimenta  
João Moreira de Pinho  
Dr. João Paulo de Mello Barretto Filho  
Luiz Americo  
Dr. Landulpho Caribé de Araujo Pinho  
Dr. Leoncio Pinto  
Pharm. Lycurgo Araujo  
Conego Luiz Pinto Bastos  
Luiz Lucas da Costa  
Tenente Engenheiro Manuel Alexandrino da Luz  
Dr. Mario Peixoto  
Manoel Affonso da Cruz  
Dr. Mario Barboza de Souza  
Dr. Manoel Carlos Devoto  
Coronel Manoel Duarte de Oliveira  
Coronel Manoel Gonçalves da Costa Drummond  
Manoel Rodrigues Pedreira  
Dr. Manuel Mattos Correia de Menezes  
Manoel Jorge Dantas  
Dr. Manuel Augusto Pirajá da Silva  
Dr. Manoel Freire dos Santos  
Dr. Martagão Gesteira  
D. Maria Luiza de Souza Alves  
Dr. Mario Andréa dos Santos  
Conego Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas  
Coronel Manoel Geminiano dos Santos Vieira  
Engenheiro Manoel Pedro Monteiro Tapajóz  
Dr. Manoel Luiz Vieira Lima  
Dr. Mario Torres  
Dr. Maximo Macambyra Monte Flôres  
Dr. Maximiliano Machado  
Manoel Conde Machado



Naylor Bastos Villas Bôas  
Oscar Hermogenes Palmeira  
Dr. Octaviano Muniz Barretto  
Dr. Octavio Coelho Messeder  
Dr. Odorico Octavio Odilon  
Dr. Octaviano Rodrigues Pimenta  
Dr. Octavio Accioly de Aguiar  
Dr. Oscar 'Tantu'  
Dr. Odilon Machado de Araujo  
Dr. Octavio de Castro Simões  
Dr. Pedro Leal de Carvalho  
Plinio Tude de Souza  
Dr. Pedro Julio Barbuda  
Dr. Paulo de Mattos Pedreira de Cerqueira  
Dr. Pedro Augusto de Mello  
Dr. Ponciano Ferreira de Oliveira  
Dr. Pamphilo Dutra Freire de Carvalho  
Professor Presciliano Silva  
Pedro José Pinheiro  
Dr. Rogerio Gordilho de Faria  
Pharmaceutico Rodolpho de Araujo Dorea  
Dr. Renato Leite Villas Bôas  
Dr. Ruy Penalva de Faria  
Professor Roberto Correia  
Coronel Ricardo Teixeira da Silva Machado  
Cirurgião-Dentista Sebastião de Queiroz Couto  
Silio Boccanera Junior  
Satyro Aquilino de Figueirôa  
Engenheiro Themistocles de Menezes  
Dr. Theotônio Martins de Almeida  
Engenheiro Thyrsos Simões de Paiva  
Coronel Tancredo Pereira de Almeida  
Engenheiro Tito Vespasiano Augusto C. Pires  
Dr. Tito de Mello Carvalho  
Trajano Dias  
Dr. Ubaldino Gonzaga  
Dr. Virgilio de Lemos  
Dr. Vital Baptista Soares  
Dr. Vital Cardoso do Rego  
Wanderlino Nogueira  
Zacharias da Nova Monteiro



*Remidos*

Dr. Americo Pinto Barretto  
Agnello de Carvalho Britto  
Alvaro Martins Catharino  
Coronel Aloysio L. de Carvalho  
Dr. Antonio Augusto Machado  
Dr. Angelo dos Santos Moreira  
Antonio José Gonçalves Neves  
Commendador Antonio da Costa Lino  
Coronel Armando Peixoto  
Dr. Antonio Arthur Pereira França  
Antonio Manso  
Dr. Aurelio Pires de Carvalho e Albuquerque  
Antonio Lopes Figueira  
Alberto Martins Catharino  
Bernardo Martins Catharino  
Bernardo Martins Catharino Junior  
Claudio Vieira dos Santos  
Dr. Carlos Martins Vianna Junior  
Domingos Silvino Marques  
Pharmaceutico Durval Cardoso e Silva  
Dr. Eduardo Espinola  
Dr. Epaminondas Berbert de Castro  
Dr. Epaminondas dos Santos Torres  
Dr. Frederico Pontes  
Dr. Francisco Marques de Góes Calmon  
Dr. Fructuoso Pinto Rigaud  
Coronel Francisco Magno Baptista  
Coronel Frederico Rodrigues da Costa  
Francisco José da Silva Fortuna  
Dr. Guilherme Dutra Guimarães  
D. Henriqueta Martins Catharino  
Coronel Henrique Cardoso  
Coronel Henrique Alves dos Reis  
Almirante Joaquim José Pinheiro de Vasconcellos  
Joaquim Pereira de Souza  
João Teixeira de Carvalho Cerqueira  
João Lino da Rocha  
Engenheiro João Pimenta Bastos  
Dr. José Pires do Rio  
Dr. José Rodrigues da Costa Dorea  
Coronel João Pedreira



Dr. José Baptista Pereira Marques  
 José Baptista das Neves  
 José Canuto dos Passos  
 Coronel João da Silva Miranda  
 Coronel José Antonio da Silva Costa  
 Coronel João Audiface da Silva Freire  
 Coronel Lourenço Costa  
 D. Marietta Gonçalves do Passo Cunha  
 Coronel Martinho Conceição  
 Dr. Mario de Souza Dantas  
 Dr. Manoel Luiz do Rego  
 Coronel Manoel Ribeiro Pinto  
 Coronel Manoel Joaquim de Carvalho  
 Coronel Manoel Misael da Silva Tavares  
 Coronel Miguel José Alves Dias  
 Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida  
 Dr. Olympio Matheus dos Santos  
 Coronel Otto Bittencourt  
 Dr. Octavio Ariani Machado  
 Dr. Octavio Torres  
 Conselheiro Pedro Mariani  
 Pedro Livino Catalão  
 Dr. Pedro Vergne de Abreu  
 Dr. Pedro Velloso de Lima Gordilho  
 Coronel Ramiro Ildefonso de Araujo Castro  
 Raul da Costa Lino  
 Dr. Sebastião Cardoso  
 Coronel Trajano Candido Rodrigues  
 Themistocles da Rocha Costa  
 Dr. Thomaz Guerreiro de Castro  
 Dr. Urbano Pires de Carvalho e Albuquerque  
 Coronel Vicente Ferreira Lins do Amaral

### SOCIOS HONORARIOS

Dr. Arnaldo Pimenta da Cunha—Bahia  
 Conselheiro Antonio Carneiro da Rocha—Bahia  
 Dr. Antonio Pires de Carvalho e Albuquerque—  
 Rio  
 Professor Antonio Alexandre Borges dos Reis—Ba-  
 hia  
 Dr. Antonio Calmon du Pin e Almeida—Bahia  
 Major Achilles Pedreira Machado—Bahia  
 Dr. Braz Hermenegildo do Amaral—Bahia



Dr. Bernardino José de Souza—Bahia  
 Coronel Candido Mariano da Silva Rondon—Rio  
 Dr. Filinto Justiniano Ferreira Bastos—Bahia  
 Dr. Isaias de Carvalho Santos—Bahia  
 D. Jeronymo Thomé da Silva (Arcebispo da Bahia)  
 Dr. Joaquim dos Reis Magalhães—Bahia  
 Dr. Joaquim Pires Muniz de Carvalho—Bahia  
 Padre Luiz Gonzaga Cabral, S. J.—Bahia  
 Principe D. Luiz de Saboia (Duque de Abruzzos)—

Italia

Dr. D. Manoel Enrique de Araujo—Guatemala  
 Professor Manoel Quirino—Bahia  
 D. Maria Elisa Valente M. de Aragão—Bahia  
 Dr. Max Fleiuss—Rio  
 Rogociano Pires Teixeira—Rio  
 Dr. Theodoro Sampaio—Bahia

PRESIDENTE HONORARIO

Conselheiro Ruy Barbosa

SOCIO BENEMERITO

Commendador Luiz José Fernandes (Portugal)

SOCIOS CORRESPONDENTES

Anatolio Valladares—Rio  
 Engenheiro Annibal Revault de Figueiredo—Rio  
 Engenheiro Adolpho Morales de los Rios—Rio  
 Dr. Antonio Rodrigues Lima  
 Desembargador Augusto Borburema—Pará  
 Engenheiro Aristides Galvão de Queiroz—Valença  
 Engenheiro Appollinario Frot—Bahia  
 Dr. Alcides Torres—S. Paulo  
 Coronel Antonio Pessôa da Costa e Silva—Bahia  
 Dr. Augusto Flavio Gomes Villaça—Bahia  
 Dr. Arlindo Fragoso—Rio  
 Conde Angelo de Gubernatis—Italia  
 Commendador Antonio Padula—Italia  
 Professor Agnello Bittencourt—Amazonas  
 D. S. Aybar y Nunez—S. Domingos  
 Engenheiro Affonso Glycerio da Cunha Maciel—Rio  
 Engenheiro Augusto Frederico de Lacerda—Rio



- Alberto dos Santos Dumont—Rio  
 Alberto Ferreira Rodrigues—Rio Grande do Sul  
 Dr. Antonio Augusto de Lima—Minas Geraes  
 Dr. Alfredo Antonio de Andrade—Rio  
 Dr. Antonio Barretto Prager—Bahia  
 Dr. Antonio Carlos Simoens da Siva—Rio  
 Dr. Antonio Olyntho dos Santos Pires—Rio  
 Dr. Arthur da Costa Pinto—Bahia  
 Dr. Antonio Baptista Barbosa Godois—Maranhão  
 Dr. Annibal Amorim—Rio  
 Capitão de Fragata Antonio Alves Ferreira da Silva  
 —Rio  
 Dr. Alpheu Diniz Gonçalves—Rio  
 Dr. Basilio de Magalhães—Rio  
 Barão de Studart—Ceará  
 Barão do Assu' da Torre—Bahia  
 Dr. Carlos Francisco Gonçalves—Espírito Santo  
 Candido Vieira Costa—Amazonas  
 Cristovam Ayres—Portugal  
 Dr. Carlos Reis—S. Paulo  
 Engenheiro Candido Lucas Gaffrée—Florianopolis  
 Dr. Carlos Arthur da Silva Leitão—Bahia  
 Dr. Carlos de Lima Pedreira—Bahia  
 Padre Carlos Teschauer—Rio Grande do Sul  
 Dr. Deocleciano Pires Teixeira—Bahia  
 Dr. Domingos da Rocha Vianna—Minas Geraes  
 Engenheiro Demetrio Ignacio Pires de Araujo—Ba-  
 hia  
 Dr. David Ricardo—Venezuela  
 Deocleciano Ramos—Rio  
 Dr. Eduardo Caldas Britto—Rio  
 Dr. Eric Boman—Argentina  
 Dr. Elpidio Pereira de Mesquita—Rio  
 Eugenio de Castro—Portugal  
 Eduardo Rigaud—Bahia  
 Dr. Eutychio Leal—Rio  
 Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa—Recife  
 Dr. Francisco Caribé da Rocha—Pará  
 Dr. Francisco de Moraes Correia—Piauhy  
 Dr. Francisco Puga Borne—Chile  
 Commandante Frederico Villar—Rio  
 General Dr. José Gabriel Pereira Botafogo—Rio  
 Dr. Goran Bjorckmann—Suecia



- Professor Gaspar Regueira Costa—Pernambuco  
 General Dr. Gregorio Thaumaturgo de Azevedo—Rio  
 H. Coelho Netto—Rio  
 Hermann von Ihering—S. Paulo  
 Almirante Henrique Boiteux—Rio  
 Coronel Dr. Ivo do Prado  
 Dr. Ignacio Baptista de Moura—Pará  
 Dr. Joaquim Fabricio Barros  
 Coronel Jeronymo Coimbra—Rio  
 Dr. José Gabriel de Lemos Britto—Rio  
 Dr. José de Mendonça—Rio  
 Commendador João Augusto Neiva—Rio  
 João Baptista Perdigão de Oliveira—Ceará  
 Dr. John Casper Branner—E. U. A.—California  
 Dr. João Brigido dos Santos—Ceará  
 Dr. João Lyra Tavares—Parahyba  
 Dr. João Marques de Sant'Anna—Bahia  
 Dr. João Pedro Cardoso—S. Paulo  
 Dr. Joaquim Augusto Tanajura—Amazonas  
 Dr. Joaquim Venancio de Castro—Bahia  
 Coronel José Antonio Rodrigues Lima—Bahia  
 João José Biedma—Argentina  
 Dr. José Joaquim Seabra—Bahia  
 Dr. José Raymundo Telles de Menezes—Minas  
**Geraes**  
 Engenheiro José Feliciano Telles da Rocha—Per-  
**nambuco**  
 Dr. Francisco da Rocha Pombo—Rio  
 Dr. José Pires Falcão Brandão—Rio  
 Dr. José Manoel Cardoso de Oliveira—Chile  
 Dr. José Carlos Rodrigues—Rio  
 Dr. José Boiteux—Santa Catharina  
 Dr. José Basilio da Rocha—Bahia  
 Dr. José Augusto de Seixas Pereira—S. Paulo  
 Dr. José Bonifacio de Andrade e Silva—Minas  
 Dr. José Clemente Soto—Argentina  
 Dr. José Caieiro da Motta—Portugal—Coimbra  
 Dr. Juliano Moreira—Rio  
 Dr. Jacob Sarrain—Argentina  
 Dr. Julio Afranio Peixoto—Rio  
 Coronel Luiz Meirelles Vianna—Bahia  
 Dr. Luiz Antonio Ferreira Gualberto—Santa Ca-  
**tharina**  
 Dr. Luiz Carlos de Lima Pereira—Rio



# INDICE DAS MATERIAS

|                                                                                                                                                                            | Pgs.                 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------|
| O Brasil Religioso—Conclusão da Memoria do Padre <i>Fernando Pinto Macedo</i> . (Vide ns. da Revista 44 e 45).....                                                         | 1                    |
| A cholera Morbus de 1885. Papel de Cypriano Bettamio, por <i>José Wanderley Pinho</i> .....                                                                                | 141                  |
| Uma carta inedita de <i>Euclydes da Cunha</i> .....                                                                                                                        | 155                  |
| Uma tradição religiosa na Bahia, por <i>Xavier Marques</i> .....                                                                                                           | 160                  |
| Homenagem á memoria do socio benemerito José Alve. Ferreira: Discurso de <i>Antonio Vianna</i> ..                                                                          | 165                  |
| Costumes nonasticos na Bahia: Frades no seculo 18, por <i>José Wanderley Pinho</i> .....                                                                                   | 141 <del>146</del> 9 |
| Tremores de terra na Bahia em 1919, pelo <i>Dr Theodoro Sampaio</i> .....                                                                                                  | 183                  |
| Biographia do Almirante Antonio Alves Camara..                                                                                                                             | 197                  |
| A gruta do Brejão, maravilha natural, por <i>Amancio J. Vasconcellos</i> .....                                                                                             | 201                  |
| Relatorio apresentado ao Governador da Bahia pelos Delegados da Bahia no 6.º Congresso Brasileiro de Geographia em Minas Geraes: Questões de limites da Bahia .....        | 203 x                |
| Os mandamentos civicos da Liga da Defesa Nacional, por <i>Coelho Netto</i> .....                                                                                           | 213                  |
| Sessão Magna Anniversaria de 3 de Maio de 1920<br>Discurso do <i>Dr. Theodoro Sampaio</i> .....                                                                            | 215                  |
| Idem: O Descobrimento do Brasil, poesia do Academico <i>Adalicio Nogueira</i> .....                                                                                        | 232                  |
| Idem: Relatorio das principaes occurrencias da vida do Instituto, de 3 de Maio de 1919 a 3 de Maio de 1920, lido pelo Secretario Perpetuo <i>Bernardino de Souza</i> ..... | 237                  |
| Biographia do Dr. Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho, por <i>Luiz Antonio Filgueiras</i> .....                                                                          | 256                  |
| A lenda indigena da origem da mandioca.....                                                                                                                                | 27                   |



|                                                                                                                                                                                                          | Pgs. |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------|
| À guerra da Independencia na Bahia, pelo <i>Barão de Loreto</i> .....                                                                                                                                    | 277  |
| Dois de Julho. Uma heroína da epopéa: Maria Quitéria de Jesus Medeiros, por <i>Bernardino de Souza</i> .....                                                                                             | 289  |
| O valor das tradições, pelo <i>Dr. Lemos Britto</i> .....                                                                                                                                                | 301  |
| Biographias resumidas do Marquez e do Barão de Muritiba .....                                                                                                                                            | 307  |
| A Geographia e o Direito, por <i>Beltran y Rozpide</i> ...                                                                                                                                               | 311  |
| + A ilha dos Frades: paginas ineditas do <i>Visconde de Monserrate</i> .....                                                                                                                             | 313  |
| A tuchaua Damasia no Pará .....                                                                                                                                                                          | 323  |
| Sessão de 13 de Maio de 1920: Discurso do Dr. Affonso de Castro Rebello. Discurso do Dr. <i>Bernardino de Souza</i> a respeito dos Despojos mortaes de D. Pedro II e sua trasladação para o Brasil ..... | 325  |
| Lista das Offertas feitas ao Instituto, de Outubro de 1919 a Novembro de 1920 .....                                                                                                                      | 335  |
| Cadastro Social em 20 de Dezembro de 1920 .....                                                                                                                                                          | 341  |

## INDICE DE GRAVURAS

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| Armas da Ordem de S. Domingos .....                               | 1   |
| Armas da Missão do Araguaya .....                                 | 7   |
| Idem da Ordem Terceira de S. Domingos .....                       | 10  |
| Idem da Sociedade Salesiana .....                                 | 11  |
| Idem da Ordem de S. Basilio Magno .....                           | 32  |
| Idem da Congregação do Santissimo Redemptor ....                  | 34  |
| Idem da Congregação dos Padres do Verbo Divino ..                 | 46  |
| Idem dos Missionarios Filhos do Immaculado Coração de Maria ..... | 54  |
| Idem da Ordem Premonstratense .....                               | 62  |
| Idem da Sociedade do Divino Salvador .....                        | 66  |
| Idem da Congregação do Espirito Santo .....                       | 75  |
| Idem do Instituto dos Irmãos Maristas .....                       | 81  |
| Idem da Ordem Camaldulense .....                                  | 87  |
| Idem dos Padres Missionarios da Salette .....                     | 92  |
| Idem da Ordem dos Clerigos Regulares de S. Paulo Apostolo .....   | 96  |
| Idem da Ordem Monastica da Trappa .....                           | 102 |
| Idem da Congregação dos Irmãos das Escolas Christãs .....         | 111 |